«Um *thriller* com *suspense* frenético e reviravoltas de perder o fôlego!»
— **FREIDA McFADDEN,** autora *bestseller* internacional

RILEY SAGER

ROMANCE



TREZE HORAS PARA CHICAGO

NEW YORK TIMES BESTSELLER

GUERRA & PAZ

TREZE HORAS PARA CHICAGO

GUERRA & PAZ



TÍTULO ORIGINAL
With a Vengeance
TÍTULO
Treze Horas para Chicago
AUTOR
Riley Sager

© 2025 Todd Ritter
Mediante acordo com o autor.
Todos os direitos reservados.
Publicado mediante especial acordo com a Trellis Literary Management, LLC,
em conjunto com o seu agente devidamente nomeado,
a LVB&Co Agência e Consultoria Literária.
© Guerra e Paz, Editores, Lda., 2025

ACOMPANHAMENTO EDITORIAL
Maria José Batista
TRADUÇÃO
Cláudia Aurélio
REVISÃO
Joana Baudouin
DESIGN DE CAPA
Tyriq Moore
PAGINAÇÃO
D. Dias

ISBN: 978-989-576-337-5





GUERRA E PAZ, EDITORES, LDA.
R. do Conde de Redondo, 8–5.º Esq.
1150-105 Lisboa
Tel.: 213 144 488 / Fax: 213 144 489
E-mail: guerraepaz@guerraepaz.pt
www.guerraepaz.pt

RILEY SAGER

TREZE HORAS PARA CHICAGO

TRADUÇÃO DE Cláudia Aurélio

FICÇÃO · ROMANCE

Para a minha família

AGRADECIMENTOS

Todos os livros são um esforço de equipa, e esta história não existiria sem o árduo trabalho e a dedicação de muitas pessoas. Antes de mais, estou em dívida para com a minha maravilhosa editora, Maya Ziv, e a minha agente igualmente fantástica, Michelle Brower. As suas sugestões e conselhos fizeram com que *Treze Horas para Chicago* se tornasse no livro que sempre visionei. Obrigada a todos na Dutton e na Penguin Random House, especialmente a Ivan Held, John Parsley, Emily Canders, Caroline Payne, Stephanie Cooper, Ella Kurki, Amanda Walker e Ben Lee.

Na Trellis Literary Management, tenho de agradecer a Allison Malecha, Tori Clayton e Elizabeth Pratt.

Obrigado a Sarah Dutton, não só por ser a melhor primeira leitora do mundo, mas também por ter sugerido o título *Trainemies* [comboinimigos] que, um ano depois, ainda me faz rir.

Aos meus amigos e família, obrigada por nunca deixarem de acreditar em mim e pela vossa compreensão sempre que tenho de desaparecer durante meses para trabalhar arduamente na minha caverna de escritor.

Por fim, todos os obrigados do mundo a Michael Livio. Nenhum dos meus livros existiria sem a sua paciência e empatia.

PARTIDA

O comboio não está vazio, apesar das aparências. Neste momento, há secções inteiras completamente desocupadas. Carruagens de segunda classe. A carruagem-restaurante. A carruagem-cama. À excepção do eco do veículo a deslizar pelos carris, estão todas desocupadas e silenciosas. Este comboio, com capacidade para albergar dezenas, ou até mesmo centenas, tem a bordo apenas oito indivíduos.

Sete vivos.

Um morto.

Há um minuto, quando ainda estavam todos vivinhos da silva, o cenário era diferente. Mas quando se viaja de comboio acontecem coisas inesperadas, e esta, ao que parece, é uma delas. É certo que apanhou Anna Matheson de surpresa. A reacção dela deixa claro que não era este o plano, de todo. Parece verdadeiramente angustiada ao ver o corpo agora estendido de barriga para cima no chão do salão da primeira classe.

Que reacção estranha.

Anna tem todos os motivos do mundo para querer os outros mortos.

Os «outros», já agora, são as seis pessoas que estão a bordo deste comboio a convite dela. Convite que, se soubessem quem o enviara, não teriam aceitado.

Solicita-se que se apresente sozinho a bordo do Philadelphia Phoenix para uma viagem de comboio nocturna que partirá de Filadélfia com destino a Chicago, e terá início na noite de 14 de Dezembro.

Partida de Filadélfia às dezanove horas.
Chegada a Chicago às sete da manhã do dia seguinte.

No que toca a convites, este não é lá muito aliciante. Afinal de contas, estamos em 1954. Ninguém quer passar treze horas num comboio quando, pela United Air Lines, é possível chegar a Chicago em pouco menos de três. É claro que Anna já sabia disso e foi por esse motivo que acrescentou uma mensagem escrita à mão no verso do convite, específica para cada destinatário. Embora os seus delitos sejam os mesmos, os seus segredos são diferentes.

Estas mensagens individualizadas foram suficientes para que os seis comparecessem. Não quiseram saber se não faziam ideia de quem os convidara ou qual fora o motivo para o convite. Também não se preocuparam com o facto de não terem maneira de confirmar que vinham. Mas a verdade é que compareceram todos à hora marcada de convite na mão. E, agora, aqui estão eles. Cinco convidados, uma anfitriã com o seu cúmplice, e um cadáver.

Ainda não passou tempo suficiente para que o rosto do morto perdesse a cor. Os seus olhos arregalados ainda estão postos no tecto. Manchas encarnadas

salpicam a espuma que ainda lhe borbulha nos cantos da boca.

É óbvio que não se trata de uma morte natural.

Nem indolor.

Pelo menos, foi rápida. Não passou sequer um minuto entre os primeiros sinais de que alguma coisa estava errada e a repentina morte. A vítima não teve sequer tempo para largar a toalha branca da mesa de *cocktail* a que se agarrou ao cair. Um dos cantos continua preso nos seus dedos sem vida, e o resto está ainda estendido sobre a mesa encharcada de gim, graças a um copo de *Martíni* entornado.

Dentro de alguns instantes, alguém terá o bom senso de cobrir o cadáver com uma toalha de mesa seca. Até lá, vão ficar todos a olhar com uma mistura de choque e incredulidade no rosto. Porém, ninguém está mais surpreso do que Anna, cuja face é atravessada por mil emoções. Sendo o medo a mais prevalecente.

Agora que um dos passageiros foi assassinado – por alguém nesta carruagem –, ela receia que seja apenas uma questão de tempo até voltar a acontecer.

19H00

TREZE HORAS ATÉ CHICAGO

UM

Anna Matheson limpa a garganta, endireita-se e tenta acalmar as suas mãos trémulas. Imagina-se como uma estátua, rígida e indecifrável. Pensa em qualquer coisa para evitar parecer receosa, mas a verdade é que vive assustada há tanto tempo que o medo lhe ensopou a medula.

Ainda assim, a sua voz é firme e clara quando começa a falar:

– Eu sei que sabem quem sou. Tal como sabem porque vos reuni aqui. E se ainda não descobriram, não vai faltar muito tempo.

Tal como tinha ensaiado, Anna pára de falar e faz uma pausa cronometrada ao milésimo de segundo para, na eventualidade de alguém se atrasar, ninguém perder nada.

– Por esta altura, já se devem ter reconhecido uns aos outros. Talvez até tenham conversado durante tempo suficiente para suspeitarem que estão aqui sob falsos pretextos. E têm razão. O motivo pelo qual estão a fazer esta viagem é simples. Estou aqui para…

Nesse momento, o comboio dá um solavanco, fazendo com que Anna se desequilibre. Na minúscula casa de banho do seu quarto, ela observa-se a balançar no espelho igualmente minúsculo. Quando viajou pela primeira vez no Philadelphia Phoenix, pareceu-lhe tudo tão gigantesco. Não só o quarto, mas o comboio também. Cada carruagem parecia não ter fim, e caso quisesse percorrer o comboio a pé de um lado ao outro teria de caminhar durante milhas.

Anna tinha onze anos na altura e os comboios eram muito importantes para ela. Especialmente os da Union Atlantic Railroad que, ao contrário da maioria das linhas ferroviárias da época, era privada. O seu pai herdara o negócio da família quando o avô faleceu. Outra peculiaridade desta linha é que não dependia de uma empresa externa, como a Pullman, para construir as suas carruagens e locomotivas, desenhando e fabricando os seus próprios veículos numa fábrica em Filadélfia, incluindo o Phoenix. A mãe de Anna desenhava os interiores e tudo, decorando-os com os seus tecidos e cores favoritos. Cortinados de veludo, estofos de *chenille*, paredes com papel de damasco. Tudo em tons de azul-pavão, verde-esmeralda e marfim, com madeira de nogueira, dourado e bronze à volta.

Depois da mãe, do irmão e de Anna, o Philadelphia Phoenix era o menino dos olhos do pai. Estreado em 1937, pode não ter sido primeiro comboio aerodinâmico, nem o mais rápido ou o mais famoso, mas esses superlativos não importavam. O Phoenix continuava a ser uma maravilha reluzente, com um luxo inigualável e tão veloz que deixava qualquer um boquiaberto.

Além disto, o seu pai adorava-o e foi esse o maior motivo que levou Anna a escolhê-lo para esta viagem nocturna. É uma forma de relembrar os outros de tudo o que lhe foi tirado.

O comboio volta a dar um solavanco e, desta vez, com afinco. Passados uns instantes, ouvem-se quatro pancadas na porta.

Seamus.

Está aqui para lhe dizer o que ela já sabe.

O comboio está a partir.

Agora, já não há como voltar atrás.

Anna corre para a porta, sentindo o comboio a ganhar velocidade sob os seus pés descalços. É uma sensação estranha que, por um segundo, a desequilibra por completo e a leva a amparar-se à parede para se estabilizar. Não importa quantas viagens faça de comboio, Anna precisa sempre de um momento para se habituar à confusa sensação de estar em movimento e, ao mesmo tempo, ter os pés assentes em chão firme. O pai chamara-lhes «pernas de comboio».

Tira a mão da parede e permanece no meio da divisão enquanto aguarda que as pernas se habituem e absorvam o movimento. Só depois consegue alcançar a porta para a destrancar e abrir.

Tal como esperado, Seamus está do outro lado a ocupar o estreito corredor que percorre toda a carruagem. Atrás dele, não é possível ver nada a não ser escuridão através das janelas. Estão agora no túnel, à saída da cidade.

– Corre tudo como planeado? – pergunta Anna, despreocupada com o facto de estar à porta só de anágua. Seamus já a vira bem mais despida.

– Para já.

– E o maquinista? Ainda é o Burt Chapman que está na cabina de condução?

Seamus anui afirmativamente com a cabeça e acrescenta:

– Sim. Vi-o com os meus próprios olhos a entrar na locomotiva.

Que alívio. É Burt Chapman quem conduz o Phoenix desde o início. Anna sabe que ele é um bom homem e, quando o pai morreu, enviou-lhe um cartão de condolências. Anna e a mãe não receberam mais nenhum e foi esse acto de bondade que a levou a confiar nele para os levar até Chicago sem percalços. É certo que a quantia exorbitante que ela lhe pagou também ajudou.

– Tens a certeza de que ele é capaz de fazer isto sozinho? – pergunta Seamus. – Treze horas é um turno longo sem pausas.

– O Burt é capaz. Conhece tão bem este percurso que até de mãos atadas o conseguiria fazer. E o resto da equipa?

– Tudo tratado – responde Seamus. – Todos os maquinistas, cozinheiros, bagageiros e guarda-freios. Esperemos que não fiquem sem trabalho depois disto.

Anna decide ignorar o comentário. Seamus tinha deixado claro o seu receio de que os inocentes homens que trabalham no comboio pudessem ficar sem o seu ganha-pão depois desta noite. Anna também pensou nisso, mas concluiu que não havia outra opção e ofereceu a todos uma bela compensação: três meses de salário, em dinheiro, e um pequeno extra para aqueles mais propícios a um castigo do patrão.

Contudo, o destino dos trabalhadores do comboio é a menor das suas preocupações. Está mais preocupada com os passageiros.

– E os outros? – pergunta ela. – Compareceram todos?

Seamus franze o sobrolho, o que deixa Anna preocupada. Embora raramente sorria, a expressão severa de Seamus também não é algo que ela veja com frequência. Não fosse o seu ar sério, ela assumiria que a resposta seria um «sim». Anna conhece esta gente e sabe bem ao que eles conseguem e não conseguem resistir. Mas a expressão no rosto de Seamus diz-lhe que alguma coisa já deu para o torto.

E nesta viagem nada pode dar para o torto.

– Sim – responde Seamus, com hesitação. – Mas temos um percalço.

– Que tipo de percalço?

Nesse preciso momento, uma voz faz-se ouvir da porta ao fundo da carruagem. A voz de um homem. Com um tom claramente impaciente e presunçoso. Anna aposta que é Jack Lapsford.

– Alguém me pode dar uma mãozinha, porra?

Anna esconde-se no quarto. Não pode ser vista por ele. Nem por ninguém. Ainda não. Acena a Seamus, ainda carrancudo, para o relembrar de que, por enquanto, ele tem de continuar a fingir que trabalha para a ferrovia.

– Vou já, senhor – responde, forçando um sorriso obsequioso.

Anna fecha a porta e põe-se à escuta. Ouve Seamus a dirigir-se para o fim da carruagem e a perguntar:

– Em que posso ser útil?

– Podes começar por me dizer onde se foram enfiar os malditos bagageiros.

E com este comentário, Anna não tem dúvidas de que se trata de Lapsford. O cretino mimado.

Depois, tranca a porta, usando também o ferrolho. Agora que sabe que estão todos a bordo, tem de ter mais cuidado. Regressa ao interior da divisão com as

pernas ainda a tremer, desta vez graças à voz de Jack Lapsford. Ao ouvi-la, Anna é relembrada do quão importante é esta viagem, quão importante é o que pretende fazer. O que *tem de* fazer. É relembrada de que, depois de tanta preparação, agora está finalmente tudo em andamento.

Segura no manifesto que está em cima da cama, relendo os nomes e os números dos quartos atribuídos aos seis passageiros que convidou a bordo.

Sal Lawrence, Carruagem 12, Quarto A
Tenente-coronel Jack Lapsford, Carruagem 12, Quarto B
Kenneth Wentworth, Carruagem 12, Quarto C
Herb Pulaski, Carruagem 13, Quarto A
Edith Gerhardt, Carruagem 13, Quarto B
Judd Dodge, Carruagem 13, Quarto C

Cada nome acende uma centelha de raiva no seu peito. Estas pessoas – estas seis pessoas podres, repulsivas e *más* – estão aqui, neste preciso momento. Bastava querer e Anna poderia percorrer o comboio, ir de porta em porta e matá-los a todos. Um de cada vez.

E ela quer muito fazê-lo.

É por esse motivo que ela e Seamus ocupam os quartos A e B da décima primeira carruagem, deixando o terceiro quarto vazio para servir como uma espécie de colchão amortecedor e proteger toda a gente dos seus piores instintos.

Anna larga a folha e olha pela janela, surpreendendo-se por já terem saído do túnel e se afastarem agora da cidade. Durante muito tempo, achou que esta noite nunca chegaria e agora parece estar a passar mais depressa do que ela esperava.

As luzes da divisão estremecem por um momento. Não é que seja incomum no Phoenix, já que precisa de mais energia do que a maioria dos comboios graças aos seus adereços de luxo. Ainda assim, o momento de escuridão deixa Anna preocupada, especialmente porque lhe permite ver melhor pela janela. O comboio desloca-se agora sob um céu escuro, salpicado por grandes flocos de neve.

Anna verificara a meteorologia e já sabia que o mais provável era nevar, só não esperava que fosse tão cedo. Assumiu que os primeiros flocos não se avistariam antes de o comboio ter percorrido metade da Pensilvânia e, agora, preocupa-se com a dimensão da tempestade que os espera à medida que se deslocam para oeste, e se será grande o suficiente para conseguir parar o Phoenix.

Porque o comboio não pode parar de maneira nenhuma.

Caso isso aconteça, nem que seja por trinta segundos, o plano de Anna pode ir por água abaixo.

As luzes voltam a brilhar, escurecendo a paisagem da janela. Anna obriga as pernas a mexerem-se e veste-se rapidamente, criando o visual para o qual trabalhou tanto.

Vestido vermelho.

Recatado, mas que abrace as suas curvas. Feito à medida para lhe servir como uma armadura, mas com elasticidade suficiente para poder correr com ele, se for preciso. E ela desconfia que vá ser preciso.

Saltos vermelhos.

Um mal necessário. Os saltos têm a vantagem de a fazer parecer mais alta, mais elegante, mas têm a desvantagem de lhe poder dificultar a corrida, caso venha a precisar de facto de correr.

Batom vermelho.

Porque não?

Prende o cabelo louro num carrapito que não é lá muito lisonjeador, optando por uma escolha prática, quer esteja na moda ou não. Não quer que o seu cabelo à altura dos ombros a atrapalhe. Assim como as suas jóias, o que significa que não vai usar colares, nem pulseiras, nem qualquer outra coisa a que alguém possa deitar a mão. Além dos brincos de diamantes, o único acessório que vai usar é o alfinete de lapela que era do pai.

Uma pequena locomotiva prateada presa ao corpete, junto ao coração.

Depois, há a faca. Escondida por baixo do vestido, uma lâmina de quatro centímetros com o cabo liso, enfiada numa bainha, presa à parte superior da coxa. Anna achou que era necessário, caso chegue a um ponto em que correr não seja sequer uma opção.

Examina o seu aspecto no espelho da casa de banho, com a voz da tia Retta a ecoar nos seus pensamentos, a brilhar de tão satisfeita.

É assim, minha querida, que alguém se veste para a vingança.

Anna nunca tivera outra intenção. Porém, até ela está surpreendida com a sua aparência. Está resplandecente. Uma das palavras favoritas da mãe, provavelmente porque a descrevia na perfeição. Margaret Matheson tinha aquele ar elegante com o qual a maioria das mulheres só conseguia sonhar, incluindo Anna, e a mágica capacidade de fazer com que qualquer coisa, fossem os vestidos mais caros ou umas simples calças de ganga e uma camisa de flanela de trabalho, parecesse uma peça acabada de sair de uma *passerelle* em Paris, desenhada especificamente para ela.

O namoro dos seus pais fora breve, mas tão intenso que se casaram pelo registo civil duas semanas depois de se terem encontrado pela primeira vez. Como foi tudo tão rápido circularam rumores de que a mãe de Anna estava grávida e, por isso, tiveram de se casar à pressa. O nascimento de Tommy, oito

meses mais tarde, reforçou ainda mais os boatos e só não se tornou um escândalo social por dois motivos: a maior parte da Main Line Philadelphia não participava abertamente nesse tipo de mexericos, e os poucos que o faziam conseguiam ver como Arthur Matheson estava completamente apaixonado pela sua nova noiva.

Oh, a maneira como o pai de Anna olhava para a mãe. Era assim que toda a gente a olhava, na realidade. Não conseguiam evitá-lo. Especialmente Anna, que ficava muitas vezes embasbacada com o puro encanto da mãe. Ainda assim, ninguém a olhava como Arthur Matheson, cujo rosto descontraía por instantes antes de se iluminar de alegria sempre que a via. E a mãe retribuía o olhar com a mesma intensidade.

Quando era ainda muito jovem, Anna achou durante alguns meses que a mãe tinha de ser uma estrela de cinema, porque só os actores nos filmes brilhavam daquela maneira. O mesmo não acontecia com as mães das suas amigas que, grande parte das vezes, aparentavam apenas um ar obstinado e triste. Mas a mãe dela? Cintilava de uma forma inegável. Por isso, sempre que Anna ia ao cinema ficava à espera de ver o rosto dela a aparecer no grande ecrã.

Mesmo depois de ter abandonado estas ideias infantis, Anna continuou a acreditar que a mãe poderia ter sido uma estrela de cinema, se tivesse optado por seguir uma carreira na área. Assim como Tommy, que herdara a beleza e o sorriso deslumbrante da mãe e apresentava a elegância de um ídolo de matiné.

Anna nunca ficou incomodada por ter herdado a aparência pouco marcante do pai. Cresceu bonita mas com aspecto banal, sem o brilho da mãe e do irmão, o que para ela pouco importava, pois sabia que tinha uma família afortunada.

Pelo menos, durante algum tempo.

Até que perdeu tudo. Primeiro foi Tommy. A seguir, o pai. E depois a mãe, cujo brilho já se tinha apagado há muito.

Anna esforça-se por não pensar muito nisso. Já sabia que a viagem desenterraria todas aquelas memórias horríveis. Só não achou que fosse tão cedo. Mais tarde, terá todo o tempo do mundo para se debruçar sobre o passado. Porém, por agora, tem de acabar de se preparar para a sua grande entrada, o que é algo por que anseia e, ao mesmo tempo, a deixa aterrorizada. Dirige o olhar para o espelho e, no reflexo, contempla o quarto através da porta aberta da casa de banho atrás de si. Observa a cadeira junto à janela escura como breu, que foi feita para rodar de forma que os passageiros possam apreciar a paisagem. Contudo, a cadeira está agora virada para a casa de banho e nela repousa, não um passageiro, mas uma pasta de couro.

No seu interior está o passado de Anna.

E, espera ela, o seu futuro também.

Voltando os olhos para o seu próprio reflexo, Anna apressa-se a passar batom

uma segunda vez. Com os lábios brilhantes de carmesim, murmura a parte do discurso que o súbito arrancar do comboio interrompeu.

– O motivo desta viagem é simples – diz para o seu reflexo, imaginando que está a olhar para os homens e para as mulheres que atraiu para o comboio. – Estou aqui para fazer justiça. Tenho provas irrefutáveis de que vocês seis são responsáveis pela destruição da minha família.

DOIS

O Philadelphia Phoenix é composto por catorze carruagens, incluindo a locomotiva. Judd Dodge contou-as enquanto caminhava pela plataforma e considerava se deveria embarcar ou não. Tem o mesmo número de carruagens que o Phoenix tivera no seu apogeu, quando as pessoas imploravam para viajar no comboio mais luxuoso, a seguir ao 20th Century Limited. Treze carruagens de infinito conforto puxadas por um motor que conseguiria aguentar com o dobro.

Judd sabe disto porque o construiu.

Em tempos, fora esse o seu trabalho. Construir motores para a Union Atlantic Railroad, não era nada em comparação com algumas das outras linhas de comboio do país. Alcançava pequenas distâncias, ficando-se pelas zonas próximas a Filadélfia. Uma linha para Nova Iorque, outra para Washington, D.C., e uma terceira que trazia e levava os passageiros para Atlantic City. O Philadelphia Phoenix foi construído com a expansão em mente. Era um comboio aerodinâmico reluzente que viajava sem parar até Chicago.

Judd resplandeceu de tão orgulhoso que ficou quando viu o Phoenix a deslizar nos carris pela primeira vez. Polido como uma bala de prata, parecia ainda mais veloz graças a uma faixa corrida cor de laranja que o percorria de ambos os lados. Apesar de nunca ter sido pai, Judd imaginou que fosse isso que se sentisse ao ver um filho dar os primeiros passos. Algo parado e imóvel estava agora em movimento graças a ele.

Embora todas as carruagens de um comboio sejam importantes à sua maneira, servindo cada uma diferentes propósitos, Judd sabe que a locomotiva é essencial. Sem ela, as restantes carruagens limitar-se-iam a repousar inúteis em cima dos carris, a postos para irem a lado nenhum. Só com um motor resistente ao leme é que o comboio consegue fazer o seu papel.

E Judd certificara-se de que tinha motores resistentes.

Até lhe dizerem o contrário.

Depois disso, ficara sem estômago para o trabalho. Despediu-se e tornou-se professor. É uma profissão que lhe encaixa na perfeição, a avaliar pela sua postura erecta e rígida e pelos óculos de arame que lhe escorregam agora pelo

nariz ao sair do quarto que lhe foi atribuído.

Como os quartos de primeira classe são enormes, o corredor que lhes dá acesso é particularmente estreito. De pé nesse trecho exíguo que é a entrada, Judd depara-se com uma lâmpada solta num candeeiro de parede a zumbir como uma mosca, ao mesmo tempo que lança uma luz trémula e irritante naquele extremo do corredor.

A entrada minúscula, a lâmpada a piscar, até a carruagem que lhe foi atribuída (treze, o número do azar) fazem Judd reconsiderar se foi sensato da sua parte embarcar. Nos seus cinquenta e três anos de vida sempre o consideraram inteligente. Até mesmo um génio, segundo alguns, sobretudo no que toca a trabalhar com máquinas. No entanto, não é preciso ser-se nenhum Einstein para perceber que esta não vai ser uma viagem tranquila. A nota escrita à mão no verso do convite só o confirma.

Sei o que fizeste.
Se não vieres nesta viagem, os outros também saberão.

A mensagem foi alarmante o suficiente para o levar até à estação, mas também o impediu de embarcar imediatamente no Phoenix. Embora fosse óbvio que se tratava de uma ameaça, Judd teve dúvidas quanto à sua seriedade. Podia não passar de um truque cruel, vindo de alguém que acha que sabe o que aconteceu. Ou podia servir como um lembrete para ficar calado, vindo de alguém que sabe mesmo a verdade. De qualquer forma, Judd percebeu que não podia simplesmente ignorá-lo e, por isso, acabou por entrar no comboio à última da hora. Preferiu enfrentar a ameaça no meio da azáfama do Phoenix. Afinal de contas, com pessoas por perto não lhe poderia acontecer nada de mal.

– Bilhete? – perguntou o revisor de cabelos grisalhos, enquanto Judd entrava na primeira das duas carruagens de segunda classe do comboio.

– Não tenho. – Judd mostrou o convite, certificando-se de que o revisor via apenas a parte da frente. – Só tenho isto.

O revisor anuiu com a cabeça.

– Certo. Ficou do outro lado do comboio. Na primeira classe.

Foi chamado o bagageiro, cujo sorriso descaiu ligeiramente ao pegar na mala de Judd e, depois, começou a conduzi-lo para a parte de trás do comboio. Por estar tão familiarizado com o Phoenix (e graças ao seu registo de pré-embarque), Judd sabia dizer com precisão as carruagens que estavam à frente e atrás deles. Primeiro, como seria de esperar, estava a locomotiva, outrora o seu maior orgulho. Assim que a viu pela primeira vez em mais de uma década, sentiu que estava a reencontrar um amor há muito perdido. Não pôde deixar de admirar a

sua obra, já que o comboio, apesar dos muitos anos de trabalho e de ter percorrido ainda mais quilómetros, continuava a ser um espectáculo.

Atrás da locomotiva encontrava-se o furgão, seguido de duas carruagens de segunda classe. Antigamente, o Phoenix tinha os melhores assentos de segunda classe do país, grandes e confortáveis, e era possível recliná-los mais para trás do que noutros comboios, o que facilitava as dormidas durante as viagens nocturnas.

Era por isso que, por norma, a carruagem de segunda classe enchia mais do que as restantes. Porém, naquela noite, Judd não viu quase ninguém, e os poucos passageiros que havia olharam-no com frieza ao passar por eles, ou evitaram qualquer tipo de contacto visual.

A carruagem seguinte era uma carruagem-cama, para quem queria mais do que o mínimo de conforto. Os bancos onde os passageiros se sentavam durante o dia convertiam-se, à noite, em filas de beliches com cortinas. Nesta carruagem, Judd viu ainda menos pessoas, o que lhe provocou uma reviravolta nervosa no estômago. Contava que houvesse muitos passageiros para se sentir seguro.

O seu estômago deu mais uma cambalhota quando passaram pelo salão, que estava completamente vazio. Embora não fosse muito requintado, era normal verem-se, pelo menos, duas ou três pessoas das carruagens de segunda classe e das carruagens-cama a esticar as pernas, ou a folhear os jornais e as revistas espalhados pelas mesas de apoio.

– Não se detenha, por favor, senhor – disse o bagageiro quando reparou que Judd tinha parado para examinar a divisão vazia. – Temos de chegar ao seu quarto antes que o comboio parta.

Judd acelerou o passo e seguiu o bagageiro até à carruagem de lazer, a primeira das quatro carruagens do Phoenix que servem refeições. Tal como o salão, esta carruagem também estava vazia, à excepção da empregada com um ar aborrecido atrás do balcão, junto ao qual os passageiros deveriam estar em fila para comprar sandes, refrigerantes e cerveja. Sem ninguém para atender, ela olhou Judd com um ar desconfiado e perguntou ao bagageiro:

– Vais levá-lo pela cozinha?

– É mais rápido – respondeu o bagageiro antes de empurrar a porta para entrar na carruagem da cozinha, onde toda a comida a bordo do Phoenix era preparada. Contudo, em vez de cozinharem, os empregados permaneciam diante dos balcões vazios e dos fogões apagados, como se estivessem à espera de que lhes dissessem o que fazer. Nenhum olhou para Judd, nem para o bagageiro quando passaram em silêncio por eles.

Judd sabia que a cozinha era a fronteira que separava os que tinham dinheiro dos que não tinham. A partir dali, o resto do comboio pertencia aos passageiros

de primeira classe, começando logo pela carruagem-restaurante, na qual aqueles que podiam pagar se banqueteavam com costeletas de qualidade, lagosta à Thermidor, bife Wellington e uma fatia de *red velvet* do Philadelphia Phoenix, famoso em todo o mundo. Quando Judd entrou com o bagageiro, viu trabalhadores em uniformes formais a pôr as mesas com toalhas de linho branco, loiça da *Villeroy & Boch* e talheres de prata da *Chambly*.

No salão de primeira classe adjacente, a extravagância continuava. Só álcool de primeira qualidade era servido por detrás do balcão de carvalho do bar em copos de cristal *Baccarat*. O empregado, de casaco branco, limitou-se a cumprimentar o bagageiro com um aceno de cabeça, enquanto este se apressava a conduzir Judd para a parte de trás do comboio, por entre as cadeiras de luxo e as mesas de *cocktail*.

Depois do salão, seguem-se mais três carruagens de alojamento de primeira classe, cada uma com três espaçosos quartos. *Um hotel sobre rodas!*, prometiam os anúncios quando o Phoenix fez a sua primeira viagem. Tudo bazófia, claro, mas com algum fundo de verdade, já que os quartos do Phoenix eram dos maiores que havia no que toca a comboios. O quarto de Judd gabava-se de ter cama de casal, poltrona giratória, sofá de dois lugares, armário e casa de banho.

O bagageiro chamou a atenção para todos estes pormenores e afastou-se tão rapidamente que Judd nem teve tempo de lhe dar uma gorjeta. Com a moeda de cinquenta cêntimos na mão cerrada, Judd analisou a divisão, enquanto se questionou acerca da identidade da pessoa que o trouxera até aqui. Quando o seu olhar se deparou com um cartão de velino pousado em cima da almofada da cama, teve esperança de que fosse obter algum tipo de resposta, ou parte dela. Porém, viu que se tratava apenas de outro convite.

Solicita-se a sua presença no salão da primeira classe às vinte horas para um cocktail de boas-vindas.

Por favor, não se atrase.

Judd enfiou a mão no casaco para tirar o relógio de bolso que trazia sempre consigo e abriu-o para ver as horas. Dezanove horas. O comboio arrancou num solavanco pontualmente à hora marcada. E, assim, se deu início à viagem misteriosa.

Demasiado nervoso para conseguir ficar mais de quinze minutos à espera, Judd dirigiu-se para o estreito corredor, onde se encontra agora com a lâmpada solta do candeeiro de parede ainda a fazer barulho e, ao lado, o céu salpicado de neve a passar pela janela. Judd pondera acerca do quão estranho foi o percurso até aqui desde que entrou pela parte da frente do comboio. Foi uma viagem agitada e, ao mesmo tempo, frenética. Como se todas as pessoas por quem

passou estivessem mortinhas por ir embora.

Não viu nem ouviu ninguém nas carruagens de primeira classe depois de o bagageiro se ter apressado a deixá-lo tão abruptamente no quarto. Constatar isto dá-lhe voltas ao estômago, já de si dispéptico. É certo que pode não ser a parte mais lotada do comboio, mas estava à espera de ver mais *alguém*, nem que fosse um revisor a certificar-se de que ninguém da carruagem de segunda classe se tinha infiltrado na parte mais sofisticada do comboio.

Vira à esquerda e fica de frente para a entrada da carruagem com vista panorâmica, a última do comboio.

Um cilindro moderno de vidro e aço, coberto de janelas do chão ao tecto, que oferece uma vista panorâmica da paisagem que passa. Por cima, uma janela de vidro brinda os passageiros com um cenário igualmente magnífico do céu. Um jornalista a bordo da primeira viagem do Phoenix afirmou que esta carruagem parecia «uma nave espacial fantástica, onde a paisagem parece estar connosco dentro do comboio e nada mais do que finas vidraças nos separam da terra e do céu».

A carruagem com vista panorâmica deixava aqueles que tinham dinheiro para a pagar deleitados e, com o passar dos anos, adquiriu um estatuto quase mítico. Chegou a haver rumores de que Clark Gable e Carole Lombard, quando viajaram no Phoenix para a estreia de um filme em Chicago, em 1940, ficaram tão apaixonados que pediram para passar lá a noite.

Graças à sua popularidade, Judd assumiu que a carruagem com vista panorâmica seria o local ideal para encontrar um outro passageiro. Mas ao espreitar para o interior, viu que também estava vazia.

Que estranho.

E, Judd tem de admitir, um bocado inquietante.

Através das janelas abertas da carruagem, contempla os arredores da cidade. As sujas casas térreas, as fábricas vazias com janelas partidas, as cercas tortas e cheias de buracos. Crescera num lugar exactamente assim e vivia com a família amontoada numa casa tão perto dos carris que tremia toda com o barulho dos comboios. Quando era miúdo, ficava a olhar pela janela a vê-los passar, maravilhado com a forma como aqueles gigantes de ferro conseguiam ser impulsionados sobre os carris graças apenas ao vapor e ao engenho humano. Ponderava acerca dos homens responsáveis por esse feito e indagava sobre como seria ter nas suas mãos tamanho poder.

Judd acabou por aprender, primeiro no seu quintal a brincar às construções e, mais tarde, na sua garagem quando a família se mudou para uma casa um bocadinho maior. Depois, continuou a sua aprendizagem em diferentes fábricas semelhantes às que vê agora a passar da carruagem com vista panorâmica em

manchas decrépitas. Apesar de nunca ter ido para a universidade, era um jovem inteligente. Aprendia depressa, e não só no que dizia respeito a motores de comboios. Era um mestre da química, da matemática e até da magia, usando os seus dedos longos e estreitos para fazer truques que deixavam os colegas espantados. Por fim, acabou por conseguir trabalho na Union Atlantic Railroad, tendo-se saído bem o suficiente para chamar a atenção do dono, Arthur Matheson.

Os dois entenderam-se de imediato. Judd gostava de pensar que eram os dois farinha do mesmo saco. Dois miúdos crescidos a brincar com o melhor modelo de comboios do mercado, desejosos por torná-lo maior, mais rápido, mais resistente. Já para não falar mais sofisticado.

– Quero um comboio que pareça mercúrio líquido a deslizar – dissera Art a Judd uma vez ao almoço. – Achas que consegues?

– Sim – respondeu Judd. – Penso que sim.

E conseguiu.

Judd apercebe-se agora de que foi aí que os problemas começaram a aparecer, levando-o a fazer o impensável. Nem mesmo neste momento consegue ainda acreditar no papel fundamental que desempenhou em algo tão horrível. Tal como também não consegue sacudir a sensação de que esta viagem está relacionada com o preço que terá de pagar pelos seus erros do passado.

De pé na carruagem vazia que ajudou a construir, Judd deseja estar em qualquer lugar menos aqui. Quer estar na carruagem de segunda classe, reconfortado por estar rodeado de estranhos e saber que eles não fazem ideia do que ele fez – ou do que é capaz.

Ao sair da carruagem com vista panorâmica, Judd é assaltado por um sentimento de inquietação que não consegue afastar, por muito que tente. Percorrendo os corredores estreitos da primeira classe, nota que o interior do Phoenix perdeu qualidade desde a última vez que esteve a bordo. Além do candeeiro de parede avariado, repara agora também nos rasgões dos estofos e na longa mancha na alcatifa azul, que marca a passagem das centenas de passageiros que por ali pisaram.

Talvez isso explique a notória falta de passageiros. Circulam rumores de que o prestigiado Philadelphia Phoenix é agora uma mera sombra do que fora em tempos. É muito provável que esta escassez se deva às mudanças que decorrem fora do outrora esplêndido comboio. As auto-estradas alastraram por todo o país como uma praga, sufocando de tráfego a paisagem imaculada do passado, ao mesmo tempo que o céu se enche rapidamente de aviões. Se alguma grande cidade ainda não tem um aeroporto, terá em breve. Com opções como estas, não admira que poucas pessoas escolham viajar de comboio.

E Judd não vê vivalma quando se dirige para a parte da frente do comboio. Em cada carruagem que atravessa sente o frio fantasmagórico de algo que foi recentemente abandonado.

No salão da primeira classe, não se vê o empregado do bar em lado nenhum.

Na carruagem-restaurante, não se vê um único empregado de mesa, apesar de as mesas estarem todas postas para os passageiros que ainda estão para aparecer.

Na cozinha, os tachos repousam em cima de fogões apagados e as facas reluzem nas prateleiras. Ecoando nos electrodomésticos, o som dos seus passos é ensurdecedor, enquanto caminha pelo chão de azulejos. Judd dá uma cotovelada sem querer na pega de uma frigideira e, quando esta cai ao chão, parece que alguém disparou um tiro.

A carruagem de segunda classe também está sinistramente vazia. As mesas e os assentos da carruagem de lazer estão desocupados. Chávenas de café repousam empilhadas e organizadas no balcão ao lado de um samovar de prata, sem ninguém para as servir.

E o mesmo acontece em cada carruagem que atravessa. No salão da carruagem de segunda classe, exemplares da última edição do *Philadelphia Inquirer* desse dia estão espalhados de forma ordeira pelas mesas de apoio, sem terem sido tocados. Nas carruagens-cama e nas carruagens de segunda classe, os lugares estão todos vazios. Não se vê ninguém a dormitar nos seus assentos. Ou a olhar pela janela. Ou a arrastar os pés até à casa de banho na parte de trás de cada carruagem.

À medida que Judd as atravessa, a preocupação que sentia solidifica-se agora transformando-se em puro medo.

Todas as pessoas que viu antes, desde bagageiros a revisores a outros passageiros, desapareceram. O Philadelphia Phoenix está completamente vazio.

TRÊS

Para a viagem, Herb Pulaski escolheu um fato *Brioni* verde-escuro que, tal como ele, já viu melhores dias. Tanto o homem como a sua roupa estão a cair aos bocados, embora por razões diferentes. O estado em que o fato se encontra é culpa de Herb, pois está sempre a usá-lo. Como cresceu com a roupa usada do irmão mais velho, gosta de exibir o seu fato caro.

Quanto ao seu próprio estado de desgaste, Herb acha que é devido à má sorte. Alguns homens nascem com sorte, e ele não é um deles. Mesmo quando, às vezes, o destino lhe sorri, há sempre um senão.

E a sua sorte nunca dura muito.

É por esse motivo que Herb chega ao salão da primeira classe vinte minutos mais cedo, com o cartão que encontrou no seu quarto e o convite que recebeu pelo correio na mão. Receia que não o deixem entrar se não os tiver consigo. Está habituado a que não o deixem entrar em sítios, quer seja rico ou não. Agora que está prestes a ficar pobre outra vez, Herb acha que é importante não só comparecer, como também ser o primeiro a chegar. Assim, todos os que aparecerem depois dele vão encontrá-lo e ver que pertence ali.

Isto é, se mais alguém aparecer.

Quando Herb entra no salão vazio, sente-se ridículo por ter trazido o convite, pois se não estiver lá ninguém, não precisa de se preocupar em ser barrado. Não vê sequer um empregado atrás do bar semicircular na parte de trás da carruagem, só o tampo de carvalho reluzente e, atrás dele, várias prateleiras espelhadas a abarrotar com garrafas de licor. Herb pondera em esgueirar-se para trás do balcão e servir-se de uma bebida para acalmar os nervos, mas tem receio que alguém entre e o confunda com o empregado do bar. Para evitar tamanha humilhação, faz questão de se sentar numa das poltronas luxuosas que estão espalhadas pela carruagem, acender um cigarro e percorrer a divisão com o olhar.

O salão lembra-lhe o seu fato: elegante, mas desgastado. Entre as poltronas há pequenas mesas redondas com panos de linho branco com as bordas a desfazer-se. As cortinas das janelas são de veludo azul, semelhantes às do quarto de Herb, mas tão compridas que roçam no chão. Do outro lado do bar, no canto

da parte da frente da carruagem, está um piano de cauda pequeno.

Herb continua a espera solitária, até o seu cigarro se tornar uma ponta fumegante pousada no cinzeiro e uma fina camada de suor se formar na sua testa. Ele bem sabe que é dos nervos. Tem de causar boa impressão.

Examinando o convite que recebeu, analisa com atenção a nota escrita no verso.

Terá benefícios financeiros se comparecer.

É tudo o que Herb sabe até agora, mas está ansioso por descobrir mais. Provavelmente, é uma oportunidade de investimento. Não que ele tenha dinheiro para investir. Já não tem, mas consegue arranjar se for necessário. Só espera que, desta vez, não seja uma marosca.

Este desejo evapora-se dos pensamentos de Herb assim que a porta da frente da carruagem se abre, e alguém entra, por fim, no salão.

E, ao que parece, alguém com quem costumava trabalhar.

Herb sente acumular-se na sua testa frescas e brilhantes gotas de suor quando Judd Dodge o encara, e lhe pergunta:

– És tu quem está por detrás disto tudo?

– Como assim? – questiona Herb, limpando a testa com um lenço. – Por detrás de quê?

– Não há mais ninguém no comboio além de nós – argumenta Judd. – Quando cheguei havia pessoas, mas desapareceram todas. Revisores. Bagageiros. Até os malditos passageiros. E aqui estás tu, sentado precisamente no sítio onde me disseram para estar às oito.

– Então não foste tu que me chamou para vir até aqui?

– Não, não fui eu *quem* te chamou – responde Judd, pronunciando devagar cada palavra para deixar claro que é mais inteligente do que Herb. *Rude*, pensa Herb.

E convencido. Ele sabe que ambos partilham raízes humildes.

E é possível que tenha sido por isso que concordaram em fazer algo terrível.

Não eram amigos quando trabalharam na Union Atlantic Railroad. Judd chefiava a equipa de projecto, que ficava numa secção da empresa conhecida, na brincadeira, como «O cérebro do comboio». Herb trabalhava na fábrica e era o capataz encarregado da construção das locomotivas que Judd desenhava, incluindo a que é usada agora neste comboio em que se encontram.

Os seus caminhos cruzaram-se no fatídico dia em que Herb recebeu um projecto de Judd para a construção de um comboio comissionado pelo Exército dos Estados Unidos. Uma máquina a vapor à moda antiga. A construção deveria

ser rápida e barata, mas Herb apercebera-se de imediato das falhas que o projecto tinha. Era uma construção desequilibrada, uma vez que o motor era demasiado grande para o comboio e demasiado potente para o tipo de ferro que Judd queria utilizar para o construir.

Herb devolveu-lhe os projectos e disse:

– Alguma coisa aqui não bate certo. Este motor não vai aguentar nem uma viagem.

– Não fui eu quem se lembrou de fazer isto – respondeu Judd. – Foi o patrão. E exigiu que o construíssem assim.

Herb soube logo que ele estava a mentir, e não só porque seria impossível que Arthur Matheson desenhasse um motor sozinho quando esse era o trabalho de Judd, e toda a gente o sabia. Não, o que confirmou a suspeita de Herb foi o facto de ele saber que o seu patrão nunca, nem num milhão de anos, faria uma coisa dessas. Nem mesmo com uma guerra a decorrer.

– Isto cheira-me tão mal que até os anjinhos tresandam – disse ele a Judd. – E eu acho que sabes de onde vem o cheiro. Por isso, o teu querido motor não vai ser construído até me contares o que se passa. E o que posso ganhar com isso.

E Judd contou-lhe tudo, de facto, envolvendo Herb num acordo que o repugnaria se não estivesse a precisar tão desesperadamente de dinheiro. Crescera sem nada e, apesar de trabalhar há anos para a Union Atlantic, continuava a ter muito pouco. Já para não falar que detestava o seu trabalho. Sabia que deveria estar grato, pois poderia ter ido parar ao estrangeiro e levar com as balas na linha da frente, um destino que só conseguira evitar por considerarem o seu trabalho valioso o suficiente para ser dispensado temporariamente do Serviço Selectivo.

Contudo, saber isso não lhe facilitava em nada o trabalho. Nem refrescava a fábrica, que ficava mais quente do que uma fornalha. Nem lhe atenuava a dor dos músculos ou impedia que o cheiro a gordura o acompanhasse até casa. Sempre que fechava os olhos, o barulho das máquinas e as imagens do aço em brasa dominavam os seus pesadelos.

Herb concordou em participar no plano, e que se lixasse a ética. Pela primeira vez na sua vida, sentiu-se um vencedor e tinha, finalmente, todo o dinheiro de que precisava. Ficou com mais do que suficiente para pagar as suas dívidas, despedir-se, sair do apartamento ranhoso em que vivia e procurar uma casa numa zona residencial de classe alta, fora da cidade. Comprou um carro novo, roupas novas, tudo. Até arranjou mulher, o que não era nada fácil para alguém sem grandes atributos físicos como ele. Com braços grossos, corpo atarracado e nós dos dedos embaraçosamente peludos, parecia meio gorila. Mas a sua mulher pouco se importava, desde que houvesse dinheiro para gastar, e ela

gostava das coisas chiques ainda mais do que ele.

Ainda assim, Herb acabou por gostar demasiado de coisas chiques.

E, agora, está quase sem dinheiro nenhum. Ele sabe que só outro grande golpe impedirá a mulher de o deixar e o livrará de regressar ao calor, ao barulho e ao cheiro horrível da fábrica.

– Espera – pergunta ele. – Também recebeste um convite?

– Recebi – confirma Judd.

– Porquê?

– Não faço a mínima – responde Judd, ansioso, começando a andar de um lado para o outro da carruagem, o que deixa Herb um pouco nervoso também, e acrescenta: – Mas alguma coisa aqui não bate certo. Para onde terão ido as pessoas que vi quando embarquei?

– Provavelmente saíram do comboio – sugere Herb.

– Mas porquê? Alguém deve tê-los mandado fazer isso. – Judd pára subitamente de andar. – E a única pessoa em que consigo pensar com esse poder é o dono deste comboio.

Céus, Herb espera bem que não. Não quer ser obrigado a pensar no que eles fizeram. Nos homens inocentes que morrerem, incluindo o rapaz dos Mathesons. Nos corpos carbonizados e mutilados que substituíram o barulho e as imagens do aço nos seus pesadelos.

– Achas que ele está a planear mais alguma coisa?

– Se está – diz Judd –, não quero ter nada que ver com isso.

– Talvez não seja nenhuma marosca desta vez – sugere Herb, com esperança. Porque mesmo que seja, ele sabe que vai alinhar. Não tem outra escolha. Tempos de desespero e tal. – Ou talvez não seja ele.

Judd retoma o seu deambular ansioso pela divisão, atravessando a carruagem duas vezes, com um dedo encostado ao queixo. Herb pondera se foi assim que ele desenhou o Philadelphia Phoenix. Indo mais longe, questiona-se com um arrepio se foi assim também que Judd desenhou a locomotiva graças à qual enriqueceram as suas vidas, ao mesmo tempo que destruíram tantas outras.

– Claro que é ele – assegura Judd. – Ainda assim, alguma coisa não bate certo. Tens o convite contigo?

Herb guardou-o no bolso do casaco assim que viu Judd entrar no salão.

– Dá-lhe uma vista de olhos – pede Judd. – Notas alguma coisa estranha?

Herb examina o convite, sem reparar em nada fora do comum. Lê a partida, o destino e o tempo que se presume que a viagem durará. Treze horas. Herb acha, a princípio, que Judd está confuso quanto à hora prevista da chegada, às sete da manhã, porque se esquece de que o fuso horário vai mudar algures em Indiana, dando-lhe, desta forma, mais uma hora. Só depois de olhar o cartão

durante mais alguns segundos é que entende a que Judd se refere.

No convite está apenas a viagem até Chicago.

Sem mencionar em lado algum como é suposto voltarem para casa.

QUATRO

A Sally Lawrence não escapou o facto de não haver nenhuma informação acerca do regresso a Filadélfia. Mas ela veio na mesma. Conseguia reconhecer uma tentativa de extorsão quando a via. E a nota no verso do convite deixava claro que seria idiota da parte dela ignorá-lo.

Ainda te lembras de como eras antes? Eu não me esqueci.

Sally olha agora para a mensagem escrita à mão e pensa, não em quem a enviou – isso descobrirá em breve –, mas na resposta à pergunta escrita no convite.

Sim, ela lembra-se.

Apesar dos extremos a que chegou para o esquecer.

Alterar o seu nome foi a primeira grande mudança. As pessoas tratam-na por Sally agora, abandonando assim a alcunha pela qual todos a conheciam, desde a irmã, ao seu patrão, até às pessoas com quem saía em encontros românticos.

Sal.

Apesar dos diferentes contextos, a alcunha estava sempre lá. «Não cries expectativas muito altas, Sal. Assim, não te desiludes» ou «Vai buscar-me outro café, Sal, e fecha a porta quando saíres», ou «És uma moça muito porreira, Sal, mas estou à procura de alguém diferente».

E foi precisamente em alguém diferente que ela se tornou. No momento em que ficou oficialmente rica, Sally entrou no salão de beleza mais chique da cidade e disse:

– Ponham-me igual à Veronica Lake.

As esteticistas deram o seu melhor. Depois de horas a descolorir-lhe o cabelo, a depilá-la e a maquilhar-lhe o rosto, Sally olhou-se no espelho e quase não se reconheceu.

Contudo, a transformação não parou por ali. Ficou em forma através de uma combinação de dietas extremas, comprimidos e calistenia. Comprou roupas novas para combinar com o seu novo corpo. Acabaram-se as malhas de lã grossa e as camisolas enfadonhas que a faziam parecer ter o dobro da idade. Agora, Sally só usa as roupas mais caras das tendências mais recentes. Neste momento,

veste um fato de lã *bouclé* cor de marfim com botões de madrepérola e uma mala de mão a condizer. A empregada que lhe vendeu o conjunto garantiu que a fazia parecer mais jovem, mas Sally discorda. Acha que parece antes uma solteirona rica, o que está mais próximo da verdade do que ela gostaria de admitir.

Sally olha-se agora ao espelho e pondera se deve ou não mudar de roupa. As opções são infinitas. Como terá de improvisar quando chegar a Chicago, veio preparada para qualquer ocasião com duas malas, um baú e um estojo de maquilhagem.

Remexe numa das malas para retirar um cantil tão brilhante como um níquel polido. Depois, abre a tampa, atira-a para trás do recipiente e bebe um longo gole. Ao sentir o doce ardor do uísque a espalhar-se pelo seu peito, suspira de alívio.

Céus, estava mesmo a precisar disto.

Não só para ultrapassar o que quer que aconteça durante a viagem, mas também para a ajudar a lidar com o facto de estar a bordo deste comboio específico. Todas as recordações que tem do Phoenix estão manchadas pelo que aconteceu, e são muitas. Antes de embarcar, temeu que fossem voltar para a assombrar. Receou que dezenas de memórias a envolvessem como fantasmas e atormentassem a sua consciência até ela não aguentar mais.

Quando acabou por entrar no comboio – não sem antes reunir forças com a ajuda de uma bebida forte no bar da estação, claro –, Sal não sentiu… nada. Não foi assaltada por nenhuma recordação, nem boa nem má, e definitivamente não sentiu qualquer culpa. Tem esperança de que continue assim. E que não se venha a arrepender da viagem mais tarde.

Olhando para trás, Sally vê a sua vida como uma longa série de arrependimentos, começando pela noite em que entrou naquele bar, há doze anos. Era tão jovem na altura. Tão idiota. Era só uma mulher à procura de alguma coisa primitiva e proibida. E foi isso que encontrou, o que só a levou a arrepender-se ainda mais.

Lembra-se de olhar para as fotografias nessa noite, com vontade de chorar, de vomitar e de matar o homem nojento que lhas mostrava.

– Em troca de um favor, posso fazer com que tudo desapareça – disse ele.

Sally concordou, disse que faria qualquer coisa, e pediu-lhe, por favor, que acabasse com aquilo.

Mais uma coisa de que se arrepende, porque ele obrigou-a mesmo a ir até ao fim. Contudo, ainda assim, não fugiu ao que tinha prometido e fez com que Sally ganhasse um quantidade ridícula de dinheiro no processo.

E não há arrependimento maior do que esse.

Ela é rica, claro, mas à custa de tantas pessoas. À custa da morte de todos aqueles rapazes. À custa da destruição de uma família. Uma família que, se Sally se atrever a pensar nisso, a tratou melhor do que a sua.

Uma memória, repentina e inesperada, surpreende-a. Está na viagem inaugural do Phoenix, num quarto idêntico ao que tem agora. É bem possível que até seja o mesmo. Parecem todos iguais. Uma cama. Uma cadeira. Uma casa de banho. Cortinas nas janelas que podem ser abertas se forem puxadas para baixo. Há duas janelas no quarto, uma junto à cadeira giratória e a outra à cama. Recorda-se de apenas a janela junto à cadeira estar aberta, a deixar o ar primaveril entrar, refrescando-a a ela e à rapariga ao seu lado, enquanto passam por uma multidão amontoada ao longo dos carris.

Acena à multidão, Annie.

Sally engole a memória com mais um gole de uísque. Quando volta a encaixar o tampo do cantil repara no relógio. Quase oito.

Tem de estar no salão da primeira classe para, presume, descobrir quem raio a convidou para esta viagem.

Volta a guardar o cantil na mala e sai da sala. No corredor, cambaleia de um lado para o outro e, embora queira acreditar que é por causa do movimento do comboio, sabe perfeitamente que a instabilidade dos seus passos se deve aos goles de uísque e à bebida – ou melhor, *às bebidas* – que consumiu antes de embarcar. Ainda a balançar, promete a si mesma que vai beber menos quando chegar a Chicago. Mas como ainda não chegou, não vê mal nenhum em beber um último trago do cantil.

Um gole leva a outro, enquanto Sally atravessa o túnel em forma de acordeão que liga a sua carruagem à da frente. Depois de percorrer outro corredor apertado – e beber um último trago de uísque –, volta a guardar o cantil dentro da mala de mão e atravessa outro túnel, antes de entrar no salão da primeira classe.

Nesta carruagem estão dois homens que ela conheceu em tempos – e que não desejava nada voltar a ver.

– Oh, merda! – saúda ela.

Judd Dodge acena-lhe sarcasticamente com a cabeça.

– Também é bom voltar a ver-te, Sal.

Nesse momento, Sally percebe que tudo o que fez para tentar ser diferente foi um esforço em vão. Apesar dos trinta quilos que perdeu, de ter aprimorado o seu estilo e de ter passado de morena pacóvia a loira moderna, ainda existem pessoas que a vêem como ela realmente é.

Reles até ao tutano.

CINCO

Na Carruagem 13, Edith Gerhardt deixa o Quarto B, parando abruptamente no estreito corredor. Ali, mesmo em frente à sua porta, está uma grande janela escurecida pela paisagem nocturna que passa no exterior. E, nessa escuridão, depara-se com o seu reflexo sombrio.

De vestido cinzento sob um casaco cinzento. De chapéu cinzento sobre cabelo cinzento. Até a pele de Edith é acinzentada e, não fosse o seu batom cor-de-rosa, não havia nela qualquer resquício de cor.

Pareço um fantasma, pensa ela alarmada, e lembra-se, de repente, das histórias que a avó contava sobre a grande propriedade que pertencera à sua família muito antes de Edith ter nascido, e era assombrada por um espírito conhecido como «Grauer Geist».

Fantasma Cinzento.

A lenda da família contava que este fantasma aparecia para prenunciar uma desgraça iminente, o que só deixa Edith ainda mais perturbada com a sua aparência espectral. Será que está condenada ou vai servir apenas de mensageira? Suspeita que o seu destino terá um pouco das duas coisas, tendo em conta que todos os que amou já morreram. Ainda assim, ela continua a viver e, por isso, cumprimenta o seu reflexo fantasmagórico com um ligeiro aceno de cabeça, vendo-o a acenar-lhe de volta ao mesmo tempo.

Edith continua a caminhar até ao fim da carruagem, sentindo-se ligeiramente parva por ter interagido com o seu reflexo. Quase tão parva como se sente por estar neste comboio. Não devia estar aqui. Isto não trará nada de bom.

Quase deitou o convite ao lixo. Afinal de contas, não fazia ideia de quem o enviou e também não tinha vontade nenhuma de viajar, nem que fosse apenas por um ou dois dias. Nasceu em Bona, cresceu em Munique, enviuvou em Berlim e emigrou para os Estados Unidos em 1936. Para ela, já são viagens que chegue. Mas, quando viu a nota no verso do convite, Edith compreendeu que tinha de fazer esta viagem.

Quanto estarás disposta a pagar para manter o teu segredo?

Edith já tinha decidido que pagaria tanto quanto fosse necessário, apesar de

abominar gastar dinheiro. Cresceu pobre e assim continuou durante todo o seu casamento e bem depois de ter enviuvado, sobrevivendo à justa, até chegar à América. Agora, com sessenta e nove anos e mais rica do que alguma vez imaginou, Edith olha para o dinheiro como sendo algo precioso, que deve ser guardado. Vive frugalmente, gastando pouco e dando ainda menos. A sua maior despesa é o dízimo que dá à igreja. Dez por cento, como manda a Bíblia.

Desperdiçar dinheiro é, segundo ela, uma característica tipicamente americana e, apesar de viver nos Estados Unidos há quase vinte anos, continua a ser uma alemã de corpo e alma. A roupa que decidiu trazer vestida para a viagem é só mais um exemplo: vestido de lã cinzento, casaco e chapéu a condizer e sapatos simples. É a mesma que usa todos os domingos na igreja. *Se é adequada o suficiente para Deus, é adequada o suficiente para uma viagem de comboio,* pensa.

Em especial, uma viagem que ela teme que lhe vá custar demasiado.

Embora Edith não saiba quem está por detrás deste óbvio caso de chantagem, tem as suas suspeitas e, quanto à razão pela qual está a ser chantageada, bem, só pode ser uma de duas coisas. E ambas têm que ver com a sua vida na Alemanha.

Edith não deixou a sua terra natal por vontade própria. Ao contrário de muitos emigrantes alemães, não fugiu para escapar à ascensão de Hitler. Não. Ela partiu porque o marido morreu, tal como o resto da sua família. Obrigada a encarar a necessidade de construir uma nova vida sem eles, Edith achou que seria melhor fazê-lo noutro lugar. Nesse aspecto, ela era pragmática e sabia que Hitler queria demasiado, demasiado depressa. A sua ambição acabaria por levar a Alemanha à ruína, especialmente assim que os Estados Unidos se metessem ao barulho, e quando ela percebeu que a derrota do seu país era inevitável, mudou-se para cá.

É óbvio que Edith amava a Alemanha, mas amava ainda mais sobreviver.

E, de facto, sobreviveu. Prosperou até, não tendo demorado muito tempo a arranjar trabalho como governanta na casa de uma família rica de Filadélfia. Os patrões tratavam-na bem, mas com indiferença. Para eles, ela não passava de mais uma empregada. Uma de muitas. Já os seus filhos eram outra história. Eles adoravam-na e ela adorava-os de volta, enchendo-os de afecto e considerando-os, em muitos aspectos, os filhos que nunca tivera.

No entanto, Edith percebeu que esta relação não duraria muito. Nunca deixava que as emoções lhe toldassem o pensamento, principalmente quando a missão de Hitler de conquistar o mundo começou a desenrolar-se tal como ela previra. Sabia que chegaria uma altura em que se veria obrigada a escolher entre a sua nova casa e a antiga.

O momento de escolher um lado acabou por chegar em 1942.

Edith fez a sua escolha e agora é rica por causa disso.

Porém, não é isto que vai impedir o *Grauer Geist* de a visitar a qualquer momento. Se a tradição familiar lhe diz alguma coisa, é que a sua aparição é inevitável. Por esse motivo, Edith não pára de olhar de relance para as janelas enquanto caminha pelo comboio. Contente por ver que é o seu reflexo fantasmagórico que a acompanha e não outro espectro mais perigoso, entra no salão da primeira classe.

Lá, encontra mais três pessoas. Dois homens. Um com um fato verde gritante, adequado para alguém com metade da sua idade e do seu peso, e o outro com um fato preto mais apropriado. E uma mulher vestida em tons de marfim. Apesar dos estilos serem muito diferentes, Edith presume que já se conhecem, tendo em conta que estão todos juntos a sussurrar ao lado do piano, alheados à sua presença.

– Edith Gerhardt – anuncia ela com um forte sotaque alemão que nem todos os anos a viver na América conseguiram eliminar. – Chamaram-me aqui.

Param os três de sussurrar e olham-na. Para surpresa de Edith, reconhece-os a todos. Assim como eles a reconhecem a ela de imediato. E se Judd Dodge, Herb Pulaski e Sally Lawrence não estão nada contentes por vê-la, o desagrado de Edith é ainda maior.

Porque ali, mesmo à frente dela, está outro fantasma.

Mas não é o *Grauer Geist* que apareceu para a assombrar.

É o seu passado.

SEIS

O tenente-coronel Jack Lapsford sempre se certificou de que as coisas ficam feitas.

É essa a sua especialidade.

Sendo um militar de corpo e alma, chegou ao posto em que está porque exigiu respostas, tomou decisões difíceis e obteve resultados. Agora, com setenta e dois anos e reformado, dirige-se para a salão da primeira classe pronto para acabar com… o que quer que isto seja.

Enquanto caminha, pensa nas perguntas que tenciona fazer a quem o chamou ali. A primeira está relacionada não só com este comboio, mas com todos. Porque é que os corredores são tão estreitos? Lapsford não é, de forma alguma, um homem pequeno, mas também é certo que não é o maior. Vira pessoas bem grandes no seu tempo, o que o faz questionar-se como é que esses gajos andam de comboio. Porque ele está a passar um mau bocado, avançando devagar e com os dois ombros a roçar em ambos os lados do corredor. Se surgir alguém na direcção oposta, não terá como os deixar passar.

Não que Lapsford tenha visto outro passageiro desde que embarcou. E essa é a sua segunda pergunta: onde está toda a gente? Fica inquieto ao perceber que a única pessoa que viu foi até agora foi o revisor. Os comboios normais – que fazem viagens normais – estão cheios de passageiros, bagageiros e empregados de mesa. Já este comboio, aparentemente, não tem ninguém.

Minutos depois de partir de Filadélfia, foi à carruagem-restaurante com esperança de conseguir, pelo menos, uma refeição decente durante a viagem. Não teve essa sorte. Cada uma das nove mesas, uma para cada quarto de primeira classe, estavam postas para o jantar, sem ninguém à mesa. Também não viu empregados de mesa a trabalhar na carruagem e, ao regressar ao seu quarto, reparou que o mesmo se passava no salão. Os sofás vazios. O bar vazio. A carruagem vazia.

Ainda que Lapsford não queira esbarrar com alguém nos corredores apertados do comboio, ficaria, pelo menos, um pouco mais tranquilo se isso acontecesse. Neste momento, sente que é a única pessoa a bordo. Uma ideia disparatada, é claro, mas que não o larga.

Logo a seguir a este pensamento, Lapsford tem uma terceira pergunta: *Porque é que estou aqui?*

Tecnicamente, ele sabe porquê. Alguém descobriu algo que não devia e, agora, tem de mitigar os danos, nem que para isso tenha de recorrer a ajuda monetária. Pelo menos, é assim que interpreta a nota deixada no verso do convite.

Qual é a sensação de ter sangue nas mãos?

O que não pára de o atormentar é a logística que envolve a situação toda. Quem é que, exactamente, obteve esta informação que não devia? Como é que a descobriram? O que querem dele, além de dinheiro?

A única questão que não tem é quanto ao motivo.

Isto é acerca do que aconteceu há doze anos.

Disso, não tem quaisquer dúvidas.

Na altura, Lapsford estava ainda em Washington e fazia parte de um grupo responsável pela logística militar. Certificava-se de que as tropas e o equipamento estavam no local certo, à hora certa e, para isso, o Exército precisava de comboios. Grandes. Poderosos. Foi assim que Lapsford deu por si a jantar um bife e a beber uísque com um homem com ligações a um caminho-de-ferro inteiro.

O problema é que esse homem não estava a fazer *lobby* para conseguir um importante contrato militar. Ele queria que Lapsford desse antes esse contrato a outra pessoa. Pelas razões mais nefastas.

– O que está a sugerir é sabotagem – ripostou na altura Lapsford, agitado e com o rosto vermelho. – O que o faz pensar que eu alinharia num esquema desses?

– Só lhe peço que me ouça – pediu o homem. – Olhe o que aconteceu depois de Pearl Harbor. Até que enfim a América acordou. E pode ter a certeza de que chamou a atenção do presidente. O financiamento da guerra disparou em flecha. Milhares de homens alistaram-se. Mas já lá vão seis meses, e ainda andamos aqui a jogar à apanhada com o Hitler, apesar de estarmos no auge do conflito. Sabe melhor do que ninguém que a única maneira de fazer com que as forças armadas fiquem à altura do desafio é dar ao país mais uma razão para apoiarem o Tio Sam.

Lapsford sabia que o homem tinha razão. O facto de Roosevelt ter demorado a entrar no conflito custou-lhes muito caro e a América deveria ter-se preparado para a guerra meses antes de se juntar. Agora, precisavam de mais homens, mais recursos, mais tudo. Embora uma versão em pequena escala do que acontecera

em Pearl Harbor pudesse ser o pontapé no rabo de que o país precisava, havia que considerar as consequências.

– Mas isso vai levar homens à morte – argumentou ele. – Homens inocentes.

– Possivelmente, iam morrer de qualquer forma.

Apesar da resposta cruel, Lapsford apreciou a franqueza do homem. De facto, era esse o resultado mais provável. A guerra não passava disso mesmo, de atirar homens inocentes e descartáveis para o moedor de carne que é o campo de batalha. O segredo para chegar à vitória é perder menos homens que o inimigo.

– Mas esses homens são precisos noutro sítio.

– Se graças a eles a América ficar finalmente preparada a sério para a guerra, então o seu sacrifício não será em vão.

– E você ainda consegue destruir a concorrência como bónus – completou Lapsford.

O seu companheiro de refeição recostou-se na cadeira, com um copo de *Macallan* numa mão e um charuto *Davidoff* na outra.

– Não é por isso que o faço. Mas, já que tocou no assunto, é verdade que, se correr tudo como planeado, colherei os frutos financeiros. Tal como você. E, pelo que ouvi dizer, Jack, não seria a primeira vez.

Naquele momento, Lapsford soube de imediato que não tinha propriamente escolha na proposta que lhe fora apresentada. Assim, certificou-se de que o serviço ficava feito, porque era nisso que ele era bom. E não está arrependido. Quem se arrepende são os fracos. Quem é forte nunca olha para trás. Só para a frente.

E é isso que Lapsford faz ao entrar no salão. De olhos postos na porta, o peito tão inchado que quase lhe rebenta a camisa e, por baixo do tecido, o coração a palpitar com antecipação. Porém, assim que entra e vê as outras quatro pessoas que se encontram na divisão, sente o peito a afundar-se e o coração a parar por instantes.

Ele reconhece estas pessoas.

E não está nada contente por vê-las.

– Que diabo estão a fazer aqui? – pergunta aos dois homens e às duas mulheres, que claramente não têm resposta.

– Isso perguntamos-lhe nós a si – responde a mulher mais nova.

Lapsford não se lembra do nome dela. Viram-se apenas por breves instantes, a caminho de prestar os testemunhos que arruinaram a reputação de um homem já condenado.

– Então, não foi um de vocês que aprontou isto tudo?

– Não – responde o mais alto dos dois homens.

Desta vez, Lapsford consegue associar um nome ao rosto que vê. Dodge.

Judd Dodge.

– Então porque é que estamos todos aqui? – pergunta Lapsford, acrescentando a maior questão de todas: – Quem é o responsável por isto?

SETE

Ao contrário dos que se encontram no salão, Dante Wentworth não tem dúvidas de quem está por detrás da viagem.

O que é irónico, tendo em conta que nem sequer devia estar no comboio.

O convite foi endereçado ao seu pai, Kenneth Wentworth, juntamente com uma mensagem escrita à mão no verso, tão vaga quanto ameaçadora.

Tu e eu temos assuntos pendentes.

Foi essa nota que despertou o interesse de Dante quando encontrou o convite na secretária do pai. Ainda conseguia reconhecer a caligrafia, passados doze anos. Aquelas curvas elegantes e precisas eram impossíveis de esquecer e, ao vê-las outra vez depois deste tempo todo, sentiu-se na obrigação de guardar o convite e comparecer no lugar do pai.

Não é a primeira vez que aparece sem ser convidado. Na realidade, é um pequeno hábito seu. Um hábito com o qual se consegue safar sem consequências. É jovem, bonito, charmoso e rico – quatro características que lhe permitem fazer quase tudo o que quiser.

Neste caso, também não é nada mau que o pai dele seja dono do Philadelphia Phoenix. Não desde o início, atenção. Há doze anos, o Phoenix, e a empresa que o construiu, pertencia a Arthur Matheson. Porém, agora, é propriedade do pai, e Dante desconfia que ele podia conduzir este comboio até Chicago, se quisesse, pois é algo que faz o tempo todo. Sem conseguir resistir a divertir-se com os seus brinquedos, o pai gosta de saltar para a frente da locomotiva sempre que viaja no Phoenix e assumir o controlo, guiando-o até à estação.

Dante não tem intenções de fazer o mesmo. Ao contrário do pai, não tem qualquer interesse em comboios, nem nas linhas de caminhos-de-ferro que enriqueceram a sua família. Aos trinta anos, ainda é jovem que chegue para ver o que se avizinha no futuro, e de certeza que não vão ser os malditos dos comboios. Dante sabe que, em breve, ficarão obsoletos e serão substituídos por carros velozes, motores a jacto ou outra tecnologia nova qualquer que toda a gente, excepto o pai, esteja a desenvolver.

Contudo, por enquanto, o Phoenix ainda continua a deslizar em cima dos

carris, e ele é uma das poucas pessoas a bordo. Pelas suas contas, há pelo menos mais cinco passageiros no comboio, sem contar com o revisor de aspecto duvidoso que viu amuado mais cedo nesse dia. Nos últimos trinta minutos, ouviu alguém a sair dos outros dois quartos da sua carruagem e escutou os passos de outras três pessoas a passar pelo corredor em direcção ao salão da primeira classe.

Antes de se dirigir para lá, Dante examina o convite que foi enviado há precisamente duas semanas. Embora fosse endereçado ao pai, a mensagem no verso também se pode estender a ele. É mais do que certo que ele e a sua anfitriã têm assuntos pendentes. E Dante está ansioso para ver como as coisas se vão desenrolar.

Veste o casaco e ajeita a gravata e o lenço de bolso no espelho da casa de banho, antes de sair do quarto. Enquanto se dirige para a carruagem, ensaia a forma como vai cumprimentar a sua anfitriã depois de estarem há tanto tempo sem se ver.

É bom ver-te, Anna.

Não, pensa Dante. *Demasiado fraco.*

É um prazer voltar a ver-te, Anna.

Dante abana a cabeça. Demasiado formal.

Tive saudades tuas, Annie.

Já isto é capaz de funcionar. Tudo vai depender da maneira como diz a frase. Demasiada ênfase, e parecerá desesperado. Pouca ênfase, e poderá parecer que está a ser pouco sincero, quando não há dúvidas de que está a dizer a verdade.

Independentemente da maneira como o diga, Dante pressente que nada disso vai importar com o choque que a sua presença ali lhe causará. Afinal de contas, Anna está à espera do pai. Dante tem esperança de que ela acabe por perdoá-lo.

Quando entra, por fim, de rompante na salão da primeira classe, Dante espera que todas as cabeças se virem na sua direcção. É o que acontece, por norma, e se deve, em parte, à sua reputação enquanto solteiro mais cobiçado de Filadélfia. O arrojado Dante Wentworth, herdeiro da fortuna dos caminhos-de-ferro. O outro motivo para fazer as cabeças virar tem que ver com o facto de ser incrivelmente bem parecido, o que leva com frequência a que as mulheres o apreciem e os homens o invejem.

Porém, nem sempre foi assim. Em criança, Dante era desengonçado e desajeitado, com um queixo demasiado pontiagudo para o seu rosto de querubim e olhos demasiado grandes e largos. Acabou por ficar com a aparência que tem agora, quando a puberdade corrigiu todos esses defeitos. O resto do seu corpo ficou uniforme, acompanhando-lhe os membros demasiado compridos, e o seu rosto perdeu a gordura de criança, revelando um maxilar quadrado perfeito.

Quanto aos olhos, tornaram-se piscinas de safira tão cativantes que a mãe sentiu necessidade de o avisar:

– Vais partir uma centena de corações, Dante. Tem cuidado como os tratas.

E tinha razão. Desde essa altura, Dante partiu muitos corações. E teve cuidado com todos, excepto um.

Em vez de pararem tudo o que estão a fazer quando ele entra, as outras cinco pessoas estão demasiado ocupadas a falar em voz baixa umas com as outras para se aperceberem de que ele chegou. Dante aproveita o raro momento de anonimato para os observar, ficando surpreendido por reconhecê-los a todos. Judd Dodge, Herb Pulaski, Sally Lawrence e a sombria Edith Gerhardt. E, claro, o seu estimado tenente-coronel Jack Lapsford, que é tão fanfarrão como o pai. Dante fica entusiasmado ao vê-los assim todos juntos. É óbvio que Anna tem alguma na manga.

– É o que vos digo, isto não é nenhuma coincidência – diz Judd Dodge, sibilando a palavra.

Lapsford bufa.

– Com que então sabes *mesmo* porque estamos aqui.

– Eu sei porquê – informa Dante.

E assim consegue, por fim, ter a atenção deles. Quando os olhos se viram para o encarar, Dante acena satisfeito com a cabeça. *Agora sim*, está no seu ambiente.

Os outros reconhecem-no também, é claro, e a maior parte deles parece surpreendida por vê-lo ali. Ao que parece, também estavam à espera do pai.

– Dante Wentworth – cumprimenta Sally Lawrence. – É o seu pai quem está por detrás disto?

– Lamento informar, mas não.

Dante retoma o seu passo pela carruagem adentro, passando pelos outros até chegar ao piano. Depois, senta-se e começa a tocar distraidamente nas teclas de marfim.

– Mas eu sei quem *está*.

Jack Lapsford avança na sua direcção com impaciência.

– Então o que se passa? Se sabe quem nos trouxe aqui, diga.

– Isto é obra – responde Dante enquanto toca uma fanfarra no piano – de alguém que nenhum de nós, muito menos eu, pensou que fosse voltar a ver.

Dante deixa de fora a parte em que, excepto ele, mais ninguém vai gostar de voltar a ver Anna Matheson. Tem a certeza de que este reencontro não vai ser agradável.

20H00

DOZE HORAS ATÉ CHICAGO

OITO

Anna aguarda no seu quarto, olhando para o relógio, com os músculos do corpo contraídos da antecipação e do medo. Diz a si mesma, pela milésima vez, que está a fazer a coisa certa, que vai correr tudo bem, que daqui a doze horas tudo isto vai valer a pena. Mas depois, a negativa e irritante outra parte do seu cérebro diz-lhe, também pela milésima vez, que não, não está a fazer a coisa certa, não, não vai correr tudo bem e não há garantias nenhumas de que a justiça esteja à espera dela no fim da linha.

Contudo, quando Seamus lhe bate à porta, Anna deixa de conseguir pensar seja no que for e o instinto apodera-se dela.

– Está na hora – informa ele, depois de Anna abrir a porta.

– Já esvaziaram o comboio?

Anna sabia que nenhum dos convidados embarcaria de livre vontade num comboio vazio, por isso, pagou aos membros da tripulação para agirem normalmente até um minuto antes de o comboio partir. Quanto aos passageiros, eram amigos e familiares da tripulação, aos quais Anna fez questão de pagar também.

– Já – confirma Seamus. – Fui inspeccionar com os meus próprios olhos o comboio de cima a baixo. A bordo, só estamos tu, eu e as seis pessoas no salão.

Anna passa as mãos pelo vestido para o endireitar e, depois, faz o mesmo ao cabelo. Quando pega na pasta que está pousada na cadeira junto à janela, pergunta:

– E o percalço?

– Já vais descobrir.

As luzes no interior do comboio voltam a piscar quando saem do quarto. Entrando num corredor que alterna entre escuro e iluminado, Anna aproveita cada milésimo de segundo em que a luz se apaga para examinar a neve que cai lá fora, lentamente, mas sem parar.

– Vai correr tudo bem – assegura Seamus.

Quando as luzes não se voltam a desligar, ele acrescenta:

– Vês?

O salão da primeira classe fica na carruagem imediatamente a seguir à deles.

Estão tão próximos que Anna consegue ouvir vozes a murmurar e, estranhamente, alguém a tocar piano. Saber que os seis estão lá dentro, a poucos metros de distância, deixa-a, de repente, enjoada. Quando o comboio balança, ela perde o equilíbrio e quase desfalece.

– Estás bem? – pergunta Seamus, tirando-lhe a pasta das mãos.

Anna abana a cabeça.

– Nem um bocadinho.

Mas tem de fazer isto. Não pode deixar que os nervos levem a melhor. Não agora. Não depois de todos os planos que fez e do dinheiro que gastou. Ainda à porta do salão, Anna faz uma pausa e fecha os olhos. Ainda não está preparada para ver os outros através da janela circular da porta.

Na escuridão dos seus olhos fechados, só pensa no pai, na mãe e em Tommy. Até a tia Retta lhe passa pela cabeça. Era a única irmã do pai, e amou-o tanto que o destino dele a enlouquecera.

Agora, já nenhum deles existe.

Tudo por causa das seis pessoas que estão do outro lado daquela porta. Anna inspira, expira e, depois, abre os olhos. Através da janela, vê cinco dos seis convidados. Três estão de costas para ela, os outros dois de perfil e o sexto esconde-se atrás deles, sentado ao piano a tocar uma música inapropriadamente alegre.

Já se questionou muitas vezes sobre o que sentiria quando voltasse a vê-los. Passou longas noites sem dormir, com todas as possibilidades, desde a mágoa ao ódio e à raiva, a atormentarem-lhe os pensamentos. Mas nada do que imaginou chega sequer perto da realidade ao, por fim, ver as pessoas que destruíram a sua vida.

O bater oco do coração no peito surpreende-a. Tal como o calor que lhe corre pelas veias. Um calor ardente mais escaldante do que qualquer febre que alguma vez tivera. Porém, o que a choca mais são as recordações que surgem de repente, e o facto de muitas não serem desagradáveis. Ela conhece estas pessoas, algumas melhor do que outras. Umas são praticamente desconhecidas, tendo-as encontrado apenas uma ou duas vezes. Já outras, quase família. Depois de tantos anos de ressentimento, Anna assumiu que qualquer vestígio de afecto tivesse desaparecido há muito. Contudo, uma pequena parte parece ter sobrevivido e emerge agora à superfície, borbulhando com a raiva e a mágoa.

Quando vê Edith Gerhardt, por exemplo, só consegue pensar em como ela lhe costumava chamar *Schatzi* quando era mais nova.

O pequeno tesouro dela.

Era assim que lhe chamava quando a acordava de manhã e, à noite, a beijava na testa depois de a deitar para dormir. Edith alimentou-a, cuidou dela, pôs-lhe

pensos quando esfolou os joelhos. Uma vez, ameaçou partir o braço a Matty Bernard, um miúdo que implicava com ela na escola. Anna consegue reconhecer agora que Edith já dava sinais na altura de que escondia algo sinistro dentro dela, apesar da sua aparência de avozinha.

Já em Sally Lawrence, que para Anna será sempre Sal, não havia essa escuridão. Nem sequer um resquício. Desde o momento em que se tornou secretária do pai, aos dezoito anos, Sal era perfeita aos olhos de Anna. Quando era miúda, adorava ir visitar o pai ao escritório, porque assim podia passar tempo com ela e, quando ficou mais velha e começou o caminho precário na corda bamba que separa a infância da adolescência, Anna via Sal como uma irmã mais velha, confidenciando-lhe coisas que nunca contaria à mãe. Coisas sobre rapazes, puberdade, sutiãs.

Para a jovem Anna, Sal era tudo o que a mãe não conseguia ser. Independente, opinativa e, ao que parecia, sem pressa nenhuma para assentar ou para se contentar com menos do que merecia. Embora Anna adorasse a mãe, Sal mostrou-lhe que a vida era mais do que vestidos, *glamour* ou como ser uma anfitriã perfeita. Se o comportamento de Sal deu algum sinal de que ela pudesse não ser a melhor pessoa, passou-lhe completamente ao lado.

Anna acredita que é por isso que as traições de Sal e Edith são as que doem mais. Amara em tempos estas duas mulheres, o que só torna o seu ódio por elas ainda mais intenso.

Mas não há que enganar, Anna odeia toda a gente naquela sala, mesmo aqueles que não conhece bem ou que encontrou apenas de passagem. A sua relação com Judd Dodge e Herb Pulaski, por exemplo, limita-se às festas de Natal que o pai organizava para os empregados todos os anos. Céus, como ele adorava aquelas festas. Anna também gostava, porque assim podia ver os pais brilhar. O pai passava semanas a planeá-las e não descansava até entrarem todos no espírito natalício. Deitava álcool às escondidas na taça do ponche, pendurava azevinho e contratava uma banda para tocar versões animadas das canções de Natal.

Todos os anos, a mãe de Anna comprava um vestido novo para a ocasião. Algo acetinado e cintilante que reflectia a luz sempre que ela se levantava para dançar, o que era uma ocorrência inevitável. Anna ficava a olhá-la, em êxtase, enquanto ela punha batom, corava as faces e punha perfume no pescoço e nos pulsos. Depois de presentear Anna com uma borrifadela, levava-a a ela e ao irmão para a festa. Uma das melhores memórias que Anna guarda é a de Edith a deitá-la na cama, enquanto a festa continuava no andar de baixo. Aconchegada debaixo dos cobertores, adormecia ao som da música *swing* e do tilintar dos copos de champanhe, com o cheiro do *Chanel N.º 5* ainda no pulso.

Anna conheceu Judd Dodge numa dessas festas. Ele disse-lhe que era um mágico amador enquanto fez aparecer, de repente, uma bengala doce na sua mão direita, até então vazia. Completamente deslumbrada, Anna aceitou o doce boquiaberta e, a partir desse dia, Judd fazia questão de a tratar por «Bengala Doce» sempre que se viam. Anna pedia sempre para ver outro truque, mesmo depois de já ser demasiado crescida para ligar a essas coisas, e Judd mostrava-lho sempre. No seu último truque, na derradeira festa de Natal, transformou um ramo de azevinho numa rosa florida, que depois ofereceu a Anna com uma vénia cavalheiresca.

Herb Pulaski tornou-se também inesquecível para ela, mas por motivos péssimos. Anna sentia sempre um arrepio de apreensão quando ele entrava na festa. Uma sensação provocada pela forma como ele observava o ambiente à sua volta, com uma inveja tão palpável que roçava o nojo.

Naquela festa (que seria a última, mas ninguém sabia), Herb encostou Anna a um canto, com o hálito quente e a tresandar a uísque.

– Não fazes ideia da sorte que tens – disse-lhe ele. – Não fazes mesmo. Bela casa. Belas roupas. Mas tudo graças ao dinheiro do papá, senão não tinhas nada. Tal como eu.

Foi Tommy quem acabou por socorrê-la, levando Herb para longe dela com tacto.

O tenente-coronel Jack Lapsford é o convidado que Anna conhece menos, tendo-o visto apenas uma vez quando ele veio jantar com o pai, para discutir a importância dos caminhos-de-ferro na guerra. Anna achou-o arrogante, presunçoso e terrivelmente aborrecido, o que é irónico, tendo em conta que foi esse jantar que abriu caminho para tudo o que sucedeu.

Por outro lado, talvez não tenha sido. Anna suspeita que, mesmo se esse jantar nunca tivesse acontecido, a destruição da sua família seria inevitável.

Kenneth Wentworth ter-se-ia encarregado disso.

Afinal de contas, foi o principal concorrente do pai o homem que esteve por detrás de tudo o que aconteceu. Aquele que planeou tudo e puxou todos os cordelinhos. É por isso que, de todas as pessoas envolvidas, é ele quem Anna odeia mais. E é por isso que está aliviada por Kenneth Wentworth ainda estar sentado ao piano, escondido atrás dos outros e ser a única pessoa que ainda não consegue ver. Tem receio do que poderá fazer quando lhe puser a vista em cima.

O grupo dos cinco convidados começa a dispersar-se. Sal dirige-se para uma das cadeiras de pelúcia junto ao bar. Está surpreendentemente diferente em comparação com a memória que Anna tinha dela. A autenticidade sem adornos que ela admirava em miúda foi substituída por uma elegância fria. De vestido elegante e cabelo louro apanhado, não parece estar confortável nem com um,

nem com outro. É como se usasse um disfarce.

Já Edith continua igual. Ao vê-la caminhar para o lado oposto da carruagem, Anna é assaltada por uma recordação de infância. Estava a fazer compras na *Gimbels* quando se perdera no meio da multidão das festividades, o que a deixou alguns minutos em pânico. Mas, depois, ouviu chamarem-na pelo nome e virou-se, encontrando Edith do outro lado da loja na zona de atendimento e lembra-se de sorrir abertamente por saber que já não estava perdida.

Anna sacode a memória, concentrando-se nos três homens de costas para a porta, Lapsford, Pulaski e Dodge, que se afastam, revelando finalmente o homem sentado ao piano.

Anna fica paralisada com o que vê e, no silêncio, solta um arquejo sufocado.

No lugar de Kenneth Wentworth, está o seu filho.

Dante.

Anna odeia os outros, mas, pelo menos, estava preparada para os enfrentar. Com Dante a história é diferente. Nunca julgou que voltaria a vê-lo, nem tinha qualquer desejo disso. Porém, aqui está ele, e a sua presença inesperada é mais do que um percalço, como Seamus lhe quis chamar. Isto é um maldito desastre.

– O que está ele a fazer aqui? – sibila Anna.

– Ia perguntar-te a mesma coisa – responde Seamus. – Pensei que o tinhas convidado.

Anna detecta-lhe na voz vestígios de desconfiança, como se suspeitasse que ela se desviou do plano deles. Porém, detecta também outras notas, incluindo raiva, pois Seamus sabe o aconteceu entre ela e Dante Wentworth, e um resquício de outra coisa. Pode não ter a certeza, mas parece-lhe que ele está com ciúmes. Sem razão. Seamus não tem por que ter ciúmes de Dante, por muitos motivos.

– Convidei o pai dele – esclarece ela. – Onde é que ele está?

– Sei lá – responde Seamus. – Só sei que não está neste comboio.

Anna pragueja baixinho. Isto é um desenvolvimento terrível. Todo o plano depende de Kenneth Wentworth, não do filho dele por quem Anna guarda outro tipo de desprezo. Os crimes de Dante não foram nem de perto nem de longe tão hediondos como os do pai e restantes convidados. Na verdade, ele não cometeu crime nenhum, a não ser que partir o coração de uma rapariga seja crime, como Anna certamente acha que é.

Tal como aconteceu com os outros, ver Dante outra vez desencadeia uma enxurrada de memórias, que Anna não tem qualquer desejo em remoer. Para que não seja dominada pelo passado, força-se a entrar em acção, abrindo a porta e entrando no salão.

Dante é o primeiro a reparar nela, parando de tocar o piano com um estrondo

de notas discordantes. A carruagem é banhada pelo silêncio quando os outros a encaram, surpreendidos ou confusos, ou ambas as coisas. Anna observa-os através de olhos semicerrados, com um olhar frio, calmo e penetrante. Porém, por dentro, aquilo que sente é muito diferente. O coração dispara-lhe no peito, tem o estômago apertado e o cérebro vocifera com pensamentos violentos.

Céus, como ela odeia esta gente.

Odeia-os com o calor ardente de mil sóis.

Tê-los à sua frente outra vez faz com que se veja dominada pela vontade de os matar de cem formas diferentes e todas igualmente cruéis. Dar-lhes um tiro na cabeça. Apunhalá-los nos seus corações de gelo. Arrancar-lhes um membro de cada vez. Os pensamentos são tão maus, tão ferozmente violentos, que quase sai da carruagem a correr com medo de pôr algum deles em prática.

E isso seria o pior que poderia fazer.

Por isso, Anna obriga os pensamentos violentos a sair da sua mente, endireita o corpo e endurece o coração. Mas, quando abre a boca para falar, não sai nada. Não antecipou isto e achava que vinha preparada para tudo. Ainda assim, aqui está ela, sem palavras, atónita por alguma vez ter considerado que conseguiria falar.

O que há para dizer às pessoas que lhe tiraram tudo? Como conseguirá através de palavras transmitir, nem que seja um pouco, quão profunda é a sua dor, o seu pesar, a sua raiva animalesca? Certamente não será com este discurso, ensaiado tantas vezes que é capaz de o recitar a dormir. Frente aos seus inimigos, o discurso que achou tão vigoroso, parece-lhe agora fraquito e insignificante.

Mas Anna força as palavras a sair na mesma. Tem de dizer *alguma coisa.*

– Eu sei que sabem quem sou. Tal como sabem porque vos reuni aqui. E se ainda não descobriram, não vai faltar muito tempo.

Faz a pausa que ensaiou, medindo o tempo na sua cabeça. Enquanto o faz, algo se infiltra nos seus pensamentos. Uma memória que não ensaiou, inesperada e indesejada.

A noite em que Anna foi viver com a tia Retta para a sua mansão no norte de Nova Iorque. Ela não conhecia bem a única parente viva que lhe restava. Quando era miúda, a irmã mais velha do pai visitava-a com tão pouca frequência que, na cabeça dela, era mais um mito do que uma pessoa a sério. De longe a longe, passava lá em casa como um vento gelado, não se demorando mais do que uma hora antes de voltar a desaparecer.

Tudo o que Anna sabia sobre a sua tia Henrietta – ou Retta para abreviar – era que ela casara com um magnata do ferro muito mais velho do que ela aos dezoito anos, enviuvara aos dezanove e herdara os milhões do marido aos vinte. Nunca teve filhos e não queria saber dos sobrinhos para nada. O pouco amor que

guardava no seu coração estava reservado para o pai de Anna. Não havia espaço para mais ninguém e, quando ele morreu, esse coração ficou de tal forma coberto de espinhos que quase pareciam arame farpado.

Demasiado velha para ser acarinhada na sua tristeza e demasiado nova para conseguir lidar com tudo com o estoicismo e a maturidade que se espera dos adultos, Anna tinha dezasseis anos quando foi viver com a tia Retta. De pé em frente da tia que mal conhecia, sozinha e de rastos, esperou inutilmente que a mulher de cabelos grisalhos, de rosto abatido e olhos vermelhos, dissesse alguma coisa, qualquer coisa, que a fizesse sentir melhor. Mas, em vez disso, ouviu apenas:

– Quem me dera que pudesses ficar com outra pessoa.

Uma afirmação tão cruel, que seria capaz de cortar a respiração a Anna, caso ela não sentisse o mesmo. Preferia ficar com qualquer outra pessoa que não fosse a tia viúva. Porém, o irmão morrera. Tal como o seu pai e, no dia anterior, a mãe.

– Mas como isso não é possível – continuou a tia –, agora és o fardo que tenho de carregar.

– Desculpe – disse Anna.

Foi então que a tia Retta a bofeteou com tanta precisão e de forma tão inesperada que, por momentos, achou que tinha sido mordida por uma cobra.

Atónita, Anna limitou-se a ficar parada, perplexa não só com dor da bofetada, mas também com sua absurdez. *Isto aconteceu mesmo?* pensou ela. *Ou será só um pesadelo?*

Por segundos, desejou que fosse mesmo só um pesadelo porque assim, quando acabasse, acordaria na sua antiga cama, no seu antigo quarto, na sua antiga casa, com a mãe e o pai à espera dela à mesa do pequeno-almoço, juntamente com Tommy, que estaria a comer rabanadas e gozaria com ela por ser uma dorminhoca. Porém, com a bochecha a latejar e a tia – que tinha literalmente acabado de a bofetear – ainda a olhar para ela sem dizer nada, Anna percebeu que aquilo era mesmo um pesadelo, mas do qual nunca, mas nunca iria acordar.

Sem saber como reagir, começou a chorar, embora fosse antes mais um uivo do que outra coisa. Agudo. Cheio de lágrimas. De rebentar os tímpanos. Cheio de raiva, desespero e completamente desconsolado. A tia Retta limitou-se a ficar a olhar para Anna sem a confortar, até a tempestade emocional passar a um choro comum.

– Já acabaste? – acabou por perguntar.

Anna não enxugou as lágrimas, deixando-as ficar molhadas, salgadas e quentes no rosto.

– Porque me bateu?

– Para avaliar que tipo de rapariga tenho à minha frente – respondeu a tia Retta. – E, ao que parece, é uma rapariga fraca.

Depois de responder, atravessou a sala de estar até chegar a uma enorme poltrona, na qual se sentou como uma rainha no seu trono.

– Já devias saber que o mundo em que vivemos é bruto e cruel, e cheio de pessoas brutas e cruéis – disse ela. – Aqueles que reagem como tu, com toda essa choraminguice e a implorar por piedade, estão condenados. A única maneira de sobreviveres é aceitares os golpes da vida sem te atreveres a vacilar. Se o conseguires, então aí o mundo saberá que és uma mulher que tem de ser levada a sério.

Nas semanas seguintes, a tia Retta testou várias vezes a resiliência de Anna, esbofeteando-a sem ela estar a contar. Acabada de sair da cama. Logo a seguir ao jantar. Enquanto as duas davam passeios, tensos de silêncio, pelos terrenos da propriedade.

Rapidamente, Anna aprendeu a não estremecer.

E assim que isso aconteceu, as bofetadas pararam. Apesar de nunca ter perguntado, Anna, no fundo, sabia porquê. Podia não ter conseguido o afecto da tia, mas tinha conquistado o seu respeito.

Acabou também por perceber que aquelas bofetadas, tão fortes que lhe deixavam a bochecha inchada durante dias, não eram cruéis. Foi a maneira que Retta arranjou de lhe ensinar uma lição valiosa.

Absorve a tua dor.

Controla o teu ódio.

Aguça a tua posição até ficar afiada como um punhal.

Pessoas que esperneiam e se enfurecem raramente conseguem alguma coisa. Agora, aqueles que controlam as suas emoções mesmo nas situações mais difíceis?

Obtêm resultados.

Assim, Anna afasta as memórias e volta a focar-se na tarefa que tem em mãos.

– Por esta altura, já se devem ter reconhecido uns aos outros – continua. – Talvez até tenham conversado durante tempo suficiente para suspeitarem que estão aqui sob falsos pretextos. E têm razão. O motivo pelo qual estão a fazer esta viagem é simples. Estou aqui para fazer justiça. Tenho provas irrefutáveis de que vocês os seis são responsáveis pela destruição da minha família.

Levanta-se um murmúrio indignado da plateia, abafado pelo ruído do comboio em movimento e pela buzinadela melancólica da locomotiva, ao aproximar de uma faixa de auto-estrada. A passagem de nível é sinalizada por um sinal metálico e vermelho que passa pelas janelas do salão. As luzes e o

barulho parecem a Anna uma espécie de alerta, avisando-a de que não tem como prever a reacção dos outros ao discurso que acabou de fazer. É possível que se enraiveçam. É possível que tentem bater-lhe. É possível até que tentem matá-la. Talvez até já no segundo ou dois que se segue. Pousa a mão ao lado do corpo, pronta para pegar na faca que tem escondida debaixo do vestido.

Depois de atravessarem a passagem de nível, Anna respira fundo e continua:

– No dia 17 de Junho de 1942, um comboio que transportava soldados partiu de Filadélfia a caminho de Fort Benning, na Geórgia. O comboio era todo, da locomotiva ao vagão, novo em folha. Foi fabricado pela empresa do meu pai especificamente para transportar soldados e provisões. Iam a bordo mais de duzentos soldados americanos para combater na guerra, incluindo o meu irmão, Thomas Adam Matheson.

Ao dizer o nome completo do irmão, Anna é assaltada por outra recordação. Ela e os pais estão na plataforma, abraçados a Tommy e a implorar-lhe silenciosamente para que não embarque, apesar de saberem que não adiantava. Ele alistou-se no dia em que fez dezoito anos, ansioso por estar do lado certo da história. Podiam chorar e suplicar o que quisessem que ele não mudaria de ideias.

– Porta-te bem, Annie – sussurrou ele ao ouvido de Anna, depois de a beijar na face. – Toma conta da mãe e do pai por mim.

Depois partiu, saltando para dentro do comboio que começava a sua marcha com um suspiro cheio de vapor. Antes de desaparecer no seu interior, Tommy ficou à porta para dizer adeus com a mão. Anna assume que a sua memória está distorcida pelo que aconteceu depois, mas não se consegue lembrar de outro momento em que o irmão lhe parecesse tão bonito, tão arrojado, tão *vivo.*

Nunca mais o voltou a ver.

Anna engole em seco e prepara-se para o que se segue, forçando-se a proferir as palavras que precisa de dizer:

– O que ninguém naquele comboio sabia era que o motor da locomotiva tinha sido fabricado para falhar. Foi mal construído de propósito com materiais fracos e de má qualidade. O ferro não conseguia aguentar com a força que era necessária para que um comboio cheio fosse capaz de fazer uma viagem de centenas de quilómetros. Resumindo, tratava-se de uma bomba. E nos arredores de Raleigh, na Carolina do Norte, explodiu.

Anna faz uma pausa, dominada pelas imagens do desastre que daí resultou. A terra carbonizada, o comboio descarrilado, os vagões abertos como latas de sardinha. As imagens da tragédia estiveram por todo o lado durante algum tempo, sendo impossível escapar-lhe e relembrando-a cruelmente do que perdeu.

– Trinta e sete homens morreram nessa explosão – informa ela. – Incluindo o

meu irmão. Tudo o que restou dele foi um pedaço de uniforme carbonizado. Os médicos legistas acham que lhe foi arrancado do corpo com o impacto da explosão.

Anna sente formar-se-lhe no fundo do peito um soluço. Pensar em Tommy ainda tem esse efeito sobre ela. Sempre. Era tão jovem, tão gentil, tão cativante. Mesmo quando eram pequenos e estavam na idade em que a maioria dos irmãos disputa a atenção dos pais, ele sempre fez com que se sentisse extraordinária.

No aniversário da Anna, Tommy oferecia-lhe sempre um ramo de flores de papel, mais elaborado a cada ano que passava. Quando tinha seis anos e partira um braço ao cair de uma árvore, Tommy usou uma braçadeira improvisada para que ela não se sentisse excluída. Levava-a ao cinema, ensinou-a a conduzir, deixava-a ficar sempre com a parte maior da sobremesa.

Ao crescer, Anna tentou retribuir-lhe o carinho à maneira dela, mas ficou sempre aquém. Tommy nunca pareceu importar-se, o que faz com que o seu último pedido só a deixe ainda mais devastada.

Toma conta da mãe e do pai por mim.

Anna prometeu-lhe que o faria. E falhou redondamente.

– Eu amava o meu irmão – continua ela. – Sinto a sua falta todos os dias. Ele tratava-me bem. Tal como tratou alguns de vocês.

Encara Sal e Edith directamente. Além de Anna, são as duas únicas pessoas na sala que conheciam Tommy bem, que o viram crescer e florescer. Foram elas que a confortaram durante o funeral dele, com os pais demasiado transtornados pela dor para cuidarem da sua, na altura, única filha. Lembra-se de estar de pé com Sal e Edith ao seu lado, em lágrimas, enquanto enterravam o caixão vazio. Olha agora para as mulheres e pergunta-se se elas também se lembram.

Se se recordam, não o demonstram. O olhar de Edith atravessa-a, fixado na porta atrás dela e, no seu rosto, tem uma expressão estóica. Sal limita-se olha para o chão.

– Logo após a tragédia, o meu pai foi acusado.

Anna toca instintivamente na locomotiva de prata que tem presa ao vestido. É uma das poucas coisas que lhe resta do pai e que ela guarda como um talismã. Não tem por hábito tocar-lhe, apenas quando precisa de ganhar forças.

– Todos sabem o que aconteceu depois.

Anna passa essa parte da história à frente para não ser relembrada. Não que fosse alguma vez esquecer o que aconteceu duas semanas depois de Tommy ter sido enterrado. Primeiro, as autoridades federais e militares foram a sua casa para interrogar o pai. No dia seguinte, foi a vez dos seus empregados. No dia depois *desse*, fizeram uma rusga à casa em busca de provas e saíram com uma braçada de documentos incriminatórios e com o pai em algemas.

Anna nunca esquecerá o aspecto arrasado dele nesse dia. Do seu cabelo despenteado, da sua barba grisalha por fazer no queixo, de o ver a enfiar os pés descalços no primeiro par de sapatos que lhe apareceu à frente. *Mocassins* pretos polidos, com o couro envernizado a brilhar ao sol na manhã em que o levaram. Também nunca esquecerá as suas últimas desesperadas palavras:

– Estou inocente, Annie. Nunca seria capaz de te magoar desta forma.

Os documentos apreendidos e o testemunho de outras pessoas pintaram Arthur Matheson como um simpatizante nazi que tentara ajudar o inimigo ao prejudicar a participação dos Estados Unidos na guerra. O pai de Anna acabou por ser alvo de dezenas de acusações federais, que iam de sabotagem a traição, e trinta e sete acusações de homicídio, incluindo o do próprio filho. Foi enviado para uma prisão federal sem direito a fiança, onde aguardou pelo dia do julgamento.

Que nunca chegou.

Porque foi esfaqueado por um recluso trinta e sete vezes no seu segundo dia.

Uma facada por cada pessoa que morreu na explosão.

Nem Edith, nem Sal foram ao funeral do pai. Ninguém foi. Apenas Anna, a mãe e a tia Retta estiveram presentes em frente a um caixão, ditosamente selado, enquanto um pastor contratado rezou as oração à pressa. Naquele momento, Anna consolou-se achando que aquele seria o pior momento da sua vida. Não havia forma de ficar pior do que isto.

Até que ficou.

A ausência de um julgamento não impediu que a reputação do pai ficasse completamente destruída, mesmo depois de ele morrer. Uma audiência no Senado certificou-se disso. Durante os procedimentos, transmitidos em todas as estações de rádio e explicados até à exaustão em todos os jornais, cinco testemunhas de renome testemunharam sob juramento como e o que levou Arthur Matheson a cometer sabotagem.

O tenente-coronel Jack Lapsford afirmou que o pai de Anna o abordara sobre a possibilidade de fabricar comboios destinados ao transporte exclusivo de soldados.

Judd Dodge descreveu as várias reuniões que teve com Arthur, nas quais lhe explicou que o projecto da locomotiva estava condenado ao fracasso.

Herb Pulaski jurou que Arthur lhe ordenara cortar o máximo possível nas despesas de construção da locomotiva.

Sally Lawrence apresentou documentos que descreviam em pormenor estas conversas, juntamente com dezenas de memorandos assinados pelo pai que as confirmavam.

Edith Gerhardt testemunhou como Arthur parecia muito interessado no

Terceiro Reich e até insinuou que só tinha sido contratada por ser alemã.

No final, não restou ninguém em toda a América, à excepção de Anna, da mãe e da tia, que acreditasse na inocência de Arthur Matheson. A empresa do pai, que agora valia migalhas, foi vendida ao seu principal concorrente, e a mãe refugiou-se no quarto para fugir à dor, com ajuda de álcool e comprimidos, deixando Anna completamente abandonada.

Depois de dois meses inteiros, a mãe acabou por sair do quarto e sugeriu que fizessem um piquenique. Um presente inesperado que a surpreendera. De carro, foram para uma colina fora da cidade com vista para o rio Delaware. Ali, na montanha acima do rio, Anna pôde regressar à infância, cambalear na relva e fazer tranças no cabelo com margaridas. A trança que fez à mãe, sentada no capô do carro a fumar um *Pall Mall* a seguir ao outro, ficou-lhe torta no cimo da cabeça.

– A minha menina – disse a mãe. – A minha menina linda. Vais perdoar-me um dia.

Depois, entrou no carro, ligou o motor e despenhou-se no rio.

Doze anos depois, no comboio que pertencera ao pai, Anna tem dificuldade em manter afastada essa memória em particular. Acredita que, se fechar os olhos, verá por detrás das pálpebras a mãe sentada calmamente ao volante, enquanto o carro a leva para a sua morte certa, e que, se não fosse o ruído branco do comboio, conseguiria ouvi-lo a despenhar-se no rio, ao fundo. Ainda assim, é capaz de escutar ao longe o som desse dia como se fosse o eco de um eco. Um som horrível de algo a cair com força na água e que ainda ouve, por vezes, nos seus pesadelos.

Quando alguém na sala acaba por dizer alguma coisa, Anna fica inesperadamente aliviada.

– O que temos nós que ver com isso?

É Dante quem fala, a única pessoa no comboio que não esteve envolvida e, por isso, que se consegue safar com uma pergunta dessas. Coloca-a com uma curiosidade sincera o suficiente para fazer com que Anna se questione acerca do que ele sabe de facto. E do papel que o pai dele desempenhou. Até ela sabia tão pouco.

Na altura, Anna nunca perdeu muito tempo a pensar na razão que levou Edith a demitir-se de repente, ou que levou Sal a desaparecer da vida dela, ou que levou os empregados do pai, outrora leais, a afastaram-se. Assumiu só que, como toda a gente, achavam que o pai tinha as mãos cheias de sangue. É comum as pessoas afastarem-se de alguém que sofreu uma grande perda, receando que o seu azar seja contagioso e não demore muito a perturbar-lhes as vidas pacatas.

Anna não se importou que tivessem testemunhado contra o pai, continuando

a dar-lhes o benefício da dúvida e achando que se enganaram, que se equivocaram ou que estavam simplesmente confusos sobre o que aconteceu de facto. Nunca pensou que se tinham juntado para destruir o pai, tudo aquilo que ele construiu e as pessoas que ela amava.

Só há um ano, quando a tia Retta estava no seu leito de morte, é que descobriu tudo. Nessa altura, enquanto o corpo da tia era corroído por dentro pelo cancro, Anna ficava sentada à cabeceira da cama dela, como era o seu dever, durante todo o dia e pela noite adentro, apesar de a tia estar a dormir a maior parte do tempo, graças à morfina.

Contudo, no dia em que morreu, acordou de repente e, sobressaltando Anna, que dormia também um sono agitado na cadeira ao lado da cama, disse:

– Anna – a voz da tia começou por não passar de um sussurro, ganhando força a cada palavra que proferia. – O teu pai é inocente.

Anna tentou sossegar a tia Retta. Ela já tinha repetido frases semelhantes milhares de vezes ao longo dos onze anos em que viveram juntas. Que o pai dela era inocente. Que não seria capaz de fazer as coisas horríveis de que o acusaram. Que tinha sido incriminado.

Anna, claro, sempre acreditou no que ela dizia, tal como acreditou no pai quando a polícia o levou algemado. Não lhe importava que todos, a polícia, os militares, o governo dos Estados Unidos, até os seus empregados, o achassem culpado. Anna sabia no seu coração que o pai não mentiu quando jurou a sua inocência.

Porém, sabia também que era demasiado tarde para fazer alguma coisa. Não queria que a tia desperdiçasse as suas últimas palavras a falar de um passado que não podiam mudar. Mas a tia Retta não parava de insistir. Quando tentou sentar-se, estremecendo de dor com o esforço, Anna obrigou-a a recostar-se na almofada.

– Tenho provas – disse ela, com fogo no olhar.

NOVE

Tal como na altura, lembrar-se desse momento faz com que o coração de Anna lhe estremeça no peito. Fitando a tia prestes a morrer, aproximou-se dela e perguntou:

– Que tipo de provas?

– Documentos. Imensos. Que provam que ele não esteve envolvido em nada disso.

Embora a tia Retta já se estivesse a apagar, ainda teve força suficiente para esboçar um sorriso malicioso.

– E provam quem esteve.

– Onde é que estão esses documentos? – questionou Anna.

A tia Retta recostou a cabeça na almofada.

– Não estão aqui. Estão num sítio seguro.

– Como é que os encontro?

– Vão chegar até ti – respondeu ela, a morte tão próxima que só lhe permitiu murmurar. – Quando os tiveres na mão, faz com que os responsáveis paguem. Faz com que todos paguem.

Estas foram as últimas palavras da tia Retta. Uma hora depois, estava morta.

Não demorou muito para que as provas chegassem até Anna, assim como Seamus. Agora, estão os dois no comboio e tencionam fazer cumprir o último pedido da sua tia.

Fazer com que todos paguem.

– Ao contrário do seu testemunho, foi Jack Lapsford quem abordou o meu pai para construírem um comboio para transportar soldados. Não o contrário.

Anna faz questão de olhar o antigo militar enquanto fala. Tem a mesma postura presunçosa que qualquer pessoa pôde presenciar quando testemunhou na audiência do Senado, que praticamente arruinou a reputação do pai. Anna repara agora que, desde então, engordou. Deve ter amolecido com todo o dinheiro que recebeu e com a chocante ausência de remorsos pela sua contribuição no que aconteceu.

– E fê-lo a saber perfeitamente que o motor ia falhar e matar imensas pessoas.

– O que diz é estapafúrdio – riposta Lapsford.

– Será? – pergunta Anna, dirigindo a sua atenção para Judd Dodge, sentado numa das cadeiras do salão, com um ar abatido e o longo corpo dobrado para a frente. Um homem que já não tem mais truques na manga. – Foi o senhor Dodge quem criou aquela bomba-relógio em forma de motor, mas mostrou ao meu pai um projecto completamente diferente.

– É mentira – murmura Judd, num tom tão fraco que é evidente que nem ele acredita nisso.

Anna olha para Herb Pulaski, sentado ao lado de Judd, a contorcer-se na cadeira, com o rosto manchado de suor e de culpa. Olha para todo o lado menos para Anna, evitando fazer contacto visual com ela.

– O senhor Pulaski supervisionou a construção da defeituosa locomotiva, seguindo os planos que o meu pai desconhecia – continua Anna. – E, sendo ele o homem que supervisionava a construção de todas as locomotivas da empresa, incluindo a que se encontra neste comboio, fê-lo mesmo sabendo que estava condenada a falhar.

Herb abre a boca, como se fosse defender-se, mas acaba por cerrar o maxilar e olhar envergonhado para o chão.

Anna desvia os olhos de Sal Lawrence, sentada do outro lado da carruagem. Não consegue suportar olhá-la nos olhos.

– Enquanto tudo isso acontecia – continua ela –, as mulheres faziam a sua parte. Sally Lawrence, a dedicada secretária do meu pai, passava o seu tempo a criar correspondência que não existia, a escrever memorandos falsos e a falsificar a assinatura do meu pai. Tudo para o incriminar.

Anna dirige a sua atenção para o lugar onde Edith está sentada com as mãos entrelaçadas em cima do colo, numa postura perfeita.

– Alguns desses documentos foram guardados no escritório do meu pai, enquanto outros foram trazidos para dentro de casa pela sua governanta, Edith Gerhardt. Mais tarde, quando a questionaram sobre isso, Edith revelou às autoridades que não estava surpreendida, uma vez que já suspeitava que o meu pai fosse um simpatizante nazi.

A corrente de acusações é vertiginosa, e só piora quando Anna os imagina a cometerem os seus delitos, como se visse uma montagem cinematográfica de deslealdade a passar-lhe à frente dos olhos.

Jack Lapsford, presunçoso no seu uniforme, a contar ao Congresso como o pai dela lhe implorou para construir um comboio de transporte de soldados, com o lábio inferior a tremer ao jurar que nunca, nem num milhão de anos, suspeitou que tal levaria a sabotagem.

Judd Dodge debruçado sobre a sua mesa de trabalho a calcular com precisão

até que ponto conseguiria enfraquecer o motor, de forma que parecesse estar a funcionar bem ao mesmo tempo que garantia a sua falha inevitável.

Herb Pulaski na fábrica, a supervisionar homens com capacetes de soldadura e aventais de couro, enquanto constroem uma locomotiva tal como Judd indicara.

– Não há que preocupar, companheiros – assegura Herb, no meio das faíscas e do barulho. – Garantiram-me que esta locomotiva vai ser tão robusta como todas as outras.

Sal Lawrence a dactilografar a meio da noite, com o seu candeeiro de secretária inclinado a iluminar-lhe os dedos que percorrem o teclado. A folha em que trabalha é um memorando com datas e pormenores falsos e, depois de a tirar da máquina, falsificará a assinatura de Arthur Matheson.

Edith Gerhardt a subir sorrateiramente as escadas quando ninguém está em casa, com as folhas junto ao peito. No escritório do pai de Anna, coloca-as nas gavetas da secretária, escondendo-as por baixo dos livros de registo e do material de escritório. Lugares onde ninguém, a não ser a polícia, se lembraria de ir procurar.

– Tratou-se de uma conspiração de seis pessoas – conclui Anna, sacudindo as imagens da sua mente, antes que faça algo precipitado. – Jack Lapsford, Sally Lawrence, Judd Dodge, Edith Gerhardt e Herb Pulaski incriminaram o meu pai. Mentiram às autoridades. Encobriram os seus crimes. E tudo a mando do maior rival de negócios do meu pai, Kenneth Wentworth.

Anna olha directamente para Dante, deleitando-se ao ver as suas feições congelar com o choque. Não sabe o que ele esperava ao comparecer aqui, mas tem a certeza de que não era isto. Ela também não estava à espera de que todas as provas que a tia reunira revelassem que Kenneth Wentworth era o cérebro da operação. No entanto, quando descobriu, tudo fez sentido.

– O teu pai é tão horrível como os outros – diz Anna a Dante. – Não, retiro o que disse. É pior. E era ele quem deveria estar aqui, não tu.

Dante fica imóvel durante dez, vinte, trinta segundos. Depois de assimilar o sentido das palavras de Anna, faz o impensável.

Sorri.

Abertamente. Um pouco torto e inebriante de tão resplandecente. Um sorriso que fez, em tempos, Anna derreter-se sempre que o via. Agora, apenas a deixa frustrada, porque significa que ele não acredita em nada do que ela acabou de dizer.

– Achas mesmo que o *meu* pai está por detrás disto tudo? – pergunta Dante. – Porque é que ele faria uma coisa dessas? Não há homem mais patriota do que ele.

– Não se tratava de amor à pátria. Não teve nada que ver com a guerra, na verdade. Foi apenas pura ganância. O teu pai queria aumentar o seu património e ficar mais rico sem gastar muito dinheiro. O caminho-de-ferro do meu pai era o alvo mais fácil. Sabias que o teu pai já tinha tentado comprar a empresa do meu pai? Duas vezes?

– Não – responde Dante, com os lábios ainda a formar um sorriso.

– A resposta do meu pai foi um resoluto «não» em ambas as ocasiões.

O sorriso de Dante vacila.

– E o *meu* pai nunca aceita um não como resposta.

– Exactamente – concorda Anna, acenando a cabeça. – Enfurecido por não ter conseguido que o meu pai aceitasse a sua proposta, criou um esquema de sabotagem, incriminando-o para desvalorizar a empresa e comprá-la por uma bagatela. E ainda ganhou um lucrativo contrato militar. Milhões de dólares caíram no colo do teu pai, que depois dividiu a quantia e a distribuiu pelas outras cinco pessoas aqui presentes, esta noite. Uma recompensa por terem feito o trabalho sujo dele, por terem traído o meu pai e o seu país.

Dante passa os olhos pela sala, pousando-os, por breves instantes, em cada um dos convidados ali reunidos, com uma mistura de confusão e divertimento, como se ainda acreditasse que tudo não passa de uma partida.

– Mas porquê? Porque é que algum deles faria uma coisa dessas?

Anna não sabe como responder. Foi uma das razões pelas quais os reuniu a todos desta forma. Precisa de saber qual foi a motivação de cada um. Agora, com a respiração presa na garganta, fica a observá-los à espera de que algum deles tenha a coragem de responder.

Ninguém o faz.

Cobardes, pensa Anna, enquanto acena a Seamus para lhe trazer a pasta. Depois de a ter nas mãos, levanta-a para que os outros a consigam ver.

– No último ano, consegui reunir dezenas de documentos que detalham em pormenor o esquema que incriminou o meu pai. Não os que falsificaram – diz, e olha de relance para Sal. – Ou que colocaram em nossa casa – acrescenta, lançando um olhar severo a Edith. – Os verdadeiros. Em conjunto, provam que estiveram envolvidos, juntamente com Kenneth Wentworth, na morte de trinta e sete pessoas e no encobrimento dos crimes que se seguiu.

– Está a fazer *bluff* – acusa Lapsford.

– Posso assegurar-lhe de que não estou, senhor Lapsford. – Anna estende-lhe a pasta. – Quer dar uma olhadela?

– *Eu* quero – diz Sal, enquanto caminha em direcção a Anna.

Depois de pegar na pasta, regressa à cadeira onde estava sentada e coloca-a em cima de uma pequena mesa de *cocktail* para a abrir.

Ao fundo, Anna e Seamus observam enquanto os outros se aproximam de Sal. Judd Dodge coloca-se atrás dela, ajustando os óculos. Herb Pulaski tira um lenço do bolso do casaco para limpar a testa ensopada, enquanto Edith Gerhardt pestaneja várias vezes, como se se preparasse para ver um fantasma. Até Dante, ainda apanhado entre o choque e a incredulidade, estica o pescoço do lugar onde está sentado ao piano para tentar ver alguma coisa.

Sal já tem a pasta aberta. No seu interior está uma grande folha de papel dobrada em quartos que ela desdobra, revelando uma planta.

– O que é isto? – pergunta a todos e, ao mesmo tempo, a ninguém.

Judd Dodge inclina-se por cima do ombro de Sal e tira-lhe a planta das mãos.

– É o meu projecto. Para a locomotiva. A verdadeira. Aquela que…

– Não digas mais nada – ordena Lapsford.

Judd ignora-o e volta-se para Anna, com o rosto mais pálido do que as linhas brancas que descaem do papel azul que tem nas mãos.

– Onde é que arranjaste isto?

A verdade é que Anna não sabe. Assim que as provas lhe chegaram, já era demasiado tarde para perguntar à tia Retta quando ou como as obtivera.

– O que há mais aí dentro? – pergunta Lapsford, enquanto avança com brusquidão para pegar na pasta.

– Nada – responde Sally.

É verdade. Além da planta que Dodge segura com as mãos trémulas, a pasta está vazia.

– Eu disse-vos que ela estava a fazer *bluff* – atira Lapsford. – Só tem provas que lixam o Judd.

Judd Dodge engole em seco.

– E é o suficiente para me enforcar.

Lapsford arranca a planta das mãos de Judd, deixando para trás um pedaço de canto que lhe ficou preso entre o polegar e o indicador, e não pára de a rasgar até a desfazer em pedaços que depois atira para o chão.

– Agora ela já não tem nada – garante ele.

– Pelo contrário, tenho provas que vos lixam a todos – diz Anna. – Isto foi apenas uma amostra do que tenho em mãos. E também tenho cópias de tudo, já agora.

Lapsford, menos seguro do que há segundos, aproxima-se dela ameaçadoramente.

– Onde está o resto? Está neste comboio?

– Espero que, por esta altura, eu vos pareça mais inteligente do que isso.

– De que se trata isto então? – pergunta Sal. – Por que raio estamos aqui?

– Para nos chantagear – conclui Edith com uma expressão desaprovadora,

como se não fosse culpada de coisas muito piores.

Herb volta a passar o lenço pela testa.

– Não tenho dinheiro, se é isso que quer.

– Mesmo que tivesse, não aceitaria nem um cêntimo do seu dinheiro sujo – diz Anna.

– Então quer o quê? – pergunta Lapsford.

– Quer matar-nos.

É Judd Dodge quem o diz e a carruagem fica imediatamente banhada pelo silêncio com as suas palavras. De pé, com o canto da planta ainda entre os dedos, volta-se muito devagar para encarar os outros.

– Não entendem? Ela trouxe-nos até aqui para nos matar. Esta viagem… esta *noite* … é a oportunidade dela para se vingar, e há muito tempo que este dia estava para chegar.

– Não tenho qualquer desejo em matar-vos – corrige Anna, sem mencionar que já tinha, definitivamente, pensado nisso.

Debruçada sobre as provas que a tia recolhera, os seus pensamentos transbordaram de imagens violentas. Pensou em estrangulá-los com as próprias mãos. Em empurrar as suas cabeças debaixo de água até os olhos lhes incharem e os rostos ficarem azuis. Em esfaqueá-los, dar-lhes um tiro, pisá-los até os esmagar.

Até neste momento ela percorre a sala com o olhar à procura de armas ou outras coisas que possam infligir dor. Com um saca-rolhas, por exemplo, poderia arrancar os olhos a Sal. Com uma garrafa de vinho partida poderia abrir o pescoço carnudo de Lapsford. Sente a faca que guarda na coxa a pulsar, gelada, contra a sua pele.

Contudo, matá-los não é suficiente. Anna apercebeu-se disso bastante cedo. Embora uma amostra de justiça violenta fosse gloriosa no momento, não a satisfaria, não seria algo que *perduraria.* Ela precisa de uma vingança mais permanente. Algo que se arraste até chegar a um ponto de tortura. O que Anna quer é que cada um deles perca a vontade de viver, mas seja obrigado a continuar a viver. Só aí ficará satisfeita.

A vingança é efémera.

A justiça dura uma vida inteira.

– Matar-vos – explica ela –, seria uma misericórdia para todos vocês. E, tendo em conta o que fizeram à minha família, *não* estou com disposição para ser misericordiosa.

Anna abre os braços, apontando para as paredes do salão e para as janelas através das quais não se vê nada a não ser o céu escuro, uma paisagem ainda mais sombria, e flocos de neve a rodopiar.

– A chegada deste comboio a Chicago está prevista para as sete da manhã de amanhã. Há mais ou menos duas horas, o chefe do escritório regional do FBI em Chicago recebeu uma encomenda com o resto das provas que tenho, juntamente com uma carta a avisá-los da nossa hora de chegada e a sugerir que estivessem à nossa espera na plataforma, com mandados de captura. Se tiverem sorte, talvez J. Edgar Hoover esteja lá para vos dar as boas-vindas. Ele adora o estrelato e vai fazer com que os vossos crimes brilhem ofuscantemente sob as luzes da ribalta.

Enquanto Anna fala, é como se um fogo crescesse dentro das suas entranhas, e as chamas, transbordando através da caixa torácica, lhe incendiassem o coração. Percorre-lhe o corpo todo um calor intenso. Não ficaria nada surpreendida se os seus olhos começassem a ficar cor de laranja. Tal é a força da sua fúria.

– Irão ser todos presos, levados a tribunal e, tenho a certeza, condenados tanto pela justiça, como pela opinião pública. Tornar-se-ão as pessoas mais odiadas da América, tal como aconteceu com o meu pai. Perderão tudo, tal como aconteceu comigo. Irão para a prisão e morrerão lá. Talvez tão depressa e de forma tão violenta como o meu pai. Ou talvez acabem como os Rosenbergs, quem sabe.

Anna faz uma pausa, deixando-os a pensar em Julius e Ethel Rosenberg, que foram parar à cadeira eléctrica no ano anterior. Assume que estejam a imaginar uma corrente eléctrica mortífera a percorrer os seus corpos exaustos. Ou, pelo menos, assim o espera.

– O meu objectivo pessoal é que tenham vidas longas e saudáveis. E quando acabarem por morrer, destroçados, infelizes e sozinhos, ninguém… absolutamente ninguém… sentirá a vossa falta.

Anna passou quase um ano a preparar este discurso, aperfeiçoou cada palavra e ensaiou-o de tal forma que ganhou raízes nos seus ossos e se tornou parte dela. Durante todo esse tempo, achou que se sentiria todo-poderosa quando, finalmente, o dissesse àqueles que a tinham injustiçado. Uma deusa da vingança a amaldiçoar os seus inimigos.

Contudo, agora que revelou as suas intenções, agora que as proferiu em voz alta e agora que é impossível voltar atrás, Anna não se sente eufórica, nem aliviada, só exausta. O fogo que a incendiou por dentro ficou reduzido a uma luz trémula e ténue, e foi abrindo espaço para que uma tristeza se insinuasse pelas arestas. Sente saudades da família. Da sua antiga vida, já para não falar do seu antigo eu. E está cansada. Muito cansada. A caminhada até aqui foi tão longa. E ainda falta tanto. Onze horas, para ser exacta. E ela tem de estar alerta durante esse tempo todo.

– Agora – diz ela –, alguém tem questões?

Lapsford é o primeiro a quebrar o silêncio.

– Acha mesmo que vamos ficar aqui sentados e esperar que nos entregue directamente ao FBI?

– Sim – responde Anna, quando a verdade é que já está a contar que poucos se deixem ir sem dar luta. Mais uma razão para estar em alerta até a viagem terminar.

– Bem, então está muito enganada – diz Lapsford. – Porque eu vou sair deste comboio já na próxima paragem.

Anna permanece em silêncio, pois sabe de algo que Lapsford desconhece. No mês anterior, ela e Seamus apanharam o Phoenix de Filadélfia para Chicago dez vezes, no total. Algumas vezes, compraram quartos na primeira classe. Outras, faziam longas viagens sentados na segunda classe. Independentemente das acomodações, usaram cada viagem para tirar muitas notas. Agora, Anna sabe sempre onde é que o Phoenix está, que outros comboios passam por eles e quando, e as estações que marcam todo o percurso.

Mesmo a horas, ouve-se um toque de buzina e o comboio abranda um pouco, o que indica que se estão a aproximar de uma dessas estações.

Harrisburg, na Pensilvânia.

Porém, em vez de parar, o Phoenix continua o seu percurso. Passa a plataforma onde se encontram vários passageiros. Passa pelos bagageiros aborrecidos e pela banca de jornais vazia. Passa por outro comboio, parado na linha oposta. E Lapsford acompanha tudo isto pela janela.

– Porque é que não parámos? – pergunta ele, entrando em pânico quando o Phoenix sai da estação e começa a ganhar velocidade outra vez.

– Porque este é um comboio expresso – responde Anna. – Não há outras paragens, nem atrasos. É apenas um tiro directo até à Union Station, em Chicago.

Lapsford permanece à janela, com o olhar fixo na estação que se afasta ao longe, como se tentasse obrigar o comboio a inverter a rota.

– Mas ele tem de parar em algum momento, certo? Para reabastecer?

– É uma locomotiva diesel-eléctrica – explica Judd do outro lado da carruagem. – Rápida. Eficiente. Pode chegar a Chicago sem reabastecer com facilidade. Com apenas um homem na cabina de condução, se for necessário.

– Não vou ficar aqui nem mais um segundo, recuso-me – afirma Lapsford, afastando-se da janela e enfunando o peito para fora. – Exijo que pare este comboio e nos deixe sair.

– Receio que isso não seja possível – diz Anna.

– Se não o parar, paro-o eu.

Lapsford olha para trás dela e Anna sabe exactamente no que foi que ele

reparou.

O travão de emergência.

Uma haste plana de bronze que termina num manípulo em forma de laço, pendurada discretamente no canto do carruagem, em frente ao piano. Os outros também reparam e Anna observa-os a ficarem tensos, preparando-se para correr e ir agarrá-la.

Sem dar tempo a Anna de os avisar, três dos seis convidados precipitam-se para o travão. Lapsford, Herb Pulaski e Sal. Acotovelam-se uns aos outros, disputando o primeiro lugar, enquanto atravessam o salão. Para que não seja apanhada no meio da confusão, Seamus afasta Anna para fora do caminho.

Por essa altura, Lapsford foi o primeiro a alcançar o travão, surpreendentemente ágil para alguém com aquele tamanho. Com um olhar presunçoso de satisfação, envolve os dedos à volta da pega.

E, depois, puxa.

21H00

ONZE HORAS ATÉ CHICAGO

DEZ

Não acontece nada quando Jack Lapsford puxa o travão de emergência. Nem mesmo depois de o puxar pela segunda e pela terceira vez. O comboio continua a deslizar pelos carris, aproximando-se de Chicago a cada segundo que passa.

Judd Dodge não fica surpreendido, pois sabe melhor do que ninguém como funciona o travão de emergência. Enquanto os outros se preparavam para uma paragem repentina e estridente, ele permanece de pé no centro da carruagem, sabendo que isso nunca aconteceria.

– Por que raio não está a acontecer nada? – pergunta Lapsford, frenético, enquanto puxa o travão uma quarta vez.

Judd abana a cabeça e suspira.

– Porque puxar o travão de emergência não pára o comboio. Apenas alerta os revisores de que alguma coisa não está bem. Se se decidir que é preciso parar o comboio, os maquinistas na cabina accionam os travões.

Ao lado de Judd, Lapsford olha em volta da divisão.

– Mas o único revisor é…

– Sou eu – diz o enorme homem que tem estado a pairar atrás de Anna Matheson este tempo todo e que, agora, abre caminho para o centro da carruagem, exigindo assim a atenção de todos. – Só que eu não sou mesmo um revisor.

– Permitam-me que vos apresente o Seamus Callahan – explica Anna. – O seu irmão mais velho chamava-se Sean Callahan. Se esse nome vos é familiar, é porque Sean Callahan foi um dos trinta e seis homens que morreram com o meu irmão. O que fizeram não destruiu apenas a minha família. Destruiu dezenas.

O homem, com os músculos tensos e olhos escuros por baixo de pálpebras semicerradas, percorre-os com o olhar, detendo-se por um momento em Judd, de uma forma que o deixa nervoso. Apesar de Anna prometer que não tem qualquer intenção em matá-los, Seamus Callahan tem todo o ar de quem não se importava nada que morressem, e que ele mesmo faria as honras de bom grado.

– Conheço uma dúzia de homens que teriam todo o gosto em estar no meu lugar – continua Seamus. – Mas, para vosso azar, aqui estou eu. E podem ter a certeza absoluta de que não vou dizer ao maquinista para parar este comboio.

– Eu digo-lhe, então.

É Lapsford quem o diz. Idiota. Ainda iludido de que vão conseguir safar-se com o que fizeram. Judd, por outro lado, já perdeu a esperança. Mesmo que Lapsford consiga parar o comboio, não têm para onde fugir. Lá fora não há nada a não ser quintas de produção de leite e campos de feno em pousio. Além disso, agora que o FBI tem provas dos seus crimes, será apenas uma questão de tempo até serem apanhados.

– Esteja à vontade – incentiva Anna, o que só confirma a Judd que será inútil tentar parar o comboio, seja de que forma for.

Subestimou-a, isso é certo. Para ser sincero, Judd não pensou muito na filha de Art Matheson ao longo dos anos. Sempre que a culpa lhe pesava no peito, estava, por norma, reservada a Tommy Matheson, aos homens que morreram a seu lado, ou até mesmo ao próprio Art. Anna raramente lhe passou pela cabeça. Reconhece agora que foi um erro crasso, porque a rapariga a quem costumava chamar «bengala doce», afinal, tem muitos truques na manga.

– E é já – insiste Lapsford, ainda alheio da realidade.

Dito isto, sai disparado do salão de primeira classe. Herb e Sally apressam-se a segui-lo e até Edith Gerhardt, a mais calma e silenciosa do grupo, se junta a eles. Como uma manada de animais enjaulados a que acabaram de ser abertas as portas do curral, saem todos juntos da carruagem.

Judd acompanha-os, mas não porque acredita que vão conseguir alguma coisa. Só quer afastar-se de Anna e do seu capanga. Porém, não tarda muito a perceber que não vai conseguir fazê-lo, pois ao passarem do salão para a carruagem-restaurante, Judd ouve Anna dizer:

– Seamus, já sabes o que fazer caso se descontrolem.

– Claro – confirma Seamus, fazendo Judd estremecer outra vez de nervosismo.

Não faz ideia do que Seamus fará se um deles – provavelmente Lapsford – perder as estribeiras. E, certamente, não tem qualquer intenção em descobrir.

Apesar de Judd ser um homem alto, Seamus parece pairar sobre ele quando se juntam aos outros a meio da carruagem-restaurante. À frente do grupo, Lapsford continua a liderar o ataque, levando-os em fila indiana através da cozinha, passando pela carruagem de lazer e, depois, pelo salão da segunda classe. Vão abrandando aos poucos a cada carruagem que passam e, quando chegam à carruagem-cama, Judd percebe que os outros só agora estão a descobrir o que ele já sabe: o resto do comboio está completamente vazio.

– Onde está toda a gente? – pergunta Sally.

– Foram-se – responde Seamus repentinamente, sobressaltando Judd por ter estado em silêncio tanto tempo.

À frente de Judd, Herb Pulaski pergunta:

– Para onde?

– Isso importa? – pergunta Seamus de volta.

Judd considera que não. Não importa. Neste momento, o que importa é que eles são as únicas pessoas a bordo de um comboio que os entregará de bandeja ao FBI. Olha para o bocado da planta que ainda não largou e lhe ficou colada à palma da mão húmida. Uma marca da sua culpa. Mesmo que Anna esteja a mentir e não tenha mais nenhuma prova, ele sabe que este pedaço de papel é suficiente para o mandar para a prisão para o resto da vida.

Como é que Anna o foi arranjar, Judd não faz ideia. Kenneth Wentworth garantiu-lhe que fora destruída, juntamente com todos os outros documentos que os ligavam à explosão do comboio. O que é claramente mentira. Judd suspeita que Wentworth guardou tudo, caso fosse preciso usar essas provas contra eles. Ele já devia saber que não podia confiar nele. Por outro lado, não estava a pensar com clareza quando Wentworth o abordou na festa de Natal em casa dos Matheson, que acontecia todos os anos.

– Art Matheson é cá um gabarola – disse ele, entre goles de uísque.

Judd voltou-se para ele.

– O que quer dizer com isso?

– Esta festa – disse Wentworth. – É tudo para mostrar. O Art quer que toda a gente saiba que tem uma bela casa, uma bela mulher e uns filhos perfeitos. E tu, porque não tens também isso tudo, Judd? Pelo que ouvi dizer, quem faz o trabalho todo és tu.

Wentworth não mentiu, em especial no que dizia respeito ao Philadelphia Phoenix. Em teoria, o comboio seria uma colaboração igual de duas partes. O culminar natural de um encontro de duas mentes, com Arthur Matheson a imaginar aquilo que Judd tornava realidade. Porém, na verdade, fora Judd a imaginar e a tornar realidade a maior parte do projecto e, durante a muito aguardada inauguração do Phoenix, foi Art quem falou com a imprensa, quem foi fotografado com um boné de maquinista na cabina da locomotiva, quem se comportou como se tivesse construído sozinho todo o maldito comboio.

Mesmo passados anos da inauguração do comboio, nada mudou. O único nome que o público associava ao Phoenix era Arthur Matheson, um homem de sangue azul de Filadélfia que herdara a Union Atlantic Railroad do pai. Ninguém sabia da existência de Judd, o rapaz pobre que se tornou um génio capaz de construir o melhor comboio do país.

Por isso, Judd continuou a dar ouvidos a Kenneth Wentworth na festa dessa noite. E foi por isso que acabou por concordar em participar no nefasto plano que Wentworth lhe propusera na segunda-feira seguinte. Não pensou nos danos

colaterais. As vidas que se perderiam e as famílias que destruiria. Concentrou-se apenas no que ele queria.

Não, no que ele *merecia*.

Judd devia ter tudo o que Art Matheson tinha. A casa enorme, a bela mulher e os filhos corajosos que, inevitavelmente, deslizariam pela vida como se estivessem sobre carris. Mas, acima de tudo, ele merecia a reputação de Art. Sendo o cérebro por detrás de todo o projecto, o crédito também deveria ser dele.

E está prestes a receber crédito por isso, não há dúvida. Anna certificou-se disso. Em breve, todos saberão exactamente o que foi que ele fez.

Judd segue os outros até ao furgão, onde é guardada, por norma, a maior parte da bagagem dos passageiros e que deveria estar a abarrotar até ao tecto com baús, malas e caixas, mas que agora está vazia. A carruagem não é mais do que uma câmara de eco e de aço inoxidável que têm de atravessar para chegar à cabina de condução.

Uma porta reforçada com aço separa-os da locomotiva. Se conseguirem passar por ali, Judd sabe que encontrarão o motor do outro lado. Depois disso, na parte da frente do comboio, está a cabina onde se sentam os maquinistas. Embora, tecnicamente, apenas uma pessoa conseguisse manobrar os controlos sozinha, por norma, estão duas para uma viagem nocturna desta duração. Apesar de ser muito romantizado nos livros e filmes, trabalhar num comboio é, muitas vezes, aborrecido, especialmente na locomotiva. Não se vê mais nada a não ser um par de carris a estender-se pelo horizonte, com centenas de quilómetros pela frente. Não é raro os maquinistas adormecerem.

Na maioria dos comboios aerodinâmicos, não é possível aceder à cabina a partir do interior do comboio, uma vez que o caminho está bloqueado pelo motor, o que obriga os maquinistas a entrar directamente na cabina, usando uma escada. Não é o caso do Phoenix. Como foi construído para ser um comboio expresso e percorrer longas distâncias sem parar, Judd acrescentou uma passagem estreita que contorna a locomotiva para permitir aos maquinistas entrar e sair da cabina durante as mudanças de turno, sem ter de parar o comboio.

Uma passagem que começa mesmo do outro lado da porta da locomotiva.

Os cinco convidados juntam-se em torno da porta e Jack Lapsford leva a mão ao puxador. A porta não se mexe. Se, ao menos, se tivessem dado ao trabalho de ouvir, Judd também lhes podia ter dito que está sempre trancada por razões de segurança.

Quando Lapsford bate à porta, o som ecoa tão alto pela carruagem vazia, que Judd até o sente no peito. No salão, já tinha praticamente aceitado a derrota. Anna venceu-os e ele estava preparado para enfrentar as terríveis repercussões

das suas acções. Porém, agora que está a poucos centímetros do motor, Judd apercebe-se de que ainda não está preparado para desistir. Nunca estará. Não quer ser preso. Não quer ir para a prisão. E é certo que não quer morrer lá.

O pânico de Judd aumenta de tal forma que empurra Lapsford da frente da porta e, em vez de bater, começa a dar-lhe murros. É mais importante para ele do que para os restantes parar o comboio, nem que tenha de entrar na locomotiva e desligar o motor com as suas próprias mãos. O que é algo que também sabe como fazer. O Phoenix é o seu bebé, e ele sabe como pará-lo. Até destruí-lo, se necessário.

Contudo, primeiro, tem de chamar a atenção dos maquinistas. O que acontecer depois vai depender deles. Preparando-se para o confronto, Judd continua a esmurrar a porta, à espera de que quem estiver do outro lado a abra e decida qual será o seu destino.

ONZE

A oito carruagens de distância, Anna encara a única outra pessoa que ficou no salão da primeira classe, desejando desesperadamente que também ele se fosse embora. Ou melhor, ela desejava que Dante Wentworth nunca tivesse posto os pés no comboio, em primeiro lugar. O pai dele é quem deveria estar aqui, preso com os outros na teia que ela tecera de forma tão meticulosa.

Porém, não devia estar surpreendida por Dante se ter infiltrado aqui. Afinal de contas, foi assim que se conheceram.

– Tenho de admitir que estou impressionado – elogia ele. – É um plano e pêras, Annie.

Anna reúne todas as suas forças para não arquejar. Já há muito que ninguém a tratava por esse nome, e ouvi-lo outra vez depois de tanto tempo faz com que pareça que entrou numa máquina do tempo e foi atirada para o passado.

– E tu não devias fazer parte dele – diz ela. – Se achas que vir aqui no lugar do teu pai esta noite vai poupá-lo, garanto-te que não vai. Estás só a adiar o inevitável.

Dante volta a sentar-se ao piano.

– Não estou aqui para poupar ninguém. Muito menos a ele.

– Então estás aqui porquê?

– Porque queria ver-te – responde Dante, e parece tão sincero que a Anna de dezasseis anos desfaleceria. Ele soube sempre dizer a coisa certa. Ainda sabe. Mas Anna foi aprendendo uma coisa ou outra ao longo dos anos, o que inclui resistir aos encantos de Dante Wentworth.

– O que te fez pensar que me ias ver?

– O convite – responde Dante. – Quando o encontrei na secretária do meu pai e li a mensagem que estava no verso, soube que foste tu quem o enviou. Devias ter pedido a outra pessoa para tratar disso, sabes? Seria capaz de reconhecer a tua letra em qualquer lado.

Anna fecha os olhos por instantes, zangada com Dante por ter reparado e zangada consigo por ele ter razão. Escreviam tanto um ao outro nessa altura. Cartas cheias de declarações de amor que farão Anna morrer de vergonha se pensar demasiado nelas.

Por isso, não pensa nelas de todo. Isso fora há muito tempo. Noutra vida. E a adolescente apaixonada que passou todas aquelas noites a escrever cartas, à procura no seu cérebro das palavras certas que descrevessem o que o seu coração sentia, está morta. Esta Anna é diferente.

Dante, por outro lado, parece não ter mudado nada. Está mais velho, claro, com o desgaste dos vinte e poucos anos a dar-lhe um toque áspero, mas que, de alguma forma, só o torna mais bonito. E fica especialmente bem-parecido quando volta a tocar piano, com o rosto contraído numa expressão de concentração, à medida que os seus dedos ágeis percorrem as teclas. Desta vez, Anna reconhece a melodia. «You Made Me Love You».

Era a sua música favorita, quando estava apaixonada por *ele*. Uma altura em que deviam odiar-se.

Ninguém lho dissera com todas as letras. As coisas não funcionavam assim na Philadelphia's Main Line. As pessoas que viviam onde eles viviam e eram tão ricas como eles não tinham inimigos. Ali, em público, toda a gente sorria e atirava beijinhos para o ar, enquanto, nas costas, tentavam desfazer-se uns aos outros. Os seus pais eram rivais de negócios, pelo que fora decretado implicitamente que eles não deveriam dar-se de maneira nenhuma.

Anna sabia quem Dante era, óbvio. Os seus círculos sociais eram próximos o suficiente para que ela tivesse tido a oportunidade de ouvir histórias sobre o filho charmoso e matreiro de Kenneth Wentworth. Assim como eram próximos o suficiente para Anna saber que, provavelmente, o ia detestar. Aos dezasseis anos, era uma romântica incurável, tendo crescido a ler sonetos de amor e Shakespeare. Não perdia o seu tempo com os filhos mimados dos capitães da indústria local. Não lhe importava se também era a filha mimada de um deles, Anna estava apaixona por Laurence Olivier e sonhava ser actriz. Até fora escolhida para interpretar o papel de Julieta na peça *Romeu e Julieta* do seu liceu.

Depois veio a festa de Natal que os pais davam todos os anos, na qual a casa ficava inundada de estranhos vestidos a rigor, incluindo o rapaz com um fato azul-marinho elegante e gravata de seda vermelha que, a meio da festa, deslizou para junto de Anna e se apresentou apenas como Dante, quer por não querer partilhar o seu apelido ou porque sabia que não ia precisar de o fazer já que, em Filadélfia, só havia um Dante que valia a pena conhecer.

– Eu chamo-me… – começou Anna antes de Dante a interromper.

– Oh, eu sei tudo sobre ti, Anna Matheson.

Anna corou, embora não fizesse ideia porquê. Talvez fosse a confiança com que Dante o dissera, como se tivesse espreitado para dentro dos seus pensamentos e soubesse os seus segredos e desejos mais profundos e obscuros.

Mas o mais provável é que fosse por ele ser inegavelmente deslumbrante. Apesar de lhe terem dito que era bem-parecido, Anna não estava preparada para o rapaz que tinha à sua frente. Aqueles olhos azuis. Aquela madeixa de cabelo escuro impossível de manter no lugar. Aquele sorriso ligeiramente torto que oscilava entre envergonhado, arruaceiro e sedutor. O seu querido Olivier não chegava sequer aos pés de Dante Wentworth.

Felizmente, Anna teve discernimento suficiente para dizer:

– De certeza que não sabe tudo, senhor Wentworth.

– Eu sei que não é suposto darmo-nos.

– Os nossos pais não iam gostar nada disso – retorquiu Anna.

– O que só faz com que a ideia pareça deliciosa e apelativa.

Dante deu um passo na direcção de Anna, fazendo com que o mundo à sua volta ficasse tão pequeno que só cabiam eles os dois. Não importava se estavam numa casa cheia de foliões. O lindo rapaz que estava diante dela era a única coisa que Anna conseguia ver.

Estava completamente hipnotizada por Dante, até o grito que a mãe lançou do outro lado da divisão quebrar o feitiço.

– Afasta-te já dele!

Toda a festa parou por completo quando a mãe de Anna se dirigiu para um canto da sala onde o irmão, Tommy, estava a falar com um homem que ela nunca tinha visto antes.

– Eu disse para te afastares dele! – gritou a mãe. – Não te atrevas a falar com o meu filho!

Tommy, que naquele momento era o centro das atenções, puxou o colarinho da camisa com as faces a ficarem vermelhas.

– Estamos só a conversar, mãe.

– Não quero saber – retorquiu a mãe, irritada. – Vai para o teu quarto.

O alvo da ira da mãe levantou as mãos em sinal de inocência.

– Estava só a ser amigável, Maggie.

– Para si, é senhora Matheson. E nada do que faz é amigável, senhor Wentworth.

Anna olhou para Dante, notando a semelhança entre ele e o homem com quem a sua mãe estava a gritar. Eram ambos muito bonitos. Tinham até o mesmo sorriso torto. Quando Dante esboçou o seu, Anna apercebeu-se de algo que deveria ter sabido desde o início. Aquele homem era o pai dele. E nenhum dos dois tinha sido convidado.

Dante encolheu os ombros com descontracção e disse:

– Suponho que devia ter mencionado isso antes.

Anna não respondeu. Estava demasiado perturbada com a forma como a mãe

reagira à presença de Kenneth Wentworth. Nunca vira Margaret Matheson zangada. Nunca. No entanto, o pai de Dante deixou-a absolutamente lívida. Anna procurou o pai na multidão com o olhar e encontrou-o debaixo da escadaria a observar a discussão por cima da borda de um copo que estava a beber.

– Têm de ir embora – ordenou Anna. – Agora. Vocês os dois.

Dante fez uma vénia e despediu-se:

– Foi um prazer, menina Matheson. Espero que os nossos caminhos se voltem a cruzar em breve.

Nas semanas seguintes, Anna esforçou-se por não pensar em Dante. Porém, no final de Janeiro, durante a primeira cena da sua última actuação como Julieta, viu-o na primeira fila. Ficou de tal forma abalada com a sua presença, que se esqueceu por momentos da primeira deixa e teve de ser relembrada pela colega que fazia de ama. Durante aqueles primeiros momentos de actuação sempre tão tensos, Dante foi uma distracção indesejada. O que a desconcertava não era tanto saber que ele a observava, mas mais a forma como ele a olhava. Completamente imóvel, de olhos presos nela e sempre com aquele sorriso torto, como se estivesse a imaginá-la a dizer as falas directamente para ele. Quando Anna fez a vénia final, ninguém na plateia aplaudiu mais alto.

Depois do espectáculo, apareceu nos bastidores com um ramo de rosas e, ao entregar-lhas, disse:

– Aquilo a que chamamos rosa, poderia ter qualquer outro nome mas, ainda assim, o seu cheiro seria o mesmo.

Apesar de todas as reservas, Anna ficou apanhadinha.

Agora, enquanto Dante continua a tocar, Anna está tudo menos apaixonada.

– Vais tocar até chegarmos a Chicago?

– É isso que queres, Annie?

Lá está ele com a alcunha outra vez. Antes o seu coração reverberava como uma corda de piano de cada vez que a ouvia.

– Para ti, é menina Matheson.

– Ainda me lembro de quando me costumavas chamar Danny.

– Isso foi há muito tempo – replica Anna, fazendo uma pausa antes de acrescentar num tom sarcástico –, senhor Wentworth.

Dante esboça um sorriso de orelha a orelha, satisfeito com a facilidade com que voltaram à sua velha e familiar dinâmica. Embora *não* lhe agrade, não é algo que a surpreenda. Ele sempre conseguiu trazer ao de cima o seu humor mais mordaz, por muito séria que tentasse permanecer.

– Presumo que, apesar dos esforços inúteis do Jack Lapsford, este comboio não vá parar até chegarmos a Chicago – afirma Dante.

Anna olha pela janela e vê que o comboio segue ao lado de um rio, cingindo a sua margem. Observa as casas do outro lado, as luzes acesas das janelas reflectidas na superfície da água, tremeluzentes e douradas. Anna sabe que estão agora precisamente no meio da Pensilvânia e que a marcha continuará para noroeste até chegar à fronteira com o Ohio. A partir daí, o comboio seguirá sem desvios rumo a oeste, atravessando o Ohio, o Indiana, Illinois e, finalmente, Chicago.

– Não – diz ela. – Não vai.

Não devia ter respondido, porque isso só faz com que Dante continue a tocar. Anna senta-se, resignada, enquanto ele começa uma nova canção. «Someone to Watch Over Me».

– No início, perguntei-me qual seria o motivo para estares a fazer isto – começa Dante. – Pareceu-me tudo tão complexo. O comboio. A viagem. O…

Dante pára de falar à procura da palavra certa, o que leva Anna a sugerir:

– Drama?

– Exacto – confirma Dante. – Tanto dramatismo. Quando seria muito mais simples deixar que o FBI localizasse toda a gente, os reunisse e os prendesse.

– Tal como vai acontecer em breve com o teu pai? Se é que já não aconteceu.

Dante ignora o comentário.

– Mas não, escolheste fazer isto. Não me interpretes mal, aprecio o esforço. O falso revisor deu ao plano um toque particularmente agradável. Qual é o nome dele mesmo?

– Seamus.

– É isso. Seamus.

Dante suaviza a melodia até só a mais delicada das notas escapar do piano. Soa íntimo. Como se sussurrassem. Falando por cima do som, acrescenta:

– Estão juntos?

– Isso não é da tua conta.

Dante encolhe os ombros e, com isso, Anna assume que ele ficou a achar que a resposta é afirmativa.

– Quanto aos verdadeiros trabalhadores do comboio, imagino que lhes tenhas pagado.

– É verdade – confirma Anna.

– O meu pai não vai ficar nada contente com isso.

– Acho que em breve terá assuntos mais importantes com que se preocupar.

A música cessa quando Dante se encosta à borda do piano e apoia o queixo sobre um punho fechado.

– Achas mesmo que o meu pai esteve por detrás daquilo tudo?

– Tenho a certeza – responde Anna. – E, honestamente, tu também devias ter.

Sei de fonte segura que agora trabalhas para ele.

– É o que diz o meu cartão – brinca Dante. – Mas dificilmente se pode descrever o que eu faço como trabalho. O meu pai mal fala comigo e, quando o faz, é para rejeitar qualquer sugestão minha. Para ser sincero, passo a maior parte do dia sentado à secretária a remexer em papéis de um lado para o outro.

– Vá lá. Tenho a certeza de que não te falta tempo para namoriscar com as secretárias.

– Só com aquelas que me fazem lembrar de ti – diz Dante, lançando a Anna um olhar saudoso tão intenso que ela fica com a respiração presa na garganta.

– Independentemente do que faças, ou não, para o teu pai – Anna consegue fazer com que as palavras saiam –, é óbvio que ele não andava a fazer nada de bom naquela altura. Como é que achas que ele deitou as mãos à empresa do meu pai? Ou a este comboio?

– Assumi só que estivesse a fazer um favor à tua família.

Anna não sabe se ria ou se sinta insultada.

– Um favor? A minha família perdeu tudo. E, caso te tenhas esquecido, os nossos pais odiavam-se.

– Eu sei – diz Dante. – Mas sempre pensei que, como todas as boas rivalidades, havia algum respeito mútuo.

O comentário de Dante faz com que Anna tome uma decisão. Sente-se insultada, definitivamente. Para não dizer furiosa.

– Se o teu pai tivesse um pingo de respeito pelo meu, não teria criado toda uma conspiração para o destruir. A Sal, o Lapsford, os outros, podem ter feito o trabalho sujo, mas foi o teu pai quem planeou tudo. Estás a esquecer-te de que tenho provas.

– Exacto, as provas. Consistem em quê, ao certo?

– Memorandos, correspondência, mais projectos, até tenho fotografias.

Dante inclina-se para a frente, com a sua expressão a passar de divertida a preocupada.

– E achas que são suficientes para provar que o meu pai organizou tudo?

– Sem dúvida – responde Anna. – As provas mais irrefutáveis são os registos financeiros. Em 1942, o teu pai transferiu grandes quantidades de dinheiro para cinco contas bancárias numeradas na Suíça. Queres adivinhar a quem pertenciam essas contas?

– Acho que sei a resposta a isso – diz Dante.

– O meu plano é infalível – continua Anna. – Não me teria dado a este trabalho todo se não fosse. O teu pai vai pagar pelo que fez. Tal como todos eles. As suas vidas acabarão assim que chegarmos a Chicago.

– Isso é outra coisa que não estava a perceber – diz Dante. – Porquê

Chicago? Quer dizer, compreendo que seja simbólico teres escolhido o Phoenix. É indiscutível. Mas um comboio com destino a Washington ou Nova Iorque seria mais rápido, para não dizer mais fácil. Sabia que tinha de haver outra razão e acabei por descobri-la. Queres que a partilhe contigo?

Anna levanta-se e espreguiça-se.

– Explica-me quais foram as minhas motivações, sou toda ouvidos.

– Queres ver-nos a sofrer – responde Dante.

– E está a funcionar?

– Pareço estar a sofrer?

– Não – responde Anna enquanto se dirige para a porta, a caminho da carruagem-restaurante. – Felizmente, a noite ainda é uma criança. Agora, se me dás licença, vou ver o que os outros andam a fazer.

Dante levanta-se do piano e segue-a.

– Por esta altura, devem estar a tentar deitar a porta da locomotiva abaixo.

– Não vai funcionar.

Anna apressa-se a atravessar a carruagem-restaurante e a cozinha, o que obriga Dante a esforçar-se por acompanhá-la. Na carruagem-cama, ele diz-lhe:

– Tenho andado para te perguntar. O que fizeste com os passageiros?

– Tenho os meus truques. Afinal de contas, o comboio tinha de estar vazio. Não queria dar a ninguém nem sequer uma chance de fugir. – Anna aponta para as portas em cada extremidade da carruagem. – Com o comboio cheio, pessoas entram e saem o tempo todo, pelo que seria fácil alguém escapar no meio da multidão.

– E também não tens espectadores inocentes a bordo quando as coisas ficarem feias – acrescenta Dante. – Agora que sabem que estão presos neste comboio, é apenas uma questão de tempo até se começarem a virar uns contra os outros.

Anna não acredita que isso vá acontecer, apesar de já estar a prever que as coisas vão aquecer quando o desespero se instalar. Prevê acusações, confissões, culpas a serem atiradas para cima uns dos outros. Porém, embora saiba que há uma hipótese de a agredirem a ela e a Seamus – daí a faca e os meios de protecção dele –, não acredita que se atacarão uns aos outros.

Ainda assim, quando ela e Dante entram no furgão, Anna apercebe-se de imediato do estado maníaco em que se encontram. Judd Dodge está a bater à porta da locomotiva com o punho sem conseguir que se mexa um centímetro. Contudo, isso não impede Jack Lapsford de trocar de lugar com ele e ir tentar a sua sorte. Primeiro, puxa a maçaneta, depois empurra-a e, em seguida, puxa a maçaneta outra vez. Quando percebe que nada disto faz a porta mexer, começa a bater-lhe com força e a gritar:

– Olá? Quem estiver aí dentro que nos abra já a porta!

Sal junta-se a ele, enfatizando cada palavra com uma pancada forte na porta.

– Isto! É! Uma! Emergência!

Anna imagina Burt Chapman à frente da locomotiva, alheado da barulheira. Mesmo que os consiga ouvir, ela sabe que os ignorará.

– Eu disse-lhe que era provável que um de vocês dissesse isso – declara Anna, anunciando a sua presença.

Judd lança-lhe um olhar desesperado.

– Então porque é que não vem à porta?

– Porque eu sabia que íamos acabar por vir aqui parar – responde Anna. – Por isso, disse-lhe para não abrir a porta. Depois de lhe passar uma bela quantia para as mãos, claro.

– Seja o que for que ela lhe pague – grita Sal com outra pancada na porta –, nós oferecemos o dobro!

Anna coloca uma mão na anca, impaciente.

– Eu também o avisei de que diriam isso.

– Um milhão de dólares! – grita Lapsford.

A quantia faz Herb Pulaski arquejar. Os outros, estupefactos, lançam-lhe também olhares chocados. A única pessoa que não está surpreendida é Anna.

– Ele também previu que dissessem isso – continua ela. – Não há literalmente nada que possam dizer ou fazer que o leve a parar este comboio.

– Mas *tu* podes pará-lo, certo? – pergunta Judd.

– Pelo contrário, nem mesmo eu posso fazer isso. Presumi que um de vocês tentaria imitar-me… ou, batam na madeira, coagir-me através da violência… por isso, dei instruções ao maquinista para não obedecer a ninguém. Nem mesmo a mim.

– Estás doida – insulta Sal. – Completamente desvairada.

Lapsford partilha deste sentimento com um aceno de cabeça e pergunta:

– Porque é que ele haveria de concordar com uma coisa destas?

– Porque todos aqueles que trabalham neste comboio diariamente, desde a pessoa que lava os pratos até ao maquinista-chefe, conhecem o objectivo desta viagem – explica Anna. – E todos fizeram questão de se afastarem ou, no caso do maquinista, de prestar assistência. As pessoas que trabalharam no comboio também morreram por causa do vosso esquema. Os maquinistas. Um revisor. Dois bagageiros. Entre os ferroviários, o sentimento de camaradagem é profundo. Querem que se faça justiça, tanto quanto o Seamus e eu.

Lapsford não percebe ou não se importa, pois volta a bater com os punhos na porta, ao mesmo tempo que grita:

– Sou um membro de alta patente do Exército dos Estados Unidos e ordeno-

lhe que pare este comboio.

– Membro *reformado* de alta patente, – corrige Dante, aproximando-se de Anna. – O que não lhe dá qualquer autoridade. Na verdade, uma vez que este comboio pertence ao meu pai e, um dia, virá para as minhas mãos, acho que sou eu quem deverá decidir para onde vai e quando pára, não acha?

– Então pare com isto e deixe-nos sair – exige Lapsford.

O corpo de Anna enrijece ao ver Dante aproximar-se da porta. Antes de embarcar, quando ainda estava a contar que Kenneth Wentworth fosse aparecer, disse a Burt Chapman que o patrão dele estaria a bordo e que faria tudo para parar o comboio. Burt garantiu-lhe que ela não tinha com que se preocupar, especialmente depois de lhe ter contado tudo o que Wentworth fizera. Claro que ter-lhe pagado o dobro do que ao resto da tripulação do comboio também não dificultou a sua decisão.

No entanto, Dante não é o pai. Encantar e persuadir são as suas especialidades. Se há alguém que consegue parar o Phoenix apenas e só com charme, é ele.

Bate à porta e limpa a garganta antes de começar:

– O meu nome é Dante Wentworth. O meu pai é dono deste caminho-de-ferro, incluindo o comboio. Como deve ter ouvido, temos aqui algumas pessoas desesperadas para que o comboio pare e possam desembarcar. Tendo em conta estas circunstâncias, acho que é melhor…

Dante volta-se para lançar a Anna um olhar que ela não consegue decifrar. Por segundos, deixa de conseguir respirar e tem a certeza de que ele vai parar o comboio sozinho e arruinar-lhe o plano. Tanto trabalho deitado ao lixo. Tanto planeamento para nada. Tanto dinheiro desperdiçado.

Porém, quando vê aquele sorriso torto a abrir-se no seu rosto, Anna solta todo o ar que tinha guardado.

– Acho que é melhor manter este comboio em movimento – continua Dante. – Ignore tudo o que qualquer pessoa disser, tal como a menina Matheson lhe indicou. Não pare, seja em que circunstâncias for, antes de chegarmos a Chicago.

Depois, bate duas vezes na porta e aguarda. Um momento mais tarde, ouvem-se mais duas batidas do outro lado. Burt recebeu a mensagem.

Este comboio não vai parar.

DOZE

Dante volta-se para encarar os outros e, depois de bater com as mãos, diz:

– Ora bem, vai uma bebida?

Não consegue avançar mais do que dois passos, antes de ser cercado por um grupo de rostos furiosos.

– Está louco?

Judd grita, ao mesmo tempo que Sal pergunta:

– Porque é que fez isso?

– Acabou de nos condenar a todos! – berra Lapsford também com o rosto vermelho. – Incluindo o seu pai.

– Talvez ele mereça – responde Dante. – Começo a pensar que talvez todos vocês mereçam, na realidade.

Lapsford lança-lhe um olhar ameaçador.

– Isto ainda não acabou. Ainda falta muito até chegarmos a Chicago.

– Mais de dez horas – confirma Judd, tirando um relógio de bolso de dentro do casaco. Está tão agitado que nem o abre para verificar se tem razão, guardando-o de seguida no bolso.

– E eu *vou* arranjar uma maneira de sair deste comboio, nem que para isso tenha de o matar a si e a ela. – Lapsford atira o polegar na direcção de Anna. – Na realidade, não há nada que nos impeça de fazer exactamente isso e acabar já com esta brincadeira toda.

Anna faz sinal com a cabeça a Seamus, que dá um passo em frente ao mesmo tempo que tira um revólver do bolso. Alguém, ou Sal ou Edith, Anna não tem a certeza, grita em choque. Alguns homens arquejam. Até Dante olha para Anna com os olhos arregalados, como se, de repente, a achasse louca.

Mas está enganado. Neste momento, Anna nunca esteve tão sã.

Ao seu lado, Seamus não tem o revólver apontado para Lapsford, mas sim para a carruagem em geral, tornando a sua mensagem clara. Ele pode disparar contra qualquer um deles se quiser. Ao perceber isto, Lapsford recua com as mãos levantadas.

Seamus olha-os com tanta intensidade que, por instantes, Anna teme que ele esqueça o plano e os mate a todos. Há balas suficientes na pistola para disparar

seis tiros. Uma para cada um deles.

– Eu disse-vos que ela estava a planear matar-nos – diz Judd.

Anna coloca-se à frente de Seamus, tapando o revólver dos outros. Tivera alguma relutância em deixá-lo trazer o revólver, sabendo que a situação era já complicada o suficiente sem armas à mistura. Porém, tal como com a faca que tem na coxa, acabou por concluir que era uma precaução necessária.

– Ninguém vai matar ninguém – assegura Anna. – Eu não menti quando disse que vos queria a todos vivos. O Seamus tem a arma para garantir que toda a gente mantém a calma.

– E se não conseguir manter a calma? – pergunta Lapsford.

Seamus espreita por detrás de Anna para o encarar.

– Então leva com uma bala. Assim, fica logo mais calmo de certeza. Quer esperar um pouco e ver como se sente, tenente-coronel? Ou prefere que dispare já?

Herb Pulaski afasta-se do grupo e dirige-se para as portas duplas no centro da carruagem.

– Vocês podem ficar todos aqui, mas eu não vou ficar à espera de que me prendam ou matem.

Depois, destranca as portas e abre-as. Como têm de ser largas o suficiente para que grandes baús e bagagens possam passar, abri-las faz com a parte lateral do comboio fique com um buraco enorme. O ar frio atravessa rapidamente a carruagem, trazendo consigo grossos flocos de neve, que caem em espiral e se espalham pelo chão. Com o ar frio vem também o barulho do próprio comboio, fazendo com que o som estridente das rodas de aço nos carris de ferro ecoe pelas paredes estéreis da carruagem. Herb é bofeteado pelo vento e pelo ruído ao aproximar-se da abertura.

– O que estás a fazer? – pergunta Judd, gritando para se fazer ouvir por cima da barulheira.

– O que é que achas? Vou saltar deste maldito comboio. Sugiro-vos que façam o mesmo.

Na entrada da porta, Herb agarra-se a ambos os lados, preparando-se para saltar. Anna aproxima-se por detrás dele, com medo de que ele vá mesmo fazê-lo. Por cima do seu ombro, vê que o comboio ainda segue ao longo do rio, mas já não se avistam casas do outro lado, apenas uma extensa superfície escura e enrugada de água, com bosques cobertos pela neve que cai.

– A velocidade média deste comboio é de sessenta e cinco milhas por hora – informa Anna a Herb. – Se saltar, a probabilidade de morte imediata é de cinquenta por cento. Especialmente se for puxado para debaixo das rodas. Cortá-lo-ão a meio tão facilmente com uma faca corta manteiga.

Herb inclina-se para o espaço vazio.

– Vou arriscar.

– Como queira – diz Anna, mudando de táctica. – Mas mesmo que seja sortudo o suficiente para sobreviver ao salto, não vai sair ileso. Ficará com ferimentos. Ossos partidos. Cortes e escoriações. É certo que não conseguirá correr. É provável que nem consiga andar sequer. E mesmo que, por milagre, o consiga fazer não terá para onde ir. Não é lá grande plano de fuga, pois não?

Herb afasta-se da abertura para a fitar e Anna perscruta-lhe o rosto, satisfeita por ver a hesitação a espalhar-se pelas suas feições.

– Estou à espera, senhor Pulaski – diz ela. – Vai saltar ou não?

Herb volta a olhar para o exterior e Anna percebe que ele está a fazer cálculos na sua cabeça para decidir se o risco vale a pena.

– Quer que o empurre? – pergunte ela.

– Não!

Herb afasta-se rapidamente da porta, só parando até ter as costas encostadas à parede oposta. Anna dirige-se para as portas, fechando-as com força. O vento deixa de entrar, enquanto o ruído do comboio fica reduzido a um estalido constante.

– Agora que já todos caíram em si e perceberam que não vão conseguir sair deste comboio até chegarmos Chicago, aconselho-vos a regressarem ao salão da primeira classe – sugere Anna.

Ninguém discorda. Nem mesmo Jack Lapsford, o mais conflituoso do grupo, e os cinco arrastam os pés pelo furgão, supervisionados por Seamus. Anna e Dante seguem-nos um pouco mais atrás.

– Porque não tentaste parar o comboio? – pergunta Anna, num tom suave, quando chegam à segunda carruagem de segunda classe e entram no corredor.

– Tenho as minhas razões – responde Dante. – Razões que não têm nada que ver contigo.

Dito isto, não diz mais nada. Ninguém diz mais nada. Passando por fila após fila de lugares vazios, o grupo desfila sombriamente pelo comboio, banhado pelo silêncio que acompanha a ausência de passageiros. Quando regressam ao salão da primeira classe, Judd Dodge é o primeiro a falar:

– Acho que aceito uma bebida. Estou a precisar.

Dante vai para trás do balcão.

– Escolham o vosso veneno.

– Gim – responde Judd.

– Para mim também serve – pede Sal, enquanto pousa a mala de mão no balcão do bar e retira um batom do seu interior.

– Para mim também – acrescenta Herb. – Já que esta pode ser a última vez

que bebo alguma coisa forte.

– O meu é duplo – pede Lapsford, juntando-se.

Dante reúne tudo o que precisa do bar para fazer as bebidas com a mesma destreza com que tocou piano. Dentro de poucos segundos, o balcão fica cheio de copos de *Martíni*, um *shaker* de *cocktail* e uma garrafa de *Tanqueray*.

– E para si, Edith, nada?

Sentada longe do grupo com uma postura muito composta, ela abana a cabeça.

– O álcool entorpece os sentidos.

– Pois é – concorda Sal, enquanto delineia os lábios com um batom vermelho tão brilhante como o sangue. – É esse o objectivo.

Dante enche o *shaker* com gelo, gim e dois salpicos de vermute. Depois de mexer bem, passa-o virado ao contrário sobre quatro copos em fila, para a frente e para trás, até terem todos a mesma quantidade. Depois de terminar, estende os braços por cima dos *cocktails* e diz:

– Já podem vir buscá-los.

Sal, que já estava junto ao bar, passa a mão sobre os copos antes de escolher um no fim da fila. A seguir, Herb pega num que está no centro sem pensar muito. Depois é a vez de Lapsford, que pega num copo, muda de ideias e acaba por escolher outro. Ao afastar-se do bar, roça em Judd, que levanta o último que faltava com a mão direita e leva-o para o centro da carruagem, onde fica sozinho de pé.

Por um momento, bebem todos em silêncio, deixando a gravidade da situação entranhar. Herb dá um pequeno gole e depois faz uma careta que atesta o quão forte o seu *Martíni* está. Já Sal faz exactamente o oposto, e bebe tudo de um só trago, deixando no rebordo do copo uma mancha carmesim graças ao batom que acabou de colocar. Lapsford mantém o copo junto aos lábios e fita Anna por cima da bebida, enquanto Judd, sem pressa para começar a beber, verifica o relógio de bolso e contém-se para não bocejar.

Ouve-se outro toque de buzina, vindo da parte da frente do comboio, tão longo que se arrasta pela noite escura. Em seguida, um toque semelhante ao longe. Há outro comboio por perto, a rugir na direcção oposta, na linha paralela àquela em que se encontram.

Em poucos segundos, o comboio passa ao lado deles aos solavancos, abanando a carruagem, enquanto desliza rapidamente pelos carris. As luzes, visíveis das janelas do outro comboio, passam por eles em rajadas iluminadas. Brilhantes. Fugazes. Capazes de cegar de tão intensas. Os vislumbres rápidos que é possível apanhar do que se passa no interior do outro comboio mostram os passageiros sentados na carruagem de segunda classe, a falarem uns com os

outros na carruagem de lazer e a comerem na carruagem-restaurante, levando os prisioneiros do Phoenix a inclinarem-se para poderem observar com uma inveja palpável.

De repente, o outro comboio desaparece, deixando-os apenas com a paisagem coberta de neve. Anna espera que eles estejam todos a pensar em como este é o último momento de conforto que alguma vez terão. E que saber isso só os faça sofrer ainda mais.

Depois, olha para Seamus que, pensando o mesmo, lhe lança um meio sorriso. É raro ele sorrir. É sinal que, apesar de alguns percalços e de Dante estar aqui, o plano deles está a funcionar.

Porém, alguém começa a tossir.

E, depois, a gemer.

E, a seguir, ouve-se uma combinação doentia dos dois.

Todos os olhares se voltam para a pessoa afectada: o tenente-coronel Jack Lapsford. Nesse momento está a deixar-se cair na cadeira mais próxima, entornando o seu *Martíni*. Depois de pousar o copo, usa a mão para apertar o peito.

– Socorro – diz em arquejos. – Acho que estou a ter um ataque cardíaco.

Os mais próximos dele, Sal e Herb, aproximam-se num instante, sem fazer ideia do que deverão fazer para ajudar. Quando Anna os empurra para avaliar a situação, o rosto de Lapsford já está muito vermelho.

– Consegue respirar? – pergunta ela enquanto se ajoelha aos seus pés.

Lapsford atira a cabeça para trás, sem a abanar para dizer um «não», ou acenar para indicar um «sim». Anna segura na mão livre dele e coloca dois dedos junto ao seu pulso para poder verificar-lhe a pulsação. Embora não seja médica, parece-lhe regular. Desconfia que o seu coração bata, neste momento, duas vezes mais rápido que o dele.

– Não me parece que seja o coração – diz ela. – Talvez seja um derrame?

Anna levanta-se e segura a cabeça de Lapsford entre as mãos. Tem os olhos abertos e ela fita-os com atenção, à procura de sinais de AVC, de convulsão ou de hemorragia cerebral. Não que ela saiba que sinais são esses, mas assume que haverá de conseguir ver alguma coisa. Contudo, ao olhá-los não vê nada de particularmente relevante.

– Precisamos de um médico! – grita alguém.

– O que precisamos é de parar este maldito comboio! – grita outra pessoa ainda mais alto.

– Não! – Anna volta-se para os encarar.

O tom da sua voz e a ferocidade das suas palavras exigindo silêncio.

– Este comboio não pára por ninguém.

– Mas isto é uma emergência – argumenta Herb.

Anna não tem tanta certeza disso. Além da sua postura dramática, não há sinais de que haja algo de errado com Lapsford. E a sua postura, agora que Anna pensa nisso, parece, de facto, demasiado dramática, especialmente para alguém com o pulso normal e sem qualquer aflição visível.

Ela vira-se de novo para Lapsford, que começa de imediato a respirar normalmente. Também a sua expressão passa de pânico a desafio, com um toque de diversão. Anna sabe agora que tinha razão na sua suspeita.

Não há nada de errado com Jack Lapsford. Ele apenas fingiu que estava a ter um ataque cardíaco para conseguir levá-la a parar o comboio.

– Tinha de tentar – diz ele, quando se torna claro que esta é só mais uma tentativa para tentar acabar com esta viagem.

Anna limita-se a abanar a cabeça com repugnância. Que homem fraco e cobarde.

– Você é, provavelmente, a pior pessoa a bordo deste comboio – diz-lhe ela. – Tendo em conta os seus companheiros de viagem, isso é…

O som de um copo de *Martíni* a estilhaçar contra uma mesa de *cocktail* interrompe-a. Virando-se em direcção ao som, Anna vê Judd Dodge, agora de mãos vazias e com o olhar perdido. De boca aberta e olhos arregalados, parece um homem que está a assistir, no fundo da carruagem, a algo tão horrível que é impossível de descrever.

Porém, não há nada lá para ver. Apenas Dante, que está ainda junto ao bar, e as prateleiras espelhadas atrás dele a reflectir o cenário que agora se desenrola no centro da carruagem.

Por ter acabado de ser enganada por Lapsford, Anna não se mexe um centímetro para ajudar. Ninguém o faz.

Judd tomba para a direita e agarra-se à toalha da mesa de *cocktail*, como se isso fosse suficiente para o manter de pé. Mas a toalha desliza sobre a mesa, derrubando o copo de *Martíni*, e Judd perde completamente o equilíbrio. Bate no chão com um baque doentio que é abafado pelo agonizante gemido que lhe escapa dos lábios.

Em segundos, Anna ajoelha-se junto dele para o tentar estabilizar da mesma forma que fez com Lapsford alguns momentos antes. Judd não pára de se contorcer de costas viradas para baixo, ao mesmo tempo que lhe borbulha na boca uma camada fina de espuma. Como se estivesse aflito. Raivoso. Manchas vermelhas surgem na espuma. Uma substância sangrenta e viscosa passa-lhe pelos lábios e escorre-lhe pelo queixo.

Impotente e horrorizada, Anna limita-se a olhar para ele boquiaberta.

– Judd, consegue falar? Diga-me o que está a sentir.

Judd não responde, apenas estremece.

Depois, com um gemido e um ronco, não se mexe mais.

Anna bofeteia-o primeiro suavemente e depois com mais força. Continua a bater-lhe, com o pânico a marcar cada estalada, até Seamus a afastar gentilmente.

– Não – geme Anna. – Ele não pode estar…

Com a mão trémula, Seamus coloca dois dedos junto ao pescoço de Judd. Olha para Anna e abana a cabeça. Depois, apressa-se a fazer o sinal da cruz, retira os óculos de Judd e coloca os mesmos dedos com que lhe verificou a pulsação sobre as pálpebras, fechando-as suavemente.

Para os restantes, é agora que tudo começa a ficar sério. Quando todos percebem que isto não faz parte nem de uma tentativa descarada para fazer com que o comboio pare nem do plano de Anna.

Judd Dodge está morto.

22H00

DEZ HORAS ATÉ CHICAGO

TREZE

Durante um minuto, depois de Judd Dodge ser declarado morto, ninguém disse nada. Pelo menos, não alto o suficiente para que os outros conseguissem ouvir. Sentada numa cadeira, Edith Gerhardt sussurra uma oração quase inaudível. Ao seu lado, Herb Pulaski mexe os lábios, mas as palavras não saem.

Anna nem sequer consegue respirar. E se o faz, é de forma consciente. Sente-se como se tivesse sido ela a morrer, o que, tendo em conta o sítio onde está e as pessoas que a rodeiam, faria mais sentido do que *isto*.

Ainda sentada no chão, Anna fita Dante do outro lado da carruagem e os dois trocam olhares de silenciosa preocupação. Ele tinha razão. Viraram-se uns contra os outros. Mas de uma forma que ela nunca esperou.

Anna volta a olhar para Judd, abalada com a forma pouco digna que aparenta ter na morte. Tem os olhos fechados, é verdade, mas nada mais nele se parece com um repouso pacífico. O resto do corpo, desde a espuma manchada de sangue que lhe ficou nos lábios, até à toalha de mesa que ainda segura entre os dedos, passando pelo ângulo estranho com que dobra a perna direita, parece pertencer a um homem que continua em sofrimento. Anna estremece. Ela queria que ele sofresse, mas não assim.

É um alívio quando Seamus endireita gentilmente as pernas de Judd e lhe tira a toalha de mesa dos dedos. E é um alívio ainda maior quando tira uma toalha de mesa seca de uma mesa próxima e a coloca sobre o cadáver, protegendo-o do olhar dos outros.

– Morreu mesmo? – pergunta Herb.

Seamus acena com a cabeça.

– Sim.

– Temos de ligar para a polícia – diz Edith.

– O que precisamos – corrige Lapsford –, é de parar este maldito comboio!

– Não! – exclama Anna, ainda sentada no chão. – O comboio não vai parar.

Sal olha para ela, com os olhos esbugalhados.

– Nem sequer por *isto?* Endoideceste.

Os outros acenam com a cabeça e murmuram afirmações de concordância. Até Seamus, de pé ao lado do corpo de Judd, parece indeciso sobre o que fazer a

seguir.

– O que fazemos, Anna? Isto não fazia parte do plano.

– Não sei – diz ela. – Preciso de…

Pensar.

É disso que ela precisa, mas só lhe apetece chorar. Não por Judd Dodge. Ele não merece as suas lágrimas. Mas *merecia* ter pagado pelos seus pecados. E, apesar de poder estar a acontecer agora, caso haja um céu, um inferno e um julgamento no além, Anna não consegue estar lá para o testemunhar.

E é isso que *ela* merecia. É o que toda a sua família merecia. Ela devia-lhes isso enquanto único membro ainda vivo.

Faz com que todos paguem, disse-lhe a tia Retta e Anna jurou-lhe que o faria. Mas agora é impossível. É por isso que Anna sente os cantos dos olhos a arder com lágrimas. O facto de Judd ter morrido rouba-lhe a oportunidade de os levar a *todos* à justiça.

O seu plano parece desfazer-se em água, que ela tenta conter nas mãos, mas que acaba por lhe escapar entre os dedos e desaparecer. Tanto trabalho para nada. Tanto dinheiro desperdiçado, já para não falar da oportunidade. Ela podia ter tornado as coisas mais simples, tal como Dante lhe fez notar. Chamar o FBI, entregar as provas, assistir aos aprisionamentos. Mas isso não seria suficiente. Não depois de tudo o que estas pessoas fizeram à sua família. Como uma abelha rainha, ela queria caçar os destruidores da colmeia e fazê-los sentir o seu ferrão.

No entanto, outra pessoa picou primeiro e a dor que isso provoca faz com que as lágrimas não parem de correr. Pensa no que a tia Retta diria neste momento. Não chores. Não mostres qualquer emoção. Pelo amor de Deus, não vaciles.

Anna reúne toda a sua força de vontade para parar de chorar e levantar-se. Ela precisa de pensar com clareza, de se concentrar, de descobrir o que fazer a seguir.

Os outros têm razão. A melhor coisa a fazer *seria* avisar as autoridades. Porém, para isso tinha de parar o comboio, e ela já recorreu a extremos para impedir que isso acontecesse. Nunca lhe passou pela cabeça que poderia chegar um momento em que o comboio *precisasse* de parar. Perante este cenário improvável, Anna só consegue pensar numa outra solução: identificar ela mesma a pessoa que matou Judd.

Virando-se lentamente para o centro da carruagem, pergunta:

– Quem é o responsável por isto? Vão todos para a prisão de qualquer maneira, por isso mais vale confessarem já e pouparem à polícia o tempo e o esforço.

– O que a faz pensar que foi um de nós? – pergunta Lapsford.

– Alguém neste comboio tem de ser – responde Anna. – Como somos os únicos passageiros a bordo, isso significa que foi um de vocês.

– Ou um de *vocês* – acusa Lapsford, apontando para Anna e Seamus. – Acho que o Judd tinha razão. Estão *mesmo* a tentar matar-nos.

Anna não fica surpreendida por acharem que ela é uma assassina. Já estava à espera, na realidade, e mesmo sabendo que nenhum deles vai acreditar nela, diz:

– Já vos pus a par do meu plano. Se vos quisesse matar, já o teria feito.

Esta afirmação, tão directa quanto perturbadora, silencia a carruagem. Passam-se alguns segundos sem ninguém dizer nada, até Herb intervir, apontando para Seamus enquanto pergunta:

– E ele?

– E *você?* – pergunta Seamus de volta. – A Anna e eu não somos os únicos capazes de matar. Considerando o que fizeram, são mais suspeitos do que nós os dois. Se o senhor Dodge foi assassinado…

– Se? – pergunta Sal, com um revirar de olhos. – O que mais poderia ter acontecido?

Anna aproxima-se do corpo de Judd, passando por cima dele com cuidado em bicos de pés para chegar à mesa de *cocktail* junto à qual ele se encontrava antes de cair. Parte da toalha está no chão ao lado dele e a outra parte está encharcada de *Martíni* e colada à superfície da mesa, na qual ainda está entornado o copo do qual ele bebeu. Anna passa o dedo indicador pelo interior do copo e sente um resíduo arenoso.

Depois, leva-o até ao nariz e cheira-o, identificando um odor químico forte e desagradável.

– Ele foi envenenado – anuncia ela.

– Tens a certeza? – pergunta Seamus.

– Não a cem por cento. Mas já bebi *Martínis* suficientes na minha vida para saber que não cheiram assim. Alguém deitou alguma coisa nociva na bebida do Judd.

– Eu disse que era homicídio – diz Lapsford com um sorrisinho presunçoso.

Embora isso agora seja óbvio, Anna não consegue compreender ainda o motivo por detrás do crime. Porque é que alguém haveria de querer matar Judd Dodge? Se há alguém neste comboio que é um alvo a abater, é ela e, logo a seguir, Seamus. No entanto, a verdade é que Judd está morto e ela não.

– Algum de vocês guardava ressentimentos contra o Judd? – pergunta, mas sem qualquer expectativa de que obterá uma resposta honesta.

Edith abana a cabeça, enquanto Lapsford responde:

– Eu mal conhecia o homem.

– Eu não – responde Herb. – Mas ele pareceu-me um bocado assustadiço

quando cá chegou.

– Assustadiço como? – pergunta Anna.

Herb, também ele com um ar assustadiço, limpa a testa com um lenço e depois torce-o nas mãos.

– Nervoso. Como se tivesse um mau pressentimento acerca desta noite.

– E não lhe faltavam razões – diz Sal. – A avaliar pela forma como um de vocês o mandou desta para melhor.

Do outro lado da carruagem, Jack Lapsford olha-a de alto a baixo.

– Está a excluir-se a si própria, estou a ver. Na minha opinião, isso só a torna a principal suspeita.

– O sentimento é mútuo – riposta Sal.

– Não tinha quaisquer motivos para o matar – argumenta Lapsford. – Apesar de ele ter confessado logo os crimes de traição e sabotagem, mal viu a planta do projecto.

Quer tenha sido de propósito ou um acidente, a resposta de Lapsford oferece a Anna o principal motivo do homicídio. Judd admitiu, *de facto*, que redigiu o projecto que estava na pasta, explicando até que fora destinado para a locomotiva que explodiu, o que é o mais próximo que ela alguma vez poderia esperar de uma admissão de culpa.

Talvez um dos outros, por recear que não fosse difícil para ele admitir tudo o que fizeram, tenha recorrido ao homicídio para o manter calado. Mas quem? E quando?

Anna tenta recordar-se de pormenores dos últimos minutos. O responsável deve ter deitado o veneno no copo de Judd sem que ninguém se apercebesse. Contudo, não tinha passado muito tempo desde o momento em que Dante preparou as bebidas e o colapso súbito que sofreu. E Anna esteve demasiado distraída com o comboio que passou, já para não falar do tempo que perdeu com Lapsford durante o seu falso ataque cardíaco, para reparar em mais alguma coisa.

– Quem é que estava ao lado do Judd quando ele morreu? – pergunta ela.

– Ninguém – responde Seamus. – Ele estava sozinho.

– E ninguém se aproximou dele depois de ter ido buscar a bebida ao bar?

– Não.

Seamus volta-se para o bar. Dante não se mexeu um centímetro desde que serviu os *Martínis*. Apercebendo-se dos olhares de suspeita que lançam sobre ele diz:

– Não acham mesmo que fui eu, pois não?

– Um homem acabou de morrer envenenado com um *Martíni* que *tu* preparaste – acusa Seamus.

– Mas porque é que eu o haveria de matar? – pergunta Dante. – *Quando* é que poderia tê-lo feito? Preparei aqueles *Martínis* mesmo à vossa frente, vocês viram. Fiz as bebidas para todos ao mesmo tempo, no mesmo *shaker*. Se deitei veneno na bebida do Judd, então a Sal, o Herb e o tenente-coronel também estariam mortos.

Sal olha para o copo que ainda tem na mão e, vendo que está quase vazio, larga-o com um arquejo. O copo cai no chão, partindo-se aos seus pés. Herb e Lapsford, que já tinham posto de lado os seus *Martínis* meio bebidos, trocam olhares assustados.

– Mas vocês não morreram – acrescenta Dante. – O que significa que não envenenei a bebida do Judd. Como o poderia ter feito? Nem sabia de que copo beberiam. Deixei-vos escolher.

– É verdade – concorda Anna, recordando-se do aspecto encantador com que Dante apresentou as bebidas, tal como fazia com tudo na vida. – Ele escolheu os copos e serviu as bebidas, mas o resto foi ao acaso.

– E Judd pegou no último copo que restava – acrescenta Dante. – Quem pegou no primeiro?

– A Sally – responde Edith, levantando-se da cadeira em que estava sentada junto à janela. – Ela foi a primeira.

Sal vira-se para ela.

– Então está a insinuar que fui eu?

– Estou só a dizer que teve a oportunidade – diz Edith.

– Tal como o Herb. – Sal retira a sua mala do bar e usa-a para apontar para o homem ao lado de Edith. – E o Lapsford. E toda a gente nesta carruagem. Incluindo a Edith. Por falar nisso, é um bocado suspeito o quão calada tem estado durante tudo isto.

Edith solta um suspiro.

– Não vejo razão para fazer alarido. Especialmente, quando você e os outros adoram fazê-lo por mim.

– Ou talvez tenha andando a planear alguma coisa este tempo todo e esperava que ninguém reparasse.

Agora que Sal o menciona, Anna apercebe-se de que Edith esteve calada durante a maior parte da noite. A seguir os outros, sem nunca tomar iniciativa, falando apenas quando lhe dirigem a palavra. Está muito diferente da mulher gregária que em tempos deixou Anna deleitada com histórias do folclore alemão.

– Não fiz nada de mal – diz Edith. – Mal saí do sítio desde que voltámos a esta carruagem.

– Quem é que escolheu a segunda bebida? – pergunta Anna.

Herb levanta a mão.

– Fui eu.

– E eu a terceira – diz Lapsford. – Quem me viu pode confirmar que não mexi no último copo.

– Mas *mudou* de ideias – denota Dante voltando ao balcão do bar e colocando as mãos onde estiveram as duas últimas bebidas. – Vi-o a decidir-se por um copo, mudar de ideias e pegar no outro. O que o fez mudar de ideias? E não diga que foi porque um estava mais cheio do que o outro. Deitei a mesma quantidade em todos.

Anna aproxima-se de Lapsford com curiosidade.

– Havia algum problema com a outra bebida? Foi por isso que a deixou para o Judd?

– Não foi por causa da bebida – responde ele. – Eram as duas exactamente iguais. Foi o copo que me levou a mudar de ideias.

– O copo? O que havia de errado com o copo?

– Tinha uma mancha no rebordo interior. – Lapsford levanta o dedo indicador. – Como uma impressão digital. Então, escolhi o copo que estava mais limpo.

Anna apressa-se a voltar para a mesa ao lado do cadáver de Judd. O copo de *Martíni* ainda lá está, agora direito, depois de ela ter encontrado os resíduos no interior. Ao virá-lo nas suas mãos, repara em várias impressões digitais, incluindo uma longa mancha deixada pelo seu dedo indicador quando o passou na borda da parte de dentro do copo. Se Lapsford viu ali uma marca de impressão digital, agora é impossível distingui-la das restantes.

– Dante – chama ela, regressando ao bar. – Como estavam os copos de *Martíni* quando os encontraste? Virados para cima ou para baixo?

– Para cima – responde ele, antes de se esconder atrás do balcão para confirmar. – Tal como todos os outros.

– Reparaste em algum deles antes de os teres colocado no balcão?

– Mal olhei. – Dante faz uma pausa, boquiaberto. – Espera, já sei em que estás a pensar.

Os seus olhos brilham de uma forma que Anna se recorda bem do tempo em que eram jovens. Era um brilho que aparecia sempre que Dante ficava entusiasmado com alguma coisa. Quando Anna concordou em sair com ele pela primeira vez, ou quando ele sugeriu que fossem nadar nus na piscina do quintal dele. Sempre que via este brilho, Anna dava por si a concordar entusiasticamente com qualquer ideia de que ele se lembrasse, incluindo o mergulho, do qual se envergonhou e se arrependeu mais tarde.

Agora, passados tantos anos e em circunstâncias muito diferentes, ela apercebe-se de como seria fácil deixar-se levar pela velha e familiar dinâmica

que tivera com Dante. Porém, afastando o olhar desse brilho, Anna lembra-se de quem ele é, do que lhe fez e do que o pai dele fez à sua família.

– E em que estou a pensar, senhor Wentworth?

Se repara na mudança de tom de voz dela, Dante não o demonstra.

– Envenenaram o copo, não a bebida.

– É possível – admite Anna, franzindo o sobrolho para contrariar o entusiasmo dele.

Não há motivo para estar entusiasmada. Um homem está morto, o seu plano ficou reduzido a escombros e ainda nem estão sequer perto de chegar a Chicago. Depois, há ainda o facto de, se o copo foi envenenado, isso significa que Judd pode não ter sido o alvo pretendido, e a pessoa que o matou pode tê-lo colocado lá *antes* de se terem reunido todos no salão.

– Então, não foi nenhum de nós – diz Sal, seguindo o raciocínio dela.

– Eu não disse isso – responde Anna.

Ainda assim, é algo que ela está definitivamente a considerar. Se a teoria dela estiver correcta, a pessoa que matou Judd pode nem sequer estar entre eles. Sim, eles são os únicos a bordo do Phoenix, mas no início da noite não foi assim. Anna pensa nas dezenas de trabalhadores e nos passageiros a fingir que estavam no comboio minutos antes da partida. Qualquer um deles poderia ter-se esgueirado para trás do bar do salão de primeira classe e revestido o interior de um copo com veneno.

A razão que levaria alguém a fazer isso ultrapassa o conhecimento de Anna. Não faz sentido nenhum, e é por isso que, na sua cabeça, continua a ser provável que o responsável seja alguém que se encontra nesta carruagem, neste preciso momento. Afinal de contas, esteve vazia durante algum tempo assim que o Phoenix deixou a estação.

– Senhor Pulaski – chama Anna.

Herb, agarrando ainda o lenço com tanta força que tem os nós dos dedos brancos, olha para cima, assustado por ouvir o seu nome.

– Sim?

– Disse que você e o senhor Dodge ficaram sozinhos nesta carruagem antes de os outros terem chegado. É verdade?

– Sim.

– Confirmo – diz Sal. – Eles eram os únicos aqui dentro quando cheguei.

– E quem chegou primeiro?

– Eu – responde Herb, depois de engolir nervosamente em seco e de passar o lenço pela testa mais uma vez. – Mas não toquei nos copos. Juro. Até me podem revistar se quiserem.

Anna apercebe-se de que não é uma péssima ideia. Se o assassino estiver

nesta carruagem, então tem de ter consigo o recipiente com os restos do veneno que deitou na bebida de Judd. Um frasco, uma caixa de comprimidos ou uma garrafa pequena.

– Vou aceitar a sua sugestão – diz Anna. – Na verdade, toda a gente tem de esvaziar os bolsos e as malas. Comecemos por si, senhor Pulaski.

Herb faz o que lhe mandam, esvaziando devagar os bolsos e mostrando o seu conteúdo. Dois convites, um para o salão e o outro para a viagem de comboio, uma carteira fina, um maço de *Lucky Strike* e um isqueiro de prata. Anna analisa tudo com atenção. Tirando uma nota de cinco dólares, a carteira está vazia, restam apenas oito cigarros no maço e o isqueiro está a funcionar na perfeição.

Antes de devolver os pertences a Herb, Anna faz sinal a Seamus com a cabeça.

– Revista-o. Só para ter a certeza.

– Vamos lá ter calminha – diz Lapsford enquanto, a um metro e meio de distância, Seamus revista Herb dos pés até aos ombros. – Vivemos num país livre. Não têm o direito de revistar ninguém sem um motivo justo.

Anna aponta para o cadáver coberto pela toalha de mesa, que está no outro lado da carruagem.

– Aquilo parece-me motivo suficiente, não acha? Se estiver inocente, não tem nada com que se preocupar. Se se recusar a ser revistado, vamos todos assumir que é o assassino. A escolha é sua.

Lapsford pensa no assunto por momentos antes de virar os bolsos do avesso. Com a excepção de um chocolate *Baby Ruth* meio derretido pelo calor do corpo, estão completamente vazios. Quando Seamus se aproxima para o revistar, Lapsford bufa com irritação para mostrar o seu desagrado.

– Posso ser o próximo – diz Dante ao sair de detrás do balcão.

Tira o casaco do fato e entrega-o a Anna, que verifica o interior dos bolsos, encontrando apenas uma pastilha de menta às riscas num invólucro de celofane. Quando Seamus se aproxima para o revistar, Dante apenas sorri e diz:

– Tens a certeza de que não queres fazer tu as honras, Annie?

Anna retrai-se ao ouvir a alcunha. Apesar da quantidade de perigos que existem neste momento a bordo, não conseguir resistir aos encantos de Dante é um dos maiores.

– Tenho – responde ela antes de fazer sinal a Seamus para o revistar.

Seamus é mais duro com ele do que com os outros, rodando-o e empurrando-o contra o balcão. A revista em si é ainda pior e, depois de acabar, deixa Dante com um aspecto amarrotado.

Anna devolve-lhe o casaco, enquanto ela e Seamus se voltam para Sal.

– Assumo que devas ser tu a revistar as mulheres – sugere Seamus.

Ao olhar para Sal, Anna apercebe-se de que vai ser uma tarefa impossível. Consegue suportar a presença dela quando está com os outros, no meio do grupo. No entanto, estar frente a frente é demasiado para ela. A raiva é demasiado grande, a traição demasiado dolorosa, as memórias demasiado cruas.

Lembra-se do ano em que Sal passou o Dia de Acção de Graças com a sua família e ficaram acordadas até tarde a pintar as unhas dos pés uma à outra. Riram-se tão alto que acordaram Tommy no quarto ao lado. Lembra-se da viagem inaugural do Phoenix, quando Sal abriu a janela e lhe disse para acenar à multidão que se juntara para ver o comboio passar. Lembra-se também de quando tinha dezasseis anos e contou a Sal o seu maior segredo: estava apaixonada por Dante Wentworth.

– Tem cuidado – avisara Sal. – Os rapazes partem-te o coração sem pensar duas vezes.

Dante partiu-lhe, de facto, o coração, mas nem de perto tanto quanto ela. Anna preferia tocar no cadáver arrefecido de Judd Dodge do que pôr as suas mãos em cima de Sally Lawrence.

– Faz tu isso – diz ela a Seamus. – Eu verifico a mala dela.

– Não fiques com ideias – avisa Sal quando Seamus se aproxima dela. – Não fazes o meu tipo.

Seamus começa a revistá-la.

– Óptimo. Porque se fizesse, teria de saltar pela janela.

Anna dirige-se ao bar e pega na mala de mão de Sal. Ao vasculhá-la, encontra uma base, um batom, um pequeno frasco de verniz para as unhas e um cantil prateado com um pouco de líquido a agitar-se no interior. Anna abre o cantil e cheira. Uísque. Não é veneno.

– Ela não tem nada – informa Seamus.

Anna volta a colocar o frasco na mala antes de a devolver a Sal.

– A mala dela também não.

Resta apenas Edith, que ainda não se levantou e mantém os braços teimosamente cruzados sobre o peito.

– Recuso-me a participar nesta falta de respeito – diz ela. – Deviam ter vergonha em tratar senhoras mais velhas desta maneira.

– Estou tão preocupado – responde Seamus. – Agora levante-se para que possa revistá-la.

– A minha mala está no meu quarto e não tenho bolsos. Não tenho como estar a esconder nada.

Desespero instala-se na voz de Edith, junto com um resquício de medo que Anna quer apreciar, mas não consegue. Está demasiado ocupada a lembrar-se de todas as vezes que Edith a acordou de pesadelos quando era criança e lhe deu

beijos na testa enquanto sussurrava:

– É só um sonho mau, *Schatzi*. Nada te fará mal enquanto eu estiver aqui.

– Deixa-me ser eu – pede Anna, surpreendendo toda a gente, incluindo a si mesma.

Tal como com Sal, ela não tem qualquer desejo em ficar frente a frente com Edith. Contudo, é evidente que esta não vai deixar que Seamus a reviste sem dar luta. Anna está disposta a pôr de lado o seu desagrado se isso significar acelerar o processo.

De pé, diante de Edith, Anna diz:

– Anda. Vamos lá despachar isto.

Edith levanta-se lentamente.

– *Schatzi* – diz ela, não sem ternura.

A palavra desbloqueia alguma coisa dentro de Anna. Não apenas raiva, embora esteja bastante zangada. É mais complexo do que isso. Anna *odeia* esta mulher. Ela odeia quem Edith é e o que ela fez. Porém, ao mesmo tempo, ainda a ama ou, pelo menos, ainda tem memória de a ter amado, e pensar que houve um tempo em que achou que Edith a amou de volta só torna as coisas ainda mais complicadas.

– Não me chames isso – diz Anna, com um tom de aviso.

Começa por revistá-la pelos pés. O facto de ela usar sapatos modestos não surpreende Anna nem um bocadinho. Sempre deu mais valor ao conforto do que ao estilo, e estes sapatos rasos pretos, polidos até brilharem, não são excepção. Anna apressa-se a subir as mãos pelas pernas robustas de Edith, mal tocando nas meias que ela usa como uma segunda pele.

– Estás com bom aspecto – elogia Edith quando Anna começa a revistar-lhe as coxas, a seguir as ancas e, depois, a cintura. – Estás tão crescida agora.

Anna recusa-se a olhar para ela, concentrando-se apenas no vestido de Edith. No tom cinzento monótono. Na lã em que toca com as palmas das mãos. Em como, dentro de segundos, terá de levar essas palmas para sítios mais íntimos.

– A tua mãe e o teu pai ficariam orgulhosos ao ver como ficaste bonita – continua Edith, talvez para tornar os momentos seguintes menos embaraçosos.

Mas Anna não acha que seja isso. Há uma ponta de malícia na sua voz, como se Edith a estivesse a picar.

– Não fales dos meus pais – avisa Anna.

Revista agora o peito de Edith, dando-lhe palmadinhas rápidas, antes de passar para os braços e, depois, para os ombros.

Edith abana a cabeça.

– Estariam orgulhosos, mas também chorariam ao ver a pessoa em que te tornaste.

Ouvir isto desencadeia em Anna uma raiva tão feroz que a deixa literalmente cega. Pontos brilhantes na sua visão tapam o rosto de Edith. A raiva consome-a por completo. Não consegue ouvir mais nada a não ser o som do seu coração a bater. As mãos ficam-lhe dormentes. Por momentos, não consegue ver nada, nem ouvir nada, nem sentir nada.

O primeiro sentido que recupera é o som. Ouve uma espécie de gemidos roucos de alguém que está em sofrimento, e Anna não consegue identificar de onde vêm. A seguir, recupera a visão e os pontos brilhantes desvanecem-se o suficiente para que ela veja que tem as mãos à volta da garganta de Edith. Segundos depois, sente a pele enrugada dela sob as palmas das suas mãos ao apertar-lhe o pescoço com força.

Anna deixa cair as mãos, em choque. Seamus está já junto dela, arrastando-a para longe de Edith, enquanto lhe sibila ao ouvido:

– Controla-te, porra!

Seamus leva-a até à cadeira mais próxima e Anna senta-se.

Do outro lado da divisão, Edith também regressa à sua cadeira, dando grandes golfadas de ar. Com a mão trémula, massaja o local do pescoço que as mãos de Anna apertaram. Ao ver as duas idênticas marcas vermelhas que deixou em cada lado do pescoço dela, Anna fica furiosa com Edith por a ter picado, mas fica ainda mais furiosa consigo mesma por ter caído na armadilha e ter perdido completamente o controlo.

– Controla-te – ordena-lhe Seamus. – Ela não merece que vás para prisão por causa dela. Nenhum deles merece.

– Des…

Anna interrompe-se antes de dizer a palavra.

Desculpa.

Porque não está arrependida. De todas as emoções que colidem agora dentro de si, arrependimento não é, definitivamente, uma delas.

– Não vai voltar a acontecer – diz ela.

Ele anui com a cabeça.

– Óptimo. Assumo que não tenhas encontrado nada.

– Nada – responde Anna. – Tal como os outros.

– Porque nenhum de nós matou o Judd – diz Sal do outro lado da carruagem, fazendo com que Anna se aperceba de que os outros estiveram a ouvir, e a observar, este tempo todo.

Anna levanta-se e alisa o vestido, para passar uma imagem de força e compostura. Mas é tarde de mais. Eles já viram o quão fácil é para ela perder as estribeiras. Bem pode esquecer os pais, a tia Retta é que ficaria mesmo desiludida. As suas acções foram um recuo em grande escala.

– Um de vocês matou o Judd Dodge. Não há mais ninguém aqui que o possa ter feito. E nenhum de nós vai sair desta carruagem até que a pessoa que o fez confesse.

Ninguém diz nada, o que não é uma surpresa para Anna. Ela não estava à espera de que alguém se fosse mesmo chegar à frente. Ainda. Agarrada à esperança de que é apenas uma questão de tempo até que um deles ceda, decide esperar.

Passam cinco minutos.

A seguir, dez.

Depois, quinze.

Quando se aproximam os vinte minutos de um silêncio insuportável, Anna ouve finalmente qualquer coisa. Porém, o som não vem do interior da divisão, mas sim do lado de fora, do outro lado da porta da frente da carruagem.

Passos, seguidos de apenas uma palavra dita em desespero:

– Olá?

Ao ouvi-la, Anna olha de imediato para a porta, observando completamente atónita enquanto se abre.

Um homem está do outro lado, a espreitar para dentro do carruagem. O fato de flanela cinzento e a camisa azul-clara deixam evidente que não é o maquinista e o olhar de surpresa no seu rosto sugere que não estava à espera de encontrar ninguém ali. Os outros dentro da carruagem fitam-no de volta, igualmente atónitos.

Porque, afinal, não são apenas oito os passageiros a bordo do Philadelphia Phoenix.

São nove.

23H00

NOVE HORAS ATÉ CHICAGO

CATORZE

– Graças a Deus – exclama com surpresa a nona pessoa, enquanto passa os olhos pela multidão reunida no salão. – Achei que era o único a bordo, já estava a começar a ficar preocupado.

Cauteloso, esboça um meio sorriso que desaparece quando vê o cadáver de Judd Dodge coberto pela toalha de mesa.

– Eu…

Não diz mais nada, a linguagem corporal fala por ele, enquanto começa a recuar pela porta.

Anna, até agora congelada em choque ao ver outra pessoa no comboio, salta rapidamente da cadeira antes que o estranho consiga escapar.

– Espere!

Para impedir que a porta se feche, Anna bloqueia-a com um cotovelo e depois agarra o homem pela manga e puxa-o para dentro, conduzindo-o para a cadeira mais próxima. O estranho deixa-se cair sem dar luta, permitindo que Anna o examine com atenção. Parece ter vinte e poucos anos e é banalíssimo em todos os aspectos. Cabelo cor de areia, olhos castanhos, um rosto que provavelmente poderia considerar-se bem-parecido numa luz diferente e em circunstâncias mais descontraídas. Tudo nele, desde o fato aos sapatos, é tão convencional que roça o invisível.

– O que está a fazer neste comboio? – exige saber Anna.

O estranho lança outro olhar rápido para o cadáver estendido no chão.

– Aquele homem. Ele está…

– Morto? – responde Anna. – Sim, está.

O homem inclina-se para a frente e, por instantes, Anna acha que ele vai vomitar. Ou desmaiar. Ou os dois. Ela sente o mesmo. Empurrando-o para que se endireite, pergunta:

– Trabalhava com ele?

O homem enruga a testa, confuso.

– O quê? Não, eu…

– Então está aqui com quem?

– Sozinho.

Anna aponta para os outros.

– Não foi nenhum deles que o trouxe até aqui?

– Não – responde o homem, agora num tom defensivo. – Trouxe-me a mim mesmo.

– Não pode ser – exclama Anna. – Não há lugar para mais ninguém neste comboio.

O estranho olha em volta do salão meio cheio, mas não há dúvida de que está a pensar no resto do comboio e a tentar perceber o que se passa quando responde:

– Mas está vazio.

– Isso não interessa. Por isso, vou perguntar novamente e, desta vez, vai dizer-me a verdade. O que está a fazer neste comboio?

– Cometi um erro. – O homem suspira e fita uma mancha no chão entre os seus sapatos bem polidos. – Confundi-me com a plataforma e apanhei o comboio errado.

Anna pestaneja, agitada. Ter um espectador inocente a bordo é a última coisa de que precisa neste momento.

– O comboio errado?

– Devia estar a ir para Baltimore neste momento – responde o homem. – Quando me apercebi do que tinha acontecido, era demasiado tarde. Este comboio já tinha partido. Para onde é que vai?

– Chicago.

– Uau. – O homem arregala os olhos antes de fazer uma careta em sinal de desânimo. – Desta vez fiz mesmo asneira da grossa. Acho que vou sair na próxima paragem e, hã… tentar voltar para onde deveria estar.

– Não vai haver próxima paragem – informa Anna.

– O que quer dizer?

– Este comboio é um expresso e só pára em Chicago.

– O meu patrão vai matar-me.

Ao aperceber-se do quão inadequada esta frase é ao momento, o desconhecido fica com um ar ainda mais abatido e, olhando outra vez de relance para corpo de Judd, diz:

– Desculpe. Estou só… hã, muito nervoso.

Anna recua até se sentar no braço da cadeira em frente ao homem.

– Nervoso ou assustado?

– Os dois – admite. – Mas mais assustado?

Anna sente-se também mais do que um bocadinho receosa. *Isto é mau*, pensa ela. Muito mau. Praticamente catastrófico. E, assim, surge mais uma coisa que ameaça arruinar-lhe os planos. Tudo porque um idiota qualquer entrou no

comboio errado.

Se ele estiver a dizer a verdade, claro. Anna sabe que a probabilidade de este homem estar a mentir é grande.

– Diga-me como se chama – pede ela.

– Reginald – responde o homem. – Reginald Davis. Mas os meus amigos chamam-me Reggie.

Anna analisa a resposta, perguntando-se se será um nome falso. Pensa na forma como ele o disse, à procura de sinais de hesitação, de *performance*, de mentira. Não encontra nada que salte à vista, o que a deixa ainda com mais suspeitas.

Seamus deve sentir o mesmo, porque dá um passo na direcção deles e pergunta:

– Tem como provar isso, Reggie?

– Com uma carta de condução? – sugere Anna. – Ou um passaporte? Qualquer coisa que nos permita confirmar que é mesmo quem diz ser.

– A minha palavra conta?

Anna ri-se secamente.

– Isso não tem valor nenhum aqui.

– A minha carteira está na mala de viagem. Que ainda está na segunda classe. – O homem enfia a mão no bolso do casaco. – Mas tenho o meu bilhete. Vêem?

Ele entrega a Anna uma folha de papel para que ela possa ver a estação de partida, Philadelphia, e o seu destino original, Baltimore. Ela examina o bilhete com desconfiança. Só porque ele comprou um bilhete não significa que tivesse intenção de o usar.

– Porque é que não o vimos mais cedo? – pergunta Seamus. – Fomos todos para a frente do comboio e voltámos há mais de uma hora. Não o vimos em lado nenhum.

Reggie hesita, com o rosto a ficar rosado com a vergonha.

– Estive na casa de banho.

– Este tempo todo? – pergunta Anna.

– Estive doente. Dos nervos, está a ver? Quando percebi que tinha apanhado o comboio errado, os meus nervos levaram a melhor. Enquanto estava fechado na casa de banho, ouvi-vos a falar. Foi um alívio. Foi por isso que entrei na secção de primeira classe. Para vos encontrar.

– Algo de que provavelmente se está a arrepender neste momento – diz Seamus, dando a entender que talvez acredite em Reggie.

Anna dá por si a fazer o mesmo. Tendo em conta o olhar atordoado e o porte tímido do homem, é fácil imaginar Reggie Davis com um estômago sensível.

– Arrepende-se de ter vindo até aqui? – pergunta Anna.

– Sim – responde Reggie. – Um bocadinho. Quer dizer, eu precisava de entender o que se estava a passar. Porque é que não há mais ninguém neste comboio?

– Porque eu comprei os bilhetes todos.

Reggie reage com um olhar esbugalhado de consternação.

– *Todos*?

Anna acena com a cabeça.

– Quanto é que isso custou?

– Tudo o que eu tinha – responde Anna. – É uma viagem privada. Organizada por mim para os meus convidados especiais.

– Então, é uma festa? – pergunta Reggie.

– Nem por sombras.

Reggie, agora aparentemente mais inseguro do que nunca, puxa o colarinho da camisa e lança um último olhar de relance ao cadáver estendido no chão.

– Bem, peço desculpa por entrar assim sem ser convidado. Se vocês não se importam, vou voltar para a segunda classe e ficar lá até chegarmos a Chicago.

Dito isto, levanta-se e dirige-se outra vez para a porta. Desta vez, Anna está preparada e bloqueia-lhe a fuga. Reggie encontra-se agora no mesmo barco que eles, quer queira, quer não. Ela não pode permitir que ele ande a passear sozinho pelo comboio vazio.

– Receio que isso já não seja uma opção, Reggie.

– Ouça – pede ele –, não sei o que se está a passar e não me quero envolver nisto. Sou só um vendedor de seguros de Lansdale. Ao contrário de si, não fico parado sem fazer nada com um morto na carruagem. Agora, está na altura de responder a algumas das minhas perguntas, a começar por *quem* é e o que raio se passa aqui.

Anna apercebe-se de que não tem outra opção a não ser contar a verdade a Reggie. Espectador inocente ou não, ele merece saber o que se está a passar tanto quanto toda a gente a bordo.

– O meu nome é Anna Matheson.

– Matheson?

Anna não fica surpreendida por o seu nome lhe soar familiar. Mesmo doze anos depois, o apelido do seu pai continua infame por toda a América.

– Filha de Arthur Matheson – continua ela antes de lhe dar uma versão resumida de quem é, quem são os outros, porque estão todos num comboio vazio em direcção a Chicago, e porque é pouco provável que parem antes de lá chegar.

Reggie ouve tudo com atenção, repetindo de vez em quando uma palavra-chave, como se estivesse a tentar sublinhar a importância da palavra na sua cabeça. «Incriminado». «Conspiração«». «Justiça».

Quando Anna termina, ele aponta para Seamus e pergunta:

– Então ele está consigo?

– Sim.

– E os outros são…?

– Culpados – completa Anna.

– Eu não sou – riposta Dante, por detrás do balcão. – Quero deixar isso bem claro.

– Nem eu – junta-se Lapsford, uma mentira a que Reggie não presta atenção por estar demasiado ocupado a olhar de relance para o cadáver de Judd Dodge.

– Como é que ele morreu? – pergunta.

– Foi assassinado – responde Anna, não vendo qualquer razão para proteger o estranho de algo que ele já presume que tenha acontecido.

Reggie assimila a informação por instantes antes de fazer a inevitável pergunta que se segue:

– Foi você?

– Se eu disser que não, acredita em mim?

– Não tenho a certeza.

Anna não consegue impedir-se de sorrir. O homem pode estar a mentir sobre tudo o resto, mas, pelo menos, ela sabe que esta resposta é honesta.

– Bem, por favor, acredite em mim quando digo que não o matei. Mas a pessoa que o fez encontra-se nesta carruagem.

Reggie olha em volta, horrorizado.

– Porquê?

– É isso que ainda estou a tentar descobrir.

– Ele foi… – Reggie engole em seco. – Ele foi uma das pessoas que…

– Sim – confirma Anna, mais para não ter de ouvir o final óbvio dessa frase do que para o poupar de ter de terminá-la. – Mas eu não queria que ele morresse. Também tem de acreditar em mim quando digo isto, já que muitos dos presentes nesta carruagem não acreditam.

Reggie perde algum tempo a tentar processar tudo o que ouviu, olhando não para Anna, mas para o bar no canto da carruagem.

– Alguém… – tenta começar com a voz rouca e arranhada.

Depois, engole em seco, lambe os lábios e tenta outra vez:

– Alguém se importa de me arranjar uma bebida?

Sal solta uma gargalhada desadequada.

– Confie em mim, parceiro. Isso é a última coisa que vai quer.

– Porquê?

– Porque a bebida dele foi envenenada – esclarece Anna. – É só isso que sabemos.

– Não por mim – diz Sal.

– Nem por mim – apressa-se a acrescentar Lapsford.

Reggie olha de novo para o bar, com Dante encostado ao balcão como se trabalhasse lá.

– E ele?

– Sou apenas um espectador inocente como você – diz Dante.

– Um espectador? Sim. – Anna faz uma pausa, olhando para Dante com os olhos semicerrados. – Inocente? Não, nem por isso.

– Mas a pessoa que o matou está aqui? – pergunta Reggie.

– Correcto. E agora que está a par da situação, pode reconhecer que é impossível deixá-lo regressar à sua carruagem. Como sabe que há um assassino a bordo deste comboio, é fulcral que permaneça connosco. Para sua protecção.

A exaustão acicata Anna por todos os lados. Agora ela é responsável por manter vivo este desconhecido durante o resto da viagem. É responsável por mantê-los a todos vivos. Um fardo que nunca considerou carregar quando planeou esta noite. Constatar isto deixa-a tão cansada que a leva a desencostar-se da porta e a afundar-se na cadeira mais próxima. Só espera que Reggie não tente fugir novamente. Não tem energia para o perseguir.

Fica mais aliviada quando, em vez de tentar fugir, Reggie caminha para o centro do salão e volta a olhar para o corpo de Judd Dodge. Desta vez, não olha de relance, mas fixamente.

– É possível que ele se tenha envenenado a si próprio?

– Impossível – diz Herb Pulaski, falando pela primeira vez desde que foi revistado. – Judd nunca faria isso.

– Nunca? – Reggie olha para a Anna. – Estas pessoas que incriminaram o seu pai. Disse que este comboio os vai levar directamente às mãos do FBI, certo?

– É verdade – responde Anna, perguntando-se onde é que ele quer chegar com isto. Mas seja qual for o raciocínio dele, deixou-a bastante animada. A exaustão anterior desapareceu e foi substituída por uma curiosidade palpitante.

– Por isso, ele sabia que quando o comboio chegasse a Chicago, provavelmente iria para a prisão.

– É lá que eles vão todos parar – confirma Anna, relembrando os quatro conspiradores restantes dos seus destinos.

– E se, quando foi confrontado com a possibilidade de passar o resto da vida atrás das grades, ele tivesse preferido morrer?

Anna olha para Reggie ainda com dúvidas se, de facto, ele será quem diz ser. A sugestão que fez parece demasiado astuta para alguém idiota o suficiente para apanhar o comboio errado. Por outro lado, talvez tenha só lido muitos policiais e visto demasiados filmes de detectives. Anna também é assim. Uma das razões

pelas quais estão a bordo deste comboio é porque ela se inspirou em todos os filmes que viu passados em comboios: *O Desconhecido do Norte-Expresso, Forças Secretas, Desaparecida!*

Agora que está presa num mistério a sério, Anna compreende que tem de pensar e agir como as personagens desses filmes que viu, o que, normalmente, significa não confiar no estranho de aspecto inocente que, por acaso, está no sítio errado à hora errada.

No entanto, há uma lógica que não consegue negar por detrás da sugestão de Reggie. Anna pensa no local onde Judd se encontrava quando morreu. Sozinho. Longe dos outros. O facto de ter estado tão isolado é a principal razão pela qual tem sido difícil identificar a pessoa que o envenenou. Ninguém estava próximo dele quando tirou a sua bebida no bar. Considerando tudo isto, torna-se cada vez mais provável que Judd Dodge se tenha envenenado.

E Anna só consegue pensar numa maneira de o confirmar.

– Devíamos revistá-lo também – sugere ela. – Se o senhor Davis estiver certo e o Judd se envenenou, a prova estaria nos seus bolsos.

Aproxima-se do cadáver, seguida de perto por Seamus. Os outros juntam-se também, rodeando o corpo de Judd e mantendo uma distância de respeito. Só Reggie permanece do outro lado da carruagem, como se se arrependesse agora de ter sugerido a hipótese de suicídio em vez de homicídio. Ainda assim, não tenta sair do salão e correr de volta para a sua carruagem. O que indica a Anna que ele está tão empenhado nisto como os outros.

Anna hesita antes de levantar a toalha de mesa, assustada com a tarefa que tem pela frente. Está prestes a revistar um homem morto, e não há nada que possa fazer para tornar isso menos terrível do que é.

– Eu posso fazer isso – sugere Seamus, enquanto se ajoelha do outro lado do corpo. – Afinal de contas, fui eu quem revistou os outros.

Nem todos, pensa Anna, envergonhando-se ao lembrar-se das suas mãos à volta do pescoço de Edith e de como, cega de raiva, lhe apertou a garganta. Ela percebe que Seamus também deve ter pensado o mesmo e que se ofereceu mais por causa do seu ataque de raiva, do que por ver a hesitação dela em mexer no corpo.

– Estás à vontade – diz Anna.

Mantendo, felizmente, o rosto de Judd tapado, Seamus afasta a toalha de mesa até aos seus ombros. Depois, apressa-se a revistar todos os bolsos de Judd, encontrando apenas um único objecto: um relógio de bolso.

– É só isto – informa Seamus, estendendo o relógio na mão. Depois de todos o verem, volta a colocá-lo no bolso onde estava e a tapar o corpo com a toalha de mesa.

Anna levanta-se, tão frustrada quanto desiludida. Pensa com tristeza que, se Judd fosse responsável pela sua própria morte, teria a vida facilitada. Agora, é obrigada a encarar mais uma vez a possibilidade de que existe um assassino a bordo.

Que poderá atacar novamente se tiver oportunidade para isso.

Ela não tem provas que o confirmem, claro. Tem apenas um palpite teimoso e desagradável, que surgiu em grande parte graças ao aviso que Dante proferiu anteriormente. *É apenas uma questão de tempo até se começarem a virar uns contra os outros.* Se alguém se virou contra Judd, nada impede a pessoa de fazer o mesmo aos outros.

Ou a ela e Seamus.

– Está a ficar tarde – anuncia ela. – Tendo em conta o que aconteceu ao senhor Dodge, acho sensato que nos retiremos para os nossos quartos e permaneçamos lá até chegarmos a Chicago.

– E eu? – pergunta Reggie, parecendo verdadeiramente preocupado com a possibilidade de ser obrigado a dormir no salão com um cadáver.

– Há um quarto vazio na carruagem do lado – diz Anna. – Pode ficar lá.

– Posso ir buscar a minha mala à segunda classe?

– Claro. Quando voltar, o Seamus leva-o ao seu quarto.

Reggie sai à pressa do salão, para, talvez, nunca mais voltar. E Anna pensa que, talvez, até seja pelo melhor. É provável que seja melhor para ele passar o resto da viagem fechado numa casa de banho na carruagem de segunda classe do que arriscar a sua sorte com gente desta.

– Se estás assim tão certa de que esta é a nossa última noite em liberdade – diz Sal –, então talvez não a queiramos passar fechados nos nossos quartos.

– Estou-me nas tintas para o que tu queres – riposta Anna. – Mas se fosse a ti, aproveitava este espaço todo e a privacidade que ainda tens. Pelo que ouvi dizer, as celas na prisão podem ser muito apertadas. E apinhadas.

– Bem, não vou a lado nenhum tão cedo – diz Lapsford, com a arrogância característica dele a regressar com toda a sua pujança. – Não até que vocês os dois sejam revistados.

– Exacto – concorda Herb. – Vocês revistaram-nos. Devíamos poder fazer o mesmo.

Sentada ao lado dele, Edith leva uma mão trémula ao pescoço e diz:

– É o mais justo.

– Como podem ver, não tenho bolsos para esconder seja o que for – diz Anna.

– Como é que sabemos que não está a esconder alguma coisa debaixo do seu vestido? – pergunta Lapsford.

Anna lança-lhe um olhar frio.

– Não me vou despir à vossa frente, se é isso que está a sugerir.

– Não, mas, pelo menos, alguém devia passar-lhe uma mãozinha.

Anna conclui que é melhor do que ser obrigada a despir-se. Por isso, acena com a cabeça para que seja Seamus a fazê-lo. Embora duas pessoas ali presentes já tenham usado as mãos para percorrer as partes mais íntimas do seu corpo, ele é a única pessoa em quem ela confia.

– Ele não – diz Lapsford. – Tem de ser um de nós.

Quando dá um passo em direcção a Anna, ela levanta uma mão.

– Se me tocar com um dedo sequer – avisa –, garanto-lhe que sai daqui com uma mão partida.

– E eu parto-lha a outra – ameaça Seamus, retomando o seu lugar ao lado de Anna.

Anna não suporta a ideia de que mais alguém lhe toque. Sobretudo Edith, que poderia querer vingar-se do que ela lhe fez. E a ideia de ter Lapsford ou Herb a tocar-lhe dá-lhe náuseas.

Só falta Dante, que, por acaso, é o outro homem presente cujas mãos sentiu no seu corpo. E, a avaliar pelo sorriso presunçoso que esboça no rosto, é evidente que se lembra tão bem como ela.

– Alinho se tu alinhares – sugere ele, lendo os seus pensamentos. – Tal como nos velhos tempos.

Anna detesta a ideia, mas também não tem grande alternativa.

Está prestes a concordar quando lhe ocorre outra opção ao ver Reggie Davis regressar com uma mala.

– Devia ser o senhor Davis a revistar-me – diz ela.

Reggie deixa cair a mala, estupefacto.

– Eu? *Revistá-la?*

– Para provar que não sou culpada, alguém tem de me revistar – diz Anna. – E confio mais em si do que em qualquer um deles.

– Mas eu sou um desconhecido.

– Exactamente por isso. Eu sei do que eles são capazes. Do que você é capaz ou não, não sei.

– Mas…

– Chega de «mas» – interrompe Anna, com os braços levantados ao lado do corpo. – Vamos lá a despachar isto, por favor.

Reggie aproxima-se e Anna prepara-se mentalmente para ser revistada por um desconhecido. Como sabe que os outros estão a ver, incluindo Dante, foca-se apenas em Reggie. É outra razão para ter insistido que ele a revistasse. Quer poder estudar as suas feições de perto e procurar sinais de que ele está a dizer a

verdade. Mas, até esse momento, tudo o que ela vê no seu rosto é uma expressão de quem pede desculpa, enquanto passa as mãos pelo corpo dela, começando pelos ombros. Quando chega aos seios, fica com as faces vermelhas.

– Peço imensa desculpa – sussurra ele.

Anna faz-lhe sinal com a cabeça para continuar. E é isso que ele faz, passando-lhe rapidamente as mãos pela barriga e pelas ancas. No momento em que toca na parte superior da sua coxa, Anna apercebe-se de que a modéstia é a menor das suas preocupações. Durante toda a confusão, o choque e o clima de suspeita em torno da morte de Judd e do aparecimento de Reggie, ela esqueceu-se completamente da faca que tinha presa à perna. Ninguém sabe que a tem. Nem mesmo Seamus. Quando, dias antes, decidiu que seria boa ideia ter consigo uma faca, Anna tencionou contar-lhe, mas acabou por se esquecer, ocupada como esteve a tratar dos preparativos de última hora para a viagem.

Agora a mão de Reggie está a um milímetro de distância de a encontrar.

O corpo de Anna fica rígido, à espera de que o momento chegue. Não há forma de ele não a encontrar. Embora seja fina o suficiente para passar despercebida a quem *olha* apenas para o vestido, é quase certo que quem lhe tocar debaixo do tecido a vai sentir.

Como esperado, a mão de Reggie pára no local onde a faca está embainhada. Anna respira fundo, sabendo que ele a consegue sentir por baixo do vestido e teme o momento em que, num segundo, ele dirá aos outros que ela tem uma arma.

Fica a aguardar que isso aconteça.

Paralisada.

Assustada.

Porém, esse segundo de que ela tem tanto medo nunca chega, prolongando-se para dois, três, quatro. A seguir, a mão de Reggie avança para lá da faca e junta-se à outra, começando a passá-las rapidamente pelos seus joelhos e tornozelos. Anna limita-se a olhar, a ferver de ansiedade.

Depois, Reggie levanta-se e declara:

– Ela não está a esconder nada.

De apavorada, Anna passa a confusa e, depois, gradualmente aliviada. Expira de alívio, confiante de que Reggie não vai contar nada aos outros. Não percebe porquê, nem sabe quanto tempo vai durar. Tudo o que sabe é que, por agora, o seu segredo está a salvo.

– Obrigada, senhor Davis – agradece ela, demonstrando no exterior uma compostura que falta no seu interior.

Com um aceno de cabeça em direcção a Seamus, ela acrescenta:

– Agora reviste-o a ele, se não se importa.

– Eu importo-me – diz Seamus.

Ainda assim, sabendo qual é a alternativa, Seamus tira o casaco de revisor e vira os bolsos do avesso para mostrar que estão vazios, com a excepção de um relógio de ouro preso a uma corrente e, claro, do revólver.

– Eu seguro-te nisso – oferece Anna.

Reggie olha fixamente para a arma, horrorizado e com os olhos arregalados.

– Porque é que ele tem aquilo?

– Protecção – responde Seamus, enquanto volta a vestir o casaco e coloca o revólver num bolso interior.

– Tendo em conta o objectivo desta viagem, achei que seria necessário – acrescenta Anna.

– E tendo em conta o que *lhe* aconteceu – diz Reggie, acenando com a cabeça em direcção ao cadáver de Judd Dodge –, talvez ter uma arma neste comboio seja uma péssima ideia.

– Concordo – diz Jack Lapsford do outro lado do salão.

Anna olha-o de forma ameaçadora.

– A decisão não é sua.

– E eu? – pergunta Reggie. – Eu não sou um deles. Não fiz nada de errado. O que eu digo não vale nada?

– Receio que não.

Consciente de que a objecção pública de Reggie à arma de Seamus pode estender-se também à sua faca, Anna suaviza o tom e continua:

– Este plano, e as suas regras, foram estabelecidos muito antes de sabermos que se encontrava a bordo do comboio. Agora que está aqui, continuam a aplicar-se a todos da mesma forma que antes.

Reggie levanta as mãos, como se fosse ele e não Seamus o próximo a ser revistado.

– Então não quero fazer parte disto. Vou voltar para a carruagem de segunda classe e ficar lá sentado até chegarmos a Chicago. Entretanto, por mim, podem matar-se uns aos outros. Mas deixem-me fora disto.

– Já lhe disse porque é que isso não é uma opção – diz Anna. – Agora faz parte disto, quer queira quer não.

– Pode garantir a minha segurança?

Anna sabe que não é algo que consiga garantir, por isso, nem sequer tenta.

– Posso prometer-lhe que o Seamus e eu faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para o manter seguro. O Seamus vai agora acompanhá-lo até ao seu quarto. Tranque a porta e não saia de lá até chegarmos a Chicago. Vamos visitá-lo de vez em quando, só para termos a certeza de que está bem.

A hesitação de Reggie deixa claro que a ideia ainda não lhe agrada muito.

Nem a Anna. Seria preferível não o ter a bordo. Porém, como não pode parar o comboio para deixar Reggie sair, a segunda melhor opção é colocá-lo num quarto vazio de primeira classe e esperar que ele não saia de lá.

– Vamos lá – diz Anna num tom suave, apesar de querer dizer outra coisa.

Porque não contou aos outros que tenho uma faca? É mesmo a pessoa que diz ser? E, a pergunta mais importante de todas, *também está a esconder alguma coisa?*

QUINZE

Assim que a mão de Reggie passou pela coxa de Anna, ele soube de imediato que ela escondia uma faca. Também compreendeu porque é que a tinha, e foi por isso que ficou calado. Tendo em conta as pessoas que a rodeiam, se fosse ela, também quereria ter consigo uma arma.

Contudo, uma faca não é o mesmo que uma pistola. Facas podem matar, claro, mas não tão facilmente. Para magoar alguém com uma lâmina, é preciso estar-se próximo da pessoa que se quer atacar. Próximo o suficiente para saber quem ela é. Uma bala não precisa disso. Pode magoar à distância, atingindo quem quer que tenha o azar de estar na sua trajectória.

Seguindo Seamus pelo corredor que dá acesso à próxima carruagem, Reggie questiona-se acerca da sua experiência com armas. A avaliar pelo seu aspecto, dir-se-ia que é muita. Reggie calcula que ele deve ter uns trinta e cinco anos, mais ou menos. É, por isso, velho o suficiente para ter combatido durante a guerra. Seamus tem o mesmo cansaço austero que viu em outros veteranos que conheceu. Homens que assistiram a coisas demasiado horríveis para as conseguirem esquecer.

Seamus detém-se no último quarto da carruagem e abre a porta, deixando-a escancarada.

– É aqui.

Reggie espreita lá para dentro, como um animal prestes a entrar numa jaula.

– Tem a certeza de que fico seguro aqui?

– Se fizer o que a Anna disse, não terá problemas.

– E ela vai ficar em segurança? – pergunta Reggie.

Seamus anui afirmativamente com a cabeça.

– Sim. Enquanto eu estiver por perto.

– Já pensou no que pode acontecer se não estiver?

Reggie não tem intenções de o ofender e Seamus parece não levar a mal a pergunta. Ambos sabem que é perfeitamente possível que quem matou Judd Dodge vá tentar outra vez. E Seamus, tendo em conta que tem uma arma, é um alvo privilegiado.

– Eu vou ficar bem – responde Seamus, antes de regressar pelo caminho por

onde vieram.

Sozinho no quarto, Reggie demora os olhos pelo espaço. É maior do que esperava. E elegante também. Muito melhor do que aquilo a que está habituado. Raios, até uma cama tem. Nunca esteve num quarto de comboio em que a cama não se dobrasse na parede.

Senta-se na borda do colchão para testar a sua firmeza. Suave como uma pena. Só é chato que não vá poder usá-lo para fazer uma sesta. Tem de se manter acordado e alerta durante toda a viagem.

Ordens do chefe.

Reggie levanta-se e examina a outra comodidade do seu quarto de que não estava à espera – a casa de banho. Apesar de ser mais pequena do que um armário de utensílios domésticos, é melhor do que aquelas casas de banho públicas fedorentas da carruagem de segunda classe. Enruga o nariz ao lembrar-se de quando teve de se esconder numa dessas na segunda carruagem de segunda classe, esgueirando-se lá para dentro assim que ouviu pessoas a passar pela carruagem-cama. Mal conseguiu esconder-se a tempo, fechando a porta atrás de si no momento em que os outros entraram na carruagem. Com o ouvido encostado à porta, ouviu o grupo a dirigir-se para a parte da frente do comboio e perguntou-se quais deles correspondiam à lista de nomes que lhe deram. Ao que parece, eram todos.

Ficou fechado na casa de banho durante o que lhe pareceu ser uma hora, antes do grupo regressar ao salão. Por precaução, esperou outra hora antes de decidir juntar-se a eles na parte de trás do comboio.

E, agora, aqui está ele, num lugar onde nunca pensou que ia estar.

Reggie pega na sua mala de viagem. Não trouxe muita coisa consigo. Não teve tempo para reunir mais do que um estojo de barbear, uma camisa extra e uma sandes de fiambre embrulhada em papel de cera, para o caso de ter fome. Embora o seu estômago vazio comece a roncar ao ver a sandes, terá de esperar mais alguns minutos para a poder comer. Antes disso, tem outra tarefa em mãos.

De um bolso interior do casaco, Reggie retira a carteira que disse a Anna ter deixado na mala e o bilhete que comprou à pressa para que a sua mentira sobre ter apanhado o comboio errado fosse credível. De Filadélfia para Baltimore. O mais barato que tinham à venda. Atira ambas as coisas para dentro da pequena mala e depois afasta-as, junto com a camisa e a sandes, para tirar outra coisa.

Uma lista de seis nomes escritos por ordem alfabética, com o apelido primeiro.

Lê-a novamente, associando os nomes às pessoas que estavam no comboio. Estavam todos presentes, excepto um: Kenneth Wentworth. É possível que tenha sido um erro de transcrição, tendo em conta que o filho de Wentworth

compareceu.

Reggie ouve passos no corredor do lado de fora da sua porta. Os outros dirigem-se agora para os seus quartos. Aguarda até atravessarem o corredor e continua a ouvir com atenção mesmo depois de terem desaparecido. Alguém pode ter-se deixado ficar para trás. Ou, pior ainda, pode haver alguém suspeito a rondar que não quer ser ouvido. E, de facto, passados cinco minutos em que ficou intensamente à escuta, Reggie detecta passos de uma pessoa.

Contudo, não passam pela porta dele.

Detêm-se ali.

Passado um instante, alguém bate suavemente à porta e, logo em seguida, ouve a voz de Anna Matheson.

– Senhor Davis? Posso dar-lhe uma palavrinha?

Reggie vai até à porta e abre-a um bocadinho.

– Posso ajudá-la com alguma coisa?

– Só queria agradecer-lhe.

Anna faz uma pausa para olhar para um lado e depois para o outro do corredor. Ao certificar-se de que não há mais ninguém por perto que a possa ouvir, acrescenta:

– Por não ter mencionado a…

– Sim – diz Reggie, interrompendo-a. – Não se preocupe.

Anna morde o lábio inferior, com a próxima pergunta a pairar entre eles de tão óbvia. Porque é que ele não disse que ela tinha uma faca? Mais uma vez, Reggie não a obriga a perguntar.

– Achei que seria boa ideia manter-me calado – responde ele. – Tendo em conta as circunstâncias, não faltam motivos para nos querermos proteger.

Anna expira de alívio.

– Sim, é precisamente por isso que a tenho. E agradeço a sua discrição.

– O seu segredo está seguro – diz Reggie. – Há mais alguma coisa que queira falar comigo?

– Só queria dizer que, apesar da situação em que está envolvido ser bastante tensa, garanto-lhe que o Seamus e eu não deixaremos que nada de mal lhe aconteça. Tranque a porta e fique no quarto. Se fizer isso, estará perfeitamente seguro.

Reggie agradece o conselho com um aceno de cabeça.

– Obrigado. Vou fazer isso. Esperemos que não me volte a ver nem a ouvir até chegarmos a Chicago.

Depois de Anna sair, Reggie segue as ordens que lhe foram dadas e tranca a porta. Quanto ao outro conselho de Anna – não sair do quarto – bem, esse não será seguido. Porque Reggie terá de sair do seu quarto muito em breve.

Regressa à sua mala de viagem para tirar uma caneta vermelha e coloca a ponta no primeiro nome da lista.

Judd Dodge.

Depois, arrasta a caneta pela página, riscando o nome com um movimento rápido.

Em seguida, volta a colocar a mão dentro da mala, passando-a por baixo da camisa extra até tocar com os dedos no aço frio.

Aqui está ela.

A maior ferramenta do seu ofício.

Reggie ainda não sabe se a levará com ele quando sair do quarto. Por um lado, é melhor prevenir do que remediar. Por outro, é mais excitante deixá-la para trás. Decidirá depois de acordo com a sua disposição. Por agora, contenta-se em saber que a tem, caso precise.

Seamus não é o único com uma arma no comboio.

DEZASSEIS

Do lado de fora do Quarto C da décima terceira carruagem do comboio, o candeeiro, que continua com a lâmpada solta a piscar e a fazer barulho, lança um brilho intermitente sobre o cadáver de Judd Dodge. Ainda envolto numa toalha de mesa, o corpo é transportado por Seamus e Dante. Nenhum dos dois queria estar a fazer isto, mas não têm escolha. Não podem simplesmente deixá-lo no chão do salão.

Atrás deles, Anna fica na ombreira da porta a vê-los deitar o corpo no colchão e a substituir a toalha de mesa por um lençol, por parecer mais adequado.

– Alguém quer dizer algumas palavras? – pergunta Dante.

– Só se for para dizer que tenho pena que ele não tenha sofrido mais – diz Anna antes de se ir embora.

Anna regressa ao seu quarto, deixando a porta destrancada para Seamus poder entrar, pois sabe que se juntará a ela em breve. Até ele chegar, estende-se na cama. Céus, está exausta, e ainda nem é meia-noite. Quando o comboio chegar a Chicago, é certo que já estará catatónica.

Os seus olhos recusam-se a manter-se abertos e Anna desiste de tentar. Limita-se a ficar ali deitada, com as pálpebras bem fechadas. Permanece assim mesmo depois de Seamus entrar no quarto, sentindo a presença dele tão familiar como a sua.

– Falhámos – diz ela.

– Eu sei.

Seamus deita-se na cama ao lado de Anna, o seu corpo a centímetros de distância do dela, mas confortavelmente próximo. Os laços que os unem são invulgares, forjados por um luto cuja dor é inimaginável e circunstâncias que não podiam ser mais estranhas. Agora que está deitada ao lado de Seamus, Anna recorda a primeira vez que se encontraram, naquele dia frio e cinzento no cemitério, depois de a tia Retta ter sido enterrada. Estavam presentes poucas pessoas para apresentar as suas condolências, o que fez com que não fosse difícil reparar nele na escassa multidão. Tinha aspecto de arruaceiro. Alto e com um corpo claramente bem-constituído, mas ágil. Movia-se de forma graciosa para

alguém tão grande, caminhando na direcção dela com uma precisão felina assim que o funeral terminou e as outras pessoas dispersaram.

– Foi a sua tia quem me mandou – foi tudo o que ele disse.

– Como é que a conheceu?

Seamus olhou para a sepultura aberta e para o caixão que ali tinha acabado de ser colocado.

– Não conheci. Nunca nos vimos pessoalmente. Mas ela escreveu-me algumas cartas.

Não explicou qual fora a natureza das cartas, mas também não foi preciso. Anna sabia que, numa tentativa de limpar nome do pai dela, a tia Retta escrevera cartas a todas as famílias das vítimas da explosão do comboio, para as tentar convencer de que Arthur Matheson não fora o responsável. Anna sempre assumiu que ela nunca obteve nenhuma resposta. Estava errada, claramente. Pelo menos, uma pessoa tinha respondido.

– Quem é que perdeu?

– O meu irmão. Sean Callahan.

Anna reconheceu o nome. Tinha feito questão de memorizar as identidades de todas as vítimas. Afinal, foram esses homens que morreram ao lado do seu irmão.

– Lamento muito – disse ela. – Foi muito simpático da sua parte em vir apresentar as suas condolências.

– Não é por isso que estou aqui. Tenho algo para lhe mostrar.

Caminharam até um *Buick* preto, estacionado numa das extremidades do cemitério.

– Um presente – disse Seamus, abrindo a mala do carro – da sua falecida tia.

Dentro da mala, estavam seis caixas, e assim que Anna lhes pôs a vista em cima, soube logo, não só o que continham, mas também que a tia Retta não mentira. As provas tinham, de facto, chegado até ela.

Seamus seguiu Anna até à mansão que pertencera à tia Retta e que agora era dela. Juntos, passaram as vinte e quatro horas seguintes a analisar toda a informação que estava naquelas caixas – um processo tão doloroso quanto meticuloso.

Analisar as provas deixou Anna atónita, não só pela dimensão do plano, mas também pelas pessoas que estavam envolvidas. Pessoas que ela conhecia. Pessoas em quem o seu pai confiara. Pessoas que ambos amaram. Sal e Edith, Herb Pulaski e Judd Dodge. Ler os seus nomes, o que fizeram e a sua traição pura e dura fez com que se sentisse tão cruamente enganada e furiosa que não lhe restaram dúvidas da vingança que tinha de levar a cabo.

– Achas que os devíamos matar? – perguntou ela.

– Sim – respondeu Seamus. – Têm de morrer todos. E quero ser eu a fazê-lo.

Anna acabou por decidir que a morte não era castigo suficiente para os envolvidos. Era demasiado fácil, demasiado rápido. A não ser que os raptasse e torturasse durante muito tempo – uma ideia que ela e Seamus discutiram durante horas – a única forma de garantir que sofriam adequadamente era levá-los a todos à justiça. E, agora, isso é impossível.

– Quem achas que foi o sacana que o matou? – pergunta Anna.

Seamus encolhe os ombros ao lado dela.

– Para ser sincero… Pode ter sido qualquer um deles. Incluindo o Reggie Davis. Achas que ele está a mentir?

– Se estiver, é muito bom actor.

Anna sabe bem o quão bom a mentir ele é. Quando disse aos outros que ela não tinha nenhuma arma, Reggie pareceu tão convincente que até mesmo ela quase acreditou nele. Embora esteja grata por ter mentido dessa vez em particular, Anna pergunta-se se foi a única. É certamente possível que ele tenha apanhado o comboio errado, mas não é muito provável. Por isso, Anna não consegue deixar de sentir que ele está aqui por alguma razão em específico.

– Ou é, como ele disse, um vendedor de seguros que apanhou o comboio errado ou é um espião do Kenneth Wentworth.

– Apostava que é só vendedor de seguros – diz Seamus. – O espião que o Wentworth enviou é claramente o filho.

Anna senta-se, surpreendida.

– O Dante? Ele está aqui por outro motivo. Ou, pelo menos, é o que ele diz.

– E que motivo é esse?

– Para me ver.

– Acreditas mesmo nisso? –pergunta Seamus.

– Talvez. Tenho a sensação de que ele está a tentar ajudar-nos.

Há algumas horas, Anna nunca pensou que fosse ver Dante Wentworth outra vez, quanto mais confiar nele. Contudo, o facto de não ter parado o comboio quando teve a oportunidade diz-lhe que há mais motivos para Dante estar aqui do que aqueles que está a revelar.

– Ou talvez esteja a mentir com todos os dentes que tem na boca – diz Seamus.

Aqui está. Outro acesso de ciúmes.

Estiveram juntos apenas uma vez. Não tinham planeado envolver-se debaixo dos lençóis, mas os fardos que ambos carregavam ficaram demasiado pesados para suportar. O vinho e a dor ajudaram-nos a despirem-se desses fardos, assim como das suas roupas e inibições. Anna ficou surpreendida com a intensidade desse encontro. Com o quão ávidos os dois estavam por escapar à sua dor, nem

que fosse só por uma noite.

E foi uma noite apenas. Quando acordaram na manhã seguinte, com os seus corpos ainda entrelaçados, Anna não sentiu vergonha. Sentiu algo ainda pior: resignação.

– Nunca mais podemos voltar a fazer isto – disse ela.

– É demasiado deprimente – concordou Seamus.

E apesar de, para Anna, parecer ter ficado por ali o envolvimento deles, talvez Seamus não sinta o mesmo e seja mais sensível do que os seus músculos levam a crer. Anna fica preocupada com a possibilidade de ele ainda sentir algo por ela. Esta noite já está a ser complicada o suficiente. Não pode dar-se ao luxo de que os seus sentimentos – seja por Seamus ou qualquer outra pessoa – estraguem ainda mais as coisas.

– Para mim, o maior suspeito é Jack Lapsford – diz Anna.

Anna não tem nada que sustente essa afirmação. Tem apenas um palpite a corroer-lhe as entranhas de que Lapsford anda a tramar alguma coisa. Ele é certamente o mais vocal do grupo. E o mais desesperado, também.

Embora não estivesse perto o suficiente de Judd para lhe envenenar a bebida sem ninguém ver, isso não significa que não o conseguisse ter feito de outra forma. É possível que tenha envenenado o copo de *Martíni* durante a primeira hora da viagem, quando o salão estava ainda vazio. Ou também pode ter deitado o veneno no copo sem ninguém notar quando foi ao bar buscar a sua bebida.

– Mas por que razão mataria ele o Judd? – pergunta Seamus. – Por que razão algum deles o faria?

Anna entende o raciocínio dele. Se alguém no Phoenix tem razões que justifiquem matar alguém é ela e o Seamus, o que significa que os dois também são os alvos principais. Porém, não consegue perceber por que motivo algum deles, como Dante previu, se viraria contra os outros.

Mas foi isso que aconteceu. E Anna não consegue sacudir a sensação de que um deles, numa tentativa desesperada de tentar parecer inocente, decidiu livrar-se daqueles que mais informação têm acerca da sua culpa – os seus companheiros de conspiração.

– Porque os mortos não fazem queixinhas – diz ela.

– Achas que quem matou o Judd planeia outro homicídio?

– É possível – responde Anna. – Para evitar que isso aconteça, precisamos de tê-los a todos debaixo de olho durante o resto da viagem. O que significa que vamos ter de os visitar de hora em hora, talvez mais do que uma vez.

Seamus acena com a cabeça, concordando.

– Para garantir que um deles não anda a tramar alguma.

– E para que os outros não morram.

A ironia não passa ao lado de Anna. Para destruírem os seus inimigos, têm primeiro de os proteger.

No entanto, ela também sabe que vigiar todos os seus movimentos não é suficiente. Não podem apenas ter esperança de que a pessoa que matou Judd não volte a atacar, é preciso detê-la antes que tenha oportunidade de repetir a façanha.

– Continuo a não perceber a parte do veneno. Porque é que o assassino o teria consigo? Quer dizer, quem traz veneno para um comboio?

– Alguém que tem intenções de o usar – responde Seamus.

– É isso que acho estranho – explica Anna. – Não acho que algum deles soubesse quem ia estar a bordo do Phoenix. Por isso, é altamente improvável que o assassínio fosse premeditado. Penso que o assassino decidiu fazê-lo *depois* de se aperceber do objectivo desta viagem, por isso ou é alguém que anda com veneno sempre consigo ou então…

Seamus senta-se também.

– Encontraram-no no comboio.

– Exactamente. E se soubermos onde está, talvez possamos ter uma boa ideia de quem o usou. – Anna levanta-se da cama, com os olhos a brilhar. – Se encontrarmos o veneno, encontramos a pessoa que matou o Judd.

DEZASSETE

Quando Anna pergunta a Seamus se pode ser ele a fazer a primeira vigília, ele concorda. Por esta altura, já sabe que quando ela lhe pede alguma coisa, é mais uma ordem do que um pedido.

E ele obedece sempre.

Ou quase sempre.

Não é que Seamus não tenha as suas próprias opiniões sobre o que fazer a seguir. É certo que as tem. Porém, mesmo que discorde, acaba por fazer o que Anna quer de boa vontade. Sim, ele perdeu um irmão, mas ela perdeu a família toda. Se fosse possível colocar a dor dos dois numa balança, a dela definitivamente pesaria mais.

Pelo menos ele conseguiu enterrar como deve ser o irmão, colocando-o ao lado dos pais no miserável jazigo de família deles. Segundo o que Anna lhe disse, ao lado dos túmulos de Arthur e Margaret Matheson não há nada. Só um caixão vazio. O irmão de Seamus morreu com ferimentos internos e o de Anna ficou completamente destruído. A forma como morreram deixa claro que estavam em partes diferentes do comboio quando este explodiu e o mais provável é que nunca se tenham conhecido.

Seamus sabe que isso não tem importância.

Estão os dois mortos e nunca mais vão voltar.

Sozinho no seu quarto, dirige-se à mala que está em cima da cama e na qual ainda não tocou desde que embarcou no Phoenix. Não trouxe muita coisa consigo. Apenas um estojo de barbear, uma muda de roupa para quando, finalmente, pudesse despir a farda de revisor e a carteira.

A mão de Seamus treme ao segurá-la. Raios para isto. Piorou nas últimas horas. Está a tremer tanto que mal conseguiu verificar no pescoço de Judd um pulso que já sabia que não ia encontrar. Nesse momento, teve a certeza de que todos repararam. Em especial Anna, a quem é raro escapar alguma coisa.

Agora, a sua mão treme tanto que vibra ao retirar uma fotografia da carteira. Tem os bordos gastos das dezenas de anos em que a segurou com as mãos igualmente trémulas. Seamus olha para o jovem de uniforme na fotografia e fica com o coração apertado.

Sean.

O seu irmão mais velho.

Os Callahans não eram uma família feliz. O pai bebia muito. A mãe pouco falava. Os dois não perdiam tempo a usar os punhos. Por isso, Seamus e o irmão cresceram num silêncio tenso que só desapareceu quando os pais morreram, com um ano de diferença. Depois disso, Sean tornou-se na sua estrela polar. Orientou-o para a vida adulta, servindo como exemplo. Para onde quer que Sean fosse, Seamus ia atrás, quer fosse juntar-se à equipa de futebol do liceu ou alistar-se no exército.

Depois de Sean morrer, Seamus ficou sem ninguém para seguir e perdeu-se.

Até encontrar Anna.

Não fazia ideia do que esperar quando a abordou no cemitério há pouco mais de um ano. A tia dissera-lhe o nome dela, mas não lhe dera qualquer fotografia ou descrição. Tudo o que lhe disse foi:

– Reconhecê-la-ás quando a vires.

E foi isso que ele fez.

Sendo a única pessoa que ficou para trás no cemitério, não foi difícil identificá-la. Mas, mesmo se estivesse rodeada por dezenas de pessoas, Seamus saberia que era ela. Aqueles que sofrem com o luto de terem perdido alguém reconhecem-se a léguas. Quando se aproximou-se dela, disse-lhe:

– Foi a sua tia quem me mandou.

Anna voltou-se para o encarar com um olhar que Seamus nunca vira antes. Em vez de o fitar com tristeza, os seus olhos brilhavam com determinação, como se ela pressentisse exactamente quem ele era e o que estava ali a fazer. Não a largou desde então. Se as coisas vão continuar assim quando chegarem a Chicago, ele não sabe. Não falaram sobre o que acontecerá depois do plano terminar.

Caso haja sequer um «depois».

Guarda a fotografia do irmão na carteira, que coloca dentro da mala. Depois espreguiça-se para tentar libertar a tensão de uma longa noite que ainda nem sequer vai a meio. Ao mexer-se, sente algo no bolso do colete do uniforme a pressionar-lhe a caixa torácica.

Seamus enfia a mão no bolso e retira uma pequena caixa de comprimidos que Reggie Davis não chegou a encontrar por se ter assustado com o revólver. Ficou grato que tal tenha acontecido, caso contrário teria muitas explicações a dar.

Com as mãos ainda a tremer, retira a tampa da caixa e espreita para ver o interior.

No fundo, vê vários comprimidos, brancos e semelhantes a calcário.

Seamus conta-os. Neste momento, tem cinco. Satisfeito com o número que contou, fecha a caixa e guarda-a no bolso.

No início da noite, tinha seis.

MEIA-NOITE

OITO HORAS ATÉ CHICAGO

DEZOITO

Um comboio vazio é um comboio silencioso. E desconcertante.

Numa viagem com lotação esgotada, nunca há silêncio, nem mesmo na calada da noite. Há sempre pessoas a sussurrar na escuridão, ou a ressonar nos beliches na carruagem-cama, ou homens a jogar às cartas na carruagem de lazer até o sol espreitar no horizonte a oriente. Com o som do comboio a avançar incessantemente por baixo. O *clique* constante das rodas de aço sobre os carris de ferro acalma uns, irrita outros. No entanto, agora, esse *clique* relaxante, enlouquecedor e incessante do comboio é tudo o que existe.

Em especial, no salão da primeira classe, onde um homem morreu há pouco tempo e onde Anna caminha agora com muito cuidado. Ela verificou as outras carruagens de primeira classe para se certificar de que estão todos nos seus quartos. Têm todos as portas fechadas e, espera ela, trancadas.

Anna sabe que devia fazer o mesmo, mas não consegue resistir. A ânsia que sente para encontrar o veneno que matou Judd Dodge é demasiado forte. A avaliar pelo odor, suspeita que se trata de um produto de limpeza. E no Phoenix só há dois sítios onde produtos deste tipo podem estar: na cozinha ou na arrecadação de limpeza, escondida num canto da carruagem de lazer.

Durante a primeira hora da viagem, o salão esteve sem vigilância, o que deu a qualquer pessoa a oportunidade de entrar sorrateiramente em ambos os locais. Porém, não foi nessa altura que Anna suspeita que o assassino conseguiu deitar as mãos ao veneno. Para isso o crime tinha de ser premeditado, e ela duvida que alguém soubesse no que se ia meter antes de ela aparecer no salão. Não, Anna acha que quem matou Judd foi buscar o veneno quando atravessaram todos o comboio numa tentativa inútil de o parar. Por essa altura, Judd já tinha praticamente confessado tudo, o que deu aos outros a ideia de o matar antes que ele pudesse implicar mais alguém.

Anna caminha pelo salão e olha pela janela para ver as condições climatéricas. Neva agora com tanta força que os flocos assobiam ao vento e são tão grandes como moedas. Estão ainda na extremidade leste da tempestade – e Anna está consciente de que só vai piorar quanto mais para oeste viajarem. Por esta altura, o comboio já deixou a Pensilvânia e deve estar a começar agora a sua

longa viagem através do Ohio. Anna suspira ao pensar no horário. Já fizeram quase seis horas de viagem, e ainda falta tanto para chegar.

Entra na carruagem-restaurante, tão vazia que parece assombrada. É-lhe estranho circular sozinha por estas carruagens. Ela culpabiliza o facto de serem tão grandes, tão opulentas. São espaços feitos para acomodar dezenas de pessoas num luxuoso abraço. Ver estes espaços assim vazios faz com que Anna se sinta uma intrusa.

E não é a única.

Está a entrar na carruagem-restaurante, quando vê outra pessoa a passar pela porta do lado oposto, em direcção à cozinha.

Atravessa rapidamente a carruagem, decidida a apanhar quem quer que seja a pessoa antes que tenha tempo de desaparecer. Porém, quando passa de uma carruagem para a outra, percebe que o plano da pessoa não é esse, pois parou junto ao frigorífico no centro da cozinha e está agora parcialmente escondida atrás da porta aberta. Anna consegue perceber que é um homem. Por baixo da porta, consegue ver as calças e os sapatos de cabedal preto.

– Quem és tu? – pergunta Anna. – O que estás aqui a fazer?

– O meu nome é fome e estou aqui desesperadamente à procura de ficar saciado.

Anna geme. É Dante. Claro. Que espreita agora pela porta do frigorífico, com aquele sorriso demasiado familiar nos lábios.

– Pelo menos, podias ter pedido alguma coisa para comermos antes de expulsares os empregados do comboio.

– Eu paguei-lhes para se irem embora – riposta Anna. – É diferente. E a comida era a menor das minhas preocupações quando planeei esta viagem.

– Isso é óbvio. A única coisa que há aqui são carnes frias.

Ele tira um pedaço de rosbife embrulhado em papel de talho e deixa-o cair sobre o balcão.

– Há pão?

Anna dirige-se ao outro lado da cozinha, para a caixa do pão que está ao lado da torradeira. Ela conheceu em tempos cada centímetro desta carruagem de cor. Passava ali a vida com Tommy, sempre a tentar convencer os cozinheiros a dar-lhes guloseimas. Stella era a sua cozinheira preferida. Ela fazia uma galinha frita de comer e chorar por mais e os melhores caracóis de canela do mundo. Anna conseguia devorar um em três dentadas.

Pensa em Stella enquanto abre a caixa do pão e retira um para entregar a Dante, que bate palmas de alegria e pega na faca mais próxima.

– Queres uma sandes?

– Recuso-me a comer alguma coisa preparada por ti – respondeu Anna. – Ou

já te esqueceste do que aconteceu no salão?

Dante enterra a faca no pão, cortando duas fatias grossas.

– Vá lá, Annie. Sabes que não tive nada que ver com isso. Mas, pelo menos, conseguiste o que querias. Agora, tens toda a gente a contorcer-se.

– Se achas que estou feliz pelo Judd Dodge ter morrido, estás muito enganado. Não era de todo isso que queria.

– Talvez não conscientemente – argumenta Dante. – Mas lá no fundo, num lugar escuro e recôndito no qual não gostas de pensar, parte de ti queria. E essa parte mais obscura de ti quer que o mesmo aconteça com todos eles. É por isso que acho que planeaste esta viagem. Esperavas secretamente que fosse acabar assim.

– Já te disse porque a planeei.

– E eu não engulo essa desculpa nem por sombras. Se querias ver o meu pai e os outros a sofrer podias tê-lo feito no tribunal.

Anna sabe que seria mais fácil – para não dizer bem menos dispendioso – entregar as provas ao FBI e deixá-los prenderem toda a gente. Mas a verdade é que isso a deixaria também profundamente insatisfeita.

– Vê-los em tribunal não é suficiente – explica ela. – Queria ver a cara deles quando percebessem que estavam presos neste comboio. Queria que soubessem que caíram na minha armadilha.

– E depois estavas à espera que acontecesse o quê? – pergunta Dante. – Que confessassem e te contassem porque o fizeram?

Sim, era isso mesmo que Anna esperava. Ainda planeia conseguir que, pelo menos, um deles admita tudo o que fez – e a sua motivação. Sal. Edith. Até Herb Pulaski. Saber os motivos das suas traições pode não trazer a sua família de volta, mas Anna acha que poderá dar-lhe alguma resignação.

Ainda assim, essa não é a principal razão que a levou a planear esta viagem. Para ela, o importante não é a viagem, mas o destino.

– Tive de assistir ao meu pai a ser algemado e arrastado para fora da nossa casa – continua Anna. – Agora, tenho de ver o mesmo a acontecer com todos eles. Tenho de estar presente quando forem detidos. Tenho de testemunhar a sua desgraça pública. Tenho de ver, com os meus próprios olhos, o momento em que as suas vidas e reputações ficam arruinadas. Depois disso, já podem ter à vontade o seu julgamento em tribunal, que o meu pai nunca chegou a ter, e apodrecer na prisão para o resto das suas vidas.

– Incluindo o meu pai – assume Dante.

– Especialmente o teu pai. É por isso que ainda estou zangada contigo por teres vindo no lugar dele.

– Ainda me lembro de quando ficavas feliz por me ver.

– Isso foi há muito tempo – riposta Anna.

No entanto, não passou assim tanto para que ela se tenha esquecido dos momentos que passaram juntos. Ainda se lembra de tudo, em especial de quando ele apareceu na sua última actuação como Julieta e das rosas que trouxe consigo. Mas nem assim ela cedeu, provavelmente pela mesma razão que o levava a persegui-la. Era proibido. Assim, Dante insistiu ainda mais, fazendo questão de aparecer em eventos onde sabia que Anna ia estar. Festas, piqueniques e bailes de debutantes. Mesmo quando não era convidado, arranjava maneira de entrar. Na alta sociedade de Filadélfia, o nome Wentworth abria muitas portas.

Cada encontro era uma dança, cujos passos incluíam namorico, discussõezinhas e algumas picardias amigáveis. Com o tempo, Anna foi baixando pouco a pouco a guarda, ao mesmo tempo que a ousadia dele só aumentava. Um leve toque na mão. Um pequeno beijo na bochecha. Até que, por fim, depois de mais um encontro desses, ele ofereceu-se para a acompanhar a casa e, em vez de responder «sim», Anna disse apenas:

– Os nossos pais não podem saber disto.

Caminharam em silêncio, com os passos lentos num ritmo que se arrastava. A certa altura, a mão de Dante roçou na de Anna e, para surpresa dele, ela apertou-a. À medida que se aproximavam da casa dela, ela juntou-se mais a ele. O aperto de mãos passou a um abraço, e de abraçados acabaram entrelaçados. Pressionado contra ela, Dante inclinou-se para a beijar.

– Não devíamos estar a fazer isto – sussurrou Anna, enquanto se inclinava para juntar os seus lábios aos dele. – Só vai acabar em desgosto.

Dante jurou-lhe que estava enganada.

Não estava.

– Porque andaste atrás de mim? – pergunta ela agora. – Naquela altura? Podias ter as raparigas que quisesses, mas escolheste-me a mim.

Dante abre o armário mais próximo, com tigelas e pratos empilhados e organizados nas prateleiras. Depois, abre a gaveta por baixo com rolos de papel de alumínio e de plástico.

– Porque nenhuma delas era tão especial como tu.

– Estou a falar a sério.

– Eu também – insiste Dante. – Não demorei muito a perceber o quão espantosa eras. Foi por isso que andei atrás de ti. Mesmo sabendo que o meu pai ficaria furioso se descobrisse.

– O teu pai é uma pessoa horrível.

– Certo. Então o que é que isso faz de mim?

– Um canalha sem coração – responde Anna, certificando-se de que profere as palavras com um veneno extra. Porque só os canalhas sem coração são

capazes de fazer o que Dante fez com ela. O namorico, o cortejo, o charme. Embora tivesse feito questão de não o demonstrar, ela já estava apaixonada quando se beijaram pela primeira vez.

Depois desse beijo – aquele beijo glorioso, que lhe pôs a cabeça a girar e a fez estremecer – tornou-se impossível para ela conseguir esconder os seus sentimentos. Tinha dezasseis anos, estava loucamente apaixonada, e achava, estupidamente, que Dante sentia o mesmo por ela. Foi por isso que durante meses se comportou de forma tão disparatada. Sair de casa às escondidas a meio da noite. Encontrar-se com Dante em segredo. Beijá-lo tão intensamente até os seus lábios ficarem em ferida e o seu corpo doer de desejo.

Olhando para trás, Anna apercebe-se de que a culpa foi sua por se ter apaixonado tanto. Representou Julieta em palco e quis viver também o seu próprio romance proibido. Um romance que deveria ter terminado quando Dante, na altura com dezoito anos, se alistou no exército, mas acabou por ir para Princeton devido a um sopro no coração que não sabia que tinha. Em vez de parar as coisas por ali, Anna só as prolongou escrevendo cartas a Dante quase todos os dias. Cartas floreadas nas quais ela punha a nu a sua alma – e os seus desejos.

Desejos a que acabou por sucumbir quando Dante regressou a casa nas férias durante o Outono. Ainda se lembra de tudo o que se passou nessa noite, com arrepiante pormenor. De estarem sozinhos à porta da casa dele numa noite estranhamente quente de Outubro. Da endiabrada sugestão dele para irem nadar nus na piscina. Do desejo que cobriu as feições de Dante quando ela concordou. E tudo o que aconteceu a seguir.

O prazer.

A culpa.

O desgosto que sentiu quando nunca mais teve notícias dele, nem mesmo nas semanas que se seguiram depois de a sua família ter sido assaltada por uma tragédia atrás da outra. O rapaz que ela amava abandonou-a quando ela mais precisava dele, levando consigo a sua inocência. Depois de a sua mãe estar morta e enterrada, Anna assumiu que nunca mais voltaria a ver Dante. Nem queria. Ela sabia que estava melhor sem ele. Mas agora aqui está ele de volta, a meter-se com ela como se nada disso tivesse acontecido.

– Nunca te perdoei, sabias? – pergunta ela.

– Eu reparei.

– Tu simplesmente evaporaste-te da face da terra. Se eu era assim tão especial, porque é que desapareceste?

Dante encosta-se ao balcão e olha-a de uma maneira que ela nunca viu quando eram mais novos. Nessa altura, olhava-a sempre com malícia, ou desejo,

ou uma combinação de ambos. Agora, fita-a com olhos compreensivos e Anna espera que arrependidos também.

– Tratei-te de uma forma verdadeiramente horrível e peço desculpa – diz ele.

Anna fica paralisada com a surpresa. Não estava à espera de um pedido de desculpas. Não de Dante Wentworth.

– Nem sei o que dizer.

– Não precisas de dizer nada. Sou eu quem tem de explicar o meu comportamento atroz. Quando o teu irmão morreu, eu queria ter ido ao funeral, mas o meu pai não deixou. Contei-lhe dos nossos encontros secretos e que estava a apaixonar-me por ti. Ele não quis saber. Proibiu-me de te voltar a ver e disse-me que não podia ter nada que ver contigo ou com a tua família. Por muito que eu quisesse que ele estivesse errado, quando prenderam o teu pai, comecei a achar que talvez tivesse razão. Só agora sei qual foi o verdadeiro motivo para me obrigar a afastar de ti.

– Porque o teu pai é o culpado – diz Anna.

– Parece que sim – concorda Dante. – Sei que nunca serás capaz de o perdoar, e com razão. Mas espero que eventualmente me consigas perdoar a mim.

Anna achou que ia odiar Dante durante muito tempo. Provavelmente para sempre. Mas agora que ele está aqui, com o mesmo aspecto de antes e a comportar-se da mesma forma que no passado, ela mal se lembra de o odiar. Só consegue lembrar-se do tempo em que pensava que o amava. Se foi mesmo amor ou apenas uma paixão de adolescente que acabaria por ultrapassar, Anna nunca teve a oportunidade de descobrir. Agora, a sua cabeça não pára de pensar nos «*e* se». E se Dante tivesse dito isto anos antes? Será que as coisas teriam sido diferentes? Teria sido a sua vida um pouco mais suportável? Nunca saberá a resposta e é por isso que tudo o que consegue responder é:

– Talvez. Um dia.

Parece ser resposta suficiente para Dante, que acena com a cabeça e diz:

– Certo. Óptimo. Até lá, ajuda-me a encontrar a mostarda. Nenhum homem, por mais faminto que esteja, deve ser obrigado a comer uma sandes sem molho.

– Encontra-a tu – diz Anna. – Vim cá à procura de outra coisa.

Dirigem-se os dois para o outro lado da carruagem. Dante abre a porta da despensa e examina as prateleiras. A de cima guarda produtos de pastelaria. Farinha, açúcar e bicarbonato de sódio, incluindo o corante alimentar que é usado no famoso *red velvet* do Phoenix. A sobremesa favorita do pai de Anna ainda é servida tanto na carruagem de lazer como na carruagem-restaurante. A prateleira de baixo guarda outras coisas do género: sal, especiarias, vinagre destilado, óleo. E, claro, um frasco de mostarda.

– Doce néctar dos deuses – exclama Dante antes de deitar um pouco no pão, ao qual se apressa a acrescentar algumas fatias de rosbife. Depois, dá uma grande dentada e, com a boca ainda cheia, acrescenta: – De que andas à procura?

Anna, agora de joelhos, abre a porta do armário por baixo do lava-loiça.

– Veneno.

Dante engole audivelmente.

– Não tem piada.

– Ainda bem. Porque não estou a brincar.

Anna espreita para todos os recantos escuros e bafientos do armário. No fundo, pousada atrás de um balde e ao lado de uma lata de desentupidor de canos, está uma caixa de veneno para ratos. Anna não fica surpreendida ao vê-la ali, pois acredita que todos os comboios com carruagens de cozinha a tenham.

Retira a caixa de dentro do armário e verifica o seu interior. O veneno consiste num pó branco que tem o mesmo tamanho e a consistência que sal de cozinha. Depois de levar a caixa ao nariz, reconhece o mesmo odor químico que cheirou no copo de *Martíni* de Judd Dodge.

Dante, com a sua sandes na mão completamente esquecida, fica de pé atrás dela.

– Isso é…

– Sim – confirma Anna, interrompendo-o. – Foi isto que matou o Judd.

DEZANOVE

De pé no meio da carruagem com vista panorâmica, com a caixa de veneno para ratos aos pés, Anna balança-se nervosamente de uma perna para a outra, enquanto Seamus percorre as três carruagens anteriores e vai aos quartos dos outros para os acordar. Não que alguém precise de ser acordado. À medida que entram na carruagem, Anna repara que estão todos vestidos com as mesmas roupas que usaram no salão. Ninguém, ao que parece, está disposto a arriscar-se a adormecer.

– Porque é que estamos aqui? – resmunga Lapsford ao entrar.

A razão pela qual Anna escolheu esta carruagem e não o salão é porque lhe pareceu de mau gosto trazer veneno para a mesma carruagem onde um homem morreu ao ingeri-lo. E a carruagem com vista panorâmica, com a fila de bancos que circunda toda a divisão, é o segundo melhor ponto de encontro.

Mas Anna sabe que não é isso que Lapsford está a perguntar. Aguarda que estejam todos reunidos para responder.

– Encontrei isto na cozinha – informa ela.

– *Nós* encontrámos – diz Dante.

Anna preferia que Dante não a tivesse corrigido, porque isso só faz com que Seamus tenha a necessidade de perguntar:

– Porque é que estavas na cozinha com ele?

– Não estávamos juntos – explica Anna.

Dante acena com a cabeça em sinal de concordância.

– Eu estava a fazer uma sandes.

– E eu estava à procura disto. – Anna cutuca o veneno para ratos com o pé. – A arma do crime. Agora, quem é que esteve na cozinha esta noite?

– Todos – responde Sal. – Tivemos todos de passar por lá a caminho da locomotiva.

– Alguém se deixou ficar para trás?

– Não no caminho para lá – diz Seamus. – Fui atrás do grupo, por isso, se alguém o tivesse feito, eu teria visto.

– E no regresso viemos nós na retaguarda – diz Dante.

Para grande desilusão de Anna, eles estão certos. Isso quer dizer que o

assassino pegou no veneno antes de toda a gente se juntar no salão.

– Alguém esteve na cozinha entre as sete e as oito? – pergunta ela.

– Eu não – responde Edith.

Herb é o próximo a responder:

– Eu também não.

– Nem eu – diz Sal.

– Se tivesse estado – replica Lapsford –, não lhe diria.

Anna cruza os braços.

– Então isso é um «sim»?

– É definitivamente um «não» – responde Lapsford. – Para mim e para todos. As únicas pessoas que estiveram neste comboio antes de nós foram você e o seu bandido.

Do outro lado da carruagem, Seamus lança-lhe um olhar zangado.

– Atenção aos insultos. Também há uma coisa ou outra que poderia dizer sobre si.

– E ele? – pergunta Sal, apontando para Reggie Davis. – Ele pode perfeitamente ter passado horas lá dentro sem que ninguém soubesse.

– Eu? – Reggie olha em redor, com os olhos mais esbugalhados que os de um animal prestes a ser atropelado. – Estive na casa de banho a maior parte do tempo.

– O senhor Davis não é para aqui chamado – defende Anna, apesar de ainda não ter a certeza absoluta disso.

Embora não ache que tenha sido ele a envenenar Judd, ainda há algo um bocado suspeito na sua presença aqui. Desde o momento em que Reggie entrou no salão, Anna tem a sensação de que ele está mais interessado no que está a acontecer do que aparenta.

Lapsford dá meia-volta e dirige-se para a porta.

– Não aguento mais isto. Já fomos revistados. Nenhum de nós tinha o veneno. Vou voltar para o meu quarto.

– Também eu – diz Sal, seguindo-o até à porta.

Os outros fazem o mesmo, deixando apenas Seamus e Anna na divisão. Antes que ela tenha oportunidade de pedir, ele suspira e diz:

– Eu vou segui-los para ter certeza de que todos vão para onde devem.

Anna permanece na carruagem, sentindo-se estúpida por pensar que isto ia dar em alguma coisa. De que estava à espera? De uma confissão? Como a morte de Judd já provou, aqueles que confessam os seus crimes neste comboio são mortos.

Agora, sozinha na carruagem com vista panorâmica, olha através da janela e observa a extensa via que já percorreram, limpa da neve pelas rodas do comboio.

Os carris paralelos estreitam-se antes de desaparecerem no horizonte escuro. Tantos quilómetros. Tanta coisa que aconteceu e a trouxe até esta carruagem, esta noite, este momento. Olhando para trás, Anna imagina toda a sua vida a estender-se atrás do comboio, como se fosse possível saltar e começar uma longa viagem pelo seu passado, invertendo o tempo. Imagina que, talvez se andasse o suficiente, e longe o suficiente, acabaria por chegar ao tempo em que sua família ainda estava viva e ela ainda era feliz, sem quaisquer vestígios do presente.

É um pensamento adorável. Mas idiota. Porque Anna sabe que a vida, tal como o comboio em que se encontra, só pode seguir em frente.

As coisas que Edith disse sobre os seus pais ficaram-lhe presas na memória como uma má recordação. Se eles a pudessem ver, neste preciso momento, que pensariam? Anna quer acreditar que os pais compreenderiam que faz isto por eles, por Tommy, e por todas as outras pessoas que se perderam naquele dia terrível. E espera que aprovem a sua implacável determinação.

No entanto, uma pequena parte dentro dela suspeita que Edith tem razão. Os seus pais e Tommy iriam, de facto, lamentar aquilo em que ela se transformou. Eles quereriam que, em vez de se ter isolado com a tia Retta, ela tivesse conhecido alguém, se tivesse apaixonado e se casasse. Acima de tudo, acredita que eles quereriam que fosse feliz. E Anna já não é feliz há muito tempo.

Deixa-se cair numa das cadeiras da carruagem. Tal como as dos quartos de primeira classe, é possível girá-las para ficarem de frente para as janelas. Foi ideia do pai. Ele teve tanto orgulho na sua inovação que passou a maior parte da viagem inaugural na cadeira onde ela agora está sentada.

Anna lembra-se de o encontrar aqui a altas horas da madrugada. Com onze anos e demasiado entusiasmada com as festividades para conseguir dormir, Anna saiu de mansinho do quarto de pijama e, depois de atravessar o resto da carruagem de primeira classe, juntou-se ao pai na carruagem com vista panorâmica. Tal como Anna, ele estava demasiado excitado com os eventos da noite para conseguir dormir. Mas também não estava completamente acordado. Pareceu a Anna que o pai estava a sonhar com os olhos abertos e um sorriso nos lábios.

– Olá, Annie – disse ele. – Vem sentar-te um bocadinho aqui ao pé de mim.

Depois de ficarem sentados em silêncio durante muito tempo, o pai acabou por dizer:

– Sabes em que é que estamos a trabalhar, Annie?

Anna revirou os olhos. Claro que ela sabia.

– Num comboio.

– Sim, mas é mais do que isso.

O pai fez uma pausa, ainda com aquele olhar distante, antes de continuar:

– Sabes as viagens que fazes nos teus sonhos? Quando adormecemos e somos transportados para um sítio longínquo? É isso que este comboio é. Um sonho sobre rodas. Mas neste sonho, as pessoas viajam mesmo a sério. Embarcam no Phoenix, têm uma conversa agradável com alguém, talvez comam alguma coisa na carruagem de lazer e, depois de passarem algum tempo a olhar pela janela e a verem os quilómetros a passar, adormecem. De manhã, quando acordam já estão noutro lugar. Um lugar excitante.

A seguir, estendeu a mão e perguntou:

– Queres sonhar comigo, Annie?

O som do apito do comboio ecoa pela noite e Anna é despertada do seu devaneio. Senta-se e olha em volta, talvez à espera de ver o pai ao seu lado, a dormir profundamente.

Em vez disso, quem ela vê é Tommy.

Sentado na cadeira ao lado dela, mais esqueleto do que carne e osso. A pele escorre-lhe dos ossos como papel ensopado e tem um buraco enorme no centro do peito. Dentro desse vazio escuro, Anna consegue ver parte das suas costelas e o coração ainda a bater. Afasta o olhar do buraco e fita o rosto dele, que se derreteu numa poça de sangue. Depois, Tommy deixa escapar um som doentio e gorgolejante quando abre aquilo que deveria ser a sua boca.

– Toma conta da mãe e do pai por mim – diz ele.

Anna acorda, desta vez a sério, escapando do seu pesadelo com um espasmo que lhe abala o corpo inteiro. Frenética, olha de imediato para a cadeira ao seu lado. Não porque ache que Tommy vá estar lá sentado. Não com aquele aspecto. Nos seus pesadelos, existe mais do que aquilo que restou dele depois de ter morrido.

Ainda assim, sente-se aliviada por ver o lugar vazio. Agora tem a certeza de que está acordada. Não faz ideia de quanto tempo esteve a dormir. Cinco minutos? Dez? Mas foi tempo suficiente para que a tempestade lá fora ganhasse intensidade, com os flocos maiores e a cair com mais força.

Naquele borrão de neve, Anna repara noutra coisa. Reflectida no vidro arredondado da janela vê a silhueta de alguém a entrar na carruagem. Assustada, Anna vira a cadeira para ver quem é.

Edith Gerhardt.

Anna fica com o corpo imediatamente tenso, mas não diz nada. O que tem para dizer à mulher cujo trabalho fora tomar conta dela? Uma mulher que lhe dera tanto conforto e que, ao mesmo tempo, a magoara tanto?

– Fico contente que ainda aqui estejas – diz Edith, passando os dedos distraidamente pelo pescoço.

É um gesto silencioso que relembra Anna do que ela fizera há pouco mais de

uma hora. Se o objectivo de Edith é fazê-la sentir-se mal, então está a conseguir. Não que esteja arrependida por tê-la magoado, só se sente mal por ter perdido o controlo, ainda que por pouco tempo. Jura a si mesma que não vai deixar que tal volte a acontecer, apesar de começar a sentir o sangue a ferver ao ver Edith sem estar a contar.

– Não posso dizer o mesmo – riposta ela.

Edith ignora o ataque.

– Vi alguém a sair da cozinha. Não quis falar à frente dos outros porque não queria que achassem que estava a fazer acusações. Mas pouco depois de o comboio sair da estação, fui à carruagem-restaurante, com esperança de conseguir tomar um chá. Como não encontrei lá ninguém, fui-me embora e, quando estava a regressar ao meu quarto, vi outra pessoa a sair da carruagem. Como não o encontrei lá quando fui à procura do meu chá, resta-me apenas assumir que entrou pela cozinha.

– Quem?

– O tenente-coronel.

Lapsford. Então mentiu sobre não ter lá estado antes de todos se reunirem no salão. Anna levanta-se, mal conseguindo esperar para o confrontar. Mas para sair tem de passar primeiro por Edith, que lhe estende a mão ao passar, chamando-a num tom de súplica:

– *Schatzi*.

Anna esquiva-se da mão dela e consegue chegar à porta. Porém, antes de sair, lembra-se de algo para dizer a Edith. Algo que ela *precisa* de lhe dizer, apesar de saber que devia fugir o mais depressa possível dali.

– Houve alguma parte que foi real? – pergunta ela, incapaz de evitar que a voz fique embargada com a dor. – Os abraços. O conforto. O amor, o carinho e a devoção por mim e pelo Tommy. Alguma parte disso foi a sério? Ou foi só uma encenação?

Edith dá um passo na direcção dela.

– Não, *Schatzi*, eu…

– Pára de me chamar isso! – exclama Anna – *Nunca* mais me chames isso.

– Tens todo o direito em estar zangada. Sofreste terrivelmente.

Edith abana a cabeça, como se ela não fosse uma das responsáveis por esse sofrimento.

– Mas o que aconteceu não foi pessoal. Tens de compreender isso.

Anna retrai-se, incrédula e completamente atónita com o facto de Edith conseguir dizer tal coisa. O irmão dela não está apenas morto, foi apagado, sem deixar rasto, como se nunca tivesse existido. O pai foi assassinado de uma forma tão violenta que ela ainda não consegue compreender. A mãe preferiu juntar-se a

eles do que viver com ela. Tudo por causa de algo que Edith fez. Isto tornou as coisas *muito* pessoais.

– Perdi a minha família toda – diz ela.

Edith faz um aceno brusco com a cabeça.

– Tal como eu perdi a minha.

– Mas a culpa não foi minha. Nem da minha família. E, ainda assim, eles estão mortos. Por tua causa.

Anna reúne todo o autocontrolo que tem para se impedir de apertar as mãos à volta do pescoço de Edith. Mantém-nas apertadas ao lado do corpo, desejosa por poder experienciar essa sensação uma segunda vez. Um dedo contorce-se quando Anna repara num ligeiro tremor na garganta de Edith ao dizer:

– Nunca te quis magoar a ti ou à tua família.

– Mas fizeste-o na mesma.

– Porque estávamos em guerra – diz Edith, como se fosse desculpa. – A guerra é cruel. Faz com que pessoas boas façam coisas horríveis pelo seu país.

– Mas tu não estavas na Alemanha. Estavas aqui. Na América. Connosco.

– Só porque alguém abandona a sua casa isso não significa que já não a ame. Nem tão pouco significa que não fará tudo para a ajudar.

– Foi isso que pensaste que estavas a fazer? – pergunta Anna, enquanto toca sem se aperceber na pequena locomotiva prateada que tem presa ao peito e que a recorda de tudo o que perdeu. – A ajudar a tua pátria?

– Claro que era isso que estava a fazer.

Todo o corpo de Anna enrijece quando se apercebe do que acabou de acontecer.

Edith confessou.

Não que Anna tivesse quaisquer dúvidas do seu envolvimento. As caixas de provas da tia Retta certificaram-se disso. Mas é mais chocante ouvi-lo directamente da boca dela. Mais doloroso, também. Especialmente, o motivo que a levou a trair a sua família.

– Juraste em tribunal que achavas que o meu pai era um simpatizante dos alemães. – As mãos de Anna continuam cerradas com força, implorando-lhe para que as estenda em direcção ao pescoço de Edith, o envolva e aperte. – Mas, afinal de contas, referias-te a ti mesma.

– Recuso-me a pedir desculpa pelas minhas convicções – diz Edith.

– Mas vais pagar por elas na mesma. E devias ter medo do que está para vir.

– Talvez – responde Edith com um suspiro de resignação. – Mas quando se chega à minha idade, descobre-se que coisas que outrora temíamos já não nos assustam mais.

– Nem mesmo a morte?

Edith olha para Anna com um sorriso enigmático e diz:

– Não há razão para temer algo que é inevitável.

Para Anna, aquele sorrisinho críptico parece um convite. Como se Edith, sabendo o que está para vir, quisesse acabar com o seu sofrimento, tal como Judd Dodge. Anna sente-se tentada a fazer-lhe a vontade. Tão tentada que coloca as mãos ainda a tremer atrás de si e entrelaça os dedos.

Tem de se ir embora.

Agora mesmo.

Antes que perca outra vez o controlo.

– Matar o meu irmão e incriminar o meu pai não alcançou *nada* – diz ela. – Espero que acabes por entender isso. Nos teus últimos momentos de vida, espero que percebas que cometeste um erro. Que tudo o que fizeste não serviu para nada. E quando deres o teu último suspiro, espero que as únicas coisas que sintas sejam dor, medo e arrependimento. Porque é só isso que mereces.

Anna vira-se e sai a correr da carruagem com vista panorâmica antes que Edith tenha tempo de responder. Recusa-se a deixar que ela fique com a última palavra.

Na Carruagem 13, a lâmpada que estava a piscar em frente ao Quarto C apagou-se, lançando uma sombra densa sobre aquela extremidade do corredor. De pé, na penumbra, Anna vê alguém a sair pela porta da frente da carruagem.

Um homem. Só consegue distinguir a parte de trás da cabeça e a largura dos ombros. Mas é suficiente para ela pensar que não há mais ninguém no comboio com aquela estrutura. Seamus, Lapsford e Herb Pulaski são mais largos, Dante e Reggie são mais estreitos.

Porém, agora é demasiado tarde para ver melhor. Quem quer que fosse, já se foi embora. Preocupada com a perspectiva de haver mais alguém a vaguear pelo comboio, Anna avança pelo corredor que estaria silencioso, não fosse o som dos seus passos. A porta do Quarto A abre-se um pouco quando ela passa, dando a Anna um vislumbre de Herb Pulaski a espreitar nervosamente para o corredor.

– Fique no seu quarto – ordena ela. – Não destranque a porta.

Depois, continua a andar, satisfeita por ver que não há portas abertas na Carruagem 12. Com sorte, estão todos onde devem estar.

Trancados nos seus quartos.

Sozinhos.

Em segurança.

Quando Anna entra na Carruagem 11, vê outra vez a porta do lado oposto a começar a fechar-se. Desta vez, atravessa a carruagem a correr para tentar apanhar o homem no salão.

Contudo, quando chega lá, a carruagem está completamente vazia. Ainda

assim, parece que foi desocupada há pouco tempo, como se alguém tivesse estado ali segundos antes. Anna dirige-se então para a carruagem-restaurante, que, apesar de estar totalmente iluminada, contém a sensação arrepiante da presença recente de outra pessoa.

A sensação prolonga-se à medida que Anna avança para a frente do comboio, atravessando uma carruagem após a outra. Cozinha. Carruagem de lazer. Salão da carruagem de segunda classe. Todas vazias. Quando chega às carruagens de segunda-classe, perde toda a esperança de que estava a seguir alguém e, no cavernoso furgão, percebe que, de facto, não está mesmo ali ninguém. Chega até a verificar a porta da locomotiva, achando que talvez a pessoa que vira fosse Burt Chapman, o maquinista.

Mas não. A porta ainda está trancada.

E quem quer que fosse, desapareceu completamente.

Anna volta para trás, regressando à segunda metade do comboio. Quando entra na carruagem-restaurante, detém-se logo a seguir à porta, pois a carruagem, que minutos antes estava iluminada quando a atravessou, está agora totalmente às escuras. Embora considere a hipótese de ter havido uma avaria eléctrica qualquer, Anna sabe que alguém apagou as luzes de propósito.

Alguém que passa agora pela porta da parte de trás da carruagem. Através da brecha que se fecha rapidamente, Anna avista a mesma pessoa que apanhou a sair da Carruagem 13. Consegue apenas um vislumbre parcial. O homem olha para o lado, revelando o seu perfil por uma fracção de segundo, antes de desaparecer.

Anna estaca, assaltada por um súbito e assustador arrepio que a percorre de cima a baixo.

Apesar de ser impossível estar neste comboio, Anna reconhece aquele homem.

Está morto há doze anos.

E, embora saiba que possa ser da luz, ou a exaustão a toldar-lhe a visão, ou até mesmo influência do pesadelo que teve, Anna não consegue sacudir a sensação de que – apesar de toda a lógica, razão e leis da natureza – acabou de ver o seu irmão.

VINTE

Ainda na carruagem com vista panorâmica, Edith Gerhardt olha para o céu cheio de neve através da janela no tecto e pensa no passado. Observar a neve a cair sempre teve esse efeito sobre ela, mesmo quando era menina e ficava no telhado do prédio degradado da família, de olhos postos no céu.

Ver a neve a cair recorda-a da sua infância, dos seus pais, do seu marido e de centenas de outras coisas. Amigos e animais de estimação de que se esqueceu por completo aparecem agora tão vívidos na sua cabeça, que é como se tivesse acabado de os ver minutos antes.

Pensa também em Anna e em Tommy, o mais próximo que alguma vez esteve de ter um filho e uma filha. Eram bons meninos. Bem comportados. Tão dedicados um ao outro que não conseguiam ver o quão diferentes eram. Anna saiu ao pai. Inteligente, astuta, propensa a momentos de ponderação, mas sempre com um olhar sonhador. Tommy era claramente filho da sua mãe. Tão bem-parecido. Tão naturalmente encantador.

Durante seis anos, tomou conta deles, apesar de ter sido contratada como governanta e não como ama. Não conseguiu evitá-lo. Sempre quisera ser mãe, mas nunca chegou o momento certo quando o marido ainda era vivo. Por esse motivo, Edith transferiu todo o seu desejo de ser mãe para as crianças Matheson. Preparava o pequeno-almoço de Anna, dava chocolates a Tommy às escondidas, tratava-lhes dos joelhos esfolados, das bochechas queimadas pelo frio, das testas quentes de febre.

Tudo isso fora real.

Disso, Edith tem a certeza. Mas, ainda assim, não a impediu de optar pela Alemanha quando chegou a altura de escolher um lado.

Kenneth Wentworth foi um factor-chave nessa decisão. Edith sempre se referiu a ele como «*Der Spinne*». A aranha. Sempre a arrastar-se para sítios onde não pertencia, muitas vezes na pior altura possível, e Edith não passou de uma mosca que ele apanhou na sua teia no dia em que foi à residência dos Mathesons, quando ela era a única pessoa em casa.

– O senhor e a senhora Matheson não estão – informou ela, o que não pareceu surpreendê-lo nem um pouco.

– Estou aqui para a ver a si – disse ele. – É possível que não se recorde de mim. Só nos encontrámos uma ou duas vezes. Chamo-me Kenneth Wentworth.

Claro que Edith se lembrava dele. O senhor Wentworth era difícil de esquecer, por muitos motivos. Para começar, era bonito e, depois, aparecera com o filho sem ser convidado na festa de Natal que os Mathesons davam todos os anos em sua casa. A senhora Matheson ficou tão chateada que fizera uma cena e tudo. Tal reacção deu a Edith a impressão de que Kenneth Wentworth não era homem de confiança.

Um sentimento que só se tornou ainda mais forte nessa tarde, quando ele lhe perguntou:

– Queria falar consigo sobre a guerra.

Edith ficou inquieta com a pergunta. Com o seu sotaque era fácil perceber de onde vinha e, à medida que o poder de Hitler se espalhava pela Europa, ela reparou que as pessoas a começaram a tratar de forma diferente. Os empregados das lojas, outrora amigáveis, tornaram-se ríspidos. As empregadas domésticas das casas vizinhas já não a cumprimentavam quando a viam. Edith apercebeu-se de que a desconfiança em relação aos alemães estava em todo o lado.

– O que tem a guerra? – pergunta ela.

– Deve ter com certeza uma opinião sobre o assunto.

Era certo que Edith tinha, mas isso não era da conta de Kenneth Wentworth. Por isso, começou a fechar a porta, balbuciando em tom de desculpa:

– Com licença, tenho de voltar ao trabalho.

Antes de fechar a porta toda, o senhor Wentworth fez-lhe a pergunta que iria mudar a sua vida – e destruir a dos seus patrões.

– Em que país reside a sua lealdade, menina Gerhardt?

– Senhora – disse Edith, corrigindo-o rapidamente. – Sou leal ao meu país adoptivo, claro.

– Então, como explica isto?

Kenneth Wentworth tirou uma fotografia do bolso do casaco e mostrou-a a Edith. Ao ver uma versão mais jovem de si mesma a sorrir para a câmara, orgulhosa do seu uniforme castanho e da braçadeira com uma suástica enrolada na manga, Edith congelou. Vestido da mesma forma, o marido aparecia ao seu lado com o braço hirto, a fazer uma saudação.

Edith lembrava-se bem desse dia. Estavam em 1934 e o marido tinha acabado de ser nomeado membro do Kreisleitung, a direcção distrital do Partido Nazi. Lembra-se do orgulho que sentiu nessa altura. Depois de anos de fracasso, Hitler e o Terceiro Reich estavam a mudar a Alemanha para melhor. E ela e o marido faziam parte dessa mudança.

Anos mais tarde, quando Edith olhou para a fotografia, todo o orgulho que

sentira outrora desapareceu. Na altura, acreditava – tal como continua a acreditar ainda hoje – que Hitler tinha razão quando afirmou que a raça alemã era superior a todas as outras. Bastava olhar para as conquistas do seu povo ao longo dos séculos. Para a arte, a música e os avanços tecnológicos. Porém, Edith também sabia o que significaria se esse seu passado viesse ao de cima, especialmente com a guerra a decorrer.

– Onde é que arranjou isso? – perguntou ela.

Kenneth Wentworth esboçou um sorriso tranquilizador.

– Não se preocupe, senhora Gerhardt. Não tenho qualquer intenção em trazer-lhe problemas.

– Então porque está aqui? Porque me está a mostrar isto?

– Porque tenho uma proposta para lhe fazer.

Edith soube logo que seria mais uma ordem do que uma proposta. Ele dar-lhe-ia a fotografia – juntamente com uma quantia de cortar a respiração – se, em troca, ela escondesse documentos no escritório do senhor Matheson.

– E se eu recusar? – perguntou ela.

– Então as coisas podem ficar muito desagradáveis para si, muito depressa.

– Em que consistem estes documentos? Têm alguma coisa que ver com a guerra?

– Sim – respondeu Kenneth Wentworth. – Embora seja mais pessoal do que político.

Edith sentiu os joelhos a falharem-lhe, pois sabia que o senhor e a senhora Matheson iam estar envolvidos.

– Que lado é que vai beneficiar disto?

– O seu lado, claro – respondeu o senhor Wentworth e, com um piscar de olhos acrescentou:

– O seu verdadeiro lado.

– Mas isso não fará um desserviço ao seu país?

Kenneth Wentworth sorriu novamente, desta vez, de forma mais sinistra do que tranquilizadora.

– Sou apenas fiel a mim mesmo, mais nada. Mas você, por outro lado, parece-me uma pessoa leal à sua pátria. Pense em como isto os vai poder ajudar.

– Sendo assim, fá-lo-ei – concordou Edith. – Pela Alemanha.

O que ela não sabia na altura era o preço que pagaria a nível pessoal. Não sabia que o plano envolvia a explosão de um comboio que resultaria na morte de Tommy Matheson, na prisão de Arthur Matheson, na vergonha pública e no homicídio. Mas era tarde de mais. Edith era já mais rica do que alguma vez sonhara e não tinha outra opção senão continuar em frente com a artimanha.

Agora, enquanto contempla a neve que cai, sente uma tontura ligeira ao

aperceber-se de que Anna tinha razão. Tudo o que fez não ajudou ninguém a não ser a si mesma e os seus co-conspiradores. Soldados morreram e vidas foram destruídas para nada. A Alemanha perdeu a guerra na mesma, tornando-se numa pálida amostra do que fora no passado. Nunca mais lá voltou, e Edith não quer pensar no que isso diz sobre ela. Se ama a sua pátria assim tanto, então é lá que deveria estar e não neste comboio, a ser transportada para a sua inevitável ruína, certo?

Ela reconhece que sim. Deveria ter voltado. No entanto, nunca lhe passou pela cabeça regressar. E agora compreende que, no fundo, sabia que se regressasse à Alemanha, e visse o quão diferente estava o seu país, iria constatar de forma muito clara o quão fúteis foram as suas acções.

Reconhecer isto atinge-a como um relâmpago. É assaltada por um pensamento tão abrasador que o seu cérebro explode, enquanto o resto do corpo congela.

Foi um erro.

Tudo.

Trair o seu patrão, destruir a família dele e mentir foi um total desperdício.

E, agora, arrepende-se de tudo o que fez.

Edith desvia o olhar do tejadilho da carruagem. Enquanto contempla a paisagem coberta de neve no exterior, apercebe-se de que alguém se aproxima dela pelas costas.

Lentamente.

Silenciosamente.

Pelos vidros da carruagem com vista panorâmica, Edith consegue ver o reflexo da pessoa que se aproxima distorcido como um espelho numa casa de diversões. Precisa de alguns segundos para reconhecer a figura no vidro e, depois, volta-se para trás com um arquejo de choque:

– *Grauer Geist* – exclama.

VINTE E UM

Anna não segue Tommy de imediato.

Porque não é mesmo ele. Não pode ser. Tommy está morto e os fantasmas não existem. Pensando melhor, ela começa a duvidar que viu sequer alguém. É tarde, está exausta e, durante horas, apenas a adrenalina e a raiva a mantiveram de pé. Não ficaria surpreendida se começasse a ver coisas e a pressentir a presença de pessoas que não existem.

Ou, talvez, o que Anna pressinta sejam apenas recordações, a rodopiar como a neve lá fora. Passou tanto tempo a bordo do Phoenix com a família, que não há carruagem na qual não se recorde de alguma coisa. Tem memória de se rir com Tommy numa cama superior da carruagem-cama. De Jogar *penny poker* com um grupo de caixeiros-viajantes na carruagem de lazer. Enquanto se dirige para a parte de trás do comboio, Anna apercebe-se de que a sala de jantar, em particular, está cheia de recordações. É bem provável que se tenha sentado a todas as mesas e comido de todos os pratos. Olhando para uma mesa, lembra-se de estar ali com os pais e Tommy na viagem inaugural do Phoenix, e do pai estar tão feliz que lhe ofereceu um bocadinho de champanhe. Ainda se recorda da efervescência lhe fazer cócegas no nariz.

Na mesa ao lado, recorda-se de jogar *Go Fish* com Tommy e a mãe. Na mesa do canto, lembra-se de jantarem todos juntos naquela que seria a última viagem da sua família a bordo do Phoenix. Anna passou o jantar todo a tentar ganhar coragem para lhes contar sobre Dante. Que namoravam em segredo. Que ela o amava. Que nada do que eles pudessem dizer mudaria os seus sentimentos.

Não conseguiu fazê-lo e, algumas semanas mais tarde, já não foi preciso.

Anna abana a cabeça para sacudir as memórias para longe. Não foram as recordações que a levaram a ver coisas. Nem foi a sua imaginação, nem a luz a pregar-lhe partidas, nem qualquer outra desculpa que as pessoas usam para compreender o que não conseguem explicar.

Anda alguém a vaguear pelo comboio.

E ela vai descobrir quem é.

Caminhando com determinação renovada, Anna passa pelo salão e entra na Carruagem 11. No Quarto B, não pára de bater à porta até Seamus aparecer.

Espreitando pela frincha da porta, ele pergunta confuso:

– O que se passa?

Tudo, pensa Anna.

– Nada – responde. – Estou só a fazer a ronda.

– Eu posso fazer isso, se quiseres.

– Não. Deixa estar.

Anna continua a caminhar pela carruagem, até chegar à porta de Reggie e bater até ele aparecer.

– Estou só a ver se está tudo bem por aqui – informa ela.

Na Carruagem 12, já não perde tempo com explicações, limitando-se a bater às portas. Primeiro na de Sal, depois na de Lapsford e, a seguir, na de Dante. Quando verifica que estão todos nos seus quartos, segue em frente.

Na Carruagem 13 e no Quarto A o processo é o mesmo, com Herb a espreitar nervosamente pela frincha da porta. Em seguida, Anna vai ao Quarto B. O quarto de Edith.

Bate à porta.

Não obtém resposta.

Bate novamente.

Nada.

Anna roda a maçaneta e a porta abre-se com um estalido. Entra no quarto, achando que talvez Edith tenha adormecido.

Mas o quarto está vazio.

De volta ao corredor, Anna verifica o último sítio onde a viu: a carruagem com vista panorâmica. Há uma janela redonda a meio da porta de entrada que a relembra de um portal de submarino. Não podia ser mais apropriado, porque Anna sente-se como se tivesse sido empurrada para debaixo de água ao aproximar-se.

Sem fôlego. Em pânico. Presa numa perigosa corrente que a obriga a atravessar a porta contra a sua vontade, impossível de parar, apesar de ela já saber o que a espera do outro lado.

Edith.

Anna encontra a mulher deitada de costas no meio da carruagem, com os braços ao lado do corpo e as pernas ligeiramente dobradas nos joelhos. Tem ainda os olhos bem abertos, como se contemplasse o céu nocturno, apesar de já não haver vida por detrás deles.

Envolve-lhe o pescoço o cordão de uma das cortinas que alguém usou para a estrangular.

O cenário é tão horrível que Anna não consegue continuar a fitá-lo. Uma reacção que até a tia Retta entenderia. Desvia os olhos para as janelas da

carruagem, vendo apenas uma cortina de neve, agitada pelo vento, a assobiar contra a parte lateral do comboio.

Entraram no coração da tempestade.

01H00

SETE HORAS ATÉ CHICAGO

VINTE E DOIS

Anna precisa de um minuto antes de conseguir voltar a olhar para o cadáver de Edith Gerhardt. Ao contrário do que aconteceu quando Judd morreu, não chora nem fica enraivecida. Tudo o que consegue fazer é ficar a olhar para o corpo de Edith e tentar recuperar um pouco do ódio que sentia pela mulher. Não devia ser difícil. Desprezou Edith durante tanto tempo que se tornou numa segunda natureza para ela. Algo enraizado nela. Porém, para sua surpresa, só consegue pensar no calor de Edith ao seu lado quando a acordava de manhã. No som dos seus passos, demasiado leves para uma mulher tão robusta, a andar pelo corredor à porta do seu quarto. No cheiro que ficava pela casa quando Edith fazia o seu *strudel* de maçã, um raro presente reservado para os aniversários dela e de Tommy.

Agora, o alvo da raiva é a pessoa que tirou a vida de Edith.

E ela mesma.

Não, não foi ela quem tirou a vida a Edith, mas mesmo assim é responsável pela morte dela. Assim como é responsável pela morte de Judd. Ambos ainda estariam vivos se não os tivesse chantageado para embarcarem neste comboio. Não importa se vieram os dois de livre e espontânea vontade. Ou que, caso não tivessem traído o seu pai há doze anos, esta viagem não existisse. É tudo culpa dela. E, agora, morreu mais uma pessoa que não vai conseguir levar à justiça como tanto queria.

Anna ouve movimento na carruagem atrás dela, seguido de um burburinho baixo de vozes. É possível que tenha gritado, mas não se lembra. A avaliar pelo barulho que aumenta atrás dela, alguma coisa deve ter feito para chamar a atenção dos outros.

Ao voltar-se, vê os seis passageiros que restam no Phoenix amontoados à porta da carruagem. Todos em diferentes estados de choque. Mas ninguém está mais chocado do que o pobre Reggie Davis. Anna tem a certeza de que ele não esperava um homicídio quando embarcou no comboio errado. Já lá vão dois. E o responsável está mesmo à sua frente.

– Quem é que fez isto? – diz ela.

É uma pergunta que tem de fazer, apesar de não estar à espera de resposta.

– Se tivesse de adivinhar – responde Lapsford –, diria que foi você.

A acusação não é uma surpresa para Anna. Lapsford viu as suas mãos à volta do pescoço de Edith. Tal como os outros. Todos viram os nós dos seus dedos a ficarem brancos, com a força com que apertou o pescoço de Edith.

– Não fui eu – diz ela. – Encontrei-a assim. Juro.

Seamus empurra Lapsford para passar para a frente.

– Saíste desta carruagem depois de nos termos ido embora?

– Sim – responde Herb. – Eu vi-a a passar.

Anna já se tinha esquecido de que Herb espreitou pela porta do seu quarto e a viu no corredor. Queria ter-se lembrado, porque agora só parece ainda mais suspeita do que já é.

– Sim, fiquei aqui – diz ela. – Não há razão para mentir porque, em primeiro lugar, o senhor Pulaski viu-me e, em segundo, não tenho nada a esconder.

– A Edith esteve aqui contigo? – pergunta Sal.

Herb faz mais uma vez as suas queixinhas.

– Esteve. Ouvi-as a discutir.

– Não estávamos a discutir – riposta Anna, sabendo que é apenas uma questão de semântica. Considera que tiveram uma conversa em que confrontou Edith, o que é diferente de uma discussão, embora a diferença não seja muita.

– Não foi o que pareceu – insiste Herb. – *Devias ter medo do que está para vir*, foi o que a Anna lhe disse. Ouvi-o com os meus próprios ouvidos.

– Isso não quer dizer que a matei.

– Então quer dizer o quê? – pergunta Sal.

– Que ela, assim como todos vocês, devia recear o que lhe vai acontecer quando chegarmos a Chicago.

Sal solta um risinho sarcástico.

– Como se planeasses deixar-nos chegar até lá.

– Levar-vos até lá é o meu único plano – diz Anna.

A exaustão apodera-se dela enquanto se pergunta como é que este plano pode ter corrido tão mal. Sim, previu que houvesse contratempos, mas nada que ela e Seamus não tivessem antecipado. Anna nunca pensou que teria de provar a sua inocência a pessoas como Sally Lawrence, Jack Lapsford e Herb Pulaski. Eles é que são os culpados. Não ela.

– Viu mais alguém a passar? – pergunta a Herb.

– Só você – responde ele.

Anna sente o coração a afundar-se no fundo do estômago. Estava com esperança de que Herb tivesse visto o homem que apanhou a vaguear pelo comboio, de preferência quando se esgueirou para a carruagem com vista panorâmica depois de ela ter passado.

– E *tu* viste mais alguém? – pergunta Seamus.

Sim, pensa Anna. *O meu irmão.*

– Não – responde ela, para jogar pelo seguro. Para não falar que é a resposta mais lógica do que aquilo em que ela está a pensar. Tommy não existe. Nenhuma parte dele existe. – Mas a Edith ainda estava viva quando eu saí. Não a estrangulei.

– Ela não foi estrangulada.

É Reggie Davis quem o diz. Enquanto os outros faziam acusações, ele entrou na carruagem sem ninguém reparar. Através da porta que está aberta entre as carruagens, Anna vê Reggie ajoelhado junto ao corpo de Edith, analisando-o sem lhe tocar.

– Como é que sabe isso?

Anna aproxima-se, em êxtase, enquanto Reggie aponta para o pescoço de Edith, e vê que a pele por baixo do cordão da cortina está imaculada.

– Não há marcas. Se ela tivesse sido estrangulada com esta corda, veríamos as escoriações na sua pele.

Seamus, que entretanto se juntou a eles e observa de pé do outro lado do corpo de Edith, pergunta:

– Então como é que ela morreu?

– Estou a pensar que foi por asfixia. Vê como o batom dela está manchado?

Reggie aproxima-se de Anna e aponta para uma mancha cor-de-rosa pálida, no canto da boca de Edith. Anna reconhece a cor. Era o tom preferido de Edith.

– Já estava assim quando estiveram as duas aqui dentro? – pergunta Reggie.

– Não – responde Anna.

– O meu palpite é que ela foi asfixiada com alguma coisa. Alguma coisa que estava por perto e fácil de usar.

Anna olha em volta, pousando o olhar numa das cadeiras giratórias que está virada para as janelas.

– Como uma almofada?

– Exactamente – responde Reggie enquanto vai de cadeira em cadeira para pegar nas almofadas e as virar. Deu quase a volta completa à carruagem quando pára e exclama:

– Encontrei!

Depois, mostra a Anna e a Seamus a parte de baixo da almofada. No centro do tecido cinzento, está uma mancha de rosa-pálido.

– A pessoa que a matou deve ter-se esgueirado para junto da senhora Gerhardt, deitou-a ao chão e agarrou nesta almofada para lhe tapar o nariz e a boca.

– Então para que serve o cordão? – pergunta Seamus. – Para quê fazer

parecer que ela foi estrangulada?

Anna sabe porquê.

– Para me fazer parecer culpada.

– Bingo – exclama Reggie.

Anna estuda Reggie, que, emoldurado pela janela coberta de neve atrás dele, está de pé com a arma do crime nas mãos.

– Não é um vendedor de seguros, pois não?

– Não, não sou – responde Reggie, baixando o olhar.

– E não embarcou no comboio errado.

– Não.

– Quem é então?

Reggie volta a colocar a almofada na cadeira e tira do bolso interior do seu casaco um crachá cor de cobre.

– Sou o agente especial Reginald Davis – informa ele. – Federal Bureau of Investigation.

VINTE E TRÊS

Reggie sabe que a única razão pela qual está no comboio é porque ficou até mais tarde no escritório. Demorou-se depois de todos terem saído porque ia encontrar-se com Katie, uma rapariga com quem começara a sair há pouco tempo. Tinham bilhetes para ver *Ao Sul do Pacífico* no Forrest Theatre. A ideia fora dele. Katie, tanto quanto sabia, não tinha nenhuma opinião sobre Rodgers ou Hammerstein, mas Reggie adorava-os.

Contudo, beber copos e ir ao cinema foram actividades que não estavam nas cartas para essa noite. Não depois de Reggie ter ouvido alguém chamar o seu nome quando já tinha um pé fora da porta. O seu chefe, Ed Vesper, era a única pessoa que ainda estava no escritório.

– Sim, senhor? – disse Reggie.

– Vai para a 30th Street Station – ordenou Vesper, com rispidez. – Hoje é o teu dia de azar.

– O que se passa?

Vesper explicou que tinha acabado de falar ao telefone com o chefe do departamento de Chicago. Receberam uma encomenda muito interessante enviada pela filha de Arthur Matheson. Vesper não precisou de lhe dizer quem é que Matheson era, pois ele conhecia bem o homem que envergonhara Filadélfia.

– O que é ela lhes mandou?

– Seis caixas com documentos que supostamente provam a inocência do pai.

O coração de Reggie começou a jogar à macaca no peito dele.

– O Art Matheson está inocente?

– Segundo a filha, sim – respondeu Vesper. – Diz que houve uma conspiração contra ele. E como se isso não fosse já suficientemente louco, também incluiu uma nota a dizer que vai trazer a Chicago, a bordo do Philadelphia Phoenix, os verdadeiros responsáveis pela explosão daquele comboio.

– Quem são?

– As mesmas pessoas que testemunharam contra o pai dela.

Atónito, Reggie pegou numa caneta e apontou os seis nomes. Enquanto rapaz de Filadélfia, estava familiarizado com todos eles. Kenneth Wentworth era

ainda um manda-chuva dos caminhos-de-ferro da cidade e, quanto aos outros, lembrava-se dos seus testemunhos. A secretária do Matheson, a sua governanta, dois empregados e um militar. Reggie andava no liceu quando tudo aquilo aconteceu e nunca se esquecerá de ter faltado às aulas para poder ouvir as audiências na rádio.

– Acha que ela está a dizer a verdade?

– Pelas poucas provas que analisaram até agora, a malta do departamento de Chicago acha que sim.

Reggie sentiu um formigueiro de antecipação que o percorreu todo até ao cóccix. Seguindo-se-lhe um outro sentimento muito diferente – pavor.

– Quando isto vier a público, metade da América vai querer matar estes tipos.

– Eu sei – disse Vesper. – É por isso que tens de embarcar naquele comboio.

– Quando é que parte?

– Às sete.

Reggie consultou o seu relógio. Partia dali a dez minutos.

– Porque é que não posso só prendê-los? – perguntou ele.

– Porque o departamento de Chicago ainda não sabe ao certo se algum deles é culpado até analisar as provas todas. O que vai levar a noite toda. Entra no comboio e certifica-te de que nenhuma dessas seis pessoas sai antes de chegarem a Chicago.

– É tudo?

– É tudo – confirmou Vesper. – Não te envolvas. Não interfiras. Não faças nada e limita-te a observar tudo.

Reggie correu para a porta, mas quando chegou à soleira a dúvida instalou-se dentro dele. Não devia ser ele a fazer isto. Devia ser outro agente, com mais experiência, a ir no seu lugar.

– Senhor, tem a certeza de que sou o homem certo para este trabalho? – perguntou ele.

Vesper passou os olhos pelas secretárias vazias e pelos gabinetes de canto com as luzes apagadas e as persianas fechadas.

– Neste momento, és o único homem que aqui está.

– Mas…

– Vai apanhar o raio do comboio – ordenou Vesper.

Enquanto Reggie pegava nas suas coisas e se apressava a sair pela porta, ouviu o chefe a berrar-lhe uma última ordem nas costas.

– Ah, e não reveles a ninguém a tua verdadeira identidade. Se eles souberem que há um agente a bordo, vai ser o caos.

Mesmo seguindo as ordens de Vesper, o caos instalou-se de qualquer

maneira. Agora, não tem outra opção senão confessar, especialmente à mulher que criou esta confusão toda. E ela não parece muito feliz por ter descoberto a verdade.

– É do FBI? – pergunta ela depois de fechar a porta entre as carruagens, ficando a sós com Reggie, Seamus e o cadáver de Edith Gerhardt.

– Sou.

– E não disse nada. Não fez nada. Nem mesmo depois de uma pessoa ter sido assassinada.

Reggie sente a parte de trás do pescoço irritada. Uma comichão forte.

– Primeiro, eu não sabia em que raio me estava a meter. Só sabia que havia um cadáver no chão e um monte de pessoas que poderiam tentar matar-me a seguir se descobrissem que era um agente. Segundo, deram-me ordens para garantir apenas que eles chegam a Chicago e para não me envolver ou interferir.

– E não interferiu mesmo – diz Anna. – E agora outra pessoa está morta.

– Não tente culpar-me por isso, senhora – diz Reggie, ficando ainda mais irritado, com a comichão a espalhar-se agora pela sua cara, sentindo também as bochechas quentes. – Nada disto é culpa minha. Não fui eu quem teve a brilhante ideia de convidar um bando de assassinos para uma viagem de treze horas dentro de um comboio. Este seu plano foi uma valente asneirada. Se estas pessoas são tão nefastas como diz…

– E são – confirma Anna.

– Então devia ter ido directamente ao FBI. Nós teríamos tratado de tudo por si.

Anna Matheson cruza os braços, indignada.

– Da última vez que as autoridades tomaram conta das coisas por mim, o meu pai foi preso injustamente e assassinado na prisão.

– Eu entendo – diz Reggie. – Mas isso não significa que devesse tratar do assunto com as suas próprias mãos. E se algum deles conseguir sair do comboio e fugir?

– Certifiquei-me de que isso não é possível.

– Pois não e, em vez disso, estão a matar-se uns aos outros. O que para muita gente não seria um problema. A maioria das pessoas diria que o homicídio deles é uma forma perfeita de justiça.

– Eu não sou uma dessas pessoas – diz Anna.

– E cabe-lhe a si decidir isso? E as famílias dos soldados que morreram ao lado do seu irmão? Não têm uma palavra a dizer sobre o assunto? Tenho a certeza de que alguns deles teriam todo o gosto em assassinar a Sally Lawrence ou o Jack Lapsford com as suas próprias mãos.

– Tal como eu – diz Anna, com um tom tão sério que faz Reggie estremecer.

– Mas não o fiz. E não o farei. Tudo o que me interessa é mantê-los vivos. Eu tenho…

– De os levar à justiça. Eu sei. Muitas pessoas discordariam da sua definição.

– Incluindo você?

– Sim – responde Reggie. – Não foi a única a perder alguém durante a guerra, sabia?

– O Reggie também? – pergunta Seamus.

– O meu pai.

Reggie desvia o olhar, irritado consigo mesmo por revelar tanto sobre o seu passado. Odeia falar sobre isso, e é por isso que nunca o faz. As pessoas adoram uma boa história deprimente, e a dele é uma história e tanto. Felizmente para ele, Anna Matheson e Seamus Callahan sabem o que isso é.

– Sinto muito pela sua perda.

É tudo o que Seamus diz e Anna junta-se, dizendo:

– Eu também lamento imenso.

Reggie deixa-se cair na cadeira mais próxima, sentindo-se subitamente exausto.

– Apesar de compreender as vossas motivações, o que estão a fazer é perigoso. Para não dizer praticamente um absurdo.

– Não há nada de «praticamente» nisto – diz Anna. – É uma loucura ter achado que conseguia fazê-lo. Assumi que um deles, se não todos, me iria ameaçar.

– Daí a arma dele – acrescenta Reggie, apontando com o polegar para Seamus, que pergunta de volta:

– Está armado?

Reggie dá uma palmadinha no bolso do casaco, onde guardou a arma antes de sair do quarto.

– É melhor prevenir do que remediar – diz ele. – Esperemos que não tenha de a usar.

Anna começa a andar de um lado para o outro, em frente das grandes janelas, olhando de vez em quando para o exterior. Não há nada para ver lá fora. Apenas grandes manchas brancas à medida que o comboio avança a toda a velocidade pelo nevão.

– O que é fazemos agora? – pergunta ela. – Não podemos simplesmente ficar à espera do próximo homicídio.

– Quem acha que é o assassino?

– Lapsford – responde Anna, ao mesmo tempo que Seamus diz:

– Dante Wentworth.

Reggie repara nos olhares tensos que os dois trocam. É a primeira fissura que

nota na sua frente fortificada.

– Há então uma diferença de opinião, estou a ver. Acho que a única maneira de descobrir quem tem razão é interrogar toda a gente neste comboio e descobrir onde estavam quando Edith Gerhardt foi assassinada e se algum deles tinha motivos para a querer ver morta.

Depois, Reggie levanta-se e sai da carruagem para ir ter com os outros, que ainda estão reunidos no corredor da Carruagem 13. Dizer que parecem confusos seria um eufemismo. Parece a Reggie que estão todos completamente atordoados.

– Sou o agente especial Reginald Davis – informa ele. – A partir deste momento, estou encarregado de vos escoltar a todos para Chicago.

As reacções dos que estão no corredor são tão previsíveis como o nascer do sol. Sally Lawrence arqueja. O tenente-coronel Jack Lapsford bufa. E Herb Pulaski pergunta:

– Vai prender-nos?

– Não – responde Reggie. – Pelo menos, ainda não.

Ele arrepende-se das palavras assim que as diz. Agora tem um alvo nas costas – e qualquer um deles pode disparar. Reggie apercebe-se de que vai ter de ser muito cuidadoso com este grupo.

Ficar fora do caminho já não é uma opção para ele.

VINTE E QUATRO

Herb Pulaski coloca nervosamente um cigarro entre os lábios.

– Importam-se que fume? – pergunta ele, embora não precisasse. Afinal de contas, o quarto é seu. A única razão pela qual Anna Matheson e este tipo do FBI estão aqui é porque forçaram a entrada. Disseram-lhe que precisam de falar com toda a gente no comboio e que ele é o primeiro. Agora, empoleiram-se lado a lado no banco, enquanto Herb se contorce na cadeira junto à janela.

– De forma nenhuma – responde o agente Davis.

Herb acende a luz e baixa a janela um centímetro, deixando entrar uma rajada de vento gelado. Com o vento, entram também a rodopiar pela sala alguns flocos de neve. Herb não se importa. Passou a noite a suar como um porco, e com razão. Qualquer pessoa que descobrisse que foi enganada como ele, faria o mesmo. Ele devia ter percebido logo que isto não era um esquema para enriquecer rápido assim que abriu o maldito convite. Mas estava desesperado – e o desespero só leva a que se tomem péssimas decisões. Sabe-o bem por experiência própria.

A sua única consolação é o facto de toda a gente, à excepção de Kenneth Wentworth, também ter sido manipulada a entrar neste maldito comboio. Claro que o mais rico do grupo seria esperto o suficiente para evitar ser apanhado.

Se ainda tivesse dinheiro para apostar, Herb apostaria tudo em como Ken Wentworth está neste preciso momento a dar de frosques para fora do país. Para o México, talvez. Para uma daquelas praias chiques de Acapulco com um passaporte falso na mão e a carteira cheia de pesos. Herb também gostava de ter essa sorte.

Ainda assim, foi mais sortudo que Judd Dodge e Edith Gerhardt. Pobres coitados. Há cinco minutos, assistiu a Seamus Callahan e ao agente Davis a transportarem o corpo de Edith para o quarto ao lado. Saber que o cadáver dela está ali deitado, fá-lo dar um trago mais longo no seu *Lucky Strike*.

– Onde esteve na última hora? – pergunta o agente Davis.

Herb solta uma corrente de fumo.

– Aqui mesmo.

– O tempo todo?

– Sim, senhor. Depois do que aconteceu ao Judd, achei que era melhor ficar sossegadinho.

O agente do FBI arqueia uma sobrancelha.

– Presumiu que houvesse outro homicídio?

– Não, eu… – Herb não consegue terminar o que ia dizer. Não sabe o que é que presumiu. Estava demasiado ocupado a entrar em pânico por ir para a prisão para pensar noutra coisa. – Tive um mau pressentimento, só isso.

– Então, isso quer dizer que está com medo – diz Anna.

– Claro que estou.

Ouvir a resposta de Herb parece agradar-lhe. Os cantos da boca de Anna contorcem-se num meio sorriso. Herb apercebe-se de que é precisamente isto que ela pretende. Pressioná-los e vê-los suar. E conseguiu. Ele está agora a suar como um porco.

– Tinha alguma animosidade para com Judd Dodge ou Edith Gerhardt? – pergunta o agente Davis.

– Nem por isso – responde Herb. – O Judd agia sempre como se fosse mais esperto do que os outros, mas isso não me incomodava muito. Alguns tipos são assim. E, no caso dele, talvez tivesse razão.

– E a Edith? – pergunta Anna.

– Mal a conhecia.

– Então não os desejava ver mortos? – pergunta o agente Davis.

Herb inspira, abana a cabeça e expira.

– E quanto ao meu pai? – pergunta Anna, inclinando-se para a frente. – Desejava vê-lo morto? E o meu irmão? E a minha mãe?

– Não.

Anna encara-o fixamente, com um olhar tão penetrante que faz Herb contorcer-se na cadeira.

– Então, porque é que o fez?

Boa pergunta, pensa Herb. Fê-lo porque Judd Dodge é mais esperto que ele. *Era*, corrige-se Herb. Agora está morto, tal como Edith. Mais um cadáver estendido num quarto ao fundo do corredor.

– Eu estava metido numa alhada – responde ele, quando, na verdade, estava encurralado em algo muito mais sério. Areias movediças financeiras.

Tal como muitos outros homens, Herb só precisava de ter uma forma de libertar a tensão ao fim do dia. Em vez de recorrer ao álcool, de que não gostava lá muito, ou a mulheres, que não gostavam lá muito dele, Herb jogava. No início, as apostas eram pequenas. Foi algumas vezes a Saratoga. Jogou às cartas em salas cheias de fumo. O seu objectivo não era ficar rico. Nem por isso. Era só um *hobbie*. Uma forma que um homem solitário como ele arranjou para passar o

tempo. No entanto, todas as manhãs, quando regressava ao calor e ao barulho da fábrica, não conseguia parar de sonhar com um destino diferente.

Sabendo que só precisava de um momento de sorte, Herb aumentou as suas apostas. Ganhou umas, perdeu outras, até que, em breve, só perdia. Porém, continuou a acreditar que os homens faziam a sua própria sorte e, por isso, não parou de apostar, sempre à espera da vitória que mudaria a sua vida para sempre. Depois de esgotar as suas míseras poupanças, começou a pedir dinheiro emprestado. Primeiro aos pais, depois aos amigos e, por fim, ao tipo de gajos que exigem um reembolso rápido, caso contrário, tomam medidas drásticas.

Como tirar a vida dele.

Era nesses gajos que Herb estava a pensar quando Judd lhe contou a verdade por detrás do projecto do motor com defeito. E foi a pensar em pagar-lhes que aceitou participar.

Agora aqui está ele, num comboio a ser levado directamente para as mãos dos bófias, e a partilhar uma carruagem com dois cadáveres. Herb imagina-os imóveis nos seus quartos, com os olhos mortos esbugalhados. Uma imagem tão terrivelmente perturbadora que ele deixa de ouvir o agente Davis.

– Senhor Pulaski? Ouviu o que eu disse?

– Ouvi – responde Herb. – Quer dizer, não. Eu estava…

A pensar em Judd e em Edith. Era o que ele estava a fazer. A imaginar o que terão sentido quando estavam a morrer.

– Perguntei-lhe se ouviu mais alguém na carruagem depois de ter visto a menina Matheson a passar.

– Não vi mais ninguém. Só a ela.

– Então, além de si, esta carruagem esteve vazia?

– Sim – responde Herb, ainda distraído.

Não consegue parar de imaginar a Carruagem 13 como um caixão. Afinal, têm a mesma forma e agora partilham o mesmo objectivo. São caixas compridas e estreitas onde os mortos descansam. E Herb sente-se preso dentro deste caixão sobre rodas, prestes a ser enterrado vivo.

Ou morto.

Porque Herb começa a reconhecer o padrão. Judd foi o primeiro, seguido de Edith. Eles os dois ocupavam, respectivamente, o último quarto do comboio e o penúltimo. Se a pessoa que os matou continuar a matar pelo comboio adentro, e for de quarto em quarto, então ele é o próximo.

O pânico que Herb sente ao pensar nisto é tal que mal consegue respirar. Apaga o cigarro de imediato, não desejando de súbito nada mais do que ar fresco nos seus pulmões.

– Vou morrer esta noite?

– Não se eu o puder evitar – diz Anna.

Herb sente o peito cada vez mais apertado. Fumar aquele último cigarro foi uma péssima ideia. Tal como pôr os pés neste comboio foi uma péssima ideia. E agora está aterrorizado por estar prestes a pagar o preço final.

– Quero sair daqui – choraminga ele.

– Devia ter pensado nisso antes de arruinar dezenas de vidas – diz Anna.

– Mas e se me matarem?

Herb apercebe-se agora da forma como o agente Davis e Anna Matheson o olham. Não com desdém e muito menos com pena. As suas expressões mostram um sentimento intermédio. Um grande nojo.

– Deixei bem claro que o quero vivo quando chegarmos a Chicago.

– Quanto tempo é que isso vai demorar?

– Pouco menos de sete horas.

É muito tempo para estar preso numa sala, com duas pessoas mortas algures na mesma carruagem e um assassino à solta. Herb engole em seco com força. Anna repara e suaviza a sua atitude para com ele, mas só um bocadinho. Um acto de bondade que Herb sabe que não merece.

– Mantenha a porta trancada – aconselha ela. – Não deixe ninguém entrar. Só o Seamus, o Agente Davis e eu é que vamos aparecer de hora a hora para ver como está.

Apesar de serem palavras reconfortantes de ouvir, não param o pânico que assola os pensamentos de Herb, nem tão-pouco aliviam o doloroso aperto que tem no peito. Ainda não consegue respirar normalmente. O mais provável é que esta aflição dure o resto da viagem.

Quando Anna e o agente Davis saem, Herb abre o resto da janela. Põe a cabeça de fora e, ao mesmo tempo que é bofeteado pela neve e pelo vento uivante, respira fundo algumas vezes. E ao inspirar e expirar, enquanto o ar gelado o pica no rosto, Herb só consegue pensar numa coisa.

Devia ter saltado enquanto podia.

VINTE E CINCO

Se há uma lição que o tenente-coronel Jack Lapsford aprendeu quando esteve no exército, é que se deve ter sempre um plano de batalha. E não há dúvida nenhuma de que isto *é* uma batalha. A guerra rebentou neste comboio. É ele contra Anna. Lapsford não quer saber dos outros. São apenas carne para canhão. E é provável que estejam tão condenados como Judd Dodge e Edith Gerhardt.

Por isso, Lapsford não diz nada.

O silêncio é a melhor defesa. Outra lição que aprendera nos seus tempos de militar. Se estamos em apuros, fechamos a matraca. Não dizemos uma palavra. Não nos incriminamos, como Judd fez. O idiota assinou a sua sentença de morte no momento em que admitiu que desenhou o projecto. Entregou a Anna a sua confissão numa bandeja de prata e teve o que merecia.

Lapsford não sabe como é que o sacana do Kenneth Wentworth conseguiu arrastar Judd e os outros para o seu maldito estratagema. É provável que tenha sido da mesma forma que o obrigou a envolver-se – usando o bom e velho truque da chantagem. Às vezes, nas noites em que o sono se demora, Lapsford relembra aquele jantar na sua cabeça. A forma como Ken Wentworth o olhou por cima do seu uísque de cinquenta dólares e disse:

– Pelo que ouvi dizer, Jack, não seria a primeira vez.

– Não sei do que está a falar – disse Lapsford, embora soubesse exactamente onde Wentworth queria chegar.

– Não se faça de parvo, Jack. Não é bom nisso. Eu sei tudo sobre o seu negócio com a Barnett Aeronautical.

Lapsford congelou na altura ao ouvir isto, pois achava que ninguém sabia do acordo que tinha com a Barnett. Para assegurar que ficavam com um contrato governamental de grande envergadura, prometeram dar um jeitinho em algumas coisas, fornecer motores de avião ao Exército a um preço inferior ao de custo e deixar Lapsford embolsar o dinheiro que sobrasse.

– Isso é diferente – argumentou ele, quando não devia ter dito nada. – É assim que se fazem bons negócios.

– Está a lucrar com a guerra. Felizmente para si, eu não vejo isso com maus

olhos.

Wentworth deu um trago no charuto e, depois, expirou o fumo antes de acrescentar:

– Mas imagine, por instantes, que olhava para isso com maus olhos. Teria o dever, como bom americano, de alertar o seu comandante para o esquema em que está metido com a Barnett. Pense no que aconteceria se isso acontecesse, Jack. Seria julgado em Conselho de Guerra, sofreria uma expulsão desonrosa do Exército e, definitivamente, iria parar à prisão. Pode passar por isto tudo ou pode ajudar-me e ganhar dez vezes mais do que aquilo que consegue arrecadar no seu acordo com a Barnett.

Encorajado por essa perspectiva, Lapsford percebeu que não tinha grande escolha. Tinha de alinhar no esquema de Wentworth, por muito desprezível que fosse. Era isso ou a destruição da sua carreira, da sua reputação, de toda a sua maldita vida.

– É um sacana impiedoso – disse ele.

Wentworth inclinou a cabeça, como se tivesse acabado de receber o melhor dos elogios.

– Obrigado.

– Porque é que está tão determinado a fazer isto? – perguntou Lapsford. – E não me diga outra vez que é para unir o país em torno do esforço de guerra. Isso são tretas, e ambos sabemos disso. Por isso, qual é a verdadeira razão?

– Odeio o Arthur Matheson – explicou Wentworth. – E quero destruí-lo.

– Há outras formas de o fazer.

– Mas assim não tenho dúvidas de que o destruirei.

– O que fez ele para o odiar tanto?

Wentworth rodou o uísque no copo, enquanto fitava o líquido âmbar.

– Tirou-me uma coisa. E agora vai pagá-las. Com a sua ajuda, claro. Recompensá-lo-ei com tanto dinheiro que nem saberá o que lhe fazer.

No que toca a dinheiro, Kenneth Wentworth não mentiu. Lapsford acabou por ficar com uma fortuna. Mas agora todas as ameaças que ele lhe fizera naquela noite fitam-no directamente nos olhos. Lapsford olha de volta e analisa o agente Reginald Davis, concluindo que o considera incompetente. Enquanto militar, tem pouco respeito pelo FBI. Apesar de estarem do mesmo lado, acha-os demasiado vistosos, demasiado cheios de si. Especialmente, aquele J. Edgar Hoover, e o agente Davis não é diferente, ostentando o seu ar presunçoso enquanto pergunta:

– Matou o Judd Dodge e a Edith Gerhardt?

Lapsford não responde.

– Se foi você, não perde nada em admitir – diz Anna Matheson. – Vai para a

prisão de qualquer maneira.

Lapsford olha para ela, perguntando-se se ela sabe o que foi que o seu pai tirou a Kenneth Wentworth. Ele suspeita que não. É provável que saiba tanto quanto ele. Wentworth nunca lhe deu mais pormenores, nem mesmo anos depois de Art Matheson ter morrido.

– O meu advogado discordará.

– Ele não está aqui neste momento – diz o agente Davis. – Que tal se eu lhe fizer algumas perguntas às quais sei que consegue responder. Quão bem conhecia os falecidos?

– Não os conhecia de todo, na realidade. Os nossos encontros foram breves.

– O que achava deles?

– Está a presumir que eu tinha uma opinião formada sobre eles – responde Lapsford.

– E não tinha? – pergunta o agente Davis. – Porque não?

Lapsford boceja, fingindo estar aborrecido.

– Não queria perder tempo a pensar nisso.

– Por falar em tempo – diz o agente, usando uma transição tão embaraçosa para mudar de assunto que faz com que Lapsford gema em voz alta. – Onde é que esteve entre a nossa reunião na carruagem com vista panorâmica e o momento em que a Edith foi encontrada morta?

– Aqui mesmo – diz Lapsford.

– O tempo todo?

– Claro.

– Como é que sabemos que está a dizer a verdade? – Anna inclina-se para a frente, com um brilho no olhar de que Lapsford não gosta nem um bocadinho. – Afinal, ainda há pouco mentiu sobre ter estado na cozinha instantes depois de o comboio ter saído da estação.

– Quem lhe contou isso? – perguntou Lapsford, arrependendo-se de imediato. Quase parece que está a confirmar o que Anna disse, o que não é o caso. É verdade que esteve na cozinha pouco depois das sete, mas nunca lho admitiria.

– A Edith – responde Anna. – Foi por isso que a matou?

– Não direi mais nada até ter um advogado presente.

Lapsford sabe que esta resposta também faz com que pareça culpado. Um simples «não» seria suficiente. Receando ter falado de mais, volta a ficar em silêncio. O agente Davis e Anna Matheson continuam a bombardeá-lo com perguntas, mas ele não responde. Fica mudo, tal como deveria ter ficado desde o início.

Passados mais cinco minutos e depois de mais algumas últimas e

desesperadas tentativas para o levar a falar, o agente Davis e Anna saem do quarto.

Por agora, venceu. Mas a batalha está longe de terminar.

VINTE E SEIS

– Bem, isto foi inútil – conclui Reggie, no corredor à porta do quarto de Lapsford.

Anna volta-se para a porta do Quarto B.

– Devia voltar a entrar ali dentro e prendê-lo.

Continua convencida de que Lapsford é o assassino, apesar de não ter dito quase nada, ao contrário do vómito de palavras de Herb Pulaski. Ele esteve na cozinha pouco depois da partida do comboio, o que significa que pode ter encontrado o veneno para ratos e guardado quantidade suficiente para matar Judd Dodge. Quando descobriu que Edith o viu, decidiu matá-la também.

Como é que ele sabia que Judd confessaria depois de ver o seu projecto no salão, ela não sabe. Nem como conseguiu colocar veneno na bebida de Judd. Nem como descobriu que Edith contou a Anna que o vira na cozinha.

– Com base em quê? – perguntou Reggie.

– Assassínio. Conspiração. Sabotagem. Traição. Ele cometeu estes crimes todos.

Reggie abana a cabeça, matando qualquer esperança que lhe restava.

– Para o prender, preciso de ter provas. E, graças a si, estão todas em Chicago. Até este comboio chegar à Union Station, o Jack Lapsford é um homem livre.

– Mesmo se voltar a matar alguém? – pergunta Anna.

– Sem provas, só se o apanharmos em flagrante. É das poucas opções que temos.

– E que outras opções existem?

– Fazer com que confesse.

Preparado para mais uma ronda de interrogatórios, Reggie avança pelo corredor e detém-se em frente ao Quarto A. Antes de bater à porta, volta-se para Anna e pergunta:

– Não vem?

Anna não se mexe. Ela sabe de quem é aquele quarto e, tal como aconteceu com Edith, não faz ideia do que dizer a Sal Lawrence.

– Não – responde ela. – Vou deixá-lo interrogá-la sozinho.

Enquanto ele bate à porta do quarto de Sal, Anna entra na Carruagem 11 e detém-se junto à janela. A paisagem no exterior não mudou. Continua completamente branca. Anna mal consegue distinguir o céu nocturno através do novelo de neve.

Dirige-se para o centro da carruagem e bate à porta do quarto de Seamus. Espera um instante e, depois, bate mais três vezes, a última com mais força. É o código secreto combinado para que saiba que é ela. Decorrem trinta segundos desde a última pancada quando Seamus vem abrir a porta. A demora deixaria Anna preocupada, não fosse a camada de creme de barbear nas suas faces e a lâmina que tem na mão.

– Estás a fazer a barba? – pergunta ela, enquanto entra no quarto e fecha a porta atrás de si.

– Tenho de arranjar alguma maneira de passar o tempo. – Seamus enfia-se na casa de banho. – Já alguém confessou?

– Ainda não tivemos essa sorte.

De pé à porta da casa de banho, observa Seamus a passar lentamente a lâmina de barbear pela bochecha. É algo estranhamente íntimo entre um homem e uma mulher que não são casados, nem namorados, nem sequer são familiares. Porém, Anna sabe que são poucas as pessoas que alguma vez saberão ou compreenderão os laços que os unem.

É por isso que Seamus, ao encontrar os olhos de Anna no reflexo do espelho, lhe pergunta:

– Estás bem?

– Claro que estou. Porque não haveria de estar?

Seamus atira um pouco de espuma da lâmina e começa a barbear a outra face.

– Porque a Edith morreu. E, ao contrário de Judd Dodge, tu conhecia-la bem.

Anna também achava que sim. Há muito tempo. Mas, no final, a verdade é que, ao mesmo tempo que a odiava, amava-a também. E estes dois sentimentos alimentavam-se de tal forma que até ela já não sabia onde começava um e acabava o outro. Sentir isto tornou a noite muito mais difícil do que esperava. Veio preparada para o ódio, mas foram os resquícios de amor que ainda sentia que a apanharam desprevenida. Agora Edith está morta, e Anna ainda não consegue separá-los. Duvida de que alguma vez consiga.

– Lamento que ela tenha morrido – partilha Anna, deixando o resto por dizer.

Depois de fazer a barba, Seamus enxagua a lâmina e fecha-a com um estalido.

– São quase duas. Queres que faça eu o próximo turno?

Anna sabe que isso seria a coisa mais sensata a fazer. Deixar Seamus ver dos

outros. Descansar as pernas. Permitir a si mesma um raro momento para relaxar. Mas está demasiado inquieta. Tem de continuar a mexer-se.

– Deixa estar – diz ela. – Tu fazes a próxima.

Depois, regressa ao corredor, fechando a porta do quarto de Seamus atrás de si. Está prestes a afastar-se quando vê pela visão periférica alguma coisa a mover-se.

Está alguém a sair da carruagem.

Virada de frente para a porta do salão, Anna vê-a a fechar-se. O único vislumbre que consegue apanhar da pessoa que a atravessou foi um pouco da sua sombra a deslizar pelo chão antes de a porta se fechar.

– Tommy? – chama ela.

Anna persegue a sombra, sabendo perfeitamente que não pertence ao irmão, ao mesmo tempo que gostava que pertencesse e se sente estúpida por ter sequer alimentado a ideia de que poderia ser ele. O salão ainda está às escuras, o que só a faz sentir-se ainda mais idiota.

Ela não deveria estar aqui.

Não sozinha.

Não com um assassino à solta no comboio.

Porém, tanto quanto Anna consegue ver, o salão está vazio. Avança para dentro da carruagem, sem pressentir a presença de outra pessoa na escuridão. A falta de luz aguça-lhe a audição, o que aumenta o barulho do comboio. Quando passa pelo piano, o movimento do Phoenix abana as teclas com força suficiente para fazer soar uma nota na carruagem silenciosa e, ao aproximar-se do bar, consegue ouvir o tilintar trémulo das garrafas.

Anna olha de relance na sua direcção, perguntando-se se é algo que acontece o tempo todo e ela nunca reparou, ou se o comboio está mais frenético do que o habitual. Está prestes a virar-se para olhar pela janela e poder avaliar a velocidade do comboio quando vislumbra algo na escuridão atrás do bar.

Uma sombra.

A sair lentamente da escuridão total.

Não, não é uma sombra.

É um homem.

Anna tenta correr disparada para fora carruagem, mas o homem agarra-a pelo ombro e, com um puxão forte, puxa-a para junto dele. Quando Anna tenta gritar, uma mão tapa-lhe a boca para abafar o som. Ainda assim, ela não deixa de tentar, mal conseguindo mexer os lábios contra a carne roliça da palma do seu agressor.

Anna começa de imediato a debater-se, usando todos os seus membros. Com os braços dá-lhe chapadas. Com as pernas, pontapés. O homem coloca um braço

à volta dela, prendendo-lhe os braços ao lado do corpo. Anna tenta pontapeá-lo outra vez, mas falha quando o homem começa a arrastá-la para a carruagem-restaurante.

Ao contrário do salão, esta divisão continua bem iluminada, com as toalhas de mesa tão brancas que brilham e os talheres de prata a cintilar. Anna torce o pescoço para conseguir ver o homem que continua a arrastá-la pela carruagem, mas só consegue ver os nós dos seus dedos peludos quando ele tira alguma coisa de cima de uma das mesas.

Uma faca, que encosta imediatamente ao pescoço dela.

Anna engole em seco, aterrorizada, ao sentir a lâmina fria a roçar-lhe a garganta. É uma sensação horrível. Uma sensação que a faria gritar se pudesse. Mas o homem continua a tapar-lhe a boca enquanto o gume serrilhado da faca penetra a sua pele ainda mais fundo. Sente a respiração dele contra o seu ouvido, quente e fétida, ao ouvir as suas palavras a pairar no ar. Num desesperado sussurro.

– Não a quero magoar, mas se for preciso não hesitarei.

Anna reconhece a voz.

Herb Pulaski.

Ela tenta gritar por ajuda sob a palma da mão dele, embora saiba que é inútil. Está praticamente amordaçada. E tem uma faca encostada ao pescoço. Sentindo o gume como espinhos a picar-lhe a garganta, Anna supõe que a faca já lhe perfurou a pele.

Pensar nisso desencadeia nela uma nova onda de terror. Imóvel, tenta sentir o sangue a escorrer, aquele gotejar que lhe é característico. Mas tudo o que consegue sentir é o suor a espalhar-se pela sua clavícula com o medo, enquanto ouve Herb dizer:

– Tenho de sair daqui. Não vou ficar neste comboio nem por nada. Por isso, vai encontrar uma forma de o parar e deixar-me sair… senão abro-lhe a garganta.

02H00

SEIS HORAS ATÉ CHICAGO

VINTE E SETE

– Se vamos fazer isto, vais ter de aprender a lutar como um homem.

Foi o que Seamus lhe disse, quando ele e Anna criaram o seu plano para levar à justiça as pessoas que lhes mataram os irmãos. Ele pressupôs que, se as coisas ficassem fora de controlo, Anna não saberia defender-se.

E ela deixou-o acreditar nisso.

Teve a sua primeira lição de autodefesa no quintal, numa manhã de Junho cheia de sol. Em dois minutos, Anna já tinha atirado Seamus ao chão três vezes.

– Talvez tenhas antes de aprender a lutar como uma mulher – disse ela, enquanto o via a contorcer-se de dor na relva.

Anna contou-lhe mais tarde o seu segredo. A tia Retta insistiu que ela devia aprender a lutar. Foi só mais uma forma que a tia encontrou para a enrijecer. Durante anos, foi treinada por um antigo pugilista. Em cima de tapetes de luta livre em segunda mão, colocados no chão do salão de baile na mansão da tia Retta, Anna aprendeu a dar murros, pontapés e a conseguir desarmar alguém e ficar-lhe com a arma. Quando Anna acidentalmente pontapeou o seu instrutor entre as pernas, aprendeu a regra número um da autodefesa.

Se tudo o resto falhar, pontapé na virilha.

Agora, na perfeitamente equipada sala de jantar do Philadelphia Phoenix, é exactamente isso que ela faz. Levanta a perna direita e dá um pontapé para trás. Quando o pé acerta nas virilhas de Herb Pulaski com força, Anna permite-se sentir uma pontada de satisfação. Afinal de contas, os saltos altos vieram mesmo a calhar.

Atrás dela, Herb uiva de dor e os seus braços deixam de a conseguir agarrar. De súbito em liberdade, Anna afasta-se dele a correr antes de se voltar para o encarar. Tenta retirar a faca que tem na coxa, mas apercebe-se de que não tem tempo. Herb avança em direcção a ela, cheio de dores, mas enraivecido.

Frenética, Anna pega no objecto mais próximo do seu alcance e usa um prato como escudo improvisado quando Herb a tenta esfaquear. A lâmina bate na porcelana, mas Herb não pára e tenta atacá-la outra vez.

Ao ver a forma símia como ele se movimenta, Anna pensa rápido. Não pode matar Herb. Nem mesmo em autodefesa. Mas pode tentar desarmá-lo e é isso

que faz atirando-lhe o prato à cabeça. Porém, Herb consegue esquivar-se e o prato estilhaça-se contra a parede. Apesar de não lhe ter acertado, obrigá-lo a desviar-se dá a Anna tempo suficiente para enfiar a mão por baixo do vestido, enrolar os dedos à volta da ponta da faca e arrancá-la da bainha.

– Não quero lutar consigo – argumenta ela, empunhando a faca à altura da cintura. – Vamos falar sobre isto.

– Não há nada para falar. *Tenho* de sair deste comboio.

Ouve-se na voz de Herb uma ponta de desespero. Anna apercebe-se de que ele está assustado. E tem razões para estar.

– Sabe que isso não é possível – diz ela.

Herb dá uma meia investida para a frente, que Anna contra-ataca cortando o ar com a faca e dando um passo para trás.

– Imploro-lhe – diz ele. – Não quero ser o próximo. É esse o padrão, sabe?

Anna dá um passo atrás, apanhada de surpresa.

– Padrão?

Herb tenta investir outra vez sobre ela, mas hesita com a faca a tremer-lhe na mão. Uma espessa mancha de suor cobre-lhe a testa, que ele limpa com a mão livre, num movimento inseguro.

– Não vê o que está a acontecer? O assassino está a matar pelo comboio acima, levando-nos quarto a quarto. Primeiro o Judd, depois a Edith. Isso significa que eu sou o próximo. – Agora, Herb mais do que assustado, parece ter enlouquecido. – Eu não vou deixar que isso aconteça.

– E eu não vou parar este comboio – riposta Anna.

Ela recua para trás enquanto Herb, desajeitado mas poderoso, avança novamente, seguindo-a até ao centro da carruagem e atacando-a com uma série de golpes rápidos.

– Por favor – suplica ele, num tom meloso que contrasta com a sua postura de ataque. – Eu não fujo, se é isso que a preocupa. Juro. Pare o comboio e a polícia pode vir e meter-me atrás das grades. Só não me deixe morrer neste comboio.

Tal como com Edith, uma sensação estranha apodera-se de Anna. Uma vontade de magoar alguém. Olhando a garganta de Herb, questiona-se se teria de se esforçar muito para a esfaquear.

– Tal como deixou o meu irmão morrer? – interroga ela. – Tal como deixou dezenas de outras pessoas morrer?

Herb engole em seco, sentindo-se culpado.

– Podia tê-lo evitado – acusa Anna, enquanto caminham à volta um do outro no meio da carruagem-restaurante. – Podia tê-lo salvado. Podia tê-los salvado a todos. Mas não o fez.

– Lamento – diz Herb, com um tom de voz tão vazio como ar dentro de um balão, como se até ele soubesse que é demasiado tarde para pedir desculpa.

– Então admite que podia ter intervindo?

– Sim. E vou dizer o mesmo aos polícias. Agora, ajude-me a sair deste comboio.

Anna aproxima-se, com menos medo do que antes, embora ainda assustada. Não assustada com Herb, mas sim com o que lhe poderá fazer. O seu desejo por violência mantém-se, percorrendo-lhe o corpo todo. Aperta o punho com força à volta da faca e imagina-se a espetar-lha no estômago.

– Porque não interveio? Sabia que aqueles homens iam morrer.

– Não tinha a certeza – argumenta Herb. – E não sabia quem eram.

Herb respira agora de forma irregular. Todo o seu corpo treme. Quando tenta atacá-la uma última vez, Anna dirige-se à mesa mais próxima e pega noutro prato.

E atira-o.

Não à cabeça de Herb, mas à mão que segura a faca.

Com um baque, o prato atinge-o nos nós dos dedos e Herb grita, largando a faca, que cai no chão. Depois, tropeça ao tentar apanhá-la, mas Anna já está em cima dele.

Saltando-lhe para as costas.

Atirando-o ao chão.

Aterrando com ele no chão com um baque e a contorcerem-se.

Todo o corpo de Anna é percorrido pela raiva, provocada pelo esforço físico. Senta-se em cima das costas de Herb e, quando ele tenta levantar-se, obriga-o a ficar no chão.

– Diga-me porque o fez – ordena ela, rosnando-lhe ao ouvido. – Foi só pelo dinheiro?

– Sim – a palavra é praticamente um sussurro, meio rouco, abafada pelo facto de a sua cara estar agora encostada ao tapete gasto da carruagem-restaurante. Mas isso não impede Herb de continuar. As palavras fluem-lhe dos lábios num monólogo áspero de pânico. – Eu não era rico como tu. Não podia resolver os meus problemas com dinheiro. Mas os problemas desapareceriam se os deixasse construir o motor. Então, foi isso que fiz. Se queria uma confissão, aqui a tem. Direi a mesma coisa à polícia, ao juiz e a quem for preciso.

– E os outros? Também o fizeram pelo dinheiro?

– Nem todos – responde Herb. – Para o Judd, foi uma questão de vingança. Estava zangado porque o seu pai nunca lhe deu crédito suficiente. Para mim, foi o dinheiro. Acho que com a Sal foi a mesma coisa.

Apesar de Anna ter suspeitado durante muito tempo que a ganância fora a

motivação por detrás disto tudo, ter a confirmação desencadeia dentro dela uma nova onda de raiva. Com a mão esquerda agarra a gravata de Herb, arrastando-a para a parte de trás cabeça dele e puxando-a para cima até ele ficar com o pescoço exposto. Depois, com a mão direita, encosta-lhe a faca à garganta.

Sabe tão bem segurá-la.

Demasiado bem.

Como se fosse uma extensão de si mesma.

Anna sabe que chegou a um precipício. Sabe que chegou a um ponto sem retorno e tanto pode recuar como saltar para o abismo. Com Edith, conseguiu afastar-se, sobretudo graças ao passado que partilhavam, mas não tem esses laços com Herb, que é um homem que ela mal conhece e que há doze anos decidiu que o seu irmão e mais trinta e seis pessoas deviam morrer por um capricho ganancioso. Se lhe cortasse a garganta, tal como ele ameaçou fazer-lhe, seria um crime completamente justificado.

– Por favor – implora Herb por baixo dela. – Por favor, não me mate.

A voz de Seamus surge da porta.

– Anna, pára!

Anna olha para cima e vê-o de pé ao fundo da carruagem-restaurante, atraído pela azáfama da luta. Atrás dele estão todos os outros. Dante e Reggie, Sal e Lapsford. E todos com expressões chocadas.

A faca afrouxa-lhe na mão e a violência que segundos antes a percorria desaparece de súbito. Agora, sente-se apenas vazia, oca e ligeiramente confusa. Encostou mesmo uma faca à garganta de um homem? Será que teria ido até ao fim se Seamus não a tivesse interrompido? Fica profundamente abalada só de pensar nisso.

– Ele atacou-me primeiro – diz ela. – Ameaçou cortar-me a garganta.

Seamus é o único que não parece ficar surpreendido. Ao contrário dos outros, é certo que previu que algo assim fosse acontecer – e treinou-a com isso em mente.

– É por isso que o tens o pescoço a sangrar?

Anna toca na garganta, sentindo uma pequena mancha húmida. Um arrepio percorre-a quando se apercebe do quão perto Herb esteve de cumprir a sua ameaça – e do quão perto ela esteve de fazer o mesmo.

– Sim – responde Anna, deslizando de cima das costas de Herb.

– Tiveste isto contigo este tempo todo? – questiona Seamus, olhando para a faca.

Anna enfia-a de novo na bainha.

– Sim.

– Mas o agente Davis revistou-te – relembra Sal, olhando para Reggie.

– Deve ter-me escapado – diz ele.

Anna agarra o braço de Herb.

– Levante-se.

Herb permanece deitado de bruços no chão, desconfiando.

– Para onde é que vamos?

– Para o seu quarto. Onde ficará durante o resto da viagem.

– O caralho é que vou voltar para lá – diz Herb, sentando-se de joelhos. – Já lhe disse que não é seguro.

– Eu protejo-o – responde Anna. – Não é do meu interesse deixá-lo morrer.

Ela aguarda que Herb, também cansado da luta, se levante. Depois, Seamus agarra-o pelo braço e leva-o.

– Vou ficar a vigiar à porta do quarto dele – informa Seamus –, para ter certeza de que isto não se volta a repetir.

Reggie, Sal e Lapsford seguem-nos. Apesar de já estarem no salão fora de vista, Anna ainda consegue ouvi-los a falar.

– Tens medo de que ele a magoe ou que ela o magoe a ele? – pergunta Sal.

Até Anna consegue reconhecer que é uma pergunta válida. Especialmente agora que toda a gente a bordo do Philadelphia Phoenix sabe que ela tem uma faca.

– Os dois – responde Seamus.

VINTE E OITO

Apenas Dante permanece no salão, encarando Anna com um misto de medo e preocupação.

– Estás bem? – questiona ele.

Anna espreguiça-se, sentindo os membros tensos. Quando roda o pescoço, ouve um estalido.

– Eu sei tomar conta de mim própria.

– Não foi isso que perguntei.

– Estou óptima – responde Anna. – A sério.

– Tens a certeza? – Dante desce o olhar para o pescoço dela. – É que ainda estás a sangrar.

– Estou? – pergunta Anna, enquanto leva um dedo à garganta e vê uma mancha de sangue nos dedos.

– Vem comigo.

Dante pega na mão de Anna e, sem lhe dar tempo para protestar, arrasta-a para trás do bar. Depois, pega num guardanapo de pano, mergulha-o num balde de gelo com um centímetro de água no fundo, e encosta-o ao pescoço de Anna.

Ela arranca-lhe de imediato o guardanapo da mão.

– Consigo fazer isso sozinha.

– Não tenho dúvidas – diz Dante.

Anna encosta o guardanapo húmido contra a garganta, grata por senti-lo fresco contra a sua pele. Não se tinha apercebido de como tinha ficado quente e corada, tanto do esforço como da raiva. Ainda agora consegue sentir o seu sangue a ferver e o coração a palpitar do lado do seu pescoço.

– Achas que o Herb Pulaski ia mesmo matar-te? – pergunta Dante.

– Não sei. Ele está desesperado por sair deste comboio, isso é certo. Está convencido de que o assassino está a ir de quarto em quarto e que ele é o próximo.

– Se calhar foi uma artimanha. Talvez seja ele o assassino.

– Duvido.

– Homens inocentes não ameaçam mulheres com facas.

– Bem, ninguém aqui é inocente – diz Anna, baixando o guardanapo. – Mas

ele parecia genuinamente assustado.

– E tu estás assustada, Annie? É que começo a pensar que talvez devesses estar. E não limpaste tudo, já agora.

Dante pega o guardanapo e, suavemente, inclina a cabeça de Anna para trás. Ela deixa, mas com relutância.

– Estou assustada desde que saímos de Filadélfia.

Dante começa a limpar o sítio que lhe escapou. Está tão próximo que Anna consegue cheirar o seu *aftershave*. É o mesmo cheiro de que ela se lembra passados todos estes anos. Uma mistura de cedro e citrinos.

– Mas as coisas ficaram fora de controlo – diz ele. – Duas pessoas morreram. E a culpa é toda minha.

Anna fica imóvel sob o seu toque.

– O que queres dizer com isso?

A suspeita assalta os seus pensamentos. O que é compreensível, tendo em conta que estão na mesma carruagem em que Judd Dodge morreu, atrás do bar onde ele escolheu a bebida que o matou. Uma bebida preparada por Dante. Anna lembra-se de quando o viu na cozinha. Será que Dante foi lá no início da viagem e encontrou o veneno debaixo do lava-loiça? Será que, por essa altura, já tinha decidido que o ia usar para matar Judd?

Depois, há Edith. Nos cerca de quinze minutos em que Anna esteve fora da carruagem com vista panorâmica, Dante pode ter entrado à socapa, assassinado Edith e depois regressado ao seu quarto, mesmo a tempo de Anna lhe bater à porta. Embora ela não tenha forma de saber ao certo, é um cenário completamente plausível.

– Tu não…

Anna não consegue terminar a acusação e deixa que Dante complete o seu raciocínio

– Se os matei? Claro que não. Mas eu sou a razão pela qual estás aqui.

– O teu pai é a razão pela qual estou aqui – corrige Anna, afastando-se dele.

Dante deixa cair o guardanapo no balcão.

– E não saberias isso sem as provas que a tua tia adquiriu. Sabes como é que ela lhes deitou a mão?

– Não. Ela morreu antes de me dizer.

– Talvez me devesses ter perguntado. – Dante faz uma pausa. – Porque fui eu quem lhas enviou.

Anna precisa de um momento para assimilar as palavras que acabou de ouvir. Quando finalmente as processa, sente uma mistura de surpresa, confusão e gratidão.

– *Foste* tu? Porquê?

– Queres a versão longa ou a versão ainda mais longa? – pergunta Dante.

– Ambas.

– A resposta mais longa é que o meu pai não quer saber nem um bocadinho de mim. Nunca quis. Passei toda a minha infância a tentar que ele me amasse. Algo que nenhuma criança devia ter de fazer. É suposto os nossos pais amarem-nos incondicionalmente. E a minha mãe amava. Nem sempre o demonstrou da melhor maneira, mas tentou, pelo menos, e nem isso posso dizer que o meu pai tenha feito. – Dante contorna o bar e começa a andar de um lado para o outro. – Desde que me lembro, sempre me tratou como se fosse uma desilusão. Parecia não haver nada que eu pudesse fazer para lhe agradar. Por isso, fiz tudo para provar que ele estava errado. Juntei-me ao negócio da família. Trabalhei arduamente. Tentei impressioná-lo. E quando isso não funcionou, voltei a usar a minha táctica de adolescente.

– Rebelaste-te – diz Anna.

Dante anui entusiasticamente com a cabeça.

– O que significou desenterrar os podres dele.

– Mas porque é que fingiste ficar surpreendido quando mencionei as provas?

– Não queria que os outros suspeitassem de que estava envolvido – respondeu Dante. – E, ao que parece, foi a decisão certa. Viste o que aconteceu com o Judd. Ele confessou precisamente nesta carruagem, e alguém o envenenou por causa disso. Se se souber que fui eu quem reuniu as provas, a pessoa que o matou, a ele e à Edith, pode vir atrás de mim a seguir.

– Mas mesmo quando ficámos a sós continuaste a agir como se não soubesses de nada.

– Porque não queria que *tu* descobrisses que eu estava envolvido. Foi por isso que comecei a enviar à tua tia anonimamente as provas, à medida que as ia recolhendo. Não queria que soubesses que estava a ajudar a provar a inocência do teu pai, enquanto incriminava o meu.

Anna aproxima-se de Dante, ocupando o espaço vazio entre eles.

– Porque não?

– Porque me odeias.

– *Odiei-te* – corrige Anna, com o uso do pretérito perfeito a surpreendê-la também a ela.

Dante esboça o seu famoso sorriso torto.

– Na altura, não sabia disso. Mas nunca te esqueci, Annie. Sei que já passou muito tempo e pode parecer estranho. Mas é a verdade.

Anna não acha estranho, de todo. Nunca esqueceu Dante. Ele fora o seu primeiro em muitas fases da sua vida. Primeiro namorado. Primeira-vez. Primeiro desgosto.

– De qualquer forma, essa é a razão mais longa – continua Dante. – Nunca te esqueci e sempre me questionei porque é que o meu pai me proibiu de te ver. Tal como sempre duvidei que o teu pai fosse culpado de tudo o que o acusavam. Sei que dizem que ele era simpatizante dos alemães, mas nunca fez muito sentido na minha cabeça que ele sacrificasse o próprio filho por uma causa claramente perdida. Depois, sempre suspeitei da forma como o meu pai comprou a empresa do teu tão rapidamente. E por tão pouco dinheiro. Por isso, comecei a investigar.

Anna encosta-se ao balcão do bar.

– Para limpar o nome do meu pai, ou para arruinar o teu?

– O meu pai não precisa da minha ajuda para isso – responde Dante. – Descobri, por exemplo, que ele foge ao fisco. Mas a sacanice não fica por aqui. Ele também teve várias amantes ao longo dos anos, o que não surpreende ninguém. Sempre tratou a minha mãe com o mesmo desdém com que me tratava a mim. E descobri que a sua poderosíssima empresa de caminhos-de-ferro tem vindo a perder dinheiro há anos. Viajar de comboio já não é o que era. Hoje em dia, as pessoas preferem andar de carro e, em breve, preferirão os aviões. Os comboios são coisa do passado. O futuro está nos céus. Não precisavas de ter comprado todos os lugares deste comboio, Annie. Não faltariam lugares vazios.

– Então, a empresa do teu pai está a falir – conclui Anna, ansiosa por que ele vá directo ao assunto.

– Já teria ido parar à bancarrota se ele não tivesse conseguido comprar o caminho-de-ferro do teu pai por uma ninharia.

– Descobriste o motivo dele, então.

– Não foi isso, acredita – profere Dante cerrando o maxilar com uma expressão sombria. – Depois de anos à procura, acabei por descobrir. O meu pai era bom a esconder coisas, tenho de reconhecer. Um ficheiro aqui. Um documento acolá. Mas ele tem um cofre no escritório dele, cuja combinação me levou meses a descobrir. Era lá que estava a maior parte das provas que o incriminavam.

Anna sabe o que ele encontrou nesse cofre. Os memorandos, as falsificações e os registos bancários. O suficiente para prender, julgar e condenar todos os responsáveis.

– Qual foi a sensação de ficar a par de todas as coisas horríveis que o teu pai fez?

– Fiquei furioso – responde Dante. – Sem conseguir suportar a tristeza. E traído. Mas, acima de tudo, só queria saber o motivo.

– Ganância – aponta Anna.

– Só que não, Annie. É… pior.

A palavra perfura-lhe as costelas como um punhal de gelo, trémulo e

ameaçador. Parte dela não quer que Dante lhe diga o que descobriu, mas a outra parte precisa de saber. Apesar de ter a certeza de que se vai arrepender daqui a um minuto ou dois, Anna não consegue conter-se, e pergunta:

– Então, qual foi o motivo?

– Acho que foi – responde Dante – um desgosto amoroso.

– Isso não faz sentido nenhum.

– Faz quando descobres que foi por causa da tua mãe.

A facada gelada perfura e enregela ainda mais o peito de Anna.

– A minha mãe e o teu pai…

– Apaixonaram-se, sim. – Dante fita-a com um olhar exausto, como se também não conseguisse acreditar. – Há muito tempo. Antes de tu e eu nascermos. Estiveram noivos e tudo durante algum tempo, embora não por muito.

– Como é que descobriste isto?

– O meu pai também guardou cartas no cofre do escritório – responde Dante. – Da tua mãe.

– Cartas de amor?

Ele anui com a cabeça, e as faces de Anna começam a arder quando se lembra das declarações de amor que enviou a Dante.

Durante toda a sua vida, sempre lhe disseram que saía ao pai e ela acreditou. Afinal de contas, foi Tommy quem herdou a beleza e a vivacidade da mãe. Mas, agora, Anna sabe que estava enganada. É mais parecida com a mãe do que alguma vez imaginou.

– Excepto a última – continua Dante. – Essa era de despedida. A tua mãe escreveu ao meu pai a dizer-lhe que lamentava, mas que queria acabar tudo. Tinha conhecido outra pessoa por quem se apaixonou perdidamente.

– Ela disse quem era? – pergunta Anna, apesar de claramente já saber a resposta pela forma como o coração lhe palpita no peito, o corpo lhe estremece e a cabeça rodopia. O seu corpo está a prepará-la para uma notícia chocante e tão óbvia que, em retrospectiva, ela fica estupefacta por nunca ter pensado nisso antes.

– Arthur Matheson – responde Dante.

Anna suspira. Agora, tudo faz sentido. Os pais dela casaram-se muito rápido. Apenas duas semanas depois de se conhecerem, o que para Kenneth Wentworth deve ter sido um choque emocional. Deve ter sido um choque amar alguém, achar que nos amam de volta e, depois, sermos abandonados enquanto a outra pessoa encontra logo um amor para a vida.

Agora, Anna compreende porque a mãe ficou tão furiosa quando Dante e o pai apareceram na última festa de Natal sem serem convidados. Estava

preocupada que Kenneth Wentworth fosse fazer uma cena. Anna também entende agora porque é que o senhor Wentworth proibiu Dante de a ver. Ele queria que um membro da família Matheson tivesse o mesmo desgosto que sofrera. Por fim, ela percebe porque é que ele acabou por escolher o pai dela como alvo a destruir.

– Estive enganada – conclui Anna. – Este tempo todo.

Não foi pelo dinheiro. Talvez para Lapsford, Herb Pulaski e os restantes tivesse sido. Mas para o pai de Dante, foi pessoal. Não se tratou apenas de sabotar a empresa do pai.

Foi vingança.

VINTE E NOVE

Anna achou que nada poderia superar o choque que sentiu quando Dante admitiu ter sido ele a enviar as provas à tia Retta. Mas enganou-se. Com as pernas dormentes, dá por si a encostar-se ao balcão para se conseguir manter de pé.

– Estás bem? – pergunta Dante.

Anna responde anuindo debilmente com a cabeça.

Deveria ter adivinhado que não se tratava apenas de ganância. Kenneth Wentworth planeou um crime impensável, destruindo dezenas de famílias pelo caminho, e só alguém perturbado poderia ter levado para a frente um plano desses. Agora que Anna sabe a razão, resta-lhe apenas mais uma questão.

Quem mais sabe disto?

– Tenho de ir – diz Anna.

Dante agarra-lhe no braço.

– Devíamos mesmo falar sobre isto.

– Não – responde ela, libertando-se do seu aperto. – Agora não. Por favor.

Depois, sai da carruagem a correr, apressando-se para a parte de trás do comboio. Na Carruagem 12, detém-se em frente à porta do Quarto A e começa a bater. Sal, que já estava irritada quando abre a porta, fica ainda mais ao ver Anna.

– Sabias da minha mãe e do Kenneth Wentworth? – interroga Anna.

Sal encolhe os ombros sem se comprometer.

– Já tinha ouvido uns rumores aqui e ali.

– Também sabias que foi por causa disso que ele incriminou o meu pai?

Sal deixa a porta aberta e regressa ao interior do quarto, dando a Anna a opção de querer entrar ou não. Ela acaba por decidir entrar com cautela, fechando a porta atrás de si. O quarto, embora grande para um comboio, parece demasiado pequeno para as duas mulheres. Além do espaço físico que é ocupado pela bagagem de Sal, nomeadamente a quantidade de malas que estão espalhadas, a divisão é também preenchida pelo passado que partilham, e que Anna sente a empurrá-la contra as paredes que parecem não o conseguir suportar. Um passado tão carregado que um espaço tão apertado é incapaz de o

conter.

– Não tinha a certeza – diz Sal. – Ken Wentworth nunca me explicou as suas motivações. Só disse o que ia acontecer e que precisava da minha participação.

– Porque é que o *fizeste*, Sal?

Anna retrai-se ao ouvir a forma como soa. Tão jovem. Tão vulnerável. Apercebe-se de que soa como a rapariga que costumava ser. Uma rapariga que, na sua cabeça, já não existe. Desapareceu. Está morta. Não passa de um fantasma.

– Compreendo porque é que os outros se envolveram. Até a Edith. Mas, durante este tempo todo, nunca consegui entender as tuas razões. Porque traíste o meu pai daquela maneira? Porque nos traíste a todos?

Sal deixa-se cair numa cadeira junto à janela. As roupas elegantes e o cabelo pintado não a salvam de parecer velha e cansada. Anna fica surpresa ao ver o quão diferente ela está do tempo em que a conheceu. Nessa altura, Sal não parecia muito mais velha do que Anna, mas, agora, não restou nada dessa jovem. A mulher sarcástica e destemida que tanto impressionou Anna quando era miúda também desapareceu. A Sal do presente parece-lhe só amarga e exausta.

– É complicado – diz ela, pegando na sua mala. – Não ias compreender.

Porém, Anna acha que já sabe a resposta. Recorda-se de como Sal estava ansiosa por agradar, sempre ao lado do pai, auxiliando-o em tudo o que ele precisasse, mesmo fora do escritório. Foi também por isso que Anna passou a considerá-la uma irmã mais velha. Sal estava sempre por perto, muitas vezes participando na dinâmica familiar de uma forma que ultrapassava um relação estritamente profissional.

– Estavas secretamente apaixonada pelo meu pai – diz Anna, estupefacta por nunca ter considerado essa possibilidade. – E sabias que ele nunca te amaria de volta.

Sal bufa enquanto tira um batom e um verniz da mala.

– Não me insultes. Nem ao nosso género. As motivações das mulheres vão além de sofrer por um amor não correspondido.

– Então qual foi o motivou? Ganância?

– Ao contrário de alguns, o dinheiro era secundário.

– Então porquê? – pergunta Anna, ainda num tom infantil e magoado. – O que te levou a fazer isto?

Com a mão esquerda estendida, Sal abre o verniz e começa a pintar as unhas com o mesmo tom carmesim que tem nos lábios.

– Vergonha – responde ela. – E medo.

– Não acredito nisso. Morreram pessoas, Sal. *O Tommy* morreu. Tudo por causa do Kenneth Wentworth. E tu ajudaste-o a encobrir tudo. O que pode ser

mais vergonhoso que isso? De que tinhas assim tanto medo?

Anna aguarda por uma resposta que não chega. Enquanto Sal continua a pintar as unhas, teimosamente em silêncio, Anna apercebe-se de que está no caminho certo. É evidente que alguém esteve envolvido na sua decisão. Se não foi o pai, então foi outra pessoa.

– Foi o Kenneth Wentworth? – pergunta ela. – Enquanto ele ainda sofria pela minha mãe, estavas apaixonada por ele?

– Já te disse, não o fiz por causa de um homem. – Sal gira a cadeira para olhar Anna directamente nos olhos. – Fi-lo por causa de uma mulher.

TRINTA

Sally nunca pensou que uma noite pudesse destruir a sua vida – e a de tantos outros. Ainda assim, foi exactamente isso que aconteceu. Uma noite da qual ela nunca se esquecerá e de que se arrependerá para sempre. E a parte bizarra é que tudo começou de forma tão simples. Não existiram quaisquer sinais de que uma catástrofe se avizinharia no horizonte.

Era terça-feira e, depois de mais um desastroso *blind date* com um cretino feioso que tentara apalpá-la poucos minutos depois de se terem encontrado, Sally sentia-se particularmente sozinha.

– Não vais ter sorte, amigo – dissera ela antes de o mandar à vida dele.

Contudo, Sally não tinha vontade de ir para casa. A ratazana com quem se encontrou podia não tido sorte, mas ela não estava pronta para desistir de encontrar a sua tão cedo. Por isso, atravessou a cidade e foi até um bar situado numa cave, por baixo de uma loja de roupa íntima. Os manequins na montra da loja, vestidos com túnicas de seda e roupões de penas, eram um bom indicador do que se poderia encontrar lá em baixo.

Já no interior, Sally dirigiu-se imediatamente ao bar e pediu uma bebida. O empregado por detrás do balcão e único homem no local, preparou-lhe rapidamente uma bebida forte. Em poucos minutos, o banco ao seu lado foi ocupado por uma jovem ruiva de vestido azul, tão parecida com a Rita Hayworth, que Sally achou por momentos que ela se tinha enganado no bar.

Tamborilando com os dedos no tampo do balcão, voltou-se para Sally e disse:

– Nunca sei o que pedir. O que estás a beber?

– Um *Manhattan* – respondeu Sally.

Rita Hayworth arregalou os olhos.

– Um *Manhattan* em Filadélfia? Isso é legal sequer?

– Nesta cidade, provavelmente não.

– Eu não conto a ninguém. O teu segredo está seguro comigo.

Depois piscou-lhe o olho, dando a entender a Sally que sabia perfeitamente em que tipo de bar tinha entrado.

Depois de um *Manhattan*, veio outro, e depois outro. Sally acabou de beber a

sua terceira bebida já com a mão numa das coxas torneadas da ruiva, roçando-a ligeiramente por baixo da saia.

– Leva-me para tua casa – pediu Rita Hayworth, com a voz rouca de desejo.

Sally nunca levava mulheres para o seu apartamento. Aprendera com o pai, um Don Juan de primeira que correu metade dos hotéis da cidade, até ao dia em que, depois de um fim-de-semana em Cape May, Sally, a irmã e mãe chegaram a casa e encontraram-no ainda a dormir, com uma morena na cozinha a beber café, nua da cintura para cima.

– Eu não vivo sozinha – mentiu Sally.

– Vamos para o meu hotel, então.

Pegou na mão de Sally sem esperar pela resposta e levou-a para longe do bar, para dentro de um táxi e, depois, para a cama. Sally passou o resto da noite maravilhada com a bela jovem nos seus braços, a questionar-se como é que tivera tanta sorte.

Porém, não se tratou de sorte. Tal como Sally viria a saber dois dias mais tarde, quando Rita Hayworth lhe telefonou para o escritório a perguntar se se podiam encontrar para um copo no seu hotel. Demasiado entusiasmada por saber que ia estar outra vez com a ruiva fogosa, Sally não parou para pensar como é que a mulher sabia onde ela trabalhava. Só quando chegou ao bar e a encontrou numa mesa de canto, acompanhada por um homem, é que Sally percebeu que alguma coisa não estava bem.

Porque, ao lado da mulher que levara para a cama recentemente, não estava um homem qualquer. Mas sim Kenneth Wentworth, o principal concorrente do seu patrão.

– Menina Lawrence, ainda bem que se juntou a nós – disse ele e, com um piscar de olhos, acrescentou: – Creio que as duas senhoras já se conhecem.

Rita recusou-se a estabelecer contacto visual com Sally, enquanto Wentworth pousou um envelope de manila e o deslizou por cima da mesa em direcção a Sally.

– O que é isto? – perguntou ela.

– Abra e veja – respondeu Wentworth com um sorriso seboso.

Sally abriu o envelope e quase desmaiou ou ver uma dúzia de fotografias tiradas de dentro do armário do quarto de hotel de Rita que mostravam as duas mulheres enroladas na cama, a beijarem-se e a despirem-se uma à outra. Tudo o que fizeram nessa noite ficou documentado. Quando chegou à fotografia na qual se via a cara de Rita enterrada entre as suas pernas, Sally não sabia como é que ainda não tinha morrido de vergonha, raiva e medo.

– Já me posso ir embora? – perguntou Rita.

Wentworth passou-lhe um envelope cheio de dinheiro para as mãos e disse:

– Fizeste um bom trabalho, miúda.

Sem conseguir olhar para Sally, a mulher apressou-se a sair dali, sussurrando um apressado «desculpa» enquanto se afastava. Demasiado chocada com as fotografias, Sally mal a ouviu. Sentiu o sangue tão frio, que estava certa de que lhe tinha congelado nas veias.

– Vou dar-lhe uma escolha, menina Lawrence – disse Wentworth. – Posso enviar cópias destas fotografias à sua mãe, à sua irmã, ao seu patrão, a todas as pessoas que conhece. Ou posso dar-lhas, juntamente com os negativos, para que as destrua. Em troca de um favor, posso fazer com que tudo desapareça.

Sally já tinha decidido aceitar a oferta, mesmo sem fazer ideia do que se trataria.

– Farei tudo o que quiser.

Só no dia seguinte ao funeral de Tommy Matheson é que ela ficou a conhecer as implicações da escolha que fizera nesse dia. Foi aí que Sally percebeu que fora obrigada a criar um convincente rasto de documentos que associavam o seu patrão ao crime de sabotagem que matou o seu filho e um grupo de soldados recém-alistados.

Se aceitasse, Sally ficaria com as fotografias e os negativos, assim como com mais dinheiro do que alguma vez imaginou.

Se recusasse, as fotografias teriam vindo a público e ela ficaria associada aos crimes do patrão.

Sally fez a sua escolha.

Quando tudo terminou, recebeu as fotografias e os negativos numa caixa embrulhados como se fossem um presente. Depois, queimou tudo no lava-loiça da cozinha, enquanto bebia uísque directamente da garrafa e via as chamas a crescer.

E conta agora a Anna o que nunca partilhou com mais ninguém. Os seus segredos sujos. A vergonha que guardou. A única coisa que deixa de fora é o esmagador sentimento de culpa que a acompanha desde aquele dia, pois sabe que Anna – tendo sofrido mais do que ela alguma vez conseguiria suportar – não ia querer saber. Também não menciona que nunca disse nada até agora porque, tendo já arruinado tantas vidas, não viu sentido em destruir a sua também. Por esse motivo, aceitou o dinheiro, mesmo sabendo que só a deixaria ainda mais miserável.

– Não vou implorar pelo teu perdão – diz Sally, sentindo-se subitamente sedenta por beber as últimas gotas de uísque que restam no seu frasco. – Sei que não mo vais dar e sei que não o mereço.

– E estás correcta – confirma Anna.

– Mas juro-te, Anna, se soubesse que a morte do Tommy fazia parte do

plano, nunca teria aceitado, custasse o que me custasse. Mas o teu irmão já tinha morrido quando eles me arrastaram para isso. Não há nada que pudesse ter feito para o impedir.

Se os olhares pudessem matar, Sally estaria estendida no chão pela forma como Anna a fita ao dizer:

– O meu pai também morreu. Podias ter evitado isso.

– Estás enganada – diz Sally. – O Ken Wentworth teria levado este plano para a frente de uma forma ou de outra. A única diferença é que eu também teria ido para a prisão e, provavelmente, teria morrido como o teu pai.

Anna encara-a com um olhar ameaçador.

– Isso ainda pode acontecer.

Sally anui com a cabeça, sabendo que pode perfeitamente ser esse o destino que a aguarda, se não sair deste comboio antes de chegarem a Chicago. O que não entende é porque Anna se deu a tanto trabalho. Se estivesse no lugar dela, não se incomodaria em atrair Anna sob falsos pretextos para uma viagem de comboio que a entregaria aos bófias quando terminasse.

Isso porque Anna já estaria morta.

Sally certificar-se-ia disso.

– Agora que já admiti tudo – diz ela –, vais continuar a fingir que não tencionas matar-me?

– Já te disse, não sou um assassina.

Sally acaba de pintar as unhas e, admirando o verniz carmesim brilhante, pergunta:

– Nem o teu amigo irlandês?

– O Seamus? Ele também não mataria ninguém.

– Por favor, não me digas que acreditas mesmo nisso.

– O que queres dizer? – pergunta Anna, igualando a postura defensiva de Sal. O quarto fica de súbito mais pequeno, com a desconfiança das duas a preencher rapidamente o espaço à sua volta.

– O que quero dizer é que foi ele quem matou o Judd. Provavelmente, a Edith também.

A Anna abana a cabeça.

– O Seamus nunca faria isso.

– Tens a certeza? – pergunta Sally. – Pensa nisso. Ele nunca foi revistado, pois não? Não até ao fim. O senhor Davis parou quando encontrou a arma. O teu amigo Seamus pode ter veneno guardado no bolso e nenhum de nós saberia.

Sally vê Anna abrir a boca, pronta para contra-argumentar. É claro que Seamus foi revistado. Todos puderam ver. Mas quando os seus lábios se voltam a fechar, é evidente que compreende o raciocínio de Sally.

– Ainda assim, ele não o faria. Não sem a minha aprovação. Criámos este plano juntos. Concordámos em não vos fazer mal. – Anna faz uma pausa, para se certificar de que Sal presta atenção ao que ela diz a seguir. – Apesar de ser o que todos vocês merecem.

– Pode ter sido esse o plano no início, mas depois as coisas mudam no calor do momento – argumenta Sally. – Talvez quando nos viu todos juntos tenha ficado tão zangado que não se conseguiu controlar. Talvez se tenha passado da cabeça. Não é impossível. Nas circunstâncias certas, uma pessoa é capaz de fazer qualquer coisa. Eu sou exemplo disso.

– O Seamus é melhor do que tu – riposta Anna, e Sally não pode contestá-la. Não é preciso muito para isso, grande parte das pessoas é melhor do que ela.

– Não o estou a julgar. Já aceitei que merecemos o que nos acontecer. – Sally olha pela janela para a paisagem coberta de neve que o comboio atravessa. Sabe que nunca mais sentirá esta sensação de liberdade. – Tudo o que estou a dizer é que, se fosse a ti, certificava-me de que o Seamus não perdeu o controlo.

TRINTA E UM

Anna atravessa a Carruagem 12 atordoada. Tentou não se deixar abalar pelas palavras de Sal, mas a verdade é que provocaram um terramoto dentro dela. Sente-se tão instável como o comboio que avança aos solavancos pelos carris, balançando-a de um lado para o outro no corredor.

Seamus não é o assassino.

Anna sabe isso nos seus ossos, tal como sabe que Sal pode estar só a tentar desviar as atenções dela, atirando a culpa para cima dele. Ela pode ter assassinado Judd e Edith tão facilmente como Seamus. Afinal, foi uma das três pessoas que escolheram um *Martíni* antes de Judd, o que lhe deu oportunidade para colocar o veneno no copo dele sem ninguém notar. Além disso, tinha tanto acesso a Edith na carruagem com vista panorâmica quanto Seamus.

No entanto, o que Sal não tinha era um bom motivo para matar Judd ou Edith.

Ao contrário de Seamus.

E, agora, um fino fio de dúvida enrolou-se nos seus pensamentos e Anna não consegue impedir-se de o puxar para testar o quão resistente é. Para começar, ela sabe que Sal estava certa sobre Seamus não ter sido revistado até ao fim. O senhor Davis só conseguiu examinar o seu uniforme antes de a arma aparecer e acabar com tudo. Talvez o veneno estivesse guardado num bolso das calças de Seamus à espera para ser encontrado.

Quanto a Edith, é evidente que foi assassinada imediatamente depois de Anna ter saído da carruagem com vista panorâmica. Enquanto ela vasculhava o comboio, à procura do homem que viu a vaguear pelos corredores, Seamus teve tempo suficiente para sufocar Edith antes de regressar ao seu quarto.

Anna sabe que não devia estar a pensar nisto. Ela e Seamus estão juntos nisto. Ele nunca faria nada sem falar primeiro com ela.

Certo?

Entra na Carruagem 13 e depara-se com um silêncio inquietante. Sim, o barulho das rodas sobre os carris continua a ouvir-se. São os ruídos dentro do comboio que estão a faltar. Sinais quotidianos de que há outras pessoas a bordo. Sons de alguém a tossir, a conversar e de passos nos tapetes dos corredores. A

sua ausência faz com que a carruagem fique tão silenciosa como um túmulo.

No meio deste estranho silêncio está Seamus, ainda de guarda à porta do quarto de Herb Pulaski. Encostado à janela do outro lado da porta, olha fixamente para o vazio, estóico como sempre.

– O senhor Pulaski está a comportar-se bem? – pergunta Anna.

– Há quinze minutos que não ouço um pio. O que andaste a fazer?

– Tive uma conversa com a Sal que já devia ter tido há muito tempo.

– Como foi? – pergunta Seamus.

– Esclarecedora – Anna faz uma pausa. – Ela acha que tu és o assassino.

Seamus lança-lhe um olhar inquisitivo.

– E tu, o que achas?

– Foste tu? – pergunta Anna, praticamente a sussurrar, como se isso suavizasse a traição. – Fizeste-o, Seamus?

Ele fica magoado com a pergunta, Anna consegue vê-lo nos seus grandes olhos castanhos, que são um espelho de todas as suas emoções. Há muito que ela se pergunta se Seamus sabe como os seus olhos são expressivos. Se sabe como pode olhar neles e saber exactamente o que ele está a sentir.

– Não faz mal – continua ela. – Quer dizer, faz. É óbvio que faz. Mas eu compreenderia. Tu, mais do que ninguém, tens direito a vingares-te.

– De onde é que isto vem? – pergunta Seamus. – Não pode ser só porque a Sally Lawrence o sugeriu.

– Não respondeste à minha pergunta.

– Não matei o Judd Dodge, nem a Edith Gerhardt – responde Seamus, claramente irritado por ter de o dizer. – Queria tê-lo feito. Admito isso. Queria matá-los a todos com as minhas próprias mãos. Mas não o fiz. Nem o farei. Porque sei que não é isso que tu queres.

Anna procura o mais pequeno indício de que ele esteja a mentir, mas tudo o que encontra é a mesma expressão sofrida pelo luto que vê sempre que se olha ao espelho.

– Tu acreditas em mim, certo? – pergunta Seamus.

– Sim – responde Anna, porque é verdade. Mais do que isso, ela confia nele. Não tem escolha. Estão a sós num comboio com os inimigos mortais que ambos partilham, um dos quais é um assassino. Seamus é a única pessoa em quem ela pode confiar.

– Quem é que *tu* achas que é o assassino? – pergunta ela.

– Apostava no Dante Wentworth.

– Já te disse, não é ele.

– Tens alguma coisa para sustentar essa afirmação? Ou só achas isso porque estás apaixonada por ele?

– Estava – corrige Anna. – Eu *estava* apaixonada por ele.

Seamus sacode a resposta de Anna com um céptico:

– Se tu o dizes.

– Só não acho que o Dante seja capaz de fazer uma coisa dessas. Especialmente porque não tem motivo nenhum. Ele não fez mal a ninguém.

– Partiu-te o coração – diz Seamus.

Anna olha pela janela. Mal consegue ver o céu negro a espreitar por entre as nuvens de neve.

– É verdade. Mas agora está a emendar o seu erro. Foi ele quem reuniu as provas e as enviou à tia Retta. Ele admitiu-mo. Ao que parece, odeia o pai tanto quanto nós.

– Duvido muito – diz Seamus.

Anna considera contar-lhe o resto. Que a mãe dela e Kenneth Wentworth ficaram noivos. Que um rancor de longa data guardado por um homem amargo e de coração partido foi a única razão para tudo isto. Mas acaba por não o fazer. Se só a faz sentir-se pior, nem consegue imaginar como será para Seamus saber que o irmão foi apenas um espectador inocente no meio disto tudo.

– O Dante está do nosso lado – insiste ela. – Sem ele, não estaríamos aqui.

Seamus revira os olhos.

– Não me posso esquecer de lhe agradecer da próxima vez que o vir. Se sobrevivermos até chegarmos Chicago, claro.

– Estás preocupado que não consigamos?

– Estou – responde Seamus. – E, se chegarmos vivos, preocupa-me o que vem depois.

Anna compreende o que ele quer dizer, pois sente o mesmo. Passaram anos enraivecidos, a sofrer com o luto, a fervilhar de ódio e a conspirar. E tudo isso conduziu-os até esta noite, este comboio, este momento. Dentro de poucas horas – cinco, pelas contas de Anna – acabou. A justiça será feita, os culpados irão pagar pelo que fizeram, e eles já não terão mais com que se enraivecer, ou enfurecer ou conspirar.

Anna não faz ideia da vida que levará depois. Durante muito tempo, toda a sua existência girou à volta de retaliação. Não consegue imaginar um futuro em que já não tenha de se preocupar em vingar-se e apercebe-se agora do quão deprimente isso é. Do quão patético é que este tenha sido este o seu único objectivo de vida.

– O que vais fazer quando tudo isto acabar? – pergunta, com esperança de que Seamus não seja como ela e tenha, pelo menos, alguma coisa com que construir a sua vida.

– Não faço ideia – responde Seamus. – Sempre que penso no futuro, tudo o

que vejo é um vácuo escuro. Não importa o quanto me esforce para o imaginar, é só isso que vejo. Nada. Apenas um vazio.

– Hás-de descobrir. Vamos os dois.

Para Anna, isso implica arranjar um emprego. Esta viagem custou-lhe tudo o que tinha. Não sobrou nada da herança da tia. E, embora Anna goste da ideia de trabalhar, sabe que não tem nenhuma habilitação. A menos que alguém queira contratar um coordenador de viagens de vingança para trabalhar a tempo inteiro, vai ter de começar por baixo.

– *Tu* vais – diz Seamus. – Eu? Nem por isso. Quero dizer, será que nos voltaremos a ver depois disto?

– Claro – responde Anna, apesar de ter as suas dúvidas. Não consegue pensar numa única razão para que ela e Seamus continuem a interagir depois de a noite acabar. Não têm nada em comum. Esta vingança é a única coisa que os une. E, embora isso tenha sido suficiente para que passassem o último ano juntos, ela não tem a certeza se poderá continuar a sustentar algum tipo de amizade a longo prazo.

– Certo – diz Seamus, fingindo acreditar nela.

Instala-se entre eles um silêncio, mas não o tipo de silêncio que lhe faz companhia e ao qual se acostumou, como naquelas noites em que, depois de um longo dia a planear a sua vingança, jantavam juntos ou liam tranquilamente na vasta biblioteca da tia Retta. Este silêncio é tenso com emoções contidas e palavras por dizer a pairar entre eles.

– Anna – diz Seamus, quebrando o silêncio.

Ele aponta para o chão, onde uma fina linha vermelha começou a deslizar por baixo da porta do Quarto A.

Sangue.

Uma pequena corrente a escorrer pela alcatifa.

Anna corre para a porta e bate, com o som das pancadas a ecoar pela carruagem vazia.

– Senhor Pulaski? Está tudo bem aí dentro?

Quando não obtém resposta, tenta novamente.

– Herb?

Anna torce a maçaneta da porta. Não se mexe. A porta continua trancada.

– Vou chamar o agente Davis – diz Seamus antes de sair a correr da carruagem.

Anna continua a bater à porta e a gritar por Herb, implorando por uma resposta que, no fundo, já sabe que não vai ouvir. Como bater à porta não funciona, Anna tenta abri-la mais uma vez, com o pânico a fazê-la acreditar que, desta vez, vai conseguir entrar e que apenas não virou correctamente a maçaneta

da última vez que tentou.

Entretanto, Seamus regressa com Reggie que, desde a última vez que Anna o viu, tirou a gravata e tem o botão de cima da camisa branca desapertado.

– Está trancado ali dentro – informa ela, em pânico. – Acho que está ferido.

Reggie empurra-a para fora do caminho antes de se atirar contra a porta, usando o ombro como aríete. A porta range mas não abre, obrigando-o a tentar novamente. Quando falha pela segunda vez, Seamus junta-se a ele e tentam os dois, mas sem sucesso. A única porta que se abre é da sua esquerda que dá acesso à carruagem anterior. Espreitando pela soleira estão Dante, Sally e Lapsford, que vieram atraídos pelo tumulto.

– Voltem para os vossos quartos – grita Anna.

– Mas que raio se está a passar? – pergunta Lapsford.

Atrás dele, Sally fica pálida.

– O que aconteceu com o Herb?

Anna ainda não sabe, mas seja o que for, não é coisa boa. Se fosse, eles já estariam dentro do quarto e não haveria sangue no tapete, agora espalhado pelos sapatos de Seamus e Reggie ao afastarem-se da porta.

Grunhindo em uníssono, os dois homens empurram a porta uma última vez. Estilhaçando-se no caixilho com um estalido ensurdecedor, a porta finalmente cede. Anna empurra-os para espreitar para dentro do quarto recém-aberto.

A primeira coisa que vê é mais sangue.

Vê uma poça escura logo a seguir à porta, formando outros fluxos que ameaçam juntar-se ao que está no corredor. O movimento do comboio faz com que o sangue trema de forma doentia, como uma poça num terramoto.

Anna obriga-se a ver além disso, movendo o olhar para o interior da divisão.

Para lá da poça de sangue.

Para a torrente que escorre pela cadeira junto à janela.

Depois para a cadeira, onde Herb Pulaski está sentado, claramente morto. Anna não sabe como, mas o seu cadáver continua direito, como se estivesse à espera deles. A forma como a sua cabeça se inclina contra as costas da cadeira, e como as suas mãos agarram levemente os apoios de braços, dão-lhe um ar paciente e calmo.

No entanto, o corpo relaxado de Herb não podia contrastar mais com a sua expressão de absoluto pavor. Um pavor que Anna passa a sentir também. No fundo, ela já sabia que Herb estava morto antes de terem aberto a porta. Mas é pior do que qualquer outro cenário que imaginou, porque Herb não foi assassinado da forma inócua de Judd. Nem a sua morte foi tão limpa como a de Edith. Ele teve um fim diferente. Um fim violento.

Por baixo do queixo, um corte atravessa-lhe o pescoço. É ligeiramente curvo,

como uma segunda boca a cuspir sangue. Tem os olhos arregalados de medo e a boca ainda aberta, como gritasse em silêncio.

E, atordoada com o horror de tudo isto, Anna não consegue evitar gritar também.

03H00

CINCO HORAS ATÉ CHICAGO

TRINTA E DOIS

O crânio de Anna inunda-se com ruído ao fitar o cadáver de Herb Pulaski. Não fica ensurdecida com os seus gritos, que terminam tão abruptamente como começaram, mas com um barulho estridente que a faz lembrar das visitas à fábrica do pai quando era miúda. Recorda-se do bater e martelar dos homens enquanto moldavam o aço inoxidável que resultaria num comboio. Ela tapa os ouvidos, tal como fazia em criança, mas isso não nada faz para calar a barulheira que estala dentro do seu cérebro.

Presa no ruído, Anna não consegue desviar o olhar de Herb, nem do sangue, nem do corte na garganta dele, que parece um sorriso doentio. Fica grata quando Reggie entra no quarto, caminhando com cuidado sobre o sangue, e retira um lençol da cama para cobrir o cadáver.

Já não conseguir ver Herb faz com que o barulho na cabeça de Anna fique abafado o suficiente para que um pensamento terrível surja na sua cabeça.

Ele tinha razão.

Alguém está, de facto, a matá-los quarto a quarto.

Herb sabia-o e avisou-a, mas Anna nunca acreditou mesmo nele. Em vez disso, achou que prometer mantê-lo seguro era suficiente. Agora, Herb teve uma das mortes mais horríveis.

Tal como com as duas vítimas anteriores, Anna não fica contente com esta forma de fazer justiça. O sofrimento deles terminou aqui, chegou demasiado depressa, o que pode ser o objectivo dos três homicídios.

O assassino não fez isto para calar Judd, Edith e Herb.

Fê-lo para tirar a Anna a satisfação de os levar à justiça.

Ela olha para Sally e Lapsford, que, com Dante, se aproximam da porta do Quarto A e se forçam a espreitar para dentro, arrependendo-se imediatamente a seguir. Sally e Lapsford parecem ficar particularmente afectados, pois apercebem-se agora de que o seu grupo está a ficar mais pequeno. Em circunstâncias normais, Anna ficaria satisfeita com isso. Ela queria vê-los assustados, queria ver a sua ansiedade a aumentar à medida que avançavam sem parar até Chicago.

Mas não desta forma.

Anna queria que eles ficassem assustados com o seu plano, à sua maneira. Isto é algo completamente diferente, e ela sente um arrepio de medo a percorrê-la quando pensa em quem é mais provável que seja o responsável por esta mudança de acontecimentos.

O tenente-coronel Jack Lapsford.

– Seu monstro – acusa Anna, fitando-o de forma ameaçadora enquanto ele se afasta da porta. – Eu sei que foi você.

Os olhos de Lapsford arregalam-se.

– Eu? Todos sabemos que foi a Anna. É a única com uma faca.

Anna hesita. Dá um meio passo vacilante no limiar da divisão, com a alcatifa encharcada de sangue sob os seus sapatos.

– Não, eu…

– Onde *esteve* na última hora? – pergunta Lapsford.

– Comigo durante a maior parte do tempo – responde Reggie, ainda junto ao cadáver de Herb.

– E comigo – acrescenta Seamus. – Até vermos o sangue a escorrer por baixo da porta.

– E estive também no quarto da Sally.

Sal não confirma de imediato a sua afirmação. O silêncio, combinado com uma expressão hesitante, diz a Anna que nada mudou entre elas desde a conversa que tiveram. Continua a odiar Sal pelo que ela fez, e Sal continua a suspeitar que ela é uma assassina. Com isto em mente, Anna não vê razão para Sal a defender, e é por isso que fica boquiaberta quando, devagar e num tom relutante, Sal responde:

– Esteve comigo antes disto acontecer. Ela não está a mentir, Jack.

– Bem, eu não o matei – afirma Lapsford.

– Não tenho a certeza se algum de vocês o poderia ter feito sequer. – Reggie passa lentamente os olhos pela divisão enquanto roda o corpo.– A porta estava trancada, incluindo com o ferrolho. – Aponta para o sólido pedaço de metal que sobressai da porta estilhaçada. – Que só pode ser fechado do interior do quarto.

Anna olha para a ombreira, onde falta um pedaço do mesmo tamanho do ferrolho, presumindo que Seamus e Reggie o partiram ao rebentar com a porta. Embora seja fácil supor que alguém entrou no quarto porque Herb lhe abriu a porta, apesar de Anna lhe ter dito para não o fazer, a existência do ferrolho fechado complica as coisas.

– Como é que o assassino saiu? – pergunta Dante.

– Se calhar Herb fez isto a si mesmo – sugere Sal com um encolher de ombros. – Trancou-se aqui dentro e suicidou-se.

– Então, onde é que está a faca? – Reggie gesticula, apontando para a

ensanguentada divisão. – Não há nada aqui. Se o Herb cortou a própria garganta, a faca que ele usou estaria por perto, o mais certo é que ainda estivesse nas suas mãos.

Anna desvia o olhar para o cadáver tapado pelo lençol, e o seu estômago revolve-se ao lembrar-se do corpo. Dos olhos arregalados e sem vida de Herb. Do corte no seu pescoço. Do sangue a brilhar.

Aquele não é o aspecto de um homem que cortou a sua própria garganta e depois, de alguma forma, conseguiu deitar fora a faca antes de se recostar numa cadeira. É o aspecto de alguém que foi morto sem estar à espera.

Provavelmente por alguém que ele conhecia.

Alguém em quem confiava e que deixou entrar no quarto, talvez trancando a porta atrás de si. Ou talvez o assassino a tenha trancado depois de lhe atravessar a lâmina pelo pescoço. De qualquer forma, a porta trancada deixou a pessoa sem saída.

Hesitante, Anna dá um passo para o interior do quarto e olha em volta. Não consegue deixar de sentir que lhe está a faltar alguma coisa. Um pormenor fundamental que pode não só indicar quem poderá ser o assassino, como também mostrar como saiu do quarto.

É então que o encontra.

– A janela – diz ela.

Reggie volta-se para ela, surpreendido e impressionado.

– Como é que sabe isso?

– O sangue.

O cadáver de Herb está sentado entre a parede e a janela atrás dele. À esquerda do corpo, a parede está pintada de vermelho com o sangue arterial que jorrou quando a sua garganta foi cortada. O mesmo acontece com as cortinas à direita do corpo.

Porém, o vidro da janela não tem quaisquer vestígios dessa violência. Nem uma partícula de sangue, o que significa que a janela estava aberta quando lhe cortaram a garganta. E, apesar de que a pessoa que o matou possa ter entrado pela porta, a janela foi a sua única saída possível.

Reggie acena em direcção a Anna com a cabeça e aproximam-se ambos da janela em silêncio.

– O que é que acha? – pergunta Anna.

Reggie toca no vidro, com os dedos abertos.

– Eu diria que seria impossível, se não fosse a única outra forma de sair deste quarto. A janela é grande o suficiente sequer?

Inclinando a cabeça, Anna examina a janela e calcula que tenha cerca de um metro e meio de altura e o mesmo de largura. Grande o suficiente para que Sally,

Dante, Reggie e até mesmo Seamus consigam passar. O único que parece não conseguir caber é Lapsford. Anna não consegue imaginá-lo a espremer a sua cintura enorme por um espaço tão apertado.

– Quando a pessoa saiu do quarto, provavelmente subiu ao tejadilho para chegar à outra parte do comboio – diz Reggie.

Noutras circunstâncias, Anna acharia impossível fazer algo do género. O Phoenix parece avançar demasiado depressa para tal façanha e seria muito difícil alguém conseguir equilibrar-se no tejadilho com o movimento do comboio. Isto se não fossem projectados para fora.

A janela em si é um problema ainda maior, tendo em conta que, no Phoenix, abrem e fecham deslizando para cima e para baixo. Como a do quarto de Herb já estava quase aberta, entrar teria sido, se não simples, pelo menos, relativamente fácil de conseguir. Se a pessoa se baixasse rapidamente e entrasse com as pernas primeiro apanharia qualquer um de surpresa.

Porém, sair pela janela e fechá-la depois? O nível de dificuldade é muito maior. O assassino teria de trepar para sair da janela aberta e depois teria de a fechar, agarrado à parte lateral do comboio. Durante um nevão, ainda por cima.

Para ver se é possível, Anna dirige-se à janela ao lado da cama e abre-a suavemente com um só movimento. O vento e a neve invadem o quarto de imediato e, junto com o barulho das rodas do comboio, o assalto aos seus sentidos faz com que Anna pressione os pés no chão com força, para não ser atirada para cima da cama.

Usando o peitoril como apoio, puxa-se para fora da janela até ter o tronco todo do outro lado e percebe logo como é estranho estar do lado de fora de um comboio em movimento. É completamente errado. Especialmente, tratando-se de um comboio tão rápido como o Phoenix. A sua velocidade só dá mais força ao vento e ao frio, que trabalham em conjunto. O frio provoca-lhe, de imediato, um arrepio profundo de gelar os ossos e, para piorar a situação, há a neve. Cada floco pica-lhe a pele como se fosse uma agulha, enquanto o vento é uma grande mão invisível sempre a empurrá-la.

Enquanto está do lado de fora da janela, Anna repara em como tudo o que é isolado e silencioso quando se está aconchegado numa carruagem se torna perigosamente barulhento e real. As rodas giram a poucos metros abaixo dela, com o seu ruído metálico, e parecem ansiosas por desfazê-la em pedaços se ela cair.

E como seria fácil cair.

Bastaria alguém esgueirar-se por trás dela e dar-lhe um empurrãozinho. Pensar nisso faz com que Anna se agarre com mais força ao peitoril da janela, enquanto continua a inclinar-se para fora do comboio e olha para a janela no

outro quarto. A que estava ao lado do corpo de Herb e através da qual o assassino se esgueirou.

Uma moldura metálica plana percorre o rebordo superior do vidro, sobressaindo meio centímetro. Existe uma saliência semelhante no interior do comboio, para que os passageiros possam abrir e fechar as janelas com facilidade, bastando passar a ponta dos dedos por baixo do pedaço de metal saliente e empurrar ou puxar, tanto no interior como no exterior do comboio.

Mas será possível fazê-lo agarrado à lateral do comboio? Até agora, não tem ar disso.

Ainda pendurada do lado de fora do comboio, fustigada pelo vento, pela neve e pelo frio, Anna consegue sentar-se no parapeito da janela, com as pernas viradas para o interior. Apertando o caixilho da janela como se a sua vida dependesse disso, inclina-se o máximo possível para examinar a parte superior do comboio.

Anna apercebe-se imediatamente do seu erro. Sente o frio como se mergulhasse em água gelada e profunda, e o vento é tão forte que ela receia ser arrancada do comboio. A neve cobre-lhe o rosto, obscurecendo-lhe a visão, mas ela espreita através dos flocos e repara numa crista de metal na extremidade do tejadilho que percorre toda a extensão da carruagem. Apesar de ser espessa o suficiente para que alguém se consiga agarrar, Anna duvida de que uma pessoa fosse capaz de fechar a janela pendurada só com os braços. Também precisaria de um sítio para pôr os pés.

Regressando à sua posição original, Anna tenta encontrar na lateral do comboio um sítio em que fosse possível fazê-lo. Em ambas as direcções, o exterior do Phoenix parece ser uma extensão plana de aço inoxidável, agora coberta de gelo e neve. Só quando Anna olha para baixo é que repara em algo no qual uma pessoa fora do comboio se poderia apoiar.

A faixa cor de laranja que percorre toda a parte lateral da carruagem.

Situada imediatamente abaixo da janela, a faixa colorida não é tinta, mas um painel afixado na lateral do comboio. Tanto em cima e em baixo, é uma estreita faixa metálica na qual alguém poderia colocar os pés. Embora não fosse possível ficar ali para sempre, preso como uma aranha à lateral do comboio, Anna supõe que alguém se conseguisse segurar ao tejadilho com uma mão durante tempo suficiente para conseguir fechar rapidamente a janela com a outra.

Satisfeita com as suas conclusões, Anna volta a entrar no comboio e fecha a janela. O vento, a neve e o ruído cessam de imediato, mas ela continua a sentir o seu efeito. Tem flocos de neve presos no cabelo fustigado pelo vento e não consegue livrar-se do frio que lhe percorre o corpo. Esfregando os braços para se aquecer, vira-se para o interior do quarto.

Mas Reggie já não está lá.

Em vez disso, está na soleira da porta junto aos outros no estreito corredor.

– O assassino escapou de certeza pela janela – informa Anna. – É provável que tenha usado o tejadilho para regressar ao seu quarto.

Ela faz uma pausa, reparando na forma estranha como todos a encaram. Até mesmo Seamus olha para ela como se não a conhecesse.

– O que se passa? – pergunta ela.

– Quanto tempo estiveste com a Sal antes de vires ter comigo? – pergunta Seamus.

Ele está de pé, com os braços ao lado do corpo e a mão direita fechada num punho. Anna sente-se, de súbito, inquieta. Não gosta da forma como ele se comporta, desde a postura, ao tom de voz, e muito menos do brilho de desconfiança que vê no seu olhar.

– Quinze minutos – responde ela.

De pé ao lado de Seamus, Reggie lança-lhe um olhar curioso.

– Tem a certeza?

– Tenho.

– Então como é que isto foi parar ao quarto do Herb?

Seamus abre o punho. Quando mostra o que tem na mão, o coração de Anna pára. Não salta uma batida, nem estremece. Pára de bater.

Porque na palma de Seamus está uma pequena locomotiva, prateada e brilhante.

O alfinete do pai dela.

Anna olha para o vestido, para o sítio onde o alfinete estava no início da noite – e ainda deveria estar. Não o ter consigo faz com que seja assaltada por um sentimento de perda. Mas o buraco que se abre no seu peito é rapidamente preenchido por confusão. Quando, como e porque é que o seu alfinete desapareceu?

– Encontrei-o no chão – responde Seamus, sem intenções de lho devolver. – Enquanto estavas na janela.

– Então é óbvio que caiu ao dirigir-me para lá. Ou antes, quando entrevistámos o Herb.

– Nessa altura ainda o tinha consigo – diz Reggie. – Lembra-se da última vez que o viu preso ao seu vestido?

Anna lembra-se de reparar nele mesmo ali ao lado, na carruagem com vista panorâmica, enquanto confrontava Edith.

– Há algumas horas – responde ela. – O alfinete pode ter caído em qualquer momento desde essa altura até agora.

– Mas isso não explica como foi parar ao quarto de um homem que acabou

de ser assassinado.

É Seamus quem o constata, com uma voz suavemente exausta. Embora o seu tom pareça mais desapontado do que acusativo, Anna sabe que é isso que ele está a fazer. A acusá-la. Ou, pelo menos, considera a possibilidade de que ela seja uma assassina, o que é irónico, visto que há trinta minutos Anna fez o mesmo com ele. A dúvida que se instalou entre eles só mostra quanto o seu plano se descarrilou.

– Pode ter lá ido parar de mil maneiras diferentes – argumenta ela, embora neste momento não lhe ocorra sequer uma. A sua mente rodopia, à procura de uma razão que faça sentido. – O alfinete pode ter ficado colado ao sapato de Herb, depois de ele o ter pisado. Ou talvez tenha ficado preso num dos nossos sapatos.

Ela pára de falar, apercebendo-se do quão desesperada soa. É Lapsford quem fala a seguir, preenchendo o silêncio que se instalou.

– O mais provável é que tenha caído quando saiu do quarto à pressa.

– Se tivesse matado o Herb, acha mesmo que lhe ia contar como o fiz?

– Acho – responde Lapsford. – Para se fazer de inocente. Mas nós sabemos que traz uma faca debaixo do vestido.

O corredor parece fechar-se à volta de Anna. O seu coração volta à vida, trovejando-lhe no peito.

– Passei a última hora a falar com todos vocês, com apenas alguns minutos de intervalo entre interrogatórios. A rapidez necessária para matar o senhor Pulaski, saltar para fora do comboio e rastejar pelo tejadilho até ao meu quarto, não me daria tempo nem para fechar a minha janela, quanto mais a do quarto dele.

As palavras de Anna despertam uma ideia qualquer na mente de Lapsford. Anna vê o brilho nos olhos dele assim que a associação é feita e arrepende-se logo por não ter estado calada. Não faz ideia do que ele possa estar a pensar, mas coisa boa não é de certeza.

– Parece que vamos ter de ir ao seu quarto para confirmar isso – diz ele ao voltar-se para sair da carruagem.

– Esteja à vontade – diz Anna. – Até lhe indico o caminho.

Anna empurra Lapsford e os restantes para liderar o desfile que marcha até ao seu quarto. Um a um, vão entrando na Carruagem 12 e, depois, na Carruagem 11.

Enquanto caminham, passa por eles outro comboio que segue na direcção oposta. Como adiantou uma hora, a maioria das janelas têm as luzes apagadas e é possível ver o Phoenix reflectido numa longa fila de espelhos negros como petróleo. Quando o comboio passa deixam para trás passageiros normais, numa

viagem normal e há muito adormecidos pelo embalar suave do veículo.

É isso que este comboio é. Um sonho sobre rodas.

Embora possa ser verdade para a maioria dos comboios, Anna sabe que não é o caso do Philadelphia Phoenix. Não há sonhos nesta viagem. Só pesadelos. Um sentimento adequado às circunstâncias, pois Anna sente-se como se estivesse dentro de um, quando abre a porta do seu quarto.

No interior, uma das janelas está aberta.

Uma janela que estava fechada da última vez que Anna a viu e que, agora, está completamente escancarada, permitindo que rajadas de neve e vento gelado entrem quarto adentro e sacudam as cortinas. Há uma, em particular, que abana furiosamente. Anna agarra-a, percebendo de imediato porque é que está tão solta.

O cordão que a prendia desapareceu.

O mesmo tipo de cordão que encontraram enrolado à volta do pescoço de Edith.

Anna não faz ideia de quem possa ter aberto a janela e levado o cordão. Nem sabe quando é que isso poderá ter acontecido. Porém, enquanto o vento entra e fustiga as cortinas, Anna percebe que, este tempo todo, andou enganada quanto ao motivo dos assassínios. A pessoa responsável pelo crime não quis impedir que os outros falassem. Nem tão-pouco tinha como objectivo arruinar o plano de justiça dela.

Não é isso. O motivo para as mortes é outro – e Anna sabe exactamente qual é.

TRINTA E TRÊS

– Estão a tentar incriminar-me – conclui Anna, enquanto fecha a janela com uma pancada furiosa.

Só estão ela e Reggie no quarto. Seamus saiu para acompanhar os outros de volta aos seus aposentos.

– Tal como incriminaram o meu pai.

Anna pensa não apenas em quem foi assassinado e quando, mas também na forma como eles morreram. Judd foi envenenado por ser a primeira pessoa a admitir que participou no plano que destruiu a sua família, para não falar de que foi o primeiro a sugerir que ela os reuniu a todos ali para os matar. Edith morreu sufocada, mas num cenário em que parecia ter sido estrangulada, porque foi precisamente isso que Anna tentou fazer quando perdeu o controlo no salão. Herb morreu com a garganta cortada depois de prever que seria a próxima vítima, e de toda a gente a bordo saber que ela trazia uma faca.

Tudo isto mais o desaparecimento do cordão que foi encontrado à volta do pescoço de Edith, a janela aberta no quarto dela, o alfinete do pai e o facto de ter boas razões para os matar a todos, faz com que Anna pareça tão culpada como Judas.

– Digamos que tem razão – diz Reggie. – Quem acha que é o responsável?

– Lapsford – responde Anna. – Porque assim mata dois coelhos de uma cajadada só. Vê-se livre daqueles que o poderiam implicar nos seus crimes, ao mesmo tempo que me incrimina, pondo em causa a minha saúde mental e a inocência do meu pai.

– Acha mesmo que ele teria essa capacidade?

– Ele já fez pior no passado. Nada nos indica que não fosse capaz de o fazer outra vez.

Reggie abana a cabeça.

– Estava a falar da sua capacidade física. Para matar o Judd e a Edith, claro que tem, até seria capaz de cortar a garganta do Herb. Mas saltar pela janela para o tejadilho do comboio? Acha que seria possível para alguém com a idade e o corpo do Jack Lapsford conseguir fazer isso?

Não, Anna não acha que seria possível. Quando examinou a janela, duvidou

que Lapsford conseguisse sequer atravessá-la.

– Talvez haja uma maneira diferente de sair da sala. Algo que nos tenha escapado. Ou talvez *seja* possível trancar o ferrolho do lado de fora. Abra a minha porta para vermos se dá.

Reggie, que fechou a porta depois de Seamus sair, não se mexeu um centímetro.

– Ou talvez devesse ficar neste quarto e não sair até chegarmos a Chicago.

Anna deixa-se cair na cadeira ao lado da janela.

Reggie acha que ela é culpada.

Ele não o diz com todas as letras, mas também não precisa. Anna consegue vê-lo nos seus olhos, na sua expressão, pela forma como o seu corpo está rígido. Reggie acha que ela matou não apenas Herb, mas também Judd e Edith.

– Não acredita em mim, pois não? – pergunta ela. – Acha que eu sou a assassina.

– Não é isso que eu acho – responde Reggie.

– Então porque é que me trata como se fosse?

– Porque é o que toda a gente pensa. E receio que haja um motim se não lidar com a situação.

– E para isso vai obrigar-me a ficar neste quarto.

Em circunstâncias normais, Anna não teria problemas em ficar sozinha. Já está habituada com os anos que viveu isolada com a tia. Ficou confinada em casa mais por necessidade do que por escolha, tendo em conta que eram duas párias num mundo que olhava para o pai dela como homem com sangue-frio suficiente para matar o próprio filho. As pedras que, de vez em quando, alguém atirava contra as janelas da frente tinham notas enroladas a dizer «pai assassino». A tia Retta queimava depois o papel e usava as pedras para fazer um muro no seu jardim.

Mesmo depois de Seamus ter entrado na vida dela, Anna passava mais tempo sozinha do que acompanhada. Por isso, a solidão deveria deixá-la confortável. Mas não é isso que acontece quando ela sabe que o assassino pode ir de quarto em quarto pelo *exterior* do comboio. Não que algum sítio no comboio estivesse seguro. Afinal de contas, Judd Dodge foi assassinado numa carruagem cheia de pessoas, o que, agora que ela pensa nisso, lhe parece mais estranho do que as outras mortes.

– Há algo que não bate certo – diz ela. – Judd morreu mesmo à nossa frente. Mas a Edith e o Herb foram mortos em locais isolados, onde ninguém podia ver o que estava a acontecer. Porquê?

Reggie senta-se devagar em cima da cama.

– Se a sua teoria estiver correcta, então é para a incriminar.

– Mas não é esse o caso do Judd. Eu não preparei as bebidas. Nem sequer estava perto dele quando morreu.

– Acha que há uma razão para isso? – pergunta Reggie. – Judd Dodge foi o primeiro a morrer. Foi por ter sido pior do que os outros? Desempenhou um papel mais importante no que aconteceu?

– Sim – responde Anna. – Embora seja impossível classificá-lo numa lista de pior a menos terrível, alguns estiveram mais envolvidos no que aconteceu do que outros. E Judd Dodge, por ter construído a locomotiva que explodiu, está no topo da lista. Mas não creio que nenhum dos outros o odiasse a sério.

– E você?

Anna volta-se como se tivesse sido apanhada de surpresa pela pergunta desnecessária.

– Eu odeio-os a todos. Demasiado para os matar.

– E tem a certeza de que o senhor Dodge não se suicidou?

– Certeza não tenho. Duvido muito. Mas a verdade é que não faço ideia de como aconteceu. Havia muita coisa a acontecer.

Nos dez minutos seguintes, Anna descreve tudo o que aconteceu a Reggie, desde o momento em que chegou ao salão, passando pelo desfile dos convidados até à parte da frente do comboio, quando tentaram convencer o maquinista a parar, até Dante acabar atrás do bar, a misturar os *Martínis*.

– Acha que ele pode ter envenenado a bebida do Judd? – pergunta Reggie.

Anna acha que não – e não apenas porque tem a certeza de que Dante é inocente.

– Ele misturou os *Martínis* todos com o mesmo *shaker.*

– E se colocou o veneno depois de os ter servido?

Anna também pensa que não, pois lembra-se claramente de ver Dante a deitar as bebidas nos quatro copos, antes de abrir bem os braços e dizer: «Já podem vir buscá-los». Depois disso, afastou-se enquanto os outros se aproximaram do bar e escolheram um *Martíni* ao calhas. Primeiro Sal, depois Herb, Lapsford e, por último, Judd.

– Ora aí está – exclama Reggie. – Um deles deve ter deitado o veneno no copo dele enquanto escolhiam.

– Mas eu estava a observá-los – diz Anna. – Todos estávamos.

Ela fecha os olhos, repetindo a cena na sua cabeça, como se fosse um filme. Brilhante e cintilante. Vê-a como filme, também. Um que já viu. Mas, em vez se deixar captar pelo enredo, procura no cenário pormenores que podem ser importantes e lhe escaparam no momento. Vê Sal a pegar no seu copo e Herb no dele. Depois, vê Lapsford decidir-se por um copo, mas acabar por escolher outro, ficando Judd com o que faltava.

Anna endireita-se na cadeira quando lhe ocorre um pormenor que tinha esquecido. Lapsford a roçar em Judd ao sair do bar. Embora breve, esse contacto pode ter sido o momento em que Lapsford envenenou o copo de Judd antes de se afastar descontraidamente.

Mas Anna apercebe-se depressa de que não pode ter sido isso. O contacto entre eles aconteceu quando Judd ainda se dirigia para o bar, o que significa que Judd não tinha um copo na mão no momento em que Lapsford passou por ele. E Judd não teve ninguém por perto depois de ter levado a sua bebida para o centro da carruagem.

Anna continua a reproduzir o momento na sua cabeça, contando a Reggie tudo o que vê na sua memória. Sal a beber a sua bebida de um só trago, com o batom a manchar a borda do copo. Herb, nervoso, a bebericar do seu. Lapsford a olhá-la por cima do seu copo, sendo provável que estivesse nesse preciso momento a acabar de planear o seu falso ataque cardíaco. Judd, sozinho, parecia tão desinteressado na sua bebida que até bocejou.

Depois disso, fica tudo muito confuso. Havia tanta coisa a acontecer no salão. Primeiro o comboio que passou por eles, seguido pelo ataque que Lapsford fingiu e, depois, a morte súbita de Judd que apanhou toda a gente de surpresa. Embora nesses momentos de tensão lhe tivessem escapado muitos pormenores, Anna certificou-se de que decorava a localização de toda a gente. Ninguém, em nenhum momento, se aproximou o suficiente de Judd para o envenenar enquanto ele ainda tinha o copo na mão.

Mas o copo dele *tinha* veneno. Ela viu com os seus próprios olhos um resíduo arenoso no interior do copo, com o mesmo cheiro do veneno para rato que estava guardado na cozinha. Por isso, a única pessoa que o poderia ter colocado lá foi o próprio Judd.

Anna arqueja quando, de repente, se lembra.

Um pormenor que lhe faltava e no qual só reparou vagamente, sem se aperceber da importância que poderia ter. Mas também não era como se ela tivesse forma de saber. Afinal, como é que poderia considerar uma coisa que nem sequer aconteceu importante?

– Ele não bebeu do copo – diz Anna. – Durante todo o tempo em que teve o *Martíni* na mão, ele não deu um único gole.

Reggie anima-se.

– Tem a certeza?

Em vez de responder, Anna levanta-se, indicando que sim, tem a certeza. Não só de que Judd não deu um único gole do seu *Martíni*, mas também de que ele não foi envenenado.

A ideia de que Judd fingiu a sua morte este tempo todo ruge tão alto dentro

da sua cabeça que se sobrepõe ao barulho do próprio comboio. E, enquanto corre para a porta, só consegue pensar numa razão que o tenha levado a fazer isso.

Anna sai de rompante do quarto, deixando Reggie sem outra opção senão segui-la. Seamus ouve-os e, confuso, espreita do seu quarto.

– O que se passa? – pergunta ele.

– Explico-te mais tarde – responde Anna enquanto passa para a carruagem seguinte.

Seamus segue-a, juntando-se a eles no final da fila atrás de Reggie. Por cima do ombro, Anna questiona:

– Quando verificaste o pulso do Judd, tens a certeza de que não sentiste nada?

– Tenho – confirma Seamus. – Não senti nada.

Reggie olha brevemente para trás.

– Sabe qual é a forma correcta de verificar o pulso a alguém?

– Há uma maneira correcta?

– Então isso é um «não» – resmoneia Reggie.

Seamus bufa para a parte de trás da cabeça dele e diz:

– Quem é você para julgar? E para onde é que estamos a ir?

– Para o quarto do Judd – responde Anna entre carruagens.

– Porquê?

– Porque ele pode ser o assassino.

Anna abranda o passo quando entram na penúltima carruagem do comboio. É um abrandar inconsciente, como se não quisesse acordar os mortos que agora descansam nos seus quartos. Um dos quais, ao que parece, pode não estar assim tão morto. Outra razão para Anna não fazer barulho, pois se Judd ainda estiver vivo, não quer que ele perceba que estão a chegar.

Do lado de fora da porta do Quarto C, Anna encosta o dedo indicador aos lábios, fazendo sinal a Reggie e a Seamus para também serem silenciosos. Como o homem no interior do quarto foi dado como morto, Anna sabe que a porta está destrancada. Estende a mão, pegando na maçaneta devagar e, depois, sem aviso prévio, abre a porta de rompante.

Reggie entra primeiro, invadindo a divisão antes que Anna tenha sequer hipótese de se mexer. Seamus segue-o, entrando no quarto logo atrás dele. Anna, que foi empurrada para o lado sem qualquer cerimónia, entra a seguir. Com as costas robustas dos dois homens a impedirem-na de ver o interior do quarto, ela só consegue vislumbrar, no espaço entre os seus corpos, a janela, a cadeira que está ao lado e a porta da casa de banho.

Reggie e Seamus ainda lhe bloqueiam a visão do quarto quando viram a esquina para a cama, que ocupa a outra metade da divisão. Mais uma vez, Anna

vê apenas pequenos fragmentos. Uma tira de lençol. Um bocado da cabeceira da cama.

Mas não vê Judd Dodge em lado nenhum.

Por uma boa razão.

Seamus e Reggie separam-se, permitindo-lhe, por fim, ver o quarto todo. Porém, Anna vê uma cama vazia e um lençol atirado para o lado, que outrora foi usado para cobrir o que todos pensavam ser um cadáver.

Mas de Judd não há sinais de vida.

TRINTA E QUATRO

Sentado na escuridão, Judd Dodge fica aliviado por já não ter de fingir que está morto. Ao todo, foram quase seis horas. Primeiro, teve de aguentar um tempo interminável no salão, durante o qual estava certo de que o iam apanhar e, depois, teve de ficar horas no último compartimento da penúltima carruagem do comboio.

Além das suas breves visitas a outras partes do comboio, permaneceu exactamente onde o colocaram na cama do Quarto C, com receio de que, se se deslocasse para demasiado longe durante demasiado tempo, alguém notasse. Por isso, ficou completamente imóvel debaixo do lençol enquanto o seu cérebro não parava de o atormentar. E se alguém olhasse para ele e reparasse no seu peito a subir e a descer? E se lhe verificassem o pulso? Desta vez, da forma certa e não como Seamus, que, felizmente para Judd, se enganou por um centímetro ou dois.

Porém, acabou por se cansar destas restrições, ficando tão ansioso que a vontade de se mexer se tornou incontrolável. E só piorou quando ouviu alguém a fazer barulho a dois quartos de distância. Fingir-se de morto quando estava quase sempre sozinho na carruagem era uma coisa, mas fazê-lo na presença dos outros a conversa era outra.

Por isso, fugiu, apesar de não estar nos planos. Não que Judd se importe muito. Para ele, a sua maior preocupação é: e se o resto do plano falhar?

Nada lhe indica que tal vá acontecer, especialmente depois de ter actuado de forma tão perfeita. Só precisou de uma pequena distracção não planeada, na qual o temporário problema cardíaco de Jack Lapsford veio mesmo a calhar, e alguns truques de magia à moda antiga.

Quando se apercebeu de que o comboio tinha deixado a estação vazio, Judd suspeitou que a filha de Art Matheson estivesse por detrás da viagem – e que planeava vingar-se. O seu palpite foi confirmado assim que viu os outros convidados. Nessa altura, percebeu que havia um plano em andamento.

E Judd veio preparado.

Enquanto todos discutiam no salão, ele manteve-se concentrado na pequena quantidade de pó branco que escondeu no seu relógio de bolso. Veneno para ratos, que encontrou debaixo do lava-loiça quando passou pela cozinha, depois

de descobrir que o resto do comboio estava vazio.

Quando abriu o relógio para ver as horas, deitou o pó no seu copo de *Martíni*, deixando a maior parte – mas não todo – dissolver-se no *cocktail*. Afinal de contas, tinha de dar aos outros uma forma de descobrirem como é que ele tinha sido «envenenado».

Para os convencer do truque, fez questão de ter espuma com manchas vermelhas a sair-lhe pelos lábios. Uma façanha improvisada da qual tem muito orgulho e que pode, muito bem, ser o seu truque mais difícil, uma vez que foi assim que levou toda a gente a acreditar que estava morto. Agora, tem certeza de que sabem que está vivo. Assim como sabem tudo o que fez.

Judd olha para as mãos, grato por não conseguir vê-las na escuridão e ficar a ponderar nas mortes que causaram.

Até há doze anos, nunca pensou que se tornaria num assassino. Mesmo depois de poder ser rotulado como um, Judd ainda se sentia ligeiramente afastado do acto. Algo que ele construiu matou pessoas. Não ele. Não com as suas próprias mãos. Pelo menos, foi isso que disse a si mesmo durante as longas noites de insónia em que não conseguia sentir mais nada a não ser culpa.

Agora, já não pode mentir a si próprio.

Ele é um assassino.

E matará outra vez se for necessário.

Se isso significar que consegue escapar ao seu destino, então matará todas as pessoas a bordo deste comboio.

04H00

QUATRO HORAS ATÉ CHICAGO

TRINTA E CINCO

Enquanto uma das sete pessoas que ainda estão vivas a bordo do Philadelphia Phoenix aguarda escondida na escuridão, as outras seis juntam-se no salão da primeira classe, a pedido do agente Reggie Davis. Quer conscientemente ou não, nenhum deles se senta perto das janelas, ficando todos juntos no meio da carruagem, com os olhos postos em Reggie, que está de pé ao lado do piano.

– Como todos já sabem, Judd Dodge está vivo, de boa saúde e escondido algures neste comboio – informa ele. – Presumimos também que seja o assassino.

– Acha que foi ele quem matou a Edith e o Herb? – pergunta Lapsford e, pela primeira vez, sem nenhum resquício da sua habitual arrogância. *Está assustado*, pensa Anna. Se não está, devia. Ela, definitivamente, está.

É verdade que ela tem estado com os nervos à flor da pele mesmo antes do Phoenix sair da estação. Porém, essa preocupação existia por recear que a viagem não corresse como planeado. Agora que o seu plano se descarrilou por completo, a ansiedade que sentia transformou-se num medo mais primitivo.

Ela pode morrer nas próximas horas.

Anna sabe que esse cenário esteve sempre presente, a ressoar no seu subconsciente, tão constante como o barulho das rodas do comboio. Mas agora tornou-se tão alto e estridente que é impossível de ignorar, e Anna tem dificuldade em concentrar-se seja no que for, ouvindo ao longe a resposta de Reggie à pergunta que Lapsford colocou.

– Acho – responde ele.

– Porque é que ele faria isso? – questiona Sal.

Anna tem-se perguntado o mesmo. Porque é que alguém como Judd haveria de, em primeiro lugar, fingir a sua própria morte e, em segundo lugar, passar este tempo todo a passear pelo comboio e a matar pessoas, incriminando-a no processo? Anna compreende um pouco esta última parte, pois se parecesse que foi ela quem matou Edith e Herb, ele poderia destruí-la como fez com eles.

Embora esteja aliviada por, pelo menos, ter sido ilibada dessa suspeita, Anna não consegue parar de se preocupar com os outros motivos de Judd. Qual é o seu

objectivo, exactamente? Mesmo se tivesse continuado morto até ao fim da viagem, o seu estratagema terminaria assim que as autoridades entrassem no comboio em Chicago e o prendessem com os outros.

O seu instinto diz-lhe que há outra razão. Uma muito mais assustadora do que tentar incriminá-la. Talvez planeie matá-los a todos e, depois, tente escapar no último segundo. Ou talvez tenha apenas perdido a cabeça e a insanidade seja a sua única razão. Se for esse o caso, então têm todos bons motivos para se preocuparem.

– *Como* é que ele o fez? – pergunta Dante.

Anna tem uma ideia, e está relacionada com a destreza de mãos de Judd. Claro que o homem que tirava bengalas doces do nada consegue fingir que morreu envenenado. O facto de Seamus, que não é médico nenhum, ter admitido que não sabia bem como medir a pulsação também ajudou.

– Como não estava lá para ver, não sei – responde Reggie. – Mas, segundo sei, você e o senhor Callahan transportaram o corpo dele para o quarto. *A minha* pergunta é: como é que não se aperceberam de que ele ainda estava vivo?

Anna não tinha pensado nisso, nem mesmo depois de terem entrado no quarto vazio de Judd e confirmado que estava, de facto, vivo. No entanto, a avaliar pela forma como Seamus e Dante ficam tensos, Anna começa a pensar se algum deles não saberá mais do que está a deixar transparecer. Ela espera que não. Mais do que esperar, ela duvida, pois com o choque e a confusão que se seguiu à morte a fingir, foi fácil não se aperceberem de que ele não estava mesmo morto. Nem mesmo Anna, que se sentou ao lado dele no chão, notou.

Mas, por outro lado, ela não teve tanto contacto com o corpo como Seamus e Dante. Não o levantou do chão pelas pernas e pelos ombros, nem o carregou através de três carruagens até ao quarto dele e o deitou na cama. Seria possível alguém fazer tudo isso sem perceber que o homem que tem nas mãos ainda está vivo? Especialmente Seamus, que o pegou pelos ombros?

A única resposta que Anna consegue encontrar é: talvez. Afinal de contas, o corpo de Judd esteve tapado com uma toalha de mesa o tempo todo e, por isso, não seria possível para Seamus reparar nas suas pálpebras a pestanejar, nem no ligeiro subir e descer do seu peito, enquanto respirava sub-repticiamente.

Anna olha para Seamus de soslaio, perscrutando-lhe as feições enquanto ele responde:

– O que achas que devia ter feito? Uma autópsia? O homem parecia morto, por isso presumi que estivesse.

– Ele tem razão – diz Dante, num raro momento em que ambos estão de acordo. – Todos nós pensámos que ele estava morto. Especialmente, porque achámos que tínhamos acabado de o ver a morrer. Mas também não fui eu quem

lhe verificou o pulso.

E assim terminam as tréguas entre eles. Encarando-se de forma ameaçadora, Anna é apanhada no fogo cruzado do seu desprezo mútuo. Com a expressão mais severa que ela lhe viu durante toda a noite, Seamus pergunta:

– O que estás a insinuar? Que ajudei o Judd a fingir a sua própria morte?

– Talvez – responde Dante.

Seamus avança na direcção dele.

– E talvez eu devesse dar-te um murro nessa cara de menininho rico.

– Parem com isso – ordena Anna, colocando os braços à frente deles para pôr um ponto final no que receia poder vir a ser uma cena de pancadaria. – Os dois. Neste momento, temos de nos concentrar no facto de termos tido um assassino a vaguear pelo comboio durante toda a noite.

Agora, Anna não tem dúvidas de que vira Judd Dodge a passear pelo comboio no início da noite. Não estava a imaginar coisas. E, definitivamente, não viu o irmão. Apenas Judd, um fantasma de carne e osso, a caminho para ir assassinar Edith. Anna assume que os seus caminhos nunca se cruzaram porque Judd entrou no seu quarto à socapa para cortar o cordão do cortinado que, mais tarde, encontraram enrolado no pescoço de Edith.

Só restam duas perguntas: onde está Judd agora e quem é que ele planeia matar a seguir?

O facto de ele planear matar outra vez é, no entender de Anna, um dado adquirido. Não se deu a este trabalho todo para parar por aqui. E ela receia que, com ele, seja uma questão de tudo ou nada.

– Quais são as probabilidades de o Judd, suspeitando que acabaríamos por apanhá-lo mais cedo ou mais tarde, não ter simplesmente saltado do comboio? – pergunta Reggie.

– Quase nenhumas. Ele sabe que se fizer isso o mais provável é morrer. Se não for da queda, será da tempestade. – Anna volta a cabeça para a janela, onde o nevão continua intenso. – Não me parece que se fosse dar ao trabalho de fingir a própria morte só para arriscar a sua vida a sério horas depois.

– Então vamos supor que ele ainda está neste comboio – diz Reggie. – Alguém tem alguma ideia de onde?

Anna abana a cabeça.

– O Judd Dodge ajudou a construir o Phoenix. Ele conhece este comboio como a palma da mão. Todos os cantos e recantos. E, como sabemos agora, é capaz de usar o tejadilho para se deslocar de um lado para o outro. Honestamente, pode estar em qualquer lugar.

– Então, temos de revistar o comboio todo – diz Reggie.

– Ou podemos ficar aqui – sugere Lapsford. – Duvido que o Judd tente matar

algum de nós se estivermos todos juntos.

– O comboio chegará a Chicago daqui a… – Reggie olha para Anna e aguarda pela resposta.

– Quatro horas.

– É demasiado tempo para ficarmos aqui com esperança de que o Judd não volte a atacar – diz Reggie. – Temos de o encontrar antes que ele nos encontre. É a única maneira de chegarmos vivos ao fim desta viagem.

– Mas não acha que é exactamente isso que ele quer? – replica Seamus. – Que nos separemos para que nos possa apanhar um a um?

– É provável – concorda Anna. – Mas o Reggie tem razão. Não podemos partir do princípio de que o Judd vá ficar escondido até chegarmos a Chicago.

Reggie afasta-se do piano e caminha até ao centro da carruagem.

– Proponho que revistemos o comboio em dois grupos de dois. Um par fica com a parte da frente, o outro com a parte de trás.

– Quem é que fica com quem? – pergunta Seamus.

– Você e eu devíamos estar em grupos separados – diz Reggie, optando de forma sábia por não explicar porquê. Não é boa ideia relembrar toda a gente de que estão os dois armados. – A Anna vem comigo.

– Ao que parece vou ter de ficar com o Seamus – diz Dante.

Seamus faz uma careta.

– Eu vou sozinho, se não te importares.

– Não confias em mim?

– Não – responde Seamus. – Sei lá se também não estás metido nisto. Foi o teu pai quem causou isto tudo, lembras-te?

– Eu não sou o meu pai.

Anna agita-se enquanto Seamus e Dante se olham fixamente.

– Agora não é altura para discussões. Dêem-se bem até encontrarmos o Judd. Depois disso, podem voltar a odiar-se à vontade.

Anna fita Seamus com um olhar que diz: «*Não me vou voltar a repetir*», ao qual ele responde com um aceno de cabeça relutante. Com isso, fica decidido que Anna e Reggie revistarão a parte da frente do comboio, e Seamus e Dante a parte de trás.

– Acha que o Judd está armado? – pergunta Dante.

– É possível – responde Reggie. – E, como sabemos agora, ele é perigoso. Mantenham-se juntos. Procurem em todo o lado. E não baixem a vossa guarda.

Seamus anui com a cabeça.

– O que devemos fazer se o encontrarmos?

– Dêem-lhe um tiro – diz Reggie. – Um tiro certeiro na perna. Assim, vamos conseguir pará-lo sem que se percam mais vidas.

– E quanto a nós? – pergunta Lapsford, levantando-se. – Vamos ficar aqui sentados só à espera?

– Sim – responde Reggie.

Sal também se levanta, tão ansiosa por abandonar a divisão, que o seu corpo se vira inconscientemente na direcção da porta.

– Não vou ficar aqui à espera de que o Judd me mate.

– Nem eu – acrescenta Lapsford.

– Preferem trancar-se nos vossos quartos e rezar para que ele não vá entrar pela janela e atacar-vos? – pergunta Anna.

– Não. – Sal endireita o corpo e avança com determinação. – Prefiro ajudar-vos a encontrar esse sacana.

Anna fica a olhar para ela, questionando-se se será mesmo de confiança. É provável que não. Até agora, Sal provou ser tudo menos digna disso. No entanto, Anna também sabe que não tem lá grande escolha. As circunstâncias exigem que reúnam toda a ajuda possível.

– E se eu não quiser procurar? – pergunta Lapsford.

Sal vai para trás do bar e pega em duas garrafas de champanhe.

– Temos pena – diz ela, enquanto passa uma das garrafas para as mãos de Lapsford, segurando na outra pelo gargalo e empunhando-a como se fosse um taco. – Temos de nos manter unidos e de encontrar o Judd antes que ele nos encontre. Por onde quer que comecemos?

– Vocês os dois podem patrulhar esta carruagem e a sala de jantar – responde Reggie.

Agora é oficial.

Quer queiram, quer não, estão todos juntos nisto.

TRINTA E SEIS

Enquanto Seamus e Dante se dirigem para a parte de trás do comboio, Reggie e Anna revistam a parte da frente, começando pelo furgão. Basta uma olhadela para verem que está vazio.

Depois, passam para a carruagem de segunda classe, onde há muito poucos sítios para procurar. Apenas debaixo dos bancos e nas bagageiras que estão abertas ao longo da carruagem, por cima deles. Em ambos os casos, se Judd estivesse lá, vê-lo-iam logo.

O único esconderijo digno desse nome é a casa de banho, num canto das traseiras, tão pequena como uma despensa. Reggie posiciona-se no meio do corredor, com a arma apontada para a porta, enquanto faz um gesto para que Anna a abra.

Ela aproxima-se lentamente da porta, consciente de que Judd Dodge pode estar do outro lado, com a mesma lâmina que usou para cortar a garganta de Herb Pulaski na mão. Pensar que ele poderia fazer a mesma coisa com ela, faz com que a mão lhe trema ao segurar no trinco da porta.

Ela levanta-o, muito devagar, com o corpo todo a tremer. Durante este tempo todo, Anna teve cuidado para não fazer barulho, caso contrário, Judd poderia descobri-los. Mas apercebe-se de que é possível que ele já saiba que estão ali, e esteja pronto para atacar.

Com o trinco aberto, Anna abre um bocadinho a porta e, pela fresta, é possível ver uma fenda de escuridão e mais nada. Apenas um negrume espesso e ameaçador. Encosta o ouvido junto à pequena abertura, para tentar detectar movimento ou ouvir alguém a respirar, mas tudo o que ouve é a sua própria respiração, que se torna mais superficial e irregular a cada segundo que passa. Ela olha para Reggie, que lhe acena com a cabeça para que abra a porta até ao fim.

Anna abre-a e salta para trás antes que Judd a consiga atacar com a sua faca.

Mas Judd não está lá.

A casa de banho está vazia.

Ainda assim, ela não pára de tremer.

– Está com frio? – pergunta Reggie.

Anna anui, embora não tenha a certeza se é da temperatura ou do medo que a percorre.

Reggie tira o casaco e entrega-lho.

– Está a ir muito bem – elogia Reggie enquanto ela o veste, agradecida.

Depois, repetem o mesmo processo na carruagem de segunda classe e Anna obriga o seu corpo a tremer menos. Quando se aproximam da casa de banho, levanta o trinco e abre a porta. Também está vazia.

– Foi aqui que se escondeu? – pergunta Anna ao dirigirem-se para a carruagem-cama.

– Sim – diz Reggie, sendo visível que ficou impressionado com a pergunta.

– Porque é que não se mostrou nessa altura?

– Porque receava estar a entrar numa zona de batalha. – Reggie grunhe e olha à volta da carruagem. – Parece que tinha razão.

– Enquanto responsável inadvertida por essa zona de batalha, peço desculpa – diz Anna.

Depois de verificarem a casa de banho na parte de trás da carruagem-cama e não encontrarem nada, seguem para o salão da carruagem de segunda classe. Aqui, há ainda menos sítios para alguém se esconder, apenas cadeiras e mesas de apoio sob as quais só crianças se conseguiriam enfiar. Anna sabe, porque era precisamente isso que ela e Tommy costumavam fazer em miúdos, quando o Philadelphia Phoenix era quase uma segunda casa para eles.

A velocidade da busca abranda na carruagem de lazer adjacente, onde existem vários locais para alguém se esconder. Além do balcão onde a comida é servida, há o armário da limpeza na parte da frente da carruagem. Foi aqui que Anna pensou que o veneno que matou Judd poderia estar guardado, e, agora, é o local mais provável onde Judd pode estar escondido, vivinho da silva.

Reggie e Anna assumem as suas posições. Com a arma apontada, Reggie está de frente para a porta, que Anna começa lentamente a abrir. Desta vez, quando a fenda entre a porta e o caixilho aparece, não há uma pausa que permita a Anna espreitar ansiosamente através dela. A porta abre-se imediatamente sozinha.

Anna salta para fora do caminho.

Reggie encosta o dedo ao gatilho da arma.

Porém, em vez de Judd Dodge, emerge da escuridão do armário apenas uma esfregona, duas vassouras e um balde de metal, que se espalham depois pelo chão.

– Bem – diz Reggie, soltando um risinho aliviado. – Posso dizer com toda a honestidade que foi a primeira vez que fui atacado por uma esfregona.

– Não é um risco com o qual se depare muitas vezes, pois não? – pergunta

Anna.

– Não. Por norma, os maus da fita são um pouco mais animados.

– O que sente quando apanha um deles? – pergunta Anna.

Reggie coça o queixo, reflectindo.

– Satisfaz-me. Saber que estou a contribuir para um bem maior. Alguma vez pensou em fazer algo semelhante?

– Todos os dias durante o último ano.

– Estava a falar depois disto acabar. O que tenciona fazer?

Anna questionou Seamus acerca do mesmo há pouco mais de uma hora. A resposta que ela dá agora é a mesma que a dele.

– Não faço ideia.

– Bem, na minha humilde opinião, acho que daria uma agente do FBI e pêras.

– Há agentes que são mulheres?

– Ainda não – insinua Reggie.

– Eu gosto de um desafio. – Anna ajoelha-se e pega numa esfregona. – Dá-me permissão para atirar estes gajos de volta para a choldra?

– Permissão concedida – diz Reggie, permitindo-se esboçar um leve sorriso. – Vou começar a revistar a cozinha.

Ele desaparece na carruagem do lado, enquanto Anna continua a guardar o material de limpeza. Volta a colocá-lo no armário e fecha a porta. A caminho da porta na parte de trás da carruagem, olha pelas janelas e contempla a tempestade que, no exterior, continua a assolar tudo à sua volta. Um nevão total. Fica parada por momentos, tentando perceber se o Phoenix abrandou. As pernas de comboio de Anna dizem-lhe que não e que continua a avançar a toda a velocidade.

Com um suspiro de alívio, Anna junta-se a Reggie na cozinha. A divisão está mal iluminada, uma vez que a única fonte de luz vem de cima do fogão. Banhada por aquela luz pálida, Anna vê alguma coisa pousada numa poça no meio do chão. Quando os seus olhos se ajustam à escuridão, ela apercebe-se do que é.

Não é uma coisa.

Mas sim alguém.

Anna aproxima-se e vê Reggie no chão, no meio de uma poça de sangue que não pára de aumentar. Ela ajoelha-se ao lado dele, enquanto ele a olha com as pupilas dilatadas pela dor.

Ainda está vivo, graças a Deus.

Pelo menos, para já.

A quantidade de sangue que está no chão não é um bom sinal, assim como a faca, com sangue a pingar da lâmina, pousada a alguns metros de distância.

– O sacana esfaqueou-me – diz Reggie, inspirando o ar por entre os dentes.

Anna não lhe pergunta quem foi. Tem medo de que, se falar, Reggie consiga perceber o quão assustada está neste momento. O quão completamente aterrorizada se sente.

Porque o seu pior receio tornou-se realidade.

Judd Dodge voltou a atacar.

E, desta vez, já não anda atrás dos culpados.

TRINTA E SETE

Anna passa os olhos pela cozinha, à procura de um estojo de primeiros socorros que deve existir algures. Quando vê um na parede, corre para o ir buscar, abrindo-o com força e deixando cair o seu conteúdo no chão. Ela ajoelha-se e procura por entre tubos de pomada para queimaduras, um frasco de mercurocromo e pequenos frascos de comprimidos que chocalham, aquilo de que precisa. Compressas de gaze. Fita adesiva. Tesouras para cortar a fita.

Contudo, antes de Anna poder usar isto tudo, tem de examinar a ferida. Ao levantar a camisa de Reggie, depara-se com um corte de cinco centímetros que lhe rasga o tecido, mas não se detém, pois é o corte de tamanho semelhante na parte inferior esquerda do estômago que a preocupa. Embora não seja muito longo, parece assustadoramente profundo, com o sangue a jorrar sem parar da pele enrugada.

Anna desembrulha uma compressa de gaze e pressiona-a sobre a ferida. O sangue ensopa o tecido de imediato, borbulhando por baixo. Anna cobre a ferida com mais gaze, prendendo-a no sítio com a fita adesiva.

Uma solução temporária.

Reggie precisa claramente de levar pontos. Se Anna não conseguir encontrar uma forma de fechar a ferida, é provável que se esvaia em sangue dentro de uma hora ou duas.

Frenética, Anna levanta-se e começa a procurar agulha e linha em todas as gavetas, deitando tudo para fora. Não encontra nada. Com o tempo a escassear, ela conclui que talvez seja mais fácil encontrar o que precisa noutra parte do comboio. Contudo, não pode deixar Reggie sozinho. Não quando Judd ainda pode estar por perto.

– Consegue levantar-se? – pergunta ela.

Reggie lança-lhe um olhar reservado.

– Tenho escolha?

– Receio que não.

– Tome isto – diz Reggie, entregando-lhe a arma que ainda segurava na mão. Demasiado atordoada ao ver a faca e o sangue, Anna não reparou que Reggie a tinha. Agora, recebe-a com mãos sujas de sangue e enfia-a no bolso do casaco

que Reggie lhe emprestou.

Ele expira, anui com a cabeça e tenta levantar-se do chão. Anna junta-se a ele para o ajudar, baixando-se para que lhe coloque o braço sobre os ombros e transfira a maior parte do seu peso para cima dela. Juntos, caminham pela cozinha e Reggie silva de dor a cada passo que dão.

– Aconteceu tão depressa – informa ele. – Virei costas durante um segundo e, no seguinte, ele atacou-me com a faca.

– O Judd?

– Sim.

Saber que Judd ainda pode andar por perto e está pronto para atacar outra vez faz com que Anna acelere o passo. Abrem a porta da carruagem-restaurante, ao mesmo tempo que Lapsford e Sal entram do outro lado.

– Que raio aconteceu? – questiona Lapsford ao ver Anna e Reggie a coxear.

– O Judd atacou-o. Viram alguém?

– Não – responde Sal. – Ninguém passou por aqui, nem pelo salão.

– Mas ele veio por aqui – insiste Anna. – Para onde é que terá ido?

Um silêncio tenso paira sobre a carruagem e eles olham os quatro para o tecto.

– O tejadilho – resmoneia Reggie. – Ele está no raio do tejadilho.

– Temos de ir – diz Anna. – Todos nós. Agora mesmo.

Dirigem-se em grupo para o salão e Anna aproveita para ir rapidamente ao bar e pegar numa garrafa de vodca. Vai precisar de limpar a ferida com alguma coisa. Depois, vão para a Carruagem 11 e Anna e Reggie param à porta do quarto dele.

– Tens um estojo de costura? – pergunta Anna a Sal. – Preciso de lhe coser a ferida.

Sal anui com a cabeça.

– Volto já.

Anna arrasta Reggie para dentro do quarto e o sangue começa a ensopar os lençóis assim que ela o deita na cama. Entretanto, Sal regressou, atirando-lhe um estojo de costura para as mãos. Anna abre-o e encontra agulhas, tesouras e vários carretéis de linha. Não é o ideal – as agulhas não estão esterilizadas e a linha está longe de ser a coisa mais adequada para dar pontos cirúrgicos – mas vai ter de servir.

– Volta para o teu quarto – ordena a Sal. – Tranca a porta. Mantém-te afastada das janelas.

Anna faz o mesmo no quarto de Reggie. Depois, lava as mãos na casa de banho, enfia a linha na agulha e deita vodca na ponta. Pegando num pano, Anna regressa para junto de Reggie e retira a gaze encharcada de sangue. Em seguida,

rega o pano com vodca e começa a limpar a ferida. Ao encostar o pano à ferida, Reggie solta um guincho agoniado.

– Dê-me isso – diz ele, tentando alcançar a garrafa.

Anna entrega-lha, e ele dá vários goles longos e sôfregos. Depois de se sentir fortalecido, vira-se com cuidado para o lado que não tem a ferida, de forma a dar a Anna melhor acesso. Ela limita-se a olhar para o corte, petrificada. De todos os cenários que imaginou – e imaginou muitos – este nunca lhe ocorreu.

Reggie bebe mais um gole de vodca.

– Já alguma vez deu pontos a alguém?

– Ah, sim, a toda a hora.

Reggie dá meio trago.

– Então já sabe que deve começar por apertar a pele numa das extremidades e passar o fio, pelo menos, duas vezes antes de o atar.

– Claro – diz Anna, participando na farsa, porque assim é mais fácil para ambos ignorarem que a verdade é que ela não faz ideia do que está a fazer.

Apesar da vodca que bebeu, Reggie fica na mesma com o corpo tenso quando ela aperta a extremidade inferior do corte, tal como ele lhe indicou, e se prepara para enfiar a agulha pela pele. Reggie faz-lhe sinal para que continue e ela começa a perfurar ambas as extremidades da ferida e a juntá-las com a linha.

Reggie estremece e dá mais um gole.

– Além de coser estranhos, que mais faz para se divertir?

– Para me divertir? – pergunta Anna.

– Sim. *Hobbies*. Para passar um bom bocado.

Anna ata o fio depois de o passar três vezes pela borda da ferida.

– Eu sei o que a palavra «divertir» significa.

– Mas pela sua resposta consigo ver que não tem nenhum *hobbie*.

– Vou ao cinema, às vezes – diz Anna, enquanto cose a ferida lentamente como se fosse um remendo. Ela finge que é mesmo isso que está a fazer. A remendar um vestido e não a coser pele, com sangue a escorrer-lhe pela ponta dos dedos.

– Só isso? – pergunta Reggie com os dentes cerrados, fingindo também que está apenas a ter uma conversa normal e não a receber um procedimento de emergência que lhe pode salvar a vida. – Um filme qualquer? E musicais?

A pergunta surpreende Anna de tal forma que a sua mão quase falha.

– Musicais?

– Vá lá, já ouviu falar de musicais. Pessoas no palco a cantar e a dançar. São muito populares.

– Tenho a certeza de que são – diz Anna, agora a meio da ferida que se fecha mais a cada puxão do fio. – Presumo que seja fã.

– Adoro-os – exclama Reggie, com a sua voz a ganhar um tom sonhador. Anna assume que se não é efeito da vodca é da perda de sangue. Ela reza para que seja a primeira. – Dêem-me um enredo interessante e algumas melodias cantaroláveis, e estou no céu. Quando isto acabar, devia deixar-me levá-la a ver um.

Anna levanta o olhar da ferida meio cosida.

– Está a convidar-me para um encontro enquanto lhe dou pontos?

– Talvez – responde Reggie, bebendo da garrafa mais uma vez. – Não precisa de ser um encontro. Podíamos ir como amigos.

– Amigos?

– Presumo que também não tenha muitos desses.

– Tenho andado ocupada – diz Anna baixinho.

– A planear a sua vingança.

– Sim – confirma ela. – Durante o último ano, todos os meus pensamentos, tudo o que fiz, todos os malditos minutos do meu tempo foram gastos a preparar a viagem desta noite. E agora foi tudo por água abaixo.

– Parece que toquei na ferida – diz Reggie.

Anna puxa o fio com excesso de zelo, certificando-se de que Reggie sente a linha a apertar-lhe a carne.

– E eu consigo tocar em várias – riposta ela.

– Desculpe – pede ele, com a voz distante e mais fraca a cada segundo que passa. – É uma maneira tão triste de viver.

– O que haveria de ter feito?

– Tal como já lhe disse antes, devia ter deixado que as autoridades tratassem do assunto.

– Estas pessoas destruíram a minha família – argumenta Anna. – Não a sua.

Reggie não responde durante tanto tempo, que Anna assume que ele desmaiou com a dor ou por causa da vodca. Por isso, depois de um minuto de silêncio, Anna é apanhada de surpresa quando ele volta a falar, sussurrando num tom áspero:

– A minha família também ficou destruída. Quando o meu pai morreu.

Um sentimento de culpa apodera-se de Anna. Claro que toda a gente tem as suas perdas e é claro que ela não é a única que sofreu horrivelmente.

– O que aconteceu? – pergunta ela.

– Foi assassinado.

Anna pára de coser.

– Lamento imenso. Conseguiram apanhar o responsável?

– Não – responde Reggie.

– Foi por isso que entrou para o FBI?

Reggie volta a cabeça para a olhar com os olhos vazios.

– Sim. Porque não quero que ninguém passe pelo que a minha família passou.

– Quer justiça – conclui Anna, compreendendo, por fim, porque é que ele ficou tão irritado com ela há pouco. Ao fazer justiça pelas próprias mãos, ela negou-lhe, e a muitos homens como ele, a oportunidade de corrigir um erro terrível.

– Quero – diz Reggie, com a voz tão distante que podia ter chegado até ela vinda do espaço sideral.

Anna não responde. Concentra-se em acabar o seu trabalho dando um laço triplo na última extremidade do corte e, ao atá-lo, solta um suspiro profundo e trémulo.

– Já está – anuncia ela, mas Reggie não a consegue ouvir, tendo caído num sono fundo induzido pela vodca e pela dor. Anna sabe que é o melhor para ele. Reggie precisa de descansar. Só espera que não se mexa durante o sono e rebente os pontos improvisados. Para diminuir as hipóteses de que isso aconteça, vira-o gentilmente de costas.

Na casa de banho, Anna limpa o sangue das mãos, que tremem sem parar. É uma reacção que foi adiada, não só pelo *stress* da última hora, mas também pelas horas anteriores. E os dias anteriores. E o ano anterior.

Tudo isto deixou marcas nela, tal como o seu reflexo no espelho por cima do lavatório consegue confirmar. Parece estar verdadeiramente aterrorizada. Tem sangue no vestido e o seu cabelo continua emaranhado da ventania. O *stress* e a falta de sono pintaram o seu rosto com um tom cinzento-pálido. A exaustão que sente é ainda mais marcada pelas olheiras negras que lhe dão um aspecto fantasmagórico. Parece um fantasma que assombra ao mesmo tempo que é assombrado.

O cansaço profundo acompanha-a ao sair do quarto. Ela sabe que não devia. É mais seguro permanecer no interior com Reggie. Contudo, também sabe que vai enlouquecer se não fugir do caos, nem que seja só por um minuto. No corredor, dirige-se para o centro da carruagem e fica a olhar pela janela. A neve lá fora abrandou. Anna consegue ver outra vez o céu, com o tom cinzento nebuloso da madrugada a começar a conquistar terreno sobre a escuridão da noite.

Só mais uma hora, diz a si mesma. Depois, acabou.

Se algum deles chegar até lá.

Cada ruído do comboio e cada barulho metálico das rodas deixam-na paranóica de que Judd esteja mesmo atrás dela, com a faca em punho, pronto para atacar. E o facto de as luzes terem começado a piscar novamente não ajuda.

Anna não consegue perceber se o problema com as luzes afecta só esta carruagem ou o comboio inteiro, mas não lhe agrada. As luzes intermitentes afiguram-se-lhe um mau presságio, e a sensação só piora quando dão o seu último suspiro e não voltam a acender.

Mergulhada na escuridão, Anna prepara-se para regressar ao quarto de Reggie quando vê um homem aparecer na porta da parte de trás da carruagem. Anna não o consegue ver muito bem, banhado como está pela luz tépida que entra pela janela, com o brilho pálido a incidir-lhe obliquamente sobre o rosto.

À medida que ele se aproxima, Anna consegue distinguir apenas alguns traços. Um nariz. Um olho. Metade de uma boca. Mas é suficiente para que ela reconheça a sua identidade e fica de tal forma abalada, que é como se alguém tivesse acabado de tocar um sino dentro dela.

– Tommy? – pergunta.

Ela confirma a sua suspeita quando o irmão – o irmão que ela pensava estar morto – dá um passo e fica iluminado pela luz crepuscular. Anna não sabe se ria, chore ou grite, especialmente quando ouve Tommy dizer:

– Sou mesmo eu, Annie. Céus, como tive saudades tuas.

Ele esboça aquele sorriso de ídolo de matiné de que ela tanto gostava, abrindo o suficiente a boca para mostrar duas filas de dentes podres e sangue a escorrer entre eles. Ao cambalear na sua direcção, Anna percebe que o seu corpo não é bem um corpo. É apenas uma massa de sangue, ossos e tendões.

E, quando Tommy tenta abraçá-la, Anna sabe finalmente como deve reagir.

Ela grita.

TRINTA E OITO

– Annie?

Anna acorda de repente, sem saber onde se encontra, porque está ali ou o que lhe está a acontecer. Uma névoa tempestuosa tapa-lhe a visão periférica, tornando tudo à sua volta desfocado e indistinto. Surge na sua cabeça uma memória de há alguns anos antes, quando ela e a tia Retta ligaram uma televisão que tinham acabado de comprar e tentaram distinguir as imagens através da névoa a preto e branco. É a mesma sensação.

Através do zumbido cintilante, vê um homem ajoelhado ao seu lado.

Mas não é Tommy.

É Dante.

– O que aconteceu? – pergunta Anna.

– Isso pergunto eu. Encontrei-te aqui deitada.

Anna olha à sua volta, vendo que o corredor da Carruagem 11 está completamente iluminado.

– As luzes. Começaram a piscar e depois apagaram-se.

– Estiveram ligadas o tempo todo – diz Dante.

– A sério?

– Acho que deves ter desmaiado.

– Mas o que vi parecia tão real.

– O que viste?

– Nada – responde Anna, preferindo mentir a Dante a contar-lhe que podia jurar ter visto o irmão mutilado. Outra vez. – Acho que só estou cansada.

O que é um eufemismo. Sem contar com o pesadelo que teve na carruagem com vista panorâmica, passaram vinte e quatro horas desde a última vez que dormiu. Juntamente com todo o medo e o *stress* que sentiu, Anna acha que é um milagre ainda conseguir manter-se consciente.

– Quando foi a última vez que comeste alguma coisa? – pergunta Dante.

A última vez que se lembra de ter comido foi ao pequeno-almoço quando se forçou a comer uma torrada e a beber um café. Depois disso, esteve demasiado ansiosa para comer e, quando ela e Seamus embarcaram no Phoenix, comida foi a última coisa em que pensou.

– Há vinte horas.

Dante solta um pequeno assobio.

– Vês? Eu sabia que devias ter comido uma sandes. Comida é combustível. Foi por isso que voltei para vir buscar a minha.

– Depois de termos reunido toda a gente na carruagem com vista panorâmica?

– Sim – responde Dante. – Voltei à cozinha, peguei no que restava da minha sandes e levei-a para o meu quarto.

Anna suspira. Foi Dante este tempo todo. Não Judd, nem a sua mente cansada a imaginar um estranho ou Tommy ressuscitado. Porém, Anna apercebe-se agora de que queria tanto que fosse mesmo ele.

O seu querido Tommy.

O irmão que a amou tanto e que ela adorava.

Anna queria tanto vê-lo, abraçá-lo e ouvir a sua voz que, agora que tem a certeza de que não era ele, fica com uma sensação intensa que não consegue identificar dentro do peito. Uma dor que não consegue definir.

– Tenho saudades dele – admite ela, com lágrimas a picarem-lhe os olhos. – Sinto falta do Tommy. Sinto falta dos meus pais.

E sente falta da pessoa que era.

Quando a sua família morreu, o mundo de Anna ficou reduzido a escombros. A vida com a tia Retta não podia ser mais isolada. Não iam a lado nenhum, não viam ninguém. Depois da tia morrer, Anna passou todo o seu tempo a conspirar e a planear, não porque o quisesse fazer, mas porque sentia que era essa a sua obrigação. Sentiu que seria uma péssima filha e irmã se não tentasse vingar a sua família de alguma forma.

Porém, o preço a pagar foi muito elevado. Não só a nível financeiro, mas também emocional. Ela negou a si própria muitas coisas que outras mulheres da sua idade tiveram oportunidade de experienciar. Felicidade. Diversão. E, sim, amor. Reggie tinha razão. É uma maneira triste de viver.

Constatar isto liberta uma lágrima que lhe desce pela face. Dante limpa-a com o dedo, numa carícia suave. Quando ele a puxa para o seu peito, ela cede de bom grado, carente por um pequeno momento de conforto numa noite que, de outra forma, seria só brutal.

Dante olha-a e aproxima a sua boca da dela, tentando beijá-la. Anna ainda se lembra de como soube bem quando Dante a beijava. Lembra-se tão bem, que parece que voltaram atrás no tempo. Ela tem dezasseis anos, ele dezoito, a sua família ainda está viva e eles estão a beijar-se debaixo do salgueiro, no fundo do quintal da sua infância, porque sabem que ninguém os verá ali.

Incapaz de resistir à atracção do passado, Anna levanta o rosto para ir de

encontro ao dele. Porém, antes de juntar os seus lábios aos de Dante e cair no feitiço do seu beijo, apercebe-se de que não estão sozinhos no corredor.

Seamus.

Ele fica a olhar para eles, meio atordoado. Como se tivesse acabado de ver um fantasma. Só cai em si quando vê Anna e Dante abraçados.

– O que se passa aqui? – pergunta ele.

Anna afasta-se de Dante.

– Estava à tua procura.

– E eu estava a revistar a parte de trás do comboio – informa Seamus e, quando acaba por reparar no aspecto desgrenhado de Anna, questiona:

– O que te aconteceu?

– Ela desmaiou – responde Dante.

– Depois de ter dado pontos no agente Davis – acrescenta Anna. – O Judd esfaqueou-o.

– A sério? – pergunta Seamus. – Onde?

– Na cozinha.

Dante arregala os olhos.

– Quando?

Anna já não sabe dizer ao certo. O tempo torna-se cada vez mais indistinto à medida que a viagem se prolonga. Pode ter sido há uma hora ou há poucos minutos. Anna opta por ficar pelo meio.

– Há meia hora.

– Não acho que isso seja possível – responde Seamus.

– Porque não?

Seamus agarra-a pela mão e puxa-a para fora da divisão. Anna pega na de Dante que, por sua vez, segura na dela com a palma quente, apertando-a com firmeza. Com Anna presa entre os dois homens, a ser puxada por um e a puxar o outro, eles entram primeiro na Carruagem 12 e, depois, na Carruagem 13. Dirigem-se assim desajeitadamente para o meio do corredor e, quando chegam, Seamus aponta para a porta do Quarto B que está aberta.

O quarto de Edith.

– Por isto – diz Seamus.

Anna larga os dois homens e entra no quarto em bicos de pés até se deparar com aquilo a que Seamus se estava a referir.

Ali, enfiado na casa de banho minúscula, está o cadáver de Judd Dodge.

05H00

TRÊS HORAS ATÉ CHICAGO

TRINTA E NOVE

– Isto é alguma piada de mau gosto? – pergunta Dante, piscando os olhos incrédulo com o corpo à frente deles.

– Se for, não fui eu quem a fez – diz Seamus.

– Não estava a acusar-te.

Seamus funga com desdém.

– Não foi isso que me pareceu.

Anna afasta-se da discussão e entra na casa de banho, ficando de pé junto ao corpo de Judd Dodge. Ele está tombado sobre o assento da sanita, com um braço preso debaixo da cabeça e uma mão mole a pender-lhe. Tem o outro braço estendido à sua frente, com as pontas dos dedos a tocar no chão, e as pernas estão enroladas e dobradas debaixo dele como se fosse um contorcionista. É uma pose pouco digna para um homem que perdeu toda a dignidade há doze anos.

– Talvez tenha estado morto este tempo todo – sugere Dante – e alguém mexeu o corpo?

– Ou talvez ainda esteja vivo – diz Anna, baixando-se para ficar ao nível dos olhos esbugalhados dele.

Fitando-os com atenção, procura ver neles uma centelha de vida. Não encontra nada. As suas pupilas são duas piscinas vazias.

No entanto, só para ter a certeza, encosta dois dedos ao pescoço de Judd e quase recua com a sensação. Embora ainda retenha algum calor, não há qualquer pulsação por debaixo da sua pele.

– Nada – informa ela.

– Então ele está mesmo morto? – pergunta Seamus.

– Está bem, mas está morto há quanto tempo? Estar morto agora não significa que estivesse antes.

Anna continua a examinar o corpo, convencida de que lhe está a faltar alguma coisa. Repete mais uma vez na sua cabeça os presumíveis últimos momentos de Judd. Vê-o a bocejar, a ver as horas, a *não* beber e, ao revisitar esses segundos, alguma coisa se encaixa no seu cérebro.

Anna enfia a mão no bolso do casaco de Judd e tira o relógio dele. Abrindo a tampa, analisa-o de perto durante algum tempo e vê que ali, precisamente no

rebordo do mostrador do relógio, estão reunidos pequenos cristais de pó. Ela inclina-se e, ao cheirá-los, detecta o mesmo cheiro químico que encontrou no copo de *Martíni* de Judd e na caixa de veneno para ratos.

– É veneno – diz ela.

– Raios me partam – exclama Seamus. – Achas que ele se matou?

– Não propriamente.

Anna inclina a cabeça até ficar de frente para o corpo de Judd. Depois, puxa-lhe o maxilar inferior para baixo e espreita para dentro da sua boca aberta.

– Que raio estás a fazer? – pergunta Dante, horrorizado.

Anna ignora-o e enfia dentro da boca de Judd os mesmos dedos que encostou ao seu pescoço momentos antes. Desta vez, ela *recua* mesmo com a repulsa. O seu estômago dá uma cambalhota e, ainda que esteja enjoada, obriga-se a sondar o interior da boca dele. Tem os dentes cobertos de uma substância quente e pegajosa que se acumula nas pontas dos dedos de Anna e, sempre que ela os passa pelas suas gengivas, sai-lhe por entre os lábios um fedor fétido.

Anna apercebe-se de que é este o cheiro da morte.

Depois, fechando os olhos nos quais se acumularam lágrimas e com respirações rápidas e curtas pelo nariz, Anna continua a passar os dedos pelos dentes de Judd, até acabar por encontrar uma lasca de qualquer coisa entalada entre os seus molares superiores.

Para a tirar, Anna tem de enfiar a maior parte da mão dentro da boca do morto. E é isso que faz, lentamente, com a pele arrepiada de repulsa ao sentir os lábios de verme dele a deslizar sobre os nós dos seus dedos. Apalpando às cegas, ela consegue agarrar a lasca com as unhas e puxá-la para fora.

Anna aproxima o pequeno objecto da luz, certificando-se de que Seamus e Dante também o conseguem ver. Juntos, observam um pedaço de plástico fino, ainda com saliva a pingar e, quando Anna o segura virado para a luz, reparam como é transparente e cor-de-rosa.

– O que é isso? – Seamus.

– Acho que é película aderente – responde Anna.

Ela lembra-se de ver alguns pacotes de película na cozinha, assim como outros ingredientes que, quando combinados, poderiam criar a espuma manchada de sangue que viram a borbulhar nos lábios de Judd. Corante alimentar vermelho. Vinagre e bicarbonato de sódio.

Anna explica rapidamente que Judd podia ter colocado pequenas quantidades das três substâncias em pedaços individuais de película aderente, criando assim cápsulas improvisadas que depois guardou dentro da boca. Se mordesse com força as películas de plástico e misturasse os ingredientes, criaria a espécie de espuma ensanguentada que os levaria a acreditar que tinha sido envenenado.

Para completar o truque, deitou na sua bebida o veneno para ratos que tinha escondido no seu relógio.

– Então, como é que ele morreu mesmo? – pergunta Dante.

– E quando? – acrescenta Anna, lembrando-se de Reggie que recupera a duas carruagens de distância, depois de ter sido esfaqueado por Judd.

Com base na hora do ataque e no calor que ainda é possível sentir na pele do cadáver, ela conclui que ele deve ter morrido na última meia hora.

Apinhados à porta da casa de banho, os três procuram alguma coisa que indique a causa da morte. É verdade que Judd ainda tem uma mancha de espuma ensanguentada no canto da boca, mas Anna sabe que não é verdadeira. É só mais um dos truques de que Judd tanto gostava. Ela desliza o seu olhar da boca dele até ao lado do seu pescoço.

– Ali – exclama ela, apontando para uma mancha carmesim na pele de Judd centímetros abaixo da sua orelha. – Ele foi estrangulado.

Anna afasta-se da porta da casa de banho, com a mente a mil à hora ao perceber que a situação que achava ter finalmente compreendido se transforma agora em algo até então inconcebível. Para tentar dar sentido a tudo isto, enumera aquilo que sabe. Aquilo de que tem a certeza, e não é muito.

Ela tem a certeza, por exemplo, de que Judd fingiu a sua própria morte. O pequeno pedaço de plástico ensopado de saliva que tem na mão comprova-o.

A parte desta história que ainda não consegue compreender é: porquê. Durante a última hora, Anna estava certa de que Judd queria assassinar os seus co-conspiradores, livrando-se deles um a um para que não pudessem implicá-lo, ao mesmo tempo que a incriminava pelas suas mortes.

Mas e se não era esse o seu verdadeiro objectivo?

E se não foi isso que aconteceu realmente?

Anna não faz ideia de quanto tempo Judd esteve fora do seu quarto, quando todos o achavam morto. Ninguém se lembrou de o ir ver até ela descobrir que ele não tinha bebido o seu *Martíni*, o que lhe deu tempo suficiente para percorrer sorrateiramente o comboio e começar a matar pessoas.

Embora seja fácil imaginá-lo a matar Edith, a maneira como Herb morreu é menos plausível. As roupas de Judd parecem limpas e totalmente secas. Se ele tivesse mesmo cortado a garganta de Herb e escapado pela janela no meio de um nevão, é provável que as suas roupas estivessem salpicadas de sangue e húmidas da neve.

Depois, há o facto de não se saber ao certo há quanto tempo Judd está morto. Anna não é médica, por isso pode estar enganada nos seus cálculos. É verdade que, na última hora, alguém possa ter descoberto o seu esconderijo e o tenha assassinado. Mas também é igualmente possível que ele tenha morrido muito

antes disso – inclusive quando Herb Pulaski ainda estava vivo.

Se for esse o caso, então alguém sabia desde o início que Judd não tinha morrido.

E sabiam-no porque estavam metidos nisto com ele.

Anna sai a correr do quarto, tropeça no corredor e encosta-se à janela do outro lado. Durante este tempo todo, ela pressupôs que havia apenas um assassino a bordo do comboio. Uma silenciosa entidade que tentou arruinar a sua tentativa de os levar à justiça, matando os culpados um a um. Mas, agora, ela descobriu a verdade.

Há um segundo assassino no comboio.

E Anna acha que sabe quem é.

QUARENTA

Seamus permanece dentro do Quarto B, no qual estão agora, inesperadamente, dois cadáveres. Ao lado da porta da casa de banho, vê Anna a preparar-se para descer a carruagem e corre atrás dela, alcançando-a em três passos largos para a impedir de avançar com um puxão.

– Onde é que vais?

– Vou ter com a Sal e o Lapsford – responde Anna. – Porque um deles é o assassino.

Seamus vira Anna até ficar de frente para ele.

– Vamos pensar sobre isto durante um minuto.

– Não temos assim tanto tempo. Olha para os alvos até agora. Edith. Herb. O próprio Judd. Ele estava a trabalhar com alguém para matar os outros e suspeito que planeasse matar o seu ajudante por último, mas quem quer que seja apanhou-o primeiro.

– Então explica-me o que aconteceu com o agente Davis – diz Seamus. – Disseste que o Judd tentou matá-lo na cozinha.

Anna retoma o passo, descendo com cautela pelo corredor e obrigando Seamus a segui-la.

– Isso foi o que o agente pensou, mas pode não ter sido o Judd. E como tu e o Dante estavam aqui atrás na carruagem, só restam duas pessoas: a Sal e o Lapsford.

Apesar de Reggie Davis não estar envolvido no que aconteceu há doze anos, Seamus compreende porque é que alguém o quereria ver morto. Ele é um agente do FBI, é óbvio que a pessoa que planeia prendê-los assim que chegarem a Chicago é um alvo a abater.

– Qual deles é que achas que foi? – pergunta Seamus.

– O Lapsford.

Também é este o palpite de Seamus. Durante toda a viagem, foi ele quem mais falou em sair do comboio, chegando até a fingir um ataque cardíaco. Depois, há o facto de Lapsford ser o único que pareceu não estar interessado em ir à procura de Judd. Enquanto Seamus achou apenas tratar-se de um acto egoísta vindo de um homem egoísta também, talvez Lapsford não estivesse preocupado

em encontrá-lo porque já sabia que Judd estava morto.

– Digamos que tens razão – diz Seamus. – Qual é o teu plano? Se ele sabe que andas atrás dele, pode fazer contigo a mesma coisa que fez com o Reggie.

– Vou fingir que vou só ver como é que eles estão e faço algumas perguntas para tentar que se contradiga.

– Eu vou contigo.

– Não – diz Anna. – Assim vai ficar desconfiado. Deixa-me fazer isto sozinha. Eu grito se precisar de ti.

– E se não conseguires gritar?

Anna dá uma palmadinha no bolso do casaco que está a usar e Seamus reconhece que pertence a Reggie.

– Assumo que também tenhas a arma dele.

– Claro – diz ela.

Seamus não responde. Ele tem perfeita noção de que Anna sabe usar uma arma. Foi ele quem a ensinou.

– Tem cuidado – avisa, enquanto ela se dirige para a carruagem da frente.

Quando ela desaparece, Seamus vira-se para Dante, que ficou a pairar à porta da divisão.

– Arregaça as mangas. Está na altura de levar o cadáver do Judd para o quarto dele. Outra vez.

A segunda vez não é tão difícil como a primeira, quando mais não seja porque a distância que têm para percorrer é menor. Em vez de várias carruagens só precisam de o transportar para o quarto ao lado e, enquanto o levam, Seamus questiona-se como é que não reparou em nenhum sinal de que Judd ainda estava vivo. Não deveria ter reparado que Judd respirava, ter sentido a pulsação ou notado algum tipo de movimento? Mas a verdade é que o corpo de Judd parece-lhe agora tão pesado e sem vida como quando fingiu estar morto.

As mãos de Seamus começam a tremer enquanto deitam o corpo em cima da cama no Quarto C. Tremem de tal forma que o obrigam a largar o corpo mais cedo, fazendo com que o cadáver aterre de forma trapalhona no colchão.

– Está tudo bem? – pergunta Dante.

Seamus pega no lençol para cobrir o corpo.

– Está. É só uma cãibra.

Contudo, é bem mais do que isso. Para evitar que Dante veja as suas mãos a tremer, Seamus enfia-as nos bolsos e sai do quarto. Vai para a carruagem com vista panorâmica, em busca de um momento a sós. Depois da última hora, está a precisar.

Lá fora, o céu clareou e adquiriu agora um tom cinzento lamacento. Não é noite, nem manhã, mas a tempestade continua. Rodeado pelas janelas da

carruagem, Seamus sente-se como se estivesse preso dentro de um globo de neve. Uma sensação desagradável que lhe evoca uma memória há muito esquecida de quando se perdeu num nevão a caminho da escola.

Tinha cerca de seis anos quando aconteceu. A paisagem ficou irreconhecível, com a neve e as ruas que antes lhe eram familiares a tornarem-se desconhecidas. Assim, não foi difícil enganar-se ao virar numa curva, depois noutra e, quando deu por si, estava preso com neve até aos joelhos, sem saber onde estava. À medida que o tempo passava ficava progressivamente mais gelado e mais em pânico, enquanto a neve só aumentava a sua força e intensidade. Quando estava prestes a desistir e a deixar-se apenas levar pela tempestade, viu surgir, por entre a névoa invernosa, uma figura.

O irmão dele, Sean.

Seamus, com fome, a tremer e quase a entrar em hipotermia, correu para junto dele.

– Pensei que ia ficar perdido para sempre! – gritou ele.

– Nunca estás perdido comigo por perto – disse Sean.

Não era mentira. Quando o irmão estava vivo, Seamus encontrou sempre o seu caminho. Mas agora que Sean desapareceu, sente que ficará perdido para sempre.

Ele tira as mãos dos bolsos. Está a tremer mais.

Seamus tira a caixa de comprimidos, que teve consigo toda a noite. Agora treme tanto, que os cinco comprimidos que restam no interior do frasco chocalham uns contra os outros. Seamus levanta a tampa e fica a contemplá-los. Não estava a planear tomar outro. Não tão cedo. Mas as suas mãos, movendo-se como se tivessem mente própria, não lhe dão escolha.

Seamus está a retirar um comprimido da caixa, quando ouve Anna a chamá-lo. O som é ténue e distante a princípio, mas torna-se mais alto a cada segundo que passa. Seamus devolve o comprimido ao interior da caixa, que depois enfia no bolso, e sai da carruagem, apressando-se a atravessar o comboio.

Em frente à Carruagem 13, encontra-se com Anna que, completamente em pânico, o agarra pelo braço e o arrasta pelo comboio.

– É o Lapsford – diz ela. – Está a ter um ataque cardíaco.

Seamus hesita.

– Desta vez é a sério?

– Acho que sim.

Anna continua a puxá-lo até o enfiar na carruagem anterior. Dante já lá está, a segurar em Lapsford com a ajuda de Sal, enquanto o levam de volta para o seu quarto. Apesar do frenesim, Seamus assume que ele está só a fingir outra vez, numa última desesperada tentativa de parar o comboio, agora que Chicago está a

menos de três horas de distância.

Seamus segue-os até ao quarto.

– Deitem-no na cama.

O que é mais difícil de conseguir do que possa parecer. Empurrando-se, os outros juntam-se à volta de Lapsford, todos em cima uns dos outros. Também não ajuda o facto de Lapsford ser um paciente indisciplinado, que se debate quando devia ficar deitado sem se mexer e luta contra eles em vez de os deixar ajudá-lo. Depois de o deitarem finalmente na cama, vêem-se a braços com a sua próxima grande tarefa: descobrir o que fazer a seguir.

Arfando, Lapsford abre e fecha a boca como um peixe fora de água. O seu rosto está vermelho do esforço e Seamus teme que lhe restem apenas alguns minutos, se não segundos, até desmaiar.

– Diga-me o que sente – pede ele.

Lapsford leva a mão ao peito.

– O meu coração.

Anna, Sal e Dante observam Seamus a pegar no pulso de Lapsford e a ver-lhe a pulsação, que ele sente irregular e ininteligível, como se de código Morse se tratasse. Anna tinha razão. Ele não está a fingir.

– O que fazemos? – pergunta ela, em pânico.

Seamus saca da caixa de comprimidos que tem guardada no casaco e retira um comprimido branco parecido com calcário. Depois, estende-o a Anna com uma mão trémula.

– Dá-lhe isto.

Anna olha para o comprimido com desconfiança.

– É um relaxante muscular – explica Seamus, lendo-lhe os pensamentos. – Pode ser que abrande o batimento cardíaco dele o suficiente para o manter vivo até chegarmos a Chicago.

Quando Anna pega no comprimido, Seamus repara na forma como os olhos de Lapsford o seguem ao passar da sua mão para a dela. Depois, lambe os lábios e engole em seco, como se estivesse a ensaiar para quando o empurrasse o mais rápido possível pela garganta abaixo.

Seamus percebe que é isso que Lapsford *quer.*

Anna também repara e coloca-lhe o comprimido sobre a boca, que se abre pronta para o receber.

– Consegue falar? – pergunta ela.

Lapsford responde com a voz áspera e desesperada.

– Sim.

– Então diga-me porque o fez. Foi só pelo dinheiro?

Lapsford olha fixamente para o comprimido, com os olhos arregalados,

suplicando. Anna afasta-o para longe da sua boca.

– Responda-me – ordena ela. – Destruiu a minha família só por causa do dinheiro?

Seamus olha para ela do outro lado da cama, sobressaltado.

– Céus, Anna. Dá-lhe só o comprimido.

– Não antes de ele responder – diz ela.

– Sim – sibila Lapsford.

Anna provoca-o, ficando com o comprimido a pairar sobre a sua boca.

– Alguma vez pensou na minha família? Alguma vez pensou no que lhes fez?

Lapsford, já sem conseguir falar, limita-se a anuir ligeiramente.

– Anna – alerta Seamus. – O homem está *a morrer.* Dá-lhe o comprimido.

– Só mais um minuto.

– Ele não tem esse tempo!

Parece a Seamus que Lapsford se desvanece cada vez mais rápido. A sua respiração está tão fraca que agora nem respira de todo, e os olhos escureceram-se-lhe. O último lampejo de uma vela antes de se apagar para sempre.

– E os soldados que morreram? – apressa-se Anna a perguntar. – Homens como o irmão do Seamus. Pensa neles?

Desta vez, Seamus aguarda pela resposta e observa, sem fôlego, Lapsford a anuir afirmativamente com a cabeça de forma quase imperceptível. Este movimento ténue liberta dentro de Seamus uma raiva que ele se esforça por não mostrar. Lapsford ajudou a planear a morte do seu irmão, e Sal, de pé num canto do quarto a contorcer as mãos, ajudou a encobrir tudo. Neste momento, Seamus matá-los-ia aos dois se soubesse que se conseguia safar.

Mas como não pode, o plano de Anna é a segunda melhor opção que tem.

Fazê-los sofrer.

Para o resto das suas vidas.

Contudo, o sofrimento de Lapsford pode estar a chegar ao fim. Parece já nem sequer conseguir mexer a cabeça e, se respira, é impossível saber. A única forma que Seamus tem de saber que ele continua vivo é ver como as suas pupilas não pararam de fitar o comprimido que Anna ainda segura entre os dedos.

– Aposto que tenta não pensar neles – diz ela, – mas eles entram à força na sua mente. Todos aqueles rapazes que decidiu sacrificar. Apostava em como assombram os seus pesadelos. Tal como você é assombrado pelo medo de que toda a gente venha a descobrir as coisas horríveis que fez. E, acredite em mim, as pessoas *vão* descobrir. Pode morrer daqui a um minuto, mas eu certificar-me-ei de que saberão.

Seamus duvida se ele terá sequer um minuto. Sentindo que ele está a ficar

sem tempo, estende a mão e tira o comprimido dos dedos de Anna. Depois, enfia-o pela boca escancarada de Lapsford adentro, com os dedos a deslizarem sobre a língua dele enquanto lho empurra para o fundo da garganta. A seguir, leva aos lábios de Lapsford um copo de água que estava pousado ao lado da cama e inclina-o.

Lapsford é assaltado por uma tosse violenta e sufocante. Seamus pensa por instantes que é tarde de mais e que ele está às portas da morte, preparando-se para ouvir aquele triste e derradeiro suspiro. Mas não tarda muito até a tosse parar e ele deixar de estremecer. Segue-se um silêncio inquietante, durante o qual Seamus se debate com emoções contraditórias. Ele quer que Lapsford viva ao mesmo tempo que quer vê-lo morto, e odeia-se por sentir tanto uma coisa como a outra.

Lapsford começa a respirar normalmente outra vez, pondo fim àquele silêncio aterrorizador e, quando encara Seamus, este vê-lhe uma luz no olhar que não estava lá apenas alguns segundos antes. Seamus verifica o pulso de Lapsford outra vez e sente-o muito mais calmo. O comprimido parece estar a fazer efeito. Seamus não sabe se isso é bom ou mau, especialmente tendo em conta as palavras que Lapsford profere assim que reencontra a sua voz.

– Deviam ter-me deixado morrer – murmura ele.

QUARENTA E UM

Quando se torna claro que Lapsford vai viver, pelo menos, mais uma hora, Anna afasta-se da cama. Sente os outros a observá-la enquanto se levanta. O olhar de Sal, Dante e Seamus é particularmente indecifrável.

Na Carruagem 11, Anna espreita rapidamente para dentro do quarto de Reggie e encontra-o a descansar num sono profundo. Sacana sortudo. Anna está acordada há tanto tempo que lhe dói o corpo todo, incluindo a cabeça.

Quando chega ao seu quarto, cai na cama e fica a olhar para o tecto. Mesmo que tentasse adormecer, sabe que não ia ser bem-sucedida. Continua demasiado perturbada com o *stress* de ter tratado da ferida de Reggie, o homicídio de Judd e todo o que acabou de acontecer com Lapsford.

– Queres falar sobre o que acabou de acontecer? – pergunta Seamus, enquanto entra no quarto dela e se senta numa cadeira junto à janela.

Anna mantém os olhos postos no tecto.

– Precisava de respostas.

– Precisavas era de o ter salvado. Podias ter as tuas respostas mais tarde.

– Não se ele estivesse morto – responde Anna.

– Só gostava que tivesses falado comigo primeiro. Não podemos andar a esconder coisas um do outro.

Anna levanta o tronco, apoiando-se nos cotovelos.

– Coisas como, por exemplo, andares com relaxantes musculares no bolso?

– Isso é diferente – responde Seamus.

– Será? Um homem foi envenenado…

– Ele fingiu ter sido envenenado.

– Na altura, não sabíamos disso – argumenta Anna. – Não achaste que seria importante mencionar que tinhas uma caixa de comprimidos misteriosos contigo?

– Não é da tua conta.

Anna senta-se à beira da cama.

– Mas é. Tudo o que está a bordo deste comboio é da minha conta. Agora diz-me, porque é que os tens?

– Foram-me prescritos – responde Seamus, com a voz poderosa que lhe é

habitual a ser substituída por outra vulnerável e pequena.

– Porquê?

– Porque tenho uma doença – Seamus solta uma risada amarga, como se achasse a palavra ridícula.

– Que tipo de doença?

– Nos meus nervos – responde ele. – O meu cérebro tem dificuldade em controlá-los, o que faz com que tenha tremores. Ocasionalmente, espasmos. E, às vezes, não me consigo mexer como quero. É como se uma força invisível me agarrasse e sacudisse. Os comprimidos adormecem os meus nervos o suficiente para que volte a ter controlo. Mas só por uns momentos.

Anna lembra-se da forma como as mãos dele tremeram ao passar-lhe o comprimido para a mão. Olhando para trás, devem ter sido centenas as ocasiões em que reparou num tremor, mas não pensou nada sobre o assunto.

– Há quanto tempo é que tens isto?

– Há alguns anos.

Seamus responde com uma despreocupação tão forçada, que Anna desconfia se não terá sido há mais tempo. Ao aproximar-se dele, sente uma nova preocupação a fervilhar-lhe no fundo do estômago.

– Então, foi antes de nos conhecermos?

– Sim.

– Depois disto, vamos procurar um médico. Um mesmo bom.

Seamus encontra o olhar dela.

– Com que dinheiro?

– Isso não importa. Vamos arranjá-lo e, depois, vamos encontrar o melhor médico que há e curar-te.

– Não há cura.

– Tem de haver – insiste Anna.

– Achas que não procurei? Já fui visto por todos os médicos, Anna. Tentei todos os tratamentos. Alguns ajudaram, pelo menos, durante algum tempo, mas voltei logo ao mesmo.

Seamus senta-se na beira do seu assento e estende a mão para Anna, que a segura nas suas, alarmada pela forma como a sente tremer.

– Foi por isso que, quando a tua tia me contactou, eu lhe escrevi de volta. E é por isso que era importante para nós fazermos isto agora. Estou a ficar sem tempo para levar à justiça as pessoas que mataram o meu irmão.

– Claro que tens tempo – diz Anna.

Frustrado, Seamus solta um longo suspiro.

– Tu não entendes.

– Entendo, sim! É verdade que estás doente, mas…

– Anna, eu estou a morrer.

As palavras que Anna tencionava dizer morrem-lhe nos lábios, deixando-a, por momentos, sem saber o que dizer.

– O último médico que consultei disse que me restavam, no máximo, cinco anos – explica Seamus. – Provavelmente menos. Em breve, os comprimidos não serão suficientes para parar os tremores. Não vou conseguir andar sem ajuda. Depois, vou precisar de uma cadeira de rodas. E, depois disso, é só uma questão de tempo até que a doença se apodere de mim por completo.

Seamus vira-se para olhar pela janela e o sol, já visível acima do horizonte, banha o seu rosto com tons rosa e dourado.

– Eu estava a falar a sério quando te disse que o meu futuro é apenas um vazio negro. É verdade, Anna. Não tenho lá grande futuro à minha espera.

Quando lágrimas brotam nos olhos de Anna, ela apressa-se a limpá-las, tentando ser forte por Seamus. Mas é difícil ser-se forte com tanta perda. O irmão. Os seus pais. A tia Retta. Ela não pode ficar sem Seamus, também.

– Eu não vou desistir – diz ela. – E não vou sair do teu lado.

Seamus abana a cabeça.

– Tu dizes isso agora…

– Porque estou a falar a sério. Estamos unidos pelo que aconteceu aos nossos irmãos. E este vínculo não vai desaparecer depois desta viagem acabar.

Seamus levanta-se, tira Anna de cima da cama e puxa-a contra ele. Quando a beija, é de forma tão repentina e inesperada que Anna congela e, sentindo-a tensa, Seamus acaba por soltá-la.

– Desculpa – pede ele, afastando-se.

– Não peças desculpa – diz Anna.

Na verdade, é ela quem está arrependida, pois gostava de poder retribuir os sentimentos de Seamus. Mas ele tinha razão depois da única e equivocada noite que passaram juntos. É demasiado deprimente.

– Eu queria…

Seamus interrompe-a, levantando uma mão.

– Não digas mais nada. Por favor.

Anna anui com a cabeça e regressa à beira da cama, dando a Seamus espaço para se recompor. Ele respira fundo e espreguiça-se, com o rosto sem emoção.

– Tenho de ir ver como estão os nossos doentes – diz ele, antes de enfiar a mão no bolso da farda.

Anna observa a mão dele a mexer-se dentro do bolso, com o tecido a alargar e, depois, a regressar ao seu tamanho inicial. Seamus leva a mão ao outro bolso antes de verificar o do interior do casaco. Em breve, está a revistar-se a si mesmo como se fosse simultaneamente polícia e criminoso.

– O que se passa? – pergunta Anna.

– A minha arma – responde ele. – Desapareceu.

Anna levanta-se da cama, imediatamente em alerta.

– Achas que caiu do bolso?

– Não sei – responde Seamus.

– Quando foi a última vez que reparaste nela?

Seamus continua a dar palmadinhas nos bolsos, como se fosse possível ter-se enganado e a arma afinal não ter desaparecido.

– Há uma hora. Quando estávamos todos no salão, depois de descobrirmos que afinal o Judd não estava morto.

– Portanto, pode estar em qualquer lado – conclui Anna.

– Ou nas mãos de qualquer um deles – acrescenta Seamus. – Precisamos de revistar o salão.

Saem a correr da sala, atravessando de rompante o corredor da Carruagem 11 antes de entrarem disparados no salão da primeira classe. Lá dentro, Seamus começa de imediato a revirar as cadeiras e as mesas de *cocktail*, procurando desesperadamente o seu revólver desaparecido. Anna junta-se a ele na busca, rastejando de quatro pelo chão.

– Continua a procurar – diz-lhe Seamus quando ela começa a revistar junto ao piano. – Eu vou ver na carruagem com vista panorâmica.

Seamus sai a correr da sala, deixando Anna sozinha na sua busca. Ela continua a procurar pelo chão durante mais trinta segundos antes de confirmar que não há vestígios de uma arma ali. Só lhe resta ver no bar. Levanta-se e está prestes a dirigir-se para lá quando sons estranhos vindos da carruagem ao lado lhe chamam à atenção.

Um estrondo.

Alguma coisa a estilhar-se.

Outro estrondo.

Anna fica paralisada como uma estátua ao ouvi-los. As prateleiras espelhadas no fundo do bar mostram-lhe o seu reflexo imóvel, dividindo e distorcendo a sua expressão de choque em dezenas de pedaços. Olhos arregalados. Boca aberta. Narinas dilatadas. Anna fita esses pedaços de si mesma, enquanto, lentamente, reconhece os ruídos que acabou de ouvir.

Foram tiros.

Dois.

QUARENTA E DOIS

Saindo do salão, Anna olha para o corredor vazio da Carruagem 11, surpreendida por parecer tão comprido. Estendendo-se diante dela, como se não tivesse fim, fá-la sentir-se criança outra vez. Tão pequena em comparação com o quão incrivelmente enorme é o Philadelphia Phoenix.

Anna atravessa a carruagem a correr, embora sinta que se move em câmara lenta. O percurso até à outra extremidade é longo e demorado e, ao percorrê-lo, ela ganha consciência de tudo o que a rodeia. O balançar do comboio. O barulho das rodas. A paisagem do outro lado da janela, a passar num borrão.

No último compartimento da carruagem, ela espreita pela porta aberta e vê Reggie de pé com as mãos a agarrar um dos lados do corpo. Quando os seus olhos se encontram, Anna abana a cabeça, respondendo silenciosamente à pergunta que vê no olhar dele.

«Não, não sei o que está a acontecer.»

Ele dá um passo pouco estável em direcção à porta e Anna abana outra vez a cabeça, transmitindo-lhe uma mensagem clara*: «Não saia daqui. Não se ponha em perigo»*.

Deixando Reggie para trás, Anna avança para a Carruagem 12, por pouco não esbarrando em Seamus, parado junto à porta.

– Fica atrás de mim – ordena ele.

Anna não obedece.

Não consegue.

Não quando vê Dante do outro lado da carruagem. Outra pessoa ainda viva.

– O Lapsford? – pergunta Anna.

Nervoso, Dante esgueira-se devagar pela porta aberta do quarto de Lapsford, regressando segundos depois, visivelmente abalado.

– Ele está vivo.

Um nó de medo forma-se no fundo do estômago de Anna, apertando-se ainda mais quando ela olha para a porta do quarto de Sal que, entreaberta, range com o balançar do comboio.

Anna dirige-se para o quarto, mesmo depois de Seamus lhe gritar:

– Anna, espera!

Ela ignora-o e empurra a porta. Num movimento agonizante e lento, a porta vai-se abrindo, expondo o quarto por completo. A primeira coisa que Anna vê é o revólver de Seamus, pousado no meio do chão, iluminado pela luz fraca que entra pela janela.

E é para a janela que o olhar de Anna é atraído a seguir, ao ver o vidro estilhaçado, provavelmente pela primeira bala. Deve ter sido aquele o estilhaço que ouviu a seguir ao primeiro tiro. Apenas alguns pedaços de vidro permanecem agarrados à moldura da janela, afiados e reluzentes. O vento uiva através do espaço vazio, sacudindo as cortinas enquanto a neve entra quarto adentro.

Sal está sentada na cadeira giratória em frente à janela aberta e, silhuetada pela luz cinzenta da madrugada, parece uma sombra. Uma sombra mole e imóvel, que foi descartada pelo seu dono. Sal está sentada na cadeira de uma forma – cabeça virada para trás, olhos fechados apontados para o tecto – que obriga Anna a entrar no quarto para conseguir ver-lhe bem o rosto.

Um rosto sem expressão. Vazio.

A última coisa que Anna vê é o buraco vermelho-escuro no meio da testa de Sal, com apenas uma gota de carmesim a descer-lhe pela ponte do nariz.

Anna não sente nada ao vê-la. O que é uma surpresa. Achou que sentiria algum tipo de emoção. Ao que parece, está demasiado entorpecida para sentir seja o que for. Em vez disso, limita-se a ficar ali sem palavras. Apercebe-se vagamente de Seamus a entrar no quarto atrás dela, pegar na arma do chão, enfiá-la no bolso do casaco e, depois, a pegar no lençol da cama.

– Não – diz Anna, a sua voz dura como aço. – Eu faço isso.

Seamus entrega-lhe o lençol e Anna, com um silêncio reverente, coloca-o sobre o corpo de Sal. Depois, sai do quarto sem dizer mais nada e aguarda que Seamus feche a porta atrás deles, antes de se virar para encarar Dante.

– Tu – diz ela, proferindo a palavra num tom áspero que lhe arranha o fundo da garganta. – Foste tu.

– Eu? Eu não fiz nada.

Anna aproxima-se dele, a tremer com a raiva.

– Pára de me mentir! És a única pessoa que o poderia ter feito. O Reggie levou uma facada no estômago e o coração do Lapsford quase nem bate.

– E ele? – pergunta Dante, apontando para Seamus que está na outra ponta do corredor.

– Ele estava comigo.

– Eu não fiz nada de errado, Annie. Eu juro.

– Estavas metido com o Judd – diz Anna. – Sabias que ele não tinha morrido. Foram vocês que planearam isto tudo. Devia ter percebido logo quando lhes

pediste para escolherem o veneno deles.

– Não foi de propósito. É só uma frase inocente.

– Em circunstâncias normais até poderia ser. Mas, neste caso, foi um sinal para o Judd se preparar para fingir a própria morte. Depois, começaste a matar os outros, um a um.

Dante dá um passo cambaleante para trás, o que contrasta com o caminhar descontraído a que Anna assistiu desde o início da noite. O deslizar furtivo que vira nos corredores levou-a a achar que pudesse ser Tommy, o que, em retrospectiva, lhe parece ridículo, mas foi algo em que Anna quis acreditar.

– Andaste a vaguear pelo comboio – acusa ela – momentos antes da Edith morrer. Foste tu quem a matou. Foste tu quem entrou no meu quarto e levou o cordão das cortinas.

Sem se aperceber, Anna leva os dedos ao corpete do vestido, em busca do conforto da locomotiva de prata que pertencera ao seu pai. Demora um segundo a aperceber-se de que já não a tem consigo. É Seamus quem tem agora o seu alfinete, depois de o ter encontrado no chão do quarto de Herb Pulaski.

– Também foste tu quem roubou o meu alfinete – continua ela. – Quando estávamos no salão, depois de o Herb me ter atacado, pegaste-lhe e puseste-o no quarto dele. Tu e o Judd estavam a tentar incriminar-me, mas depois o Judd abandonou o quarto, revelando que não estava morto, e, por isso, decidiste matá-lo. Mataste-o antes ou depois de esfaqueares o Reggie?

De pé no meio do corredor, Dante fica a balançar com o movimento do comboio, em choque.

– Como é que o podia ter feito se a Sal e o Lapsford estavam nas carruagens intermédias. Eles ter-me-iam visto a passar.

– Não se usasses a janela – explica Anna. – E nós sabemos que consegues fazê-lo. Foi assim que te esgueiraste do quarto do Herb depois de lhe teres cortado a garganta.

– Annie, não faço ideia do que estás a falar.

– Achei mesmo que me estavas a ajudar – diz Anna. – Achei mesmo que eras diferente do teu pai.

– E sou! – Dante olha para ela, com um olhar sombrio e desesperado. – Não sei o que se está a passar, mas acho que precisamos todos de nos acalmar e falar sobre isto.

– Não há nada para falar. Fui tão estúpida por ter confiado em ti.

– Por favor, Annie. Por favor, ouve-me.

Dante tenta aproximar-se dela, mas Seamus impede-o.

– Ela não quer falar – diz, empurrando Dante em direcção à porta do quarto dele, que está aberta.

Dante empurra-o de volta, mas não é uma luta justa. Seamus é claramente mais forte do que ele. O máximo que Dante consegue fazer é obrigá-lo a dar um passo para trás.

– Eu não fiz nada de errado! – grita Dante do outro lado da carruagem, antes de dar outro encontrão a Seamus.

Bastam alguns empurrões acompanhados por alguns grunhidos, para Seamus levar Dante até à porta do seu quarto.

– Vais entrar aí e não sais até chegarmos a Chicago.

– E se recusar? – pergunta Dante.

– Então dou-te um tiro.

Dante levanta as mãos em sinal de rendição e deixa Seamus empurrá-lo até ao seu quarto. Anna segue-os, visivelmente furiosa.

– Foi o teu pai que te mandou? – pergunta ela. – É por isso que estás aqui?

– Não! Claro que não.

Dante recua pelo interior do quarto até chegar a uma cadeira junto à janela, deixando-se cair quando a sente na parte de trás das pernas.

– Não tenho nada que ver com isto e não tenho nada que ver com ele.

– Ainda trabalhas para ele.

– Só porque não tenho outra escolha – argumenta Dante. – Acredita em mim, se pudesse livrar-me das garras dele, era isso que fazia.

Anna suspira.

– Quem me dera conseguir acreditar em ti. A traição doeria menos.

– O que fazemos com ele? – pergunta Seamus.

– Amarra-o à cadeira – responde Anna. – Depois, fechamos a porta e ficamos de guarda até chegarmos a Chicago.

Com as mãos a tremer, Seamus desabotoa a sua gravata e liberta-a do colarinho. Em seguida, inclina-se para a frente e tira a de Dante com alguns puxões ásperos e instáveis. Estendendo-a a Anna, pede-lhe:

– Ajuda-me.

Anna segura na gravata e aproxima-se da cadeira. Enquanto Seamus prende o pulso esquerdo de Dante ao braço esquerdo da cadeira, Anna faz o mesmo do outro lado, evitando olhar para ele.

– Annie, não tens de fazer isto – sussurra-lhe Dante ao ouvido. – Isto é tudo um enorme mal-entendido. Tu conheces-me. Sabes que nunca mataria ninguém.

Anna passa mais uma vez a gravata à volta do pulso dele e ata-a, dando o nó mais apertado que consegue.

– O problema é esse, Dante – diz ela. – Acho que nunca te conheci verdadeiramente.

Depois, vira-se e sai do quarto, sem olhar para trás, nem mesmo com Dante a

gritar nas suas costas:

– Annie, por favor! Não me deixes assim!

No corredor, Anna olha pela janela e contempla a paisagem coberta de neve que o comboio atravessa. Os campos, as florestas e as pequenas cidades ao longe parecem pacíficas ao amanhecer. Tão distantes do caos do Philadelphia Phoenix.

Atrás dela, Seamus sai do quarto de Dante e fecha a porta antes de se juntar a ela.

– Vieste aqui dizer «eu bem te avisei»? – pergunta Anna.

– Não. Vim aqui pedir-te desculpa. Sei como deve ser difícil para ti.

– Nem fazes ideia.

– Há alguma coisa que eu possa fazer? – pergunta Seamus.

– Sim. Deixa-me em paz. Só um bocadinho.

Anna afasta-se, correndo para a parte de trás do comboio. Olha por cima do ombro para se certificar de que Seamus não a está a seguir e, na carruagem com vista panorâmica, deixa-se cair no assento mais próximo. Só aí é que vêm à tona todas as emoções que reprimiu durante a última hora. A mágoa. O medo. A culpa. Rodopiam todas à sua volta numa inundação agitada. E Anna – demasiado cansada para resistir – deixa-se simplesmente afogar.

QUARENTA E TRÊS

Ela chora durante exactamente cinco minutos.

Não há tempo para mais.

Não quando o verdadeiro assassino ainda anda à solta no comboio.

Anna não acha que Dante tenha sido o responsável pelos assassínios. Tudo o que fez, desde a forma efusiva com que o acusou até o prender no seu quarto, foi apenas para dar nas vistas – e para a sua própria segurança. No decorrer desta viagem, morreram ou ficaram magoadas demasiadas pessoas. Anna espera que, ao obrigar Dante a permanecer no seu quarto, ele consiga fugir a um destino semelhante.

Quanto ao verdadeiro assassino, Anna prevê que voltará a atacar muito em breve. Por isso, seca as lágrimas e sai da carruagem, com o corpo a fervilhar de ansiedade e dúvida. E se cometeu um erro? E se estiver errada?

Anna garante a si mesma que não está.

Não pode estar.

Atravessa rapidamente a Carruagem 13, com o silêncio a deixá-la nervosa. É uma forma eficaz de a relembrar que só os mortos ocupam esta secção do comboio. Tenta não os imaginar ao passar pelas suas portas. Mas é inútil. Os rostos sem vida de Judd, Edith e Herb são tudo o que ela vê.

A Carruagem 12 está igualmente silenciosa, apesar de ali ainda habitarem os vivos. As portas dos quartos de Sal e Dante permanecem fechadas, com a de Lapsford prestes a fechar-se também. Anna detém-se na parte de trás da carruagem e observa a porta, outrora aberta, a fechar-se lenta e silenciosamente. Alguém acabou de entrar no quarto e não quer que mais ninguém saiba.

O seu *timing*, para o bem e para o mal, é perfeito.

No momento em que a porta acaba de se fechar, Anna corre disparada pelo corredor. Ela tem de ouvir o que está a acontecer dentro daquele quarto, mas não pode encostar o ouvido à porta, por muito que queira, pois pode abrir-se a qualquer momento e expô-la. Ela tem de ouvir em segredo, num local onde não seja descoberta.

E o sítio mais próximo para o fazer é aquele em que ela menos quer entrar.

O quarto de Sal.

Anna abre a porta e esgueira-se para o seu interior, prometendo a si mesma não olhar para o corpo coberto pelos lençóis, porque não faz ideia de como reagirá se o vir nem que seja só por um segundo. Porém, quase que olha. Vira ligeiramente a cabeça na sua direcção. Depois, a cabeça toda. Mas detém-se quando vê a borda do lençol que cobre o cadáver.

Vira-se para o lado oposto e encosta o ouvido à parede entre os quartos. Através dela, consegue ouvir o grito familiar de Lapsford.

– O que *está* a fazer aqui?

Anna fica paralisada, à escuta, à espera de uma resposta que nunca chega. Lapsford volta a falar.

– Responda-me, raios!

Desta vez, Anna não fica à espera da resposta. Ela sabe que não haverá uma. Porque a pessoa no quarto de Lapsford não está lá para conversas.

Está lá para o matar.

Era disto que ela estava à espera.

De apanhar a pessoa em flagrante. Tal como Reggie lhe disse para fazer.

E, agora, é precisamente isso que vai acontecer.

Anna sai de rompante do quarto de Sal e entra no de Lapsford, sem pensar no perigo que a espera. Só pensa em Tommy e nos seus pais, e em como tem de se certificar de que, pelo menos, uma das pessoas que lhes tirou a vida é levada à justiça. Se ela conseguir fazer isso, ainda que tenha de morrer, valerá a pena.

Está escuro no quarto de Lapsford. As cortinas estão corridas e as luzes apagadas. As únicas coisas que Anna consegue ver, à medida que entra no interior do quarto, são o corpo de Lapsford, obscurecido pela sombra em cima da cama, e uma pessoa indistinguível de pé, à frente dele.

Ao aproximar-se, percebe que se trata de um homem. A segurar numa almofada, com a cara de Lapsford por baixo.

Anna atira-se contra ele, caindo os dois ao chão.

Ela cai primeiro e a aterragem dura magoa-a no braço esquerdo e no ombro, que só piora quando o homem cai em cima dela. Esmagada por um instante sob o peso dele, Anna não vê mais nada além do chão, da carpete e da sombra debaixo da cama. Uma escuridão sem fim.

Depois, o homem sai de cima dela e levanta-se, mostrando-lhe o rosto que ela mais esperava e, ao mesmo tempo, o último que queria ver.

– Sinto muito – diz Seamus, inclinando-se para ela e oferecendo-lhe a mão. – Não era suposto saberes.

06H00

DUAS HORAS ATÉ CHICAGO

QUARENTA E QUATRO

Anna sabia.

Não desde o início da noite.

Só recentemente.

Assim que descobriu o assassínio de Judd, Anna suspeitou que Seamus estivesse por detrás da sua morte. Ao contrário de Dante, ele não só era fisicamente capaz de estrangular Judd e tinha oportunidade para o fazer, como também tinha o motivo. E quando Seamus lhe contou que estava doente, Anna percebeu que a única coisa que lhe faltava era tempo.

Se quisesse ver a justiça a ser feita, teria de ser agora.

Porém, o facto de Anna ter achado que Seamus era o assassino não a impede de sentir as pernas prestes a ceder debaixo dela. Ou, talvez, seja o chão que está a desabar. Ou o comboio.

– Porquê?

A pergunta soa mais lamuriosa e desesperada do que Anna queria. Não consegue evitá-lo porque, apesar de suspeitar que foi Seamus este tempo todo, está mesmo em desespero. A traição queima-a por dentro, ardendo de tal forma que a surpreende ainda estar viva. Acha que já deveria ter morrido por esta altura. Isto vai matá-la, de certeza.

No entanto, de alguma forma, continua teimosamente a sobreviver e, depois de sacudir a mão de Seamus, rasteja para fora do quarto. No corredor, levanta-se e tenta correr, mas Seamus cai-lhe logo em cima, tapando-lhe a mão com a boca e arrastando-a para a frente da carruagem.

O facto de ele o conseguir fazer com tanta facilidade não a surpreende. Ele é forte, ela sempre soube disso. E é também por Seamus ser a única pessoa neste comboio com força suficiente para matar os outros, que Anna percebeu que era ele o assassino. Não é difícil imaginá-lo a sufocar Edith Gerhardt com uma almofada, nem a abrir a garganta de Herb Pulaski antes de saltar pela janela e percorrer o comboio pelo tejadilho, até chegar ao seu quarto.

Anna lembra-se vividamente das palavras de Seamus quando analisaram, pela primeira vez, aquelas caixas com as provas:

Têm de morrer todos. E quero ser eu a fazê-lo.

E assim o fez.

Agora, Anna espera que ele lhe faça o mesmo, confirmando a sua suspeita ao perceber que Seamus a leva pela Carruagem 11 em direcção ao salão. *Um lugar apropriado para morrer*, pensa ela, pois foi nessa carruagem onde toda esta maldita viagem começou.

Depois de entrarem, Seamus senta-a numa cadeira e ajoelha-se à sua frente, colocando-lhe as mãos nas pernas e passando-lhe uma por baixo do vestido, o que a faz arquejar com a repentina violação. Seamus continua a deslizar a mão pela coxa acima até tocar na faca.

– Já não vais precisar disto – diz ele, tirando a faca da bainha e atirando-a para o outro lado da sala. – Mesmo sem uma faca, eu sei que me consegues deitar ao chão. Garanto-te que não precisas de tentar. Eu não vou dar luta. Nunca te faria mal, Anna.

É tarde de mais para isso, pensa Anna. Ela nunca imaginou que ele a pudesse magoar tanto. Deixou-lhe um corte tão profundo que duvida que alguma vez vá sarar e, por isso, Anna não tem forças para lutar com ele. A dor e a desilusão esgotaram-na.

– Sabias que o Judd não estava morto – afirma ela, com a voz monocórdica.

– Sabia.

– Quando?

– Na mesma altura em que tu descobriste.

– Mas foste o único a encontrar o seu esconderijo.

Seamus instala-se na cadeira ao lado dela. Anna, recusando-se a olhar para ele, concentra-se na paisagem do lado de fora das janelas. O Phoenix desliza agora ao lado de outro rio, a neve nas margens ofuscante com a luz do início da manhã.

– Sim – confirma Seamus.

Anna não precisa que ele lhe conte o que aconteceu a seguir. Nem como estrangulou Judd e, para se livrar de qualquer suspeita, a levou, juntamente com Dante, até ao local do crime.

– Não foi isso que acordámos – diz ela. – Queríamo-los a todos vivos.

– Não, Anna. *Tu* querias isso. Eu queria vingar-me, não me interessava como. Fingi que não me importava se eles apodrecessem na prisão porque era melhor do que nada. Mas a verdade é que sempre achei que eles mereciam morrer. Todos.

– Então porque é que concordaste com o meu plano?

– Porque te amo – responde Seamus, cansado, proferindo as palavras não como uma declaração de amor, mas como uma confissão. Um segredo sombrio que guardou dentro de si e que só agora é obrigado a revelar. – Eu sei que não

sentes o mesmo e já aceitei isso. Mas sabia que nunca aceitaria o que eles fizeram, o que arrancaram de nós. Precisava que, pelo menos, um deles pagasse.

– Mesmo sabendo que era errado?

Seamus acena com a cabeça em direcção às carruagens atrás deles.

– Errado foi o que *eles* fizeram, Anna. Assassinaram os nossos irmãos, assim como dezenas de outras pessoas. Incriminaram o teu pai. A tua mãe enlouqueceu. Não te atrevas a fingir que eles não merecem exactamente o mesmo tratamento.

– Merecem pior – afirma Anna. – Mas não pelas nossas mãos. Somos melhores do que isso.

– Tu podes ser – diz Seamus. – Mas eu não sou. Assim que tive oportunidade de matar um desses sacanas, aproveitei-a.

Ainda sem conseguir olhar para ele, Anna continua a fitar o rio. Apesar de seguirem na mesma direcção, o comboio e a superfície da água estão gradualmente a afastar-se um do outro. Enquanto o rio desce pelo vale coberto de neve, que a água esculpiu há milénios, o comboio acompanha a subida suave do vale.

– A oportunidade estava lá sem teres de recorrer ao homicídio – diz ela. – Quando achaste que o Lapsford ia morrer, imploraste-me para lhe dar o comprimido antes que fosse tarde de mais.

– Porque queria ser eu a matá-lo.

E, no entanto, Lapsford ainda está vivo, graças a Anna. O que é irónico, tendo em conta que, a seguir a Kenneth Wentworth, ele é a pessoa que ela mais despreza.

– Agora que eu sei, vais tentar matá-lo outra vez?

– Não – responde Seamus. – Já matei o suficiente.

Anna gostava de ter a faca consigo para poder apunhalá-lo no coração. Não quer lutar com ele, e muito menos matá-lo, só quer que ele sofra tanto quanto ela. Mas como não está armada, contenta-se em dizer:

– Nunca te vou perdoar.

Seamus anui com a cabeça.

– Não espero que o faças.

– Eles vão prender-te, sabes disso? Assim que chegarmos a Chicago, serás preso juntamente com os outros.

– Não precisas de lhes contar – diz Seamus, apesar de os seus olhos, as janelas da sua alma, saberem que ela não vai guardar segredo.

Anna começa a chorar. Pode não corresponder aos seus sentimentos românticos, mas, à sua maneira sofrida, ela ama Seamus. Ainda agora, o vínculo que partilham é mais íntimo do que o amor, que as pessoas usam para alisar as

arestas umas dos outras. Anna e Seamus afiaram as suas até ao limite.

Anna sempre soube que um deles se iria magoar, mas sempre supôs que seria ela.

– Gostava que tivesses confiado em mim. – Anna abana a cabeça, fazendo com que uma lágrima desça pela sua face. – Gostava que tivesses cumprido com o que combinámos.

– Não conseguia – diz Seamus.

Anna olha finalmente para ele, com a sua curiosidade a levar a melhor.

– O que sentiste?

– Foi – Seamus faz uma pausa, à procura da palavra certa. – Lindo. Uma libertação tão doce que nunca senti antes.

– Mesmo sabendo que te estavas a condenar a ti próprio?

– Esqueces-te de que já estou condenado.

Seamus tira do bolso o alfinete de prata em forma de locomotiva que pertenceu ao pai dela. Com muito cuidado, inclina-se e prende-o à parte da frente do vestido de Anna.

– Isto é teu – diz ele.

Seamus beija-a na face, levanta-se e, sem dizer mais nada, sai da carruagem. Anna permanece sentada durante mais alguns segundos, até se aperceber do que ele está prestes a fazer. Salta da cadeira e segue Seamus até à carruagem-restaurante. Ele já está do outro lado, a entrar na cozinha, a porta a fechar-se atrás dele.

O mesmo acontece nas carruagens seguintes. Na carruagem de lazer, no salão da carruagem de segunda classe, na carruagem-cama. Anna acelera cada vez mais o passo à medida que as atravessa, mas só consegue alcançar Seamus quando chegam ao furgão. Nessa altura, ele já está em frente das portas duplas, na parte lateral da carruagem, a tentar abrir uma delas.

– Seamus, pára! – grita Anna, com a sua voz a ecoar pelas paredes.

Seamus ignora-a e passa para a segunda porta, forçando-a a abrir-se e deixando entrar o caos do exterior. As rajadas de neve. O vento que uiva. O barulho das rodas. Anna estremece com o barulho, mesmo ao avançar vários passos em direcção às portas abertas.

– O que estás a fazer? – pergunta ela, apesar de, no fundo, já saber.

Seamus aproxima-se cada vez mais da abertura e detém-se mesmo à beira do precipício. A corrente de ar desgrenha-lhe o cabelo e sacode-lhe o casaco, produzindo um som semelhante ao das asas de um pássaro a levantar voo. Atrás dele, a paisagem coberta de neve passa num borrão de tons brancos e cinzentos. O comboio está muito acima do rio agora, aproximando-se de uma ponte de cavalete que o atravessa.

– Vou-me embora – diz ele.

Outra lágrima desce em cascata pela face de Anna. Ela não está preparada para se despedir dele, apesar do que fez. Durante o último ano, Seamus tem sido a única presença constante na vida dela. Se o perder ficará com um vazio que nunca será capaz de preencher.

– Não tens de fazer isto – diz ela, resistindo à vontade de o agarrar e de o afastar para longe da porta. Como está tão perto da borda, Anna receia que qualquer movimento brusco o atire para fora do comboio.

E ela sabe o que lhe acontecerá se ele cair.

– Já te disse, não tenho futuro.

– Não tem de ser assim. Tu vais encontrar uma solução.

– Já encontrei – diz Seamus.

Quando o comboio chega à ponte, ele volta-se de frente para a porta aberta. Durante um instante, fica a contemplar o céu cinzento acima dele, o rio coberto de gelo em baixo e a linha branca do horizonte ao longe. Anna sustém a respiração ao vê-lo enquadrado na porta, empoleirado na borda. Quando ele se vira novamente para olhar para ela, o seu coração dispara. Ela percebe que ele está a mudar de ideias.

E tal como Anna suspeitava, Seamus afasta-se da porta e corre na sua direcção, envolvendo-a nos seus enormes braços. Ela abraça-o de volta, aliviada por ele ter escolhido viver.

Porém, quando Seamus lhe dá o revólver para a mão, Anna percebe que ele não vai ficar por aqui.

– Fica com isto – pede Seamus.

Anna abana a cabeça, chorando ainda mais.

– Por favor, não faças isto.

– Sabes o que tens de fazer – sussurra Seamus, fechando-lhe os dedos à volta da arma. – Podes acabar com isto.

Depois, afasta-se deixando Anna a segurar a arma com uma mão, enquanto tenta agarrá-lo com a outra, sem conseguir alcançá-lo. Seamus avança para a porta sem parar, sem olhar para trás, nem sequer se despedir.

Simplesmente, atira-se do comboio e desaparece.

QUARENTA E CINCO

Anna grita.

Inutilmente.

Seamus foi-se. Ela sabe disso. Observou os seus membros a agitarem-se como os de uma boneca de trapos enquanto caía, e viu a forma doentia como o seu corpo se dobrou ao embater contra a água gelada. Mas antes que pudesse ver se o corpo surgiu ileso à superfície, o comboio já tinha chegado ao outro lado da ponte e o rio desaparecera de vista.

Ainda assim, ela continua a gritar, com a corrente de ar gelado vinda das portas abertas a arrancar-lhe o som dos pulmões, de tal forma que ela mal consegue ouvir-se a gritar. Ainda assim, não pára. Porque precisa de continuar a gritar.

Com Seamus.

Por Seamus.

Precisa de chorar por ele, e odiá-lo, e sentir a sua falta, apesar de só terem passado alguns segundos.

O simples acto de gritar liberta alguma coisa dentro dela. Uma dor assustadora e animalesca que ela tinha guardada à chave durante doze anos e que, agora que a deitou cá para fora, não sabe como a há-de parar.

Nem ela sabe o que fazer a seguir, apesar do que Seamus lhe disse.

Sabes o que tens de fazer. Podes acabar com isto.

Lembrar-se dessas palavras faz com que Anna finalmente pare de gritar. Quando as ouviu pela primeira vez, estava demasiado afectada pela traição e pelo desespero para as assimilar. Como brasas num fogo crepitante, estavam perdidas no meio da explosão. Porém, agora que Seamus morreu e os gritos lhe morrem nos pulmões, Anna não consegue pensar em mais nada.

Ele disse-lhe isso por uma razão, enquanto a forçava a segurar na arma. A princípio, Anna achou que Seamus queria que terminasse o que ele começara. Matar Lapsford. Experienciar a beleza e a doce libertação que vem com a sensação de uma vingança cumprida.

Mas há outra coisa que ele disse que a faz ponderar.

Assim que tive oportunidade de matar um desses sacanas, aproveitei-a.

Há uma palavra em particular que se destaca das outras.

Um.

Anna fecha as portas e deixa-se cair no chão. Uma dor, crua e latejante, atravessa-lhe a garganta que agora já não grita. Ela engole em seco, estremece, chora, ao mesmo tempo que tenta desenredar os seus pensamentos.

De todos os homicídios neste comboio, Seamus só admitiu cometer um.

Anna arqueja e a inspiração repentina de ar fá-la estremecer uma segunda vez. Seamus nunca admitiu ter matado nenhum dos outros. Apenas Judd. E ela só consegue pensar numa razão para ele não ter confessado os restantes crimes.

Porque foram cometidos por outra pessoa.

QUARENTA E SEIS

Aqueles que ainda estão vivos na Carruagem 12 do Philadelphia Phoenix ouvem os gritos de Anna na parte de trás do comboio. São gritos mais de lamento do que de dor e, assim que chegam aos seus ouvidos, eles sabem que alguma coisa má acabou de acontecer.

Não a Anna, mas a Seamus.

E cada um deles responde de maneiras diferentes.

No Quarto C, Dante Wentworth tenta libertar-se das amarras que prendem os seus braços à cadeira. Não fez outra coisa desde que Anna e Seamus o deixaram aqui, e agora que suspeita que Seamus se foi, redobra os seus esforços. Com o corpo tenso e levando os músculos ao limite, ele cerra os dentes e tenta uma última vez, sem desistir até sentir uma das amarras a ceder por um milímetro.

Graças a isso, conseguiu espaço suficiente para que a sua mão esquerda se liberte da gravata e, assim, poder soltar rapidamente a mão direita, puxando o nó no tecido até ceder.

O seu corpo é percorrido por uma sensação de triunfo. Mesmo depois de Anna e Seamus terem dado o seu melhor, ele conseguiu escapar.

Ao lado, no Quarto B, o coração de Jack Lapsford palpita a ritmo acelerado enquanto caminha de um lado para o outro. Ainda não se acalmou desde que Seamus Callahan o encurralou. Não consegue parar de pensar no quão enorme ele lhe pareceu, debruçado sobre a cama, com aquela almofada na mão.

Se Anna não o tivesse interrompido, Lapsford podia estar morto. Pensar nisso faz com que o seu batimento cardíaco acelere mais um bocado. Consegue agora senti-lo a reverberar na caixa torácica. Como um eco numa caverna.

Só espera não ter um ataque cardíaco. Teria muita piada, tendo em conta que fingiu dois, em menos de doze horas. Mas, ao contrário da sua primeira tentativa, a segunda foi um sucesso de plateia.

Esforço físico.

Foi esse o segredo.

Para fazer com que o seu coração disparasse e ficasse com o rosto corado, Lapsford realizou uma série de exercícios de calistenia que já não fazia desde que andou na tropa. No final, chegou a pensar se não estaria mesmo prestes a

morrer.

Mas funcionou. Seamus não teve dúvidas de que ele estava a ter um ataque cardíaco.

Agora, entregue a si mesmo, caminha da porta para a cama, e vice-versa. É assim que pensa melhor. E, neste momento, precisa de pensar noutra forma de sair deste comboio.

No Quarto A, o corpo de Sally Lawrence permanece exactamente como Anna o deixou – na cadeira junto à janela, coberto por um lençol.

A única coisa que mudou, cerca de uma hora desde que descobriram o corpo, foi a posição do lençol, sacudido pelo vento que entra pela janela aberta. É isso que tem acontecido, enquanto Dante Wentworth luta contra as suas amarras a dois quartos de distância. Um movimento constante que afasta o lençol do seu corpo, milímetro a milímetro, até que, com um último empurrão, cai no chão.

Depois, outra coisa acontece.

Sally abre os olhos.

QUARENTA E SETE

Espera até quase às sete da manhã para agir, deslizando pela Carruagem 12, enquanto tenta não fazer barulho. Provavelmente, já nem é necessário, mas parece-lhe a jogada mais inteligente. O facto de as pessoas que tenciona matar saberem que está a chegar torna as coisas mais… difíceis.

Especialmente quando é muito possível que a sua próxima vítima dê luta. E este assassínio vai ter de ser rápido e silencioso. Um segredo. Porque no momento em que Anna o descobrir, vai entrar em modo de batalha.

No meio da carruagem, detém-se e põe-se à escuta. Não ouve nada que lhe indique que alguém esteja por perto, e só espera que assim continue. Não querendo arriscar, aproxima-se da porta da pessoa que vai morrer a seguir.

Jack Lapsford.

O último conspirador que resta.

Depois de ele morrer, só falta Kenneth Wentworth. E, embora fosse bom poder matá-lo também, caberá aos tribunais decidir o seu destino. Isso deve deixar Anna contente. Ela merece pelo menos uma vitória.

Agora que está mesmo em frente ao quarto de Lapsford, roda a maçaneta da porta até abrir só uma fresta. A seguir, empurra-a até ao fim com o pé.

Ouve-se um leve ranger de dobradiças e, quando olha para dentro, vê alguém sentado na cadeira junto à janela.

Não Jack Lapsford.

Anna.

Ela sorri, como se estivesse à sua espera há horas. Como se soubesse este tempo todo do seu plano.

– Olá, agente Davis – saúda ela. – Vejo que já se sente melhor.

07H00

UMA HORA ATÉ CHICAGO

QUARENTA E OITO

O agente Reggie Davis encosta-se à ombreira da porta. Honestamente, está aliviado por ter sido descoberto. Tem sido cansativo fingir que estava a ajudar Anna quando, na verdade, estava a fazer o contrário. Durante todo este tempo, ele só teve um objectivo em mente: matar as pessoas responsáveis pela morte do seu pai.

Tinha quinze anos. Uma idade horrível para uma perdas destas.

O pai de Reggie não foi um soldado recrutado para o treino básico, como o irmão de Anna. Aos quarenta e cinco anos, os seus dias de combate tinham acabado há muito. Não, o pai dele trabalhava nos caminhos-de-ferro. Era maquinista. Um maquinista azarado que se voluntariou para conduzir um comboio novinho em folha, que transportava um grupo de militares americanos para uma base militar na Geórgia.

– Estou a fazer a minha parte – dissera ele a Reggie, antes de sair de casa nessa fatídica manhã. – Quando fores mais velho, espero que faças o mesmo.

Quando Reggie se pôde alistar, a guerra já tinha terminado. Por isso, entrou para o FBI. Durante algum tempo, sentiu que estava a honrar o seu falecido pai. Era um dos bons da fita a apanhar os maus da fita, certificando-se de que a balança da justiça pendia para o lado do bem.

Nem num milhão de anos pensou que teria a oportunidade de se vingar. Afinal, o homem que todos achavam ter sido o responsável pelo crime estava morto há doze anos. Contudo, se Arthur Matheson ainda estivesse vivo, Reggie tê-lo-ia matado com as suas próprias mãos se pudesse.

E depois, milagre dos milagres, a sua oportunidade para o fazer apareceu.

Reggie não conseguiu acreditar na sua sorte quando descobriu não só quem tinha realmente matado o seu pai, mas também que todos os responsáveis estavam reunidos a convite da filha de Art Matheson num comboio. Não soube o que havia de fazer a seguir. Nem mesmo depois de ter entrado no comboio. Mas quando todos os outros – os bagageiros, os revisores, até os outros passageiros – desembarcaram à pressa, Reggie percebeu que alguma coisa se estava a passar.

– Achei que os trouxera aqui para os matar – conta ele a Anna.

– Deve ter sido uma surpresa para si quando percebeu que não era esse o

caso – diz ela. – Foi nessa altura que decidiu ser você a fazê-lo?

Sim. Embora não estivesse no salão quando, alegadamente, Judd Dodge morreu, Reggie sabia que não tinha sido envenenado. Ao contrário do que se vê nos filmes, uma morte por envenenamento é muito feia. Dependendo da dose administrada, há vómitos, convulsões, cuspidelas de sangue. Reggie não viu nenhum vestígio disso na toalha de mesa que cobria o suposto cadáver. Assim, mal teve a oportunidade, esgueirou-se até ao Quarto C da Carruagem 13 para ver com os seus próprios olhos.

– Vai contar aos outros? – perguntou Judd, em pânico, quando foi descoberto.

– Não, se concordar em fazer tudo o que eu disser – respondeu-lhe Reggie.

Apanhar os outros um a um. Edith e Herb, Jack Lapsford e Sally Lawrence. A ordem não importava, desde que morressem todos.

– Como é que descobriu? – pergunta ele a Anna.

– Fui juntando as peças. Começando pela sua camisa. – Ela analisa-a agora e vê que, excepto a parte que está manchada com o seu sangue, é completamente branca. – Quando apareceu do nada no salão, a que tinha vestida era azul-clara.

Reggie esperava que ninguém fosse notar. A culpa foi sua por não ter trazido uma camisa a condizer, mas também não teve tempo para ir a casa buscar outra. A camisa branca que tinha guardada no fundo da secretária, para missões inesperadas como esta, teve de servir.

– Ficou manchada com o sangue do Herb quando lhe cortou a garganta? – indaga Anna. – Ou ensopada de neve depois de se esgueirar pela janela?

– As duas coisas – responde Reggie, ao pensar na camisa encharcada e manchada de sangue que repousa agora no fundo da sua mala. – Quando é que percebeu que a tinha trocado?

– Enquanto cuidava da sua ferida. Como é que está, já agora?

Reggie dá palmadinhas na parte lateral do tronco, junto ao estômago. A ferida ainda lhe dói. Muito. Mas, pelo menos, consegue mexer-se, graças a Anna.

– Os pontos estão a aguentar-se bem. Fez um bom trabalho.

– Um trabalho desnecessário – diz Anna. – Quando se esfaqueou, fez questão de que a ferida parecesse pior do que era na realidade.

– O que a faz pensar que fui eu?

– O sítio da ferida. Foi esfaqueado no lado esquerdo do estômago, e Judd Dodge, o homem que acusou, era destro. Se ele o tivesse realmente apanhado pelas costas, como afirmou, a facada ter-lhe-ia acertado no lado direito do abdómen.

Reggie não consegue evitar ficar impressionado. Até agora, não conseguiu

que nada escapasse a Anna.

– Não podia arriscar o lado direito – explica ele. – Demasiados órgãos vitais.

Anna inclina a cabeça, curiosa.

– Aprendeu isso no FBI? Como esfaquear alguém num sítio que provoque hemorragia, mas não leve a ferimentos graves?

– É surpreendente a quantidade de coisas que se aprende neste trabalho.

– Tais como ferir-se a si mesmo para parecer que não é um assassino? – pergunta Anna. – Também matou a Edith? Ou só o Judd?

– Foi ele o responsável pelos homicídios, mas só porque eu o mandei. O cordão que cortámos das suas cortinas também foi ideia minha.

– Para me incriminar. Fez o mesmo com a janela aberta e o alfinete do meu pai. Quando é que mo roubou?

– Na carruagem com vista panorâmica – responde Reggie, lembrando-se de como foi fácil tirar-lhe o alfinete do vestido quando apontou para o batom borrado de Edith.

– Não conseguia compreender porque estava a ser incriminada, nem mesmo depois de perceber que era você o assassino. – Anna leva um dedo ao queixo, como se estivesse nesse momento a juntar as peças todas. – Mas agora começa tudo a fazer mais sentido. Ao incriminar-me, estava a incriminar o Judd Dodge.

– Pensei que pareceria plausível – admite Reggie. – O Judd finge a sua própria morte, assassina os que o poderiam implicar no plano que matou o seu pai e depois incrimina-a pelos seus crimes. Também lhe pareceu uma boa ideia.

– Quando, na realidade, estava a planear matá-lo depois de ele assassinar os outros e alegar legítima defesa. Teria um bode expiatório, ninguém saberia da verdade e tornar-se-ia num herói.

Foi um plano perfeito, pensa Reggie. Quase infalível. E teria funcionado, não fosse por um pormenor fundamental. Anna, é claro, sabe qual é.

– Mas depois eu descobri que o Judd não estava morto. O facto de ele ter saído do quarto também não ajudou. – A voz de Anna fica mais calma, mais distante. – E depois o Seamus matou-o.

– Isso não fazia parte do plano. Seamus nunca soube, em nenhum momento, o que eu andava a fazer.

Reggie vê-se obrigado a dizê-lo por simpatia. Ele não quer que Anna tenha Seamus ainda em menos consideração do que aquela que já tem. Apesar de tudo, Reggie ainda a admira. Ela é corajosa e determinada. Poucos dos seus colegas agentes teriam sido capazes de algumas das coisas que Anna fez esta noite.

– Ainda assim, por essa altura, o seu plano já estava completamente arruinado – diz ela.

Reggie começa a caminhar, entrando no quarto.

– Não diria tanto. Ainda pode resultar. Se não contar a ninguém. Pense nisso, Anna. Durante todo este tempo, não desejou mais nada a não ser vingança. Tal como eu. Esta é a nossa oportunidade.

– E nós temos visões muito diferentes sobre o que é vingança – diz Anna.

– Mas não precisamos de ter. Eles são pessoas más, Anna. Tiraram-lhe tudo. Tem o direito a fazer o mesmo com eles.

Anna remexe-se na cadeira, inquieta.

– Nem todos. O Kenneth Wentworth nem sequer está neste comboio.

– Aí é que está a beleza deste plano. Ele vai sofrer exactamente como quer que ele sofra. Humilhação. Prisão. Vai ser o homem mais odiado de toda a América. E aqueles que o ajudaram estarão mortos, tal como eu quero. Ficamos os dois satisfeitos.

Anna tem no rosto uma expressão estranha. Uma expressão hesitante de dúvida. Quase como se quisesse aceitar, mas não conseguisse fazê-lo.

– E se eu me recusar? Vai matar-me?

– Sim – responde Reggie. – Infelizmente, é esse o plano.

– E se eu o matar primeiro?

Anna descruza os braços, mostrando a arma de Reggie, que segura com a mão direita. Durante o tempo todo em que esteve a usar o casaco dele, a arma esteve sempre ali, no fundo de um bolso. Reggie não sabe quanto tempo é que lhe demorou a descobrir que ali estava. Não que importe, agora que ela a tem na mão e a aponta directamente ao peito dele.

Ele sorri. Não consegue evitá-lo.

– Antes de me dar um tiro, tenho uma pergunta para si – diz ele. – Achou mesmo que eu lhe ia dar uma arma carregada?

Os olhos de Anna escurecem. Quando puxa o gatilho, a única coisa que se ouve é um estalido agudo.

– Não, não achei – diz ela, desviando o olhar para o corredor atrás dele. – E acha mesmo que sou a única que sabe que você é o assassino?

Nesse momento, Reggie sente alguém atrás de si e, em seguida, uma corrente de ar, como se alguma coisa pesada se aproximasse rapidamente da sua cabeça. Quando a coisa lhe embate contra a base do crânio, o seu corpo explode de dor, fazendo com que fique paralisado de imediato.

Ele cai no chão, com a visão turva, como se olhasse através de um vidro sujo. Ao cair de costas, vê Sally Lawrence entrar na sala, a segurar o objecto contundente com o qual acabou de o derrubar.

A garrafa de champanhe que tirou do salão. Sally segura-a agora pelo gargalo, batendo com a base na palma da mão aberta.

É a última coisa que Reggie vê, antes de o mundo à sua volta ficar

completamente às escuras.

QUARENTA E NOVE

Sal deixa cair a garrafa e limpa a mancha carmesim que tem na testa, eliminando assim a fachada de sangue e do buraco de bala. Enquanto durou, o truque foi surpreendentemente eficaz. Até Anna ficou preocupada quando o viu pela primeira vez, mesmo sabendo que tinha sido conseguido graças a dois objectos da mala de Sal.

Batom e verniz para as unhas.

Embora não fosse a maneira mais sofisticada de fingir uma morte a tiro, as opções não eram muitas. Anna sabia que era um risco, mas esperava que, se Sal disparasse para a janela atrás dela, a ausência de respingos de sangue ficasse explicada e, se mantivesse Seamus afastado do corpo, este não percebesse que não estava mesmo morta. Graças a Deus, valeu a pena.

Todo o estratagema foi ideia de Anna, elaborado no momento em que começou a suspeitar que Judd fora estrangulado até à morte por Seamus. Como presumia que ele atacaria Sal e Lapsford a seguir, decidiu fazer com que parecesse que um deles já tinha sido eliminado. O outro seria então usado como isco para o atrair e apanhá-lo em flagrante.

O que Anna não contava era que houvesse um terceiro assassino no comboio.

– O que recebemos em troca se alinharmos nisto? – perguntou Sal depois de Anna lhe ter apresentado a sua ideia, enquanto Dante e Seamus transportavam o corpo de Judd para o quarto dele, pela segunda vez.

Anna abanou a cabeça.

– Nada.

– Então, porque é que a haveríamos de ajudar? – pergunta Lapsford.

– Porque ambos morrerão nas próximas três horas se não o fizerem. Ele anda atrás de si, não de mim.

Foi o suficiente para os convencer.

Ficou decidido que Sal fingiria a sua morte com um tiro, depois de Lapsford fingir ter um ataque cardíaco mais convincente do que o primeiro. O objectivo era fazer com que ele parecesse o mais vulnerável possível ao seu futuro assassino, encorajando-o assim a atacar. Para convencer Seamus de que a

situação era urgente, Anna bombardeou Lapsford com perguntas reais. Se as respostas eram verdadeiras ou não, não importava. O importante era distraí-lo o suficiente para não reparar em Sal a roubar-lhe a arma do bolso do casaco.

– Posso confiar em vocês? – perguntou Anna antes de avançarem com o plano.

– Não – respondeu Sal. – Mas, tal como eu, não tens outra escolha.

Era verdade, não lhe restavam grandes opções. Mas Sal acabou por não faltar à sua palavra. Agora, dirigem-se as duas para o corredor, passando por cima do corpo inconsciente de Reggie.

– Bom trabalho – elogia Anna.

Sal aceita o elogio com um aceno de cabeça.

– Não tens de quê.

– Mas isso não significa que tenhamos acertado as nossas contas – acrescenta Anna. – Nem de perto.

Sal anui novamente com a cabeça.

– Eu sei.

Entram de rompante no quarto de Sal, onde Lapsford estava escondido. Uma decisão de última hora, tomada depois de ele quase ter sido sufocado por Seamus. Enfiada no quarto com eles os dois, Anna ainda não consegue acreditar que estes são os seus aliados temporários. Sally Lawrence e Jack Lapsford são as últimas pessoas com quem ela achou que ia colaborar.

Uma trégua que pode não durar muito mais tempo.

Anna só pode confiar neles até certo ponto.

Com isto em mente, regressa ao corredor e corre até ao quarto de Dante. Outro aliado improvável de viagem. Ela acaba de chegar à porta quando ele a abre e espreita para o exterior.

– Vens aqui acusar-me de ser um assassino outra vez?

– Desculpa – pede Anna. – Sei que não fizeste nada de mal. Fazia parte do meu plano para apanhar o verdadeiro assassino.

– Podias ao menos ter-me avisado – diz Dante com um suspiro.

– Eu explico tudo mais tarde, mas agora preciso desesperadamente da tua ajuda.

– O que está a acontecer? – pergunta ele.

– Nada de bom.

Dante sai do quarto e segue-a pelo corredor. À porta do quarto de Lapsford, vê Reggie inconsciente no chão.

– Devias amarrá-lo.

– Essa é a próxima ordem de trabalhos – diz Anna.

– Onde está o Seamus?

– Foi-se.

Anna não explica mais do que isto. Primeiro, porque não há tempo, e segundo, porque contar o que aconteceu em voz alta torná-lo-ia real. E ela não está preparada para isso. Certamente, não agora. É provável que nunca venha a estar. Por isso, continua a andar, puxando Dante para o quarto onde estão Lapsford e Sal.

– Vocês os três vão ficar neste quarto e não sair daqui aconteça o que acontecer. Tranquem a porta. Só a abram quando o comboio chegar a Chicago. – Anna volta-se para Dante. – Posso confiar em ti?

Dante nem sequer pestaneja.

– Sim.

Anna fecha as mãos de Dante à volta da arma de Seamus.

– Guarda isto com a tua vida.

Sai do quarto e fica no corredor até ver Dante fechar a porta e ouvir o trinco. A seguir, corre para o quarto de Reggie na carruagem seguinte e, depois de entrar, encontra a mala dele e vira-a ao contrário, despejando o seu conteúdo em cima da cama. Uma gravata. Uma camisa manchada com o sangue de Herb. Uma lista com três nomes riscados.

E balas.

Uma caixa inteira.

Anna pega na caixa com as mãos a tremer e carrega a arma de Reggie com seis balas. Seamus tinha razão. Ela pode acabar com isto.

Segundos depois, está a sair porta fora e a entrar de rompante na carruagem seguinte. A meio do corredor, pára e olha para o quarto de Lapsford.

O sítio onde Reggie esteve esparramado dois minutos antes está vazio.

A janela do outro lado da divisão está escancarada.

E o agente Reggie Davis desapareceu.

CINQUENTA

Anna segue Reggie pela janela, uma decisão que tomou depois de ter reflectido durante um segundo. Se ele estiver no tejadilho e ela dentro do comboio, não tem forma de saber para onde é que ele poderá ir. Pode aparecer em qualquer lado, a qualquer momento. Pode até entrar novamente através da janela no quarto onde Dante, Sal e Lapsford estão barricados. Porém, o raciocínio de Anna é que se ela estiver no tejadilho conseguirá ver precisamente para onde Reggie está a ir.

Respirando fundo, descalça os sapatos e põe-se de pé na cadeira. Depois, espreme-se pela janela e senta-se no caixilho, com as pernas ainda no interior e a parte superior toda na parte de fora, a ser fustigada pela neve.

A força do nevão é uma agressão física. O frio é violento e a neve pica-lhe a cara. Passaram apenas alguns segundos e Anna já começa a sentir dores no corpo devido ao frio, mesmo tendo o casaco de Reggie vestido. É o suficiente para que queira deslizar de volta para o quarto, e ela quase cede à tentação. A única coisa que a faz seguir em frente é saber, ainda que possa estar enganada, que o que ela pretende fazer já foi feito antes. Só falta saber se será capaz.

As vibrações do comboio, embora perceptíveis do interior, parecem amplificadas no exterior. O exterior da carruagem treme com o movimento – um abanar constante que só não a incomoda mais, porque está demasiado distraída com a presença gigantesca de tudo à volta do comboio. Cada árvore e cada poste telefónico parecem estar assustadoramente próximos. Cada objecto tem uma gravidade, um peso. Tudo – desde o vento, à neve, ao objectos que percorrem os carris – parece agarrar-se a Anna, ameaçando arrancá-la para fora do comboio.

Com os braços bem abertos, abraça a parte lateral do comboio e começa lentamente a levantar-se sobre o parapeito da janela, levantando primeiro um pé e depois o outro. Embora livrar-se dos saltos tenha sido uma decisão acertada, Anna preferia não estar com os pés descalços. Sente a borda fria do peitoril da janela nas plantas dos seus pés como lâminas de barbear. Nem quer pensar em como será pisar o tejadilho do comboio.

Já o tejadilho fica-lhe ao nível dos olhos quando ela se põe de pé e, através do véu de neve que cai, observa a extensão do comboio à sua frente, enquanto

pondera os prós e os contras. O lado positivo é que é largo – pouco mais de três metros – e não é completamente liso, pois tem uma série de saliências uniformes a percorrê-lo, o que lhe dá alguma coisa a que se agarrar quando tentar subir para o topo do comboio.

A desvantagem é que o tejadilho está longe de ser plano. Tem uma ligeira curvatura que, quando combinada com as manchas de gelo e a neve acumulada, pode enfraquecer a sua aderência e tornar-lhe os movimentos instáveis quando estiver no topo.

Se ela conseguir sequer chegar ao topo.

Anna tem as suas dúvidas ao encostar as palmas das mãos à superfície do tejadilho, encontrando-o chocantemente frio. Como se tocasse num lençol de gelo. As pontas dos dedos colam-se-lhe ao metal, obrigando-a a retirá-los cuidadosamente um a um para não congelarem. Este não é, de certeza, o tipo de aderência que ela quer ou de que precisa.

Não que tenha escolha. Ou continua a subir ou volta para dentro. Não pode ficar ali fora parada para sempre, pois quanto mais o tempo passa, mais intensas as condições se tornam. O ar parece mais frio, o vento mais forte, os objectos que passam ao longo dos carris cada vez mais próximos. Quando o comboio atravessa uma estrada, o sinal de passagem de nível – uma cacofonia fumegante de luzes vermelhas e um apito estridente – fica tão próximo dela, que Anna jura senti-lo a roçar-lhe as costas, mesmo estando colada à lateral do comboio.

Assim que o caminho fica livre, Anna respira fundo e, receando que este seja o seu último suspiro, começa a subir. Empurrando o parapeito da janela, ao mesmo tempo que se segura à saliência metálica que percorre o tejadilho, ela sobe o mais depressa que consegue. A neve é tão espessa que mal consegue ver o que está à sua frente. Os pés descalços batem contra o aço gelado. Os dedos agarram com força o tejadilho igualmente gélido. Com uma mistura de milagre e determinação, consegue chegar ao topo do comboio em dez segundos.

Depois de rolar o corpo para o centro do tejadilho, Anna levanta-se com dificuldade. Por muito estranho que seja estar agarrada à parte lateral do comboio, é ainda mais estranho estar em cima dele. Mais perigoso, também. Aqui em cima, sente-se exposta por todos os lados, rodeada pelo frio e martelada por um vento cheio de neve, que a faz sentir como se estivesse a caminhar contra uma porta trancada. Nestas condições, Anna jura que a única coisa que a mantém de pé é o facto de parecer que tem as plantas dos pés coladas ao tejadilho metálico.

Depois, há as poças de gelo que estão espalhadas pela superfície do tejadilho e funcionam como autênticas minas. Um passo em falso e ela pode escorregar e cair.

E ela sabe o que acontece a seguir.

Quando chegou ao tejadilho, Anna estava demasiado preocupada em manter-se de pé para reparar em que direcção estava virada. Agora vê que tem à sua frente as duas últimas carruagens do comboio, incluindo a carruagem com vista panorâmica com a sua janela virada para o tejadilho. Descolando os pés, vira-se lentamente para olhar para o resto do comboio.

Através da neve, vislumbra a escura silhueta de Reggie a duas carruagens de distância, no tejadilho do salão da primeira classe.

– Reggie! – grita ela, tirando a arma do bolso do casaco e apontando-lha. – Pare!

Ele volta-se, parecendo estar atordoado do golpe que levou na cabeça, por ter subido ao tejadilho e estar ferido no estômago. Reggie agarra-se ao tronco enquanto grita, certificando-se de que ela o consegue ouvir por cima da ventania.

– Não vai disparar contra mim, Anna!

Ele tem razão. Anna sabe que, mesmo se o atingisse superficialmente, ele cairia do comboio para uma morte certa. Anna não quer, de todo, que isso aconteça. Reggie juntou-se agora a Sal, a Lapsford e a Kenneth Wentworth – o grupo de pessoas que quer ver castigadas durante o máximo de tempo possível, de todas as formas possíveis. A morte de Reggie, simplesmente, não seria satisfação suficiente para ela.

Ele sabe disso e, em vez de se afastar aos tropeções, começa a caminhar na direcção dela.

Anna recua, recusando-se a disparar a arma. Reggie continua a avançar na sua direcção, atravessando o tejadilho da Carruagem 11 a passos largos. Ela afasta-se com cuidado, atenta simultaneamente a Reggie, aos seus pés e ao espaço atrás de si. Quando Reggie chega à Carruagem 12, ela ainda não a atravessou.

– Não se aproxime mais – avisa ela, enquanto sobe para a Carruagem 13 e olha em volta.

Estão agora a aproximar-se dos arredores de Chicago e os campos e os arbustos cobertos de neve são substituídos por fábricas de tijolo, armazéns e casas geminadas. Anna imagina as pessoas dentro das suas casas a olhar pelas janelas sujas e a vê-los aos dois no tejadilho do Philadelphia Phoenix. Reggie a chegar ao final da Carruagem 12, Anna ainda a meio da Carruagem 13, recuando cuidadosamente pelo tejadilho.

– Não temos de fazer isto, sabe disso, certo? – pergunta Reggie, perto o suficiente dela para já não ter de levantar a voz. Está tão próximo que Anna consegue ver o sangue fresco a escorrer-lhe do estômago.

– Pois não – concorda ela. – Pode entregar-se.

– Ou então a Anna pode largar a arma.

Ela abana a cabeça.

– Nem pensar.

– Pode sempre juntar-se a mim – sugere Reggie. – O Seamus disse-lhe qual foi a sensação de matar um deles?

– Disse. – Anna faz uma pausa, sem saber se deverá partilhar a informação ou não. – Ele disse que foi lindo.

– E foi. Pode experienciar em primeira mão.

– Preferia vê-lo na prisão, juntamente com os outros.

– Sabe tão bem quanto eu que eles estavam a pedi-las – diz Reggie. – O Judd. A Edith. O Herb. Tal como a Sally e o Lapsford.

– E o Dante? – pergunta Anna. – Se se quiser safar disto vai ter de o matar também. E ele não fez nada.

Reggie sobe para o tejadilho da Carruagem 13, obrigando-a a continuar a recuar.

– Ele é um Wentworth – diz ele. – Foi o pai dele quem causou tudo isto. Pense nisso, Anna. O seu irmão e o meu pai estão mortos, mas os Wentworth ainda se têm um ao outro. Não parece lá muito justo, pois não?

Anna está no fim da carruagem, acelerando o passo à medida que Reggie se aproxima. Não que isso lhe sirva de alguma coisa. Quando passa para a carruagem seguinte, apercebe-se de súbito daquilo que Reggie estava à espera que acontecesse.

Ela chegou à carruagem com vista panorâmica.

A última do comboio.

Não há mais nenhum sítio para onde ir.

– Pare! – exclama Anna, apontando o revólver ao peito de Reggie, com o dedo indicador a dançar no gatilho.

Reggie continua a andar, juntando-se a ela no tejadilho da última carruagem, e só se detém quando sente o cano da arma contra o seu peito.

– Admita que não vai disparar contra mim – diz ele. – Não aqui em cima.

– É verdade, não vou – confirma Anna. – Vou disparar ali para baixo.

Os olhos de Reggie brilham com pânico ao passarem de Anna para a arma e, depois, para os seus pés. Anna segue o olhar dele, certificando-se de que estão ambos a pisar o sítio que ela pretendia.

Directamente por cima da clarabóia da carruagem com vista panorâmica.

Anna aponta a arma para o vidro e, sem hesitar, pressiona o gatilho.

CINQUENTA E UM

A clarabóia cede de imediato. Anna e Reggie atravessam-na com vidro a chover à volta deles enquanto caem.

Aterram ao mesmo tempo e o impacto com o chão retira a Anna todo o ar que tinha nos pulmões, substituindo por uma dor dilacerante. Ela consegue perceber que Reggie sente o mesmo ao vê-lo contorcer-se em agonia ao lado dela, braços e pernas emaranhados nos seus.

Apesar disso, sobreviveram ambos à queda praticamente ilesos e, tanto quanto Anna consegue perceber, sem ossos partidos. Sofrem apenas com uma dor intensa e alguns pequenos golpes, provocados pelos cacos de vidro. Reggie tem um corte na face, que está a sangrar, e Anna tem outro nas costas da mão e uma lasca de vidro enterrada no lado do seu pescoço. Depois de a arrancar, vê que a ponta está pintada com um vermelho vivo.

Anna tenta sentar-se, mas a dor que sente a pulsar no ombro e na anca impedem-na. Reggie levanta-se primeiro, coxeando à volta da carruagem à procura da arma que se perdeu na queda.

Assim que a avista numa piscina de vidro ali perto, Anna atira-se para a apanhar. Reggie, ao vê-la, atira-se também. Os seus corpos voltam a colidir um com o outro, numa luta sem fôlego pela arma. Embora os braços de Reggie sejam mais compridos, Anna é mais rápida e consegue agarrar o cabo antes de lha apontar.

Reggie levanta-se lentamente, com as mãos levantadas. Anna permanece no chão, sentando-se apenas o suficiente para agarrar a arma com as duas mãos e apontá-la em direcção ao peito dele.

– Não mexa sequer um músculo, porra – avisa ela.

– Eu sei que não me vai matar – diz Reggie. – Eu conheço-a, Anna Matheson. Acha que é uma durona, mas, no fundo, continua a mesma rapariga assustada que era quando a sua família morreu.

É verdade, Anna está assustada.

Aterrorizada, na realidade.

Tem medo de morrer, claro, mas também de falhar. Isso mais do que tudo. Não levar à justiça pelo menos uma das pessoas que lhe destruíram a vida

desonraria o seu irmão, os seus pais, a sua tia. Prefere que Reggie a mate, pois sabe que não conseguirá viver consigo mesma se fracassar.

O pavor absoluto que tem de falhar lateja dentro dela tão rápido como o bater do seu coração. Ainda assim, mantém a arma apontada a Reggie, enquanto se levanta com as pernas a tremer do medo, da queda, da noite inteira.

– Tem a certeza disso, agente Davis? – pergunta ela.

– Absoluta.

Anna fita-o com um olhar de aço.

– Está enganado.

Ela não planeia matar Reggie. Basta dar-lhe um tiro na perna para o incapacitar. Ele próprio o disse. Anna baixa a mira, apontando-lhe a arma à parte superior da coxa, enquanto o seu dedo indicador hesita contra o gatilho.

Estabiliza a arma.

Começa a pressionar o gatilho.

Está pronta para disparar.

Sob os seus pés, o comboio começa aos solavancos. Anna move-se com ele. Tal como Reggie. Inclinam-se os dois para a frente, instáveis e empurrados pelo impulso, à medida que o que os rodeia abranda de repente.

Anna e Reggie entreolham-se ao aperceberem-se do que acabou de acontecer.

Após doze horas de movimento constante, o Philadelphia Phoenix parou.

CINQUENTA E DOIS

Passa um instante em que nada se mexe.

Nem Anna.

Nem Reggie.

Nem sequer o próprio comboio, que permanece imóvel nos carris, com a locomotiva ainda a trabalhar.

Depois, Reggie começa a coxear, correndo para fora da carruagem com vista panorâmica. Anna segue-o, movendo-se também com dificuldade graças às dores, ao pânico e aos cacos de vidro que lhe picam os pés descalços. Ela desequilibra-se, as suas pernas de comboio completamente inúteis agora que o Phoenix parou. Quando entra na Carruagem 13, Reggie já não está lá, caminhando devagar mas com determinação para a frente do comboio.

Anna vai atrás dele, coxeando o mais depressa que consegue através das carruagens de primeira classe, com a arma ainda na mão. Abranda assim que chega ao salão, pois ali não faltam sítios para se ele esconder, como Herb Pulaski lhe ensinou. Agora, examina a carruagem com cautela, esperando que Reggie a vá atacar a qualquer momento.

Mas ele não está no salão, agachado atrás do bar.

Nem está na carruagem-restaurante, encolhido debaixo de uma mesa.

Em vez disso, Anna encontra Reggie na cozinha, encostado ao balcão enquanto recupera o fôlego. Quando ela empurra a porta da parte de trás da carruagem, Reggie esgueira-se pela porta da frente da cozinha, para a carruagem de lazer.

Anna corre atrás dele, saltando por cima da poça de sangue que ele deixou e que ainda está no chão, antes de entrar de rompante na carruagem.

Sem ver Reggie no seu interior, encostado à parede.

Só quando passa a correr e ele a agarra pelo braço, é que Anna se apercebe que de estava ali à espera dela. Reggie puxa-lhe o braço para trás das costas e empurra-a contra o balcão da carruagem de lazer.

Anna é apanhada de surpresa e entra em modo de luta, enquanto Reggie tenta arrancar-lhe a arma da mão. Ela ergue a perna, preparando-se para fazer o mesmo que fez com Herb e pontapear a virilha de Reggie. Mas ele afasta-se e o

pé dela acerta-lhe completamente ao lado. Está a preparar-se para tentar outra vez, quando ele lhe rouba repentinamente a arma.

Anna dá outro pontapé. Com força. E, desta vez, acerta. O golpe faz com que Reggie cambaleie para trás contra a janela, amarrotando os estores e criando barras de sombra ondulantes na parede oposta.

Depois, Reggie levanta a arma para a frente, apontando-a a Anna que, olhando fixamente para o cano, passa o braço pelo balcão, à procura de alguma coisa que possa usar para se defender. Tem apenas ao seu alcance uma pilha de chávenas de café vazias.

Agarra numa e atira-a à cabeça de Reggie, que lhe passa pela orelha e estilhaça-se na janela atrás dele, criando uma teia de aranha de porcelana no vidro.

Anna continua a atirar. Uma chávena. Duas. Três.

A primeira falha redondamente.

A segunda atinge Reggie no peito.

A terceira acerta-lhe em cheio na cara, e ele enruga o nariz ensopado de sangue.

Reggie uiva de dor, levando uma mão ao nariz enquanto a outra continua a segurar a arma.

Agora, é a vez de Anna correr.

Corre para a frente da carruagem, entrando disparada no salão da segunda classe adjacente, sem olhar para trás e ver se Reggie a segue. Não tem dúvidas de que é isso que ele está a fazer. Se não for agora, em breve. Por isso, continua a correr, através da carruagem-cama e das carruagens de segunda classe, sentindo uma dor latejante em cada centímetro do seu corpo.

No furgão, os passos de Anna ecoam pelo vazio que a rodeia. Já não há sítio para onde fugir, nem para se esconder. A sua única opção é entrar na locomotiva de alguma forma. Só aí estará a salvo.

Anna corre para a porta de aço reforçado que dá acesso à locomotiva. Dando pancadas na porta, reza para que Burt Chapman, o único maquinista a bordo do comboio durante toda a viagem, decida ignorar as suas instruções anteriores.

– Abre! – grita ela. – Por favor!

Atrás dela, Reggie entra no furgão. Anna consegue ouvi-lo a aproximar-se com passos lentos, mas firmes. Não precisa de ter pressa. Afinal de contas, é ele quem tem a arma.

Ela volta-se para o encarar, com as costas coladas à porta. O centro do rosto de Reggie é uma polpa de pele ferida e ensanguentada. Tem o nariz dobrado num ângulo pouco natural e a pingar sangue. Pelo lado da camisa, onde não há dúvidas de que os pontos se desfizeram, escorre mais sangue.

O medo fecha-se à volta de Anna como um punho, apertando-a com força, impedindo-a de se mexer. O aperto é tão forte que ela mal ouve os sons do outro lado da porta.

Um suspiro.

Um puxão.

Um rangido.

De repente, a porta abre-se. A superfície que antes a sustinha é agora apenas um vazio, no qual Anna cairia se lá não estivesse outra pessoa. O alívio inunda-lhe o corpo todo e ela volta-se para a porta aberta.

Mas não é Burt Chapman que está na soleira prestes a trazê-la para a segurança da locomotiva. É outra pessoa completamente diferente. Alguém que tem estado neste comboio toda a noite sem que ela saiba.

Kenneth Wentworth.

CINQUENTA E TRÊS

Anna congela ao vê-lo. No último ano, não houve um único dia em que ela não pensasse em tudo o que Kenneth Wentworth lhe tirou. Ele tem assombrado todos os seus pesadelos – e os seus dias. E aqui está ele, mesmo à sua frente, o homem responsável por tudo o que lhe aconteceu. Os outros não teriam feito nada sem ele, sem o marionetista que puxou todos os cordelinhos.

É a razão pela qual o irmão dela está morto, juntamente com trinta e seis pessoas, incluindo o irmão de Seamus e o pai de Reggie.

É o responsável principal pela incriminação do seu pai.

É o homem que levou a mãe dela ao suicídio com as suas atitudes horríveis.

Anna tanto fantasiou quanto temeu este momento, e sempre se perguntou como reagiria. Gritaria? Choraria? Ou simplesmente matá-lo-ia da forma mais dolorosa possível? Neste momento, sente que é capaz de fazer isso tudo, enquanto é assaltada por uma sensação avassaladora, esmagadora, mas, acima de tudo, paralisante. Agora que esse momento chegou, não consegue fazer mais nada a não ser ficar a olhar fixamente nos olhos de Kenneth Wentworth, para que ele possa ver reflectida neles a vida que destruiu.

Ele olha-a de volta como se estivesse à espera de a ver estremecer.

Ela não estremece.

– Sabe quem eu sou – diz ela.

Não é uma pergunta.

– Sei, menina Matheson – responde Wentworth com uma calma desconcertante. – Também sei porque está aqui.

Anna passa os olhos pelas suas roupas. Numa combinação surreal, veste uma camisa branca e uma gravata por baixo de um fato de maquinista cinzento. Apesar de ter conduzido o comboio durante toda a noite, mantém o tipo de elegância que só se consegue quando se tem muito dinheiro. O seu cabelo prateado está penteado, o rosto com um bronze de fazer inveja e os dentes brancos brilham por detrás do seu sorriso à Cary Grant.

– Onde é que está o Burt Chapman? – pergunta Anna. – Era suposto ser ele o maquinista.

– Despedi-o em Filadélfia – responde Wentworth, sem deixar de sorrir

mesmo depois de a sua voz endurecer. – Achou mesmo que não ia saber o que se passa no meu próprio comboio? Acha que se alguém tivesse pagado aos meus empregados para faltarem ao trabalho, não seria informado? Acima de tudo, quando me chamam para uma fazer uma viagem num comboio que é meu, não acha que descobriria quem enviou o convite?

Anna pensou nisso tudo quando planeou a viagem com Seamus, mas acabou por decidir que valia a pena correr o risco.

– Porque não parou o comboio mais cedo? – pergunta ela. – Ou melhor, porque é que deixou que ele partisse sequer?

– Porque já há muito tempo que não dou uma voltinha no Phoenix. É um *hobby* meu, sabe. Do qual gosto muito. Além disso, estava curioso para ver onde é que a viagem nos levaria. Importava-se de me esclarecer?

Anna sabe o que ele está a perguntar. Ele quer saber quem é que morreu. Mas ela não lhe vai dizer nada.

– Pensou que ia matá-los – afirma ela.

– Presumi que estivesse a pensar nisso, sim.

– Porque *queria* que eu os matasse.

Wentworth continua a sorrir.

– Ter-me-ia, certamente, facilitado muito as coisas.

– E as coisas estão prestes a tornar-se bem mais difíceis para si – diz Anna. – Porque há provas do que fez. Provas que mostram quem fez o quê e que tudo isto foi ideia sua. Não me pergunte como as consegui obter, porque nunca lhe direi. O que vou dizer é que agora essas provas estão nas mãos do FBI, que está à nossa espera em Chicago. E se este comboio se atrasa nem que seja cinco minutos, tenho a certeza de que vão começar a procurá-lo. Se é que não o fizeram já.

Anna achou que saberia bem dizer tudo isto na cara de Kenneth Wentworth. Mas um momento que deveria ser vitorioso é arruinado pela raiva, pela tristeza, pela exaustão e por saber que nem todos os que a injustiçaram conhecerão o verdadeiro preço da justiça.

Ou talvez não se sinta triunfante porque Wentworth não parece derrotado. O sorriso dele não vacila nem por instantes, torna-se até profundamente divertido.

– Sempre me perguntei o que é que o meu filho viu em si – diz ele. – Há doze anos, quando achou, estupidamente, que estava apaixonado por si. Nesse aspecto, a Anna sai ao seu pai. É banalíssima.

Anna toca no alfinete do seu vestido. Wentworth estava errado sobre o pai dela. Tal como está errado sobre ela.

– Eu sei porque fez o que fez – diz ela. – Sei que foi porque odiava o meu pai.

– Eu não o odiava – corrige Wentworth. – Eu só queria o que era meu por direito.

– Quer dizer a minha mãe.

Anna toca novamente no alfinete e pensa em Margaret Matheson. A mulher resplandecente, cujo brilho irreprimível iluminava todas as divisões em que entrava.

– Eu sei que estava apaixonado por ela – diz Anna. – Acho que nunca deixou de a amar. Nem mesmo depois de ela o ter deixado pelo meu pai.

A fachada sorridente de Wentworth desvanece-se, revelando algo mais triste e malvado por baixo.

– Ela não me deixou. Ele tirou-ma.

– Ele *amava-a* – diz Anna, lembrando-se da forma como o pai olhava para a mãe. Aquele olhar de adoração. – E ela amava-o também. Muito mais do que alguma vez o amou a si. Foi por isso que ela escolheu o meu pai.

– Não, ele roubou-ma – esbraceja Wentworth. – Ele roubou a vida que devia ter tido com ela. A família que devíamos ter tido. O filho que deveria ter sido meu.

– O Dante? Ele é seu.

– Estava a falar do meu outro filho – diz Wentworth.

Anna fica imóvel com o choque. Relembra o namoro turbulento dos pais, o casamento à pressa, o nascimento precoce do irmão, que só não causou um escândalo porque o pai de Anna era respeitado, e a mãe era lindíssima, e eles eram tão felizes juntos que não interessou às pessoas quando nascia o seu primeiro filho.

A única pessoa que se importou foi o verdadeiro pai daquela criança.

– O Tommy – diz ela, não resistindo ao instinto de procurar no rosto de Wentworth vestígios do irmão. Estão por todo o lado. No sorriso. Nos olhos. Na elegância descontraída.

Dante partilha muitas dessas características e foi por isso que Anna achou ter visto o irmão a vaguear pelo Phoenix. Mas não era Tommy que ela estava sempre a ver.

Era o meio-irmão dele.

– Ao que parece, afinal, não sabia a história toda – troça Wentworth.

Anna olha para ele, a tremer. Não sabe se de choque ou de raiva.

– Há quanto tempo sabia?

– Tinha as minhas suspeitas. A Maggie nunca me disse que estava grávida, mas as contas nunca bateram certo. O seu pai fingiu que o Tommy era filho dele, apesar de ser óbvio para qualquer pessoa que, se olhasse com atenção, veria que ele não tinha qualquer semelhança com o pacóvio do Arthur Matheson. Reparei

logo nisso na única vez em que me foi permitido conhecer o meu filho.

Anna sabe exactamente quando isso aconteceu. A última festa de Natal da sua família. A mesma em que conheceu Dante. Enquanto os dois conversavam, perdidos numa inegável atracção, Kenneth Wentworth falava com o seu outro filho pela primeira vez.

As têmporas de Anna doem. Uma enxaqueca provocada não só pela surpresa, mas também pela raiva. Kenneth Wentworth tirou-lhe o irmão uma vez. Ela recusa-se a deixar que faça o mesmo com a memória que guarda dele.

– O Tommy era filho do Arthur Matheson. Talvez não de sangue, mas, em tudo aquilo que é importante, eles eram pai e filho. E o Tommy era o meu irmão. Eu amava-o, e você tirou-mo.

– Eu também o amava – diz Wentworth. – Mas não me deixaram agir como se fosse meu. Nem sequer me deixavam falar com ele. E quando o *meu* filho morreu, nem sequer me deixaram fazer o luto.

Anna estremece. Um instinto que não consegue controlar. Tal como não consegue parar as lágrimas que se acumulam nos seus olhos. Lágrimas de raiva tão quentes que ardem.

– Você matou-o! Não merecia estar de luto por ele!

– Eu não sabia que ele ia naquele comboio – diz Wentworth, com os olhos também a brilhar, lacrimejantes. – E ele não devia ter ido. O seu pai devia tê-lo impedido. Devia tê-lo afastado da guerra. Mas não o fez e o meu filho morreu. Foi por isso que tive de matar o seu pai.

– Ele foi morto na prisão.

– Sim – diz Wentworth. – Porque eu mandei. A família do homem que o fez foi muito bem recompensada.

Anna estremece ainda mais à medida que mais lágrimas surgem. O seu pai nunca teve sequer hipótese de se defender. Não importava que ninguém acreditasse nele, excepto ela e a tia Retta, ele deveria ter tido a oportunidade de expor o seu caso em tribunal, provar a sua inocência e sair em liberdade. Se isso tivesse acontecido, talvez a mãe tivesse conseguido conter a sua dor o suficiente para preservar a sanidade e não perder a vontade de viver.

Se tudo isso tivesse acontecido, Anna talvez ainda tivesse os seus pais. Mas Kenneth Wentworth também os levou, e a única coisa que Anna consegue fazer é continuar a afastar-se o máximo possível dele, pois a tem a certeza de que, se a distância que os separa diminuir nem que seja um centímetro, a vontade de o rasgar com as suas próprias mãos será demasiado forte para resistir.

Porém, depois de dar mais dois passos para trás, Anna embate em alguém atrás dela.

Reggie.

Ela esqueceu-se de que esteve ali, a ouvir e a testemunhar a confissão de Kenneth Wentworth. Sem aparentar ter qualquer intenção de a magoar, ele diz:

– Ainda acha que todos eles merecem viver?

Anna já não consegue dar-lhe uma resposta. Para ser sincera, não sabe.

– Durante todo este tempo, esteve a fazer estes nobres discursos sobre justiça e honra e não podermos descer ao nível deles – continua Reggie. – Mas eu conheço-a, Anna Matheson. No fundo, é igual a mim. Quer algo mais satisfatório do que justiça. Anseia por vingança.

Sim, Anna quer vingar-se. Sempre quis. Mas, mais do que isso, ela quer a sua antiga vida de volta. Há doze anos, o futuro que ela tinha imaginado foi-lhe roubado. Tal como um comboio descarrilado, ela foi atirada para fora dos carris e ficou completamente destruída.

Matar Kenneth Wentworth poderia ser uma forma de se reconstruir e seguir o rumo que ela sempre quis. Não será a mesma coisa. A sua família continua morta e nada vai mudar isso. Mas Anna carregará sempre a ausência deles consigo.

– Pense no que eles fizeram – diz Reggie, ainda atrás dela, a sibilar-lhe ao ouvido. – À sua família. A si. Pense no Seamus. E no irmão dele. E em todos os outros homens inocentes que morreram. Garanto-lhe que se eles estivessem no seu lugar agora não hesitariam. Nem por um segundo. Nem mesmo o Seamus. Mas a Anna é quem mais sofreu. De todos, é a que merece mais isto.

Ele estende a mão, oferecendo-lhe a arma, e Anna aceita-a com as mãos tão dormentes que mal as consegue sentir.

– Quer matá-lo, não quer? – pergunta Reggie. – Quis matá-los a todos durante toda a noite. E tem todo o direito de se sentir assim.

Anna dá um meio passo vacilante em direcção a Kenneth Wentworth, que tem os olhos postos na arma que ela segura nas mãos. Parece assustado, o que deixa Anna excitada. Finalmente, um sentimento de triunfo.

– Por favor, não dispare – pede ele. – Por favor, Anna.

Ela aponta-lhe a arma directamente para o peito, com o dedo indicador a tremer contra o gatilho.

– Admita o que fez – ordena ela. – Admita que destruiu a minha família.

A boca de Wentworth abre-se por instantes, mas não sai nenhuma palavra. Durante esse tenso silêncio, Anna aproxima-se, sem nunca perder a pontaria.

– Admita!

– É verdade – diz Wentworth.

Anna dá mais um passo. Está tão perto que pode atirar à queima-roupa.

– É verdade o quê? – pergunta ela.

– Que destruí a sua família. – Wentworth engole em seco, como se estivesse a tentar retirar as palavras, mas, depois, acrescenta: – Destruí tantas famílias. E

obriguei outros a fazerem o mesmo.

– Como é que isso a faz sentir? – Reggie pergunta a Anna.

Ela solta um suspiro longo e exausto.

– Zangada.

– E não está cansada de guardar essa raiva toda?

– Estou – responde ela. – Tão cansada.

Passou o último ano da sua vida constantemente zangada e, antes disso, antecederam-se anos de tristeza e de mágoa. Uma mágoa crua e feroz. O tipo de mágoa da qual ela nunca se conseguirá esquecer, porque nunca a largará. O tipo de mágoa que deixou cicatrizes na sua alma.

– Só quero que isto acabe – diz ela, enquanto as lágrimas continuam a picar-lhe os olhos.

Reggie anui com a cabeça em sinal de simpatia e compreensão.

– Sabe o que tem de fazer para que isso aconteça.

Anna pensa em Seamus, o homem que embarcou nesta viagem sabendo que o mais provável era não a terminar. As últimas palavras dele gritam nos seus pensamentos.

Sabes o que tens de fazer. Podes acabar com isto.

Anna pode, de facto.

E, pressionando de súbito o gatilho, é precisamente isso que ela faz.

CHEGADA

Mais de duas dúzias de agentes do FBI estão à espera na plataforma quando o Philadelphia Phoenix chega à Chicago's Union Station. Embora chegue com dez minutos de atraso, o comboio desliza com tamanha descontracção pelos carris, que qualquer pessoa que passasse acharia que tinha terminado mais uma viagem nocturna no horário previsto.

Porém, não há quaisquer transeuntes. A estação foi esvaziada há uma hora, ficando apenas polícias no átrio e agentes do FBI a caminhar nervosamente na plataforma.

Quando o comboio pára, abrem à força a porta da Carruagem 13 e entram. Com as armas apontadas e o coração aos pulos de ansiedade, invadem o Phoenix e vão de carruagem em carruagem, de quarto em quarto.

A primeira descoberta que fazem, na Carruagem 13, é a dos cadáveres de Judd Dodge, Edith Gerhardt e Herb Pulaski, cada um aconchegado no seu quarto.

Encontram mais três pessoas num quarto da Carruagem 12: Sally Lawrence, o tenente-coronel Jack Lapsford e Dante Wentworth. Continuam todos vivinhos da silva, embora haja alguma preocupação inicial ao verem que um deles está a apontar uma arma aos outros dois.

Dante larga a arma e levanta as mãos.

– São todos vossos, rapazes.

Os agentes que se dirigem para a frente do comboio não encontram vivalma até chegarem ao furgão, atrás da locomotiva. É aí que encontram um dos seus – o agente Reggie Davis.

Está sentado no chão, com a mão ensanguentada sobre uma ferida recente de bala. Um tiro na perna arrumou-o para canto.

Acenando com a cabeça para a porta aberta da locomotiva, diz:

– Eles estão lá dentro.

De facto, os agentes encontram Anna Matheson e Kenneth Wentworth na parte da frente do comboio. Wentworth está nos comandos, enquanto Anna está de pé ligeiramente atrás dele, com uma arma do FBI apontada à parte inferior das suas costas.

Anna levanta as mãos quando os agentes invadem a parte da frente do comboio e diz:

– Chamo-me Anna Matheson. Ao meu lado está Kenneth Wentworth. Ele é o responsável directo pela morte de trinta e oito pessoas, incluindo a do meu pai e do meu irmão, e responsável indirecto por outra: a da minha mãe.

O agente principal da equipa tira com cuidado a arma das mãos de Anna e, com a mesma delicadeza, coloca-lhe a mão no ombro.

– Menina Matheson, analisámos as provas que nos enviou e sabemos o que

ele fez. Lamentamos muito a sua perda.

Além de Seamus, nunca ninguém lhe disse que lamentava a sua perda. Por pouco, essa simples e básica forma de empatia quase a faz ir-se abaixo e, nestas circunstâncias, nem a tia Retta conseguiria desaprovar. Mas as lágrimas vão ter de esperar mais um bocadinho.

Há uma coisa que Anna precisa de fazer primeiro.

Depois de receber tratamento para os seus ferimentos e hematomas, Anna fica de pé à porta da Union Station para ver os culpados a serem levados pela polícia. O tenente-coronel Jack Lapsford é o primeiro. Coxeia algemado em direcção a um *Sedan* preto, conduzido por dois agentes que ignoram os seus protestos de que não fez nada de mal, de que Anna Matheson é uma mentirosa e uma assassina tal como o pai dela. A gritaria só cessa quando Lapsford é empurrado para a parte de trás do carro.

E só dentro do veículo é que ele começa a chorar desalmadamente, enquanto um fotógrafo do *Chicago Tribune* aparece do nada para tirar uma fotografia.

Sally Lawrence comporta-se de forma muito mais educada ao ser levada sob custódia. Não deita uma única lágrima. Em vez disso, caminha depressa, de cabeça erguida e, quando passa por Anna, pede aos agentes para pararem.

– Anna – diz ela.

Não consegue continuar, as palavras parecem ter-se evaporado da sua mente. Anna compreende, pois também não sabe o que dizer. Há tanta coisa que precisa de ser dita. Porém, de frente uma para outra, Anna e a mulher que ela sempre conhecerá como Sal contentam-se com o silêncio. Não é um pedido de desculpas, e certamente não é um perdão. Mas está perto. O suficiente para Anna saber que poderá ser o mais perto que alguma vez ficará de fechar este capítulo com Sal. Se for esse o caso, ela fica contente por ter isso.

Kenneth Wentworth não lhe dá essa satisfação. O homem que lhe causou tanta dor nem sequer olha para ela ao ser levado, nem mesmo depois de Anna lhe ter poupado a vida. Está demasiado ocupado a massacrar os agentes do FBI que o escoltam com perguntas:

– Que provas são essas de que estão sempre a falar? Já as viram?

– Já – responde um dos agentes.

– E então?

– Vai morrer na prisão.

Saber isso é satisfação suficiente para Anna, não precisa que Kenneth Wentworth a olhe nos olhos. Além disso, terá muito tempo para isso no futuro quando o encontrar em tribunal.

Dante coloca-se ao lado dela enquanto o seu pai se afasta. Observam o carro da polícia a descer pela rua, quando ele diz:

– Não sabia que ele estava no comboio, Annie. Juro por Deus. Se soubesse, ter-te-ia dito.

– Eu acredito em ti.

– E também não sabia do Tommy. O meu pai só me contou há pouco quando o prendiam.

Anna também acredita nisso. É óbvio que Dante Wentworth não é o canalha sem coração que ela achava. O membro insensível da sua família é o homem que está agora sob custódia do FBI.

– Gostava que as coisas fossem diferentes – diz ele. – Teríamos dado um bom casal.

A escolha de palavras de Dante diz a Anna que chegou agora à mesma conclusão a que ela chegou, enquanto confrontava o pai dele. Este tinha uma boa razão para os manter afastados no passado. Uma razão válida até hoje. Anna e Dante não podem ser mais do que amigos, e ela aceita a ideia de bom grado, já que literalmente não tem nenhum. Dante também vai precisar de uma amiga para enfrentar os anos difíceis que terá pela frente.

– Tu e a tua mãe têm de se preparar para o ódio que se avizinha – diz Anna. – Vão dizer coisas sobre vocês. Coisas horríveis que não merecem ouvir. Tudo o que podem fazer é agarrarem-se ao que sabem que é verdade. E se alguma vez sentires que não consegues aguentar, escreve-me. Prometo escrever-te de volta.

– Posso também escrever-te sobre o meu irmão? – pergunta Dante, com a voz a tremer e relembrando Anna de que a memória de Tommy já não lhe pertence apenas a ela. Dante tem o mesmo direito.

– Claro.

Dante anui com a cabeça, agradecido.

– Óptimo. Porque eu tenho um monte de perguntas.

– Já sei a resposta a uma – diz Anna. – Terias gostado dele.

Satisfeito, Dante faz uma vénia antes de a brindar com um último sorriso torto.

– Aguardo ansiosamente pela nossa correspondência, Annie.

Quando ele se vai embora, Anna fecha os olhos e expira. O ar que sai dos seus pulmões é trémulo. O luto. Finalmente a borbulhar. Está prestes a libertá-lo quando vê Reggie Davis a ser levado pela polícia. Mas em vez de algemado, está numa cadeira de rodas a ser empurrado por um dos seus colegas agentes. Apesar de ter o nariz enfaixado, a pele à volta continua inchada e vermelha. Reggie pede para pararem à frente de Anna.

– Dá-nos um minuto, está bem? – diz ele ao agente, que percebe a dica e se afasta para lhes dar privacidade.

Anna inspira fundo, sem saber se quer ficar sozinha com um assassino.

Especialmente um que quase a convenceu a matar também. Esteve a um milésimo de segundo de dar um tiro no coração de Kenneth Wentworth e a única coisa que a impediu foi um breve lampejo de misericórdia.

– Quero que saiba que confessei – diz Reggie. – Contei-lhes tudo o que aconteceu. Que o Judd Dodge assassinou a Edith Gerhardt. Que matei o Herb Pulaski, e depois estrangulei o Judd até à morte.

Anna liberta o fôlego que estava a suster.

– Não precisava de fazer isso.

– E ninguém precisa de saber o que o Seamus fez – diz Reggie.

– Eu vou saber na mesma.

– Tente esquecer. E tente perdoá-lo. Espero que o facto de ser eu a levar com as culpas a ajude nisso. Visto que estou prestes a ser preso sabe Deus por quanto tempo, é o mínimo que posso fazer.

Anna desvia o olhar, sentindo um nó na garganta que se obriga a engolir.

– Obrigada.

Reggie encolhe os ombros.

– Queria mesmo que todos eles vivessem, não queria?

– Muito, mesmo.

– Porquê? E não diga que é porque é melhor do que eles. Porque continuaria a ser verdade mesmo que os tivesse matado a todos.

– Não sei porquê – responde Anna com um suspiro.

Não sabe mesmo. Porque ela também os queria ver mortos. Tal como Seamus, queria ser ela a fazê-lo. Agora que tudo acabou, pode admitir isso a si mesma. Só não podia tê-lo feito no comboio, porque admitir uma coisa dessas poderia tê-la levado a agir de acordo com esses sentimentos – e teria perdido a sua humanidade pelo caminho.

– Adeus, Anna Matheson – despede-se Reggie quando volta a ser levado outra vez pelo agente.

Ao passar por ela, acrescenta:

– O meu chefe vem aí. Julgo que quererá falar consigo.

Anna volta-se e vê um homem austero, de fato preto e chapéu a condizer, a caminhar na sua direcção.

– Menina Matheson? – pergunta ele, estendendo-lhe a mão. – Ed Vesper. Director do departamento de Filadélfia. Queria só felicitá-la. Conseguiu apanhá-los.

– Nem todos – responde Anna.

– Conseguiu o suficiente. Devia estar orgulhosa.

Entre tudo o que Anna está a sentir, orgulho não é um dos sentimentos. Nalguns aspectos, sente-se um fracasso por não ter conseguido mantê-los a todos

vivos. Noutros, sente-se uma cobarde por permitir que alguns deles vivam. Suspeita que irá estar sempre presa entre os dois.

– O que vai fazer agora? – pergunta Vesper.

Anna perguntou a Seamus o mesmo no Phoenix. Agora não consegue deixar de se perguntar se ele terá sobrevivido quando se atirou do comboio. Espera que sim. Prefere acreditar que ele nadou pela água gelada, rastejou até à margem e começou a caminhar em direcção a um futuro brilhante, no qual conseguiu encontrar uma cura para a sua doença, alguém para o amar e perdoar-se pelos seus erros. Anna agarra-se a essa imagem, embora o mais provável é que nunca venha a saber.

No que diz respeito a Seamus, a única certeza que tem é que, ao contrário do que lhe disse no Phoenix, ela já o perdoou. Seamus e a memória que guarda dele merecem, pelo menos, isso.

Já o futuro de Anna estende-se diante dela como os carris de comboio em direcção a um horizonte distante, de destino incerto.

– Não sei – responde ela, pensando na mansão da tia Retta, um sítio que, apesar de viver lá há muito tempo, nunca considerou a sua casa. O que é bom tendo em conta que vai ter de a vender. É literalmente o único bem que lhe resta, depois de ter gastado toda a herança nesta viagem. – Acho que vou precisar de arranjar um emprego.

Vesper anui com a cabeça.

– Posso fazer uma sugestão? Venha trabalhar para mim no departamento de Filadélfia.

– Acho que não daria uma secretária lá muito boa.

– Quem é que falou em ser secretária? Estou a falar de se tornar uma agente.

Anna bufa.

– Do FBI?

– Sim – diz Vesper. – O agente Davis falou-me de si. Disse-me que é inteligente, tem bons instintos e sabe defender-se numa luta. Além disso, é evidente que não tem medo de disparar contra um tipo, se necessário.

– E acreditou nele? Depois do que ele fez?

Vesper inclina a cabeça.

– Ele estava a mentir?

– Não – diz Anna. – É tudo verdade.

– Então, encorajo-a a dar bom uso a essas competências de uma forma oficial.

Anna não responde e fica a reflectir na possibilidade. Ela já trouxe à justiça três das pessoas que destruíram a sua família, mais outro inesperado assassino. Mas não precisa de ficar por aqui. Há muitos outros criminosos à solta por aí que

fizeram coisas más, destruíram outras famílias. Também eles merecem ser punidos. Porque é que Anna haveria de negar a si mesma a oportunidade de contribuir para que isso aconteça?

– Interessada? – responde Vesper.

Anna anui afirmativamente com a cabeça.

– Acho que sim.

– Se me deixar acompanhá-la até casa, posso falar-lhe mais sobre o trabalho.

Quando Anna se prepara para regressar à Union Station, Ed Vesper impede-a, dizendo:

– Pensei que já estivesse farta de comboios. Se não se importa, vamos apanhar um avião de volta para Filadélfia.

Não, Anna não se importa nada. Os comboios são coisa do passado. Tal como Dante lhe disse, o futuro está no céu. Por isso, Anna segue de bom grado Ed Vesper até ao carro que os levará ao aeroporto.

O futuro aguarda-a.